



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 3 - SAFRA 2015/16- N. 7 - Sétimo levantamento | **ABRIL 2016**



Presidente da República

Dilma Rousseff

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Kátia Abreu

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Lineu Olímpio de Souza

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Igo dos Santos Nascimento

Diretoria de Gestão de Pessoas (Digepe)

João Marcelo Intini (interino)

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Igo dos Santos Nascimento (interino)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

João Marcelo Intini

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Marisson de Melo Marinho

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Giovanna Freitas de Castro (estagiária)

Guilherme Ailson de Sousa Nogueira (estagiário)

Guilherme Queiroz Micas (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Nayara Sousa Marinho (estagiária)

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

grãos

V. 3 - SAFRA 2015/16 - N. 7 -Sétimo levantamento | **ABRIL 2016**

Monitoramento agrícola – safra 2015/16

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 7- Safra 2015/16 - Sétimo levantamento, Brasília, p. 1-158, abril 2016.

Copyright © 2015 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852
Tiragem: 50
Impresso no Brasil

Colaboradores

Alessandro Lúcio Marques (Geint)	João Marcelo Brito Alves (Geint)	Priscila de Oliveira Rodrigues (Geint)
Rogério Dias Coimbra (Geint)	Fernando Gomes da Motta (Gefip - algodão)	João Figueiredo Ruas (Gerab - feijão)
Leonardo Amazonas (Geole -soja)	Paulo Magno Rabelo (Gerab - trigo)	Sérgio Roberto G. dos S. Junior (Gerab - arroz)
André Luiz F. de Souza (Assessor Dipai)	Thomé Luiz Freire Guth (Geole - milho)	Miriam R.da Silva (Latis - Conab/Inmet)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)		

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônavan Nollêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Alfredo Rios, Edson Yui, Fernando Silva, Márcio Arraes, Maurício Lopes (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Helena Mara Souza, Pedro Ramon Manhães, Raul Pio de Azevedo, Sizenando Santos, Jacir Silva (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Eude Andrade, Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Itamar Pires de Lima Junior, José Bosqui, Rafael Fogaça, Rodrigo Leite (PR); André Nascimento, Francisco Souza, Hélio Freitas, José Pereira do N. Júnior, Oscar Araújo, Thiago Miranda (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Niccio Ribeiro (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Farias, Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Iracema Oliveira (RS); César Rubin, Dionízio Bach, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto (SE); Antônio Farias, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzenaide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Barbosa, Paulo Cláudio Machado Júnior, Samuel Valente Ferreira (TO).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Marília Malheiro Yamashita

Fotos

Arquivo Geosafra/Conab, <https://br.dollarphotoclub.com/> Martha Gama de Macedo, Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.3 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

Sumário



1. Resumo executivo----- **08**



2. Introdução-----**10**



3. Estimativa de área plantada ----- **12**



4. Estimativa de produtividade ----- **15**



5. Estimativa de produção ----- **17**



6. Crédito rural ----- **20**



7. Monitoramento agrícola -----**41**



8. Análise das culturas ----- **62**

8.1. Culturas de verão----- **62**

8.1.1. Algodão ----- **62**

8.1.2. Amendoim-----	69
8.1.3. Arroz -----	73
8.1.2. Feijão-----	81
8.1.2. Girassol-----	98
8.1.2. Mamona -----	100
8.1.2. Milho-----	101
8.1.2. Soja-----	116
8.1.2. Sorgo-----	123
8.2. Culturas de inverno -----	126
8.2.1. Aveia -----	126
8.2.2. Canola-----	127
8.2.3. Centeio-----	128
8.2.4. Cevada -----	129
8.2.5. Trigo-----	130
8.2.6. Triticale-----	132



9. Balanço de oferta e demanda-----	134
--	------------



10. Preços -----	136
-------------------------	------------



11. Câmbio -----	144
-------------------------	------------



12. Exportação e importação -----	146
--	------------





1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRAS 2015/2016

A produção de grãos para a safra 2015/16 está estimada em 209,01 milhões de hectares. O crescimento deverá ser de 0,6% em relação à safra anterior.

A área plantada prevista é de 58,4 milhões de hectares, crescimento previsto de 0,8% se comparada com a safra 2014/15.

Algodão: a produção será menor do que a safra passada, afetada pela redução de área no Nordeste, principalmente na Bahia, segundo maior estado produtor.

Amendoim: a estimativa é de crescimento da área em relação a 2014/15, impulsionado pelo aumento significativo da área plantada em São Paulo. Aumento na produtividade média e na produção total.

Arroz: produção inferior à obtida em 2014/15 devido à redução na área plantada em quase todos os estados produtores, aliada ao excesso de chuvas, sobretudo, no Rio Grande do Sul.

Feijão: aumento da produção e produtividade do feijão primeira safra, mesmo com redução de área. Para a segunda safra a previsão indica aumento de área e de produtividade. As lavouras ainda dependem do comportamento climático.

Mamona: estimativa de aumento na produção, área plantada e produtividade, devido, principalmente, ao maior plantio na Bahia e perspectivas de boa produ-

tividade.

Milho: há crescimento na área de plantio e produção do milho segunda safra. Praticamente a perda na produção do milho primeira safra é compensada pelo milho da segunda safra.

Soja: houve atraso no plantio em diversos estados. Estimativa de crescimento na produção. Safra estimada em 99 milhões de toneladas, menor que o levantamento anterior, influenciadas, principalmente, por condições climáticas desfavoráveis no Matopiba.





2. INTRODUÇÃO

Dentre os primordiais objetivos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) há de se citar o Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, que visa fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país.

É bom ressaltar que no citado processo de acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, gera-se um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, se inserindo como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação.

Assim, a Companhia, para a consecução desse serviço, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas, abordam-se informações da área plantada com as culturas de verão de primeira safra, que se encontram na fase final de colheita.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela

Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, exportação e importação, câmbio, quadro de oferta e demanda e preços, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral, e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Desta maneira, os resultados quando divulgados devem ter ali registrados a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A todos, portanto, o especial agradecimento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborar.





3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA (58,5 MILHÕES DE HECTARES)

Para o sétimo levantamento a estimativa é de que a área plantada alcance 58,5 milhões de hectares (Tabela 1). No total absoluto, representará 0,8% de aumento, que equivale a 464,4 mil hectares, frente à safra passada, que chegou a 57,9 milhões de hectares.

A cultura da soja, responsável por 56,7% da área cultivada do país, permanece como principal responsável pelo aumento de área. A estimativa é de crescimento de 3,2% (1,1 milhão de hectares) na área cultivada com a oleaginosa. O algodão apresenta redução de 1,1% (10,5 mil hectares). Para o milho primeira safra, a exemplo do que ocorreu na safra passada, a expectativa é que haja redução de 9,2% na área (563,3 mil hectares), a ser cultivada com soja. Para o milho segunda safra a expectativa é de aumento de área de 3,7% (351,3 mil hectares). O feijão primeira safra apresenta redução de 3,8% (40 mil hectares). O feijão segunda safra apresenta aumento de 3,6% (47,5 mil hectares).

Esta é a sétima previsão para a safra 2015/16.

Tabela 1 – Estimativa de área plantada – Grãos

(Em 1.000 ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	MAR/2016 (B) ¹	ABR/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO	976,2	959,2	965,7	(1,1)	(10,5)
AMENDOIM TOTAL	108,9	106,6	121,4	11,5	12,5
AMENDOIM 1ª SAFRA	97,7	95,6	110,5	13,1	12,8
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,2	10,7	10,9	(2,7)	(0,3)
ARROZ	2.295,1	2.029,7	2.023,8	(11,8)	(271,3)
FEIJÃO TOTAL	3.040,0	3.012,5	3.047,5	0,2	7,5
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.053,2	1.014,2	1.013,2	(3,8)	(40,0)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.318,5	1.346,9	1.366,0	3,6	47,5
FEIJÃO 3ª SAFRA	668,3	651,4	668,3	-	-
GIRASSOL	111,5	37,0	42,5	(61,9)	(69,0)
MAMONA	82,1	128,0	102,8	25,2	20,7
MILHO TOTAL	15.692,9	15.466,6	15.480,9	(1,4)	(212,0)
MILHO 1ª SAFRA	6.142,3	5.746,9	5.579,0	(9,2)	(563,3)
MILHO 2ª SAFRA	9.550,6	9.719,7	9.901,9	3,7	351,3
SOJA	32.092,9	33.244,6	33.130,1	3,2	1.037,2
SORGO	722,6	701,1	671,9	(7,0)	(50,7)
SUBTOTAL	55.122,2	55.692,9	55.586,6	0,8	464,4
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2015	2016		Percentual	Absoluta
	(a)	MAR/2016 (B) ¹	ABR/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	189,5	189,5	189,5	-	-
CANOLA	44,4	44,4	44,4	-	-
CENTEIO	1,7	1,7	1,7	-	-
CEVADA	102,4	102,4	102,4	-	-
TRIGO	2.448,8	2.448,8	2.448,8	-	-
TRITICALE	21,5	21,5	21,5	-	-
SUBTOTAL	2.808,3	2.808,3	2.808,3	-	-
BRASIL	57.930,5	58.501,2	58.394,9	0,8	464,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2016.



Grafico 1 – Área, produtividade , produção total de grãos (absoluto)

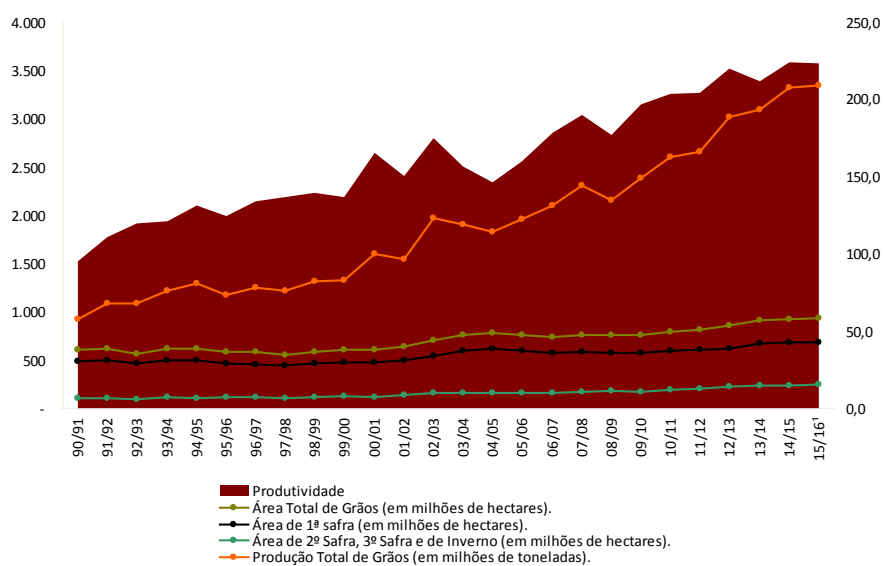


Grafico 2 – Brasil - Produção total por unidade da federação

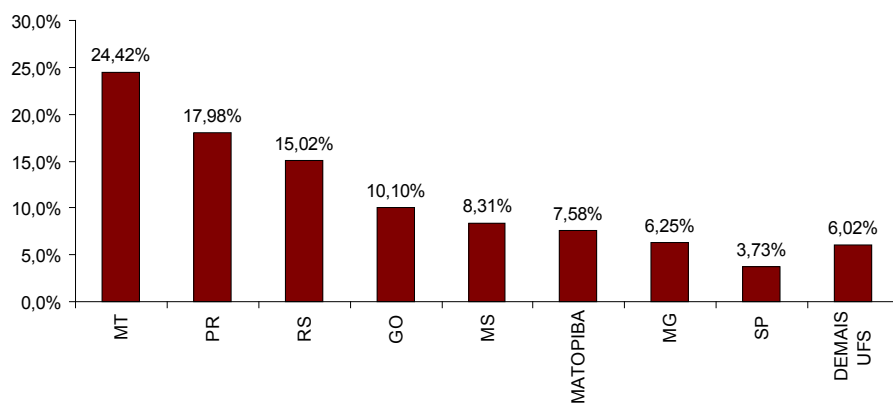
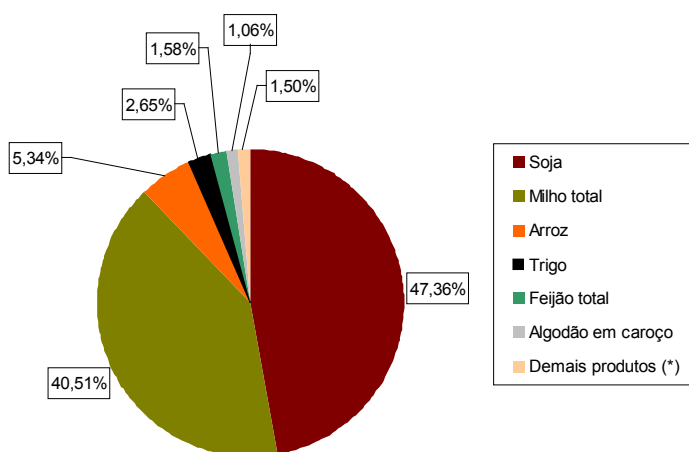


Grafico 3 – Brasil - Percentagem da produção total por produto





4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

A Conab utiliza metodologia estatística baseada em séries temporais para estimar a produtividade das culturas que ainda se encontram em fase de plantio, tendo em vista a escassez de informações de campo, especificamente para as culturas de segunda safra. Nas culturas que se encontram em desenvolvimento e colheita são levadas em consideração as informações de produtividades apuradas nos trabalhos de campo, no monitoramento agrometeorológico e espectral. Esses métodos fazem parte da busca constante de melhoria na qualidade das informações da safra agrícola, uma vez que o resultado auxilia na redução de riscos e no aumento do grau de confiança das informações divulgadas. Para este levantamento, a estimativa é de que a produtividade seja superior à safra passada.

Para as culturas de feijão terceira safra, tendo em vista que o plantio se inicia em janeiro e abril, as estimativas de produtividade permanecem aquelas calculadas na metodologia estatística, lembrando que esses valores são sobrepostos, com os pacotes tecnológicos apurados pelo custo de produção.

Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	MAR/2016 (B) ¹	ABR/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.406	2.360	2.304	(4,2)	(102,0)
ALGODÃO EM PLUMA	1.601	1.571	1.533	(4,2)	(68,0)
AMENDOIM TOTAL	3.183	3.418	3.401	6,9	218,9
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.268	3.540	3.523	7,8	255,7
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.441	2.403	2.403	(1,5)	(37,8)
ARROZ	5.419	5.526	5.518	1,8	99,6
FEIJÃO TOTAL	1.025	1.105	1.086	6,0	61,3
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.074	1.228	1.179	9,7	104,3
FEIJÃO 2ª SAFRA	858	922	924	7,7	66,3
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.276	1.290	1.276	0,1	0,7
GIRASSOL	1.374	1.593	1.473	7,2	99,3
MAMONA	573	755	743	29,7	170,3
MILHO TOTAL	5.396	5.400	5.469	1,4	73,1
MILHO 1ª SAFRA	4.898	4.913	4.934	0,8	37,0
MILHO 2ª SAFRA	5.716	5.688	5.770	0,9	53,7
SOJA	2.998	3.043	2.988	(0,4)	(10,8)
SORGO	2.844	2.831	2.756	(3,1)	(88,4)
SUBTOTAL	3.654	3.664	3.647	(0,2)	(7,0)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2015	2016		Percentual	Absoluta
	(a)	MAR/2016 (B) ¹	ABR/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	1.853	1.853	1.853	-	-
CANOLA	1.236	1.236	1.236	-	-
CENTEIO	1.706	1.706	1.706	-	-
CEVADA	2.568	2.568	2.568	-	-
TRIGO	2.260	2.260	2.260	-	-
TRITICALE	2.647	2.647	2.647	-	-
SUBTOTAL	2.230	2.230	2.230	-	-
BRASIL ⁽²⁾	3.585	3.595	3.579	(0,2)	(6,0)

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2016





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO (209 MILHÕES DE TONELADAS)

A estimativa de produção é que alcance 209 milhões de toneladas na safra 2015/16. Esse aumento equivale a 0,6% ou 1,3 milhão de toneladas em relação à safra 2014/15, que foi de 207,7 milhões de toneladas (Tabela 2).

A soja apresenta o maior crescimento absoluto, com estimativa de aumento de 2,8 milhões de toneladas, para 99 milhões de toneladas. Os ganhos de área e produtividade da cultura refletem num aumento de 2,9% na produção total do país.

Para o arroz, milho primeira safra e o algodão a estimativa é de queda na produção total, impulsionada pela redução na área plantada. A recuperação das produtividades de feijão reflete em aumento da produção, apesar da queda na área plantada do país.

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1.000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	MAR/2016 (B) ¹	ABR/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ¹	2.348,6	2.247,2	2.224,9	(5,3)	(123,7)
ALGODÃO EM PLUMA	1.562,8	1.495,5	1.480,7	(5,3)	(82,1)
AMENDOIM TOTAL	346,8	414,7	413,0	19,1	66,2
AMENDOIM 1ª SAFRA	319,3	391,6	389,4	22,0	70,1
AMENDOIM 2ª SAFRA	27,5	23,1	23,6	(14,2)	(3,9)
ARROZ	12.436,1	11.215,8	11.167,6	(10,2)	(1.268,5)
FEIJÃO TOTAL	3.115,3	3.328,1	3.309,3	6,2	194,0
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.131,6	1.245,6	1.194,2	5,5	62,6
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.131,1	1.242,4	1.262,6	11,6	131,5
FEIJÃO 3ª SAFRA	852,5	840,2	853,1	0,1	0,6
GIRASSOL	153,2	59,0	62,6	(59,1)	(90,6)
MAMONA	47,0	96,7	76,3	62,3	29,3
MILHO TOTAL	84.672,4	83.519,1	84.659,9	-	(12,5)
MILHO 1ª SAFRA	30.082,0	28.237,2	27.529,4	(8,5)	(2.552,6)
MILHO 2ª SAFRA	54.590,5	55.281,9	57.130,3	4,7	2.539,8
SOJA	96.228,0	101.179,7	98.981,6	2,9	2.753,6
SORGO	2.055,3	1.984,9	1.851,7	(9,9)	(203,6)
SUBTOTAL	201.402,7	204.045,3	202.747,3	0,7	1.344,6
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2015	2016		Percentual	Absoluta
	(a)	MAR/2016 (B) ¹	ABR/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	351,2	351,2	351,2	-	-
CANOLA	54,9	54,9	54,9	-	-
CENTEIO	2,9	2,9	2,9	-	-
CEVADA	263,0	263,0	263,0	-	-
TRIGO	5.534,9	5.534,9	5.534,9	-	-
TRITICALE	56,9	56,9	56,9	-	-
SUBTOTAL	6.263,8	6.263,8	6.263,8	-	-
BRASIL ²	207.666,5	210.309,1	209.011,1	0,6	1.344,6

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2016.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2.489,8	2.475,1	(0,6)	3.205	2.817	(12,1)	7.979,2	6.972,0	(12,6)
RR	44,7	38,9	(13,0)	3.559	3.910	9,9	159,1	152,1	(4,4)
RO	463,3	473,3	2,2	3.295	3.250	(1,4)	1.526,8	1.538,3	0,8
AC	55,5	52,5	(5,4)	1.953	2.109	8,0	108,4	110,7	2,1
AM	24,4	24,4	-	2.148	2.221	3,4	52,4	54,2	3,4
AP	5,0	5,0	-	880	960	9,1	4,4	4,8	9,1
PA	648,9	684,3	5,5	2.947	2.935	(0,4)	1.912,3	2.008,1	5,0
TO	1.248,0	1.196,7	(4,1)	3.378	2.594	(23,2)	4.215,8	3.103,8	(26,4)
NORDESTE	8.120,7	7.824,5	(3,6)	2.049	1.855	(9,5)	16.643,2	14.512,0	(12,8)
MA	1.728,7	1.447,2	(16,3)	2.392	2.300	(3,9)	4.134,2	3.328,3	(19,5)
PI	1.410,6	1.368,0	(3,0)	2.222	1.968	(11,4)	3.134,3	2.692,6	(14,1)
CE	907,7	928,8	2,3	336	440	31,0	304,8	408,7	34,1
RN	59,3	71,2	20,1	373	555	48,7	22,1	39,5	78,7
PB	122,9	211,6	72,2	299	558	86,5	36,8	118,0	220,7
PE	460,1	480,7	4,5	320	435	35,9	147,4	209,1	41,9
AL	79,9	79,9	-	841	755	(10,3)	67,2	60,3	(10,3)
SE	214,8	214,8	-	3.389	3.901	15,1	728,0	838,0	15,1
BA	3.136,7	3.022,3	(3,6)	2.572	2.256	(12,3)	8.068,4	6.817,5	(15,5)
CENTRO-OESTE	22.873,4	23.155,6	1,2	3.855	3.923	1,8	88.167,1	90.832,4	3,0
MT	13.586,9	13.747,4	1,2	3.803	3.735	(1,8)	51.670,2	51.346,1	(0,6)
MS	4.043,7	4.162,9	2,9	4.150	4.197	1,1	16.782,4	17.470,0	4,1
GO	5.100,4	5.089,1	(0,2)	3.718	4.172	12,2	18.961,2	21.233,6	12,0
DF	142,4	156,2	9,7	5.290	5.011	(5,3)	753,3	782,7	3,9
SUDESTE	5.105,3	5.195,6	1,8	3.772	4.048	7,3	19.257,4	21.034,1	9,2
MG	3.227,1	3.261,0	1,1	3.662	4.029	10,0	11.818,8	13.139,0	11,2
ES	32,5	29,7	(8,6)	1.105	1.714	55,1	35,9	50,9	41,8
RJ	4,8	4,0	(16,7)	1.875	2.050	9,3	9,0	8,2	(8,9)
SP	1.840,9	1.900,9	3,3	4.016	4.122	2,6	7.393,7	7.836,0	6,0
SUL	19.341,3	19.744,1	2,1	3.910	3.832	(2,0)	75.619,6	75.660,7	0,1
PR	9.585,7	9.913,5	3,4	3.920	3.814	(2,7)	37.579,8	37.807,3	0,6
SC	1.300,8	1.288,0	(1,0)	4.936	4.868	(1,4)	6.421,0	6.269,5	(2,4)
RS	8.454,8	8.542,6	1,0	3.740	3.697	(1,1)	31.618,8	31.583,9	(0,1)
NORTE/NORDESTE	10.610,5	10.299,6	(2,9)	2.321	2.086	(10,1)	24.622,4	21.484,0	(12,7)
CENTRO-SUL	47.320,0	48.095,3	1,6	3.868	3.899	0,8	183.044,1	187.527,2	2,4
BRASIL	57.930,5	58.394,9	0,8	3.585	3.579	(0,2)	207.666,5	209.011,2	0,6

Legenda: Legenda: (*) Carroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.
 Fonte: Conab.
 Nota: Estimativa em abril 2016.



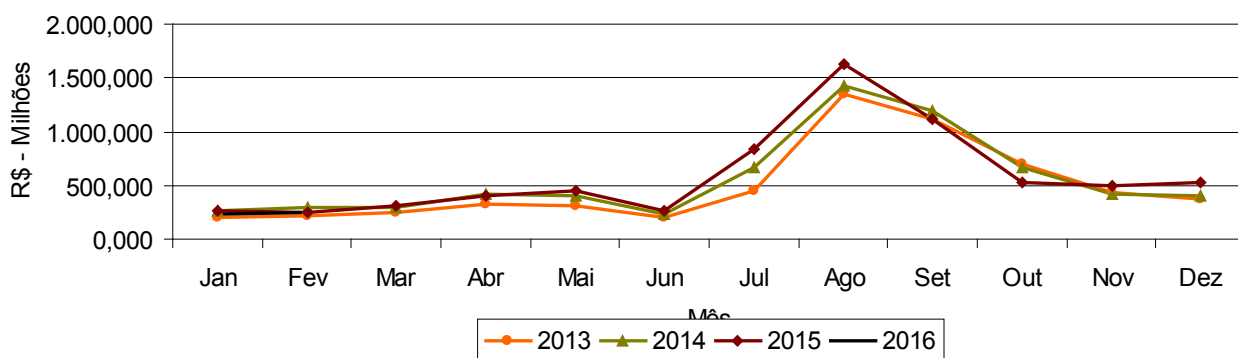


6. CRÉDITO RURAL

A Conab utiliza as informações do crédito rural obtidas do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor) e do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo último acesso foi em 22 de março de 2016, como parte do processo de avaliação do plantio da safra 2015/16. No presente texto será objeto de análise os anos de 2013 a 2016, para os produtos algodão, arroz, feijão, milho e soja.

A análise utiliza informações dos financiamentos de custeio do Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pronamp), Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e financiamento sem vínculo a programa específico. É importante registrar que o financiamento da agricultura tem outras fontes de crédito além da disponibilidade bancária.

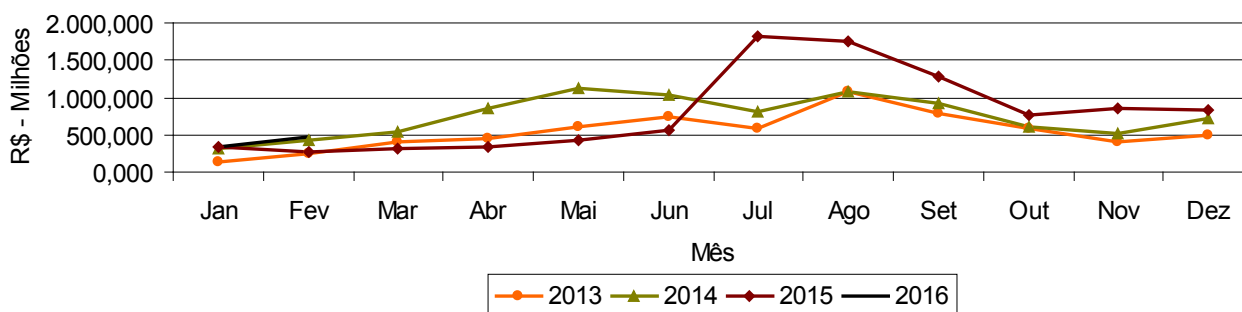
Gráfico 4 – Financiamento Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

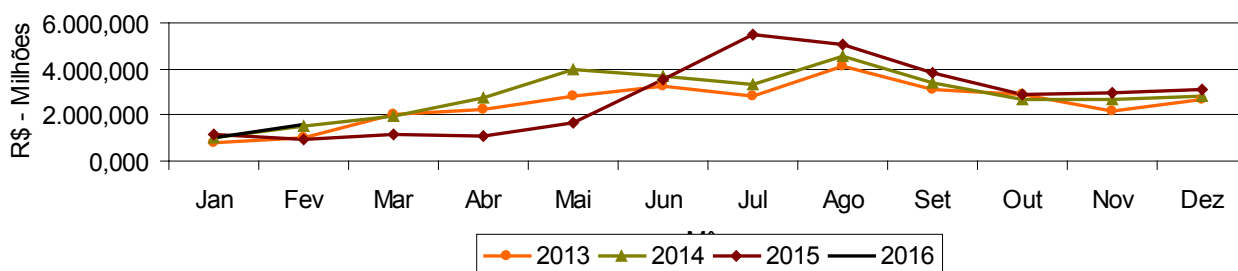
Gráfico 5 – Financiamento Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

Gráfico 6 – Financiamento sem Vínculo a Programa Específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

Os recursos disponibilizados pelo Pronaf entre janeiro e fevereiro de 2016 (Gráfico 4) indicam comportamento do crédito semelhante aos anos anteriores. No caso do crédito das linhas do Pronamp (Gráfico 5) e do financiamento sem vínculo a programa específico (Gráfico 6), observa-se que o volume de recursos é superior a 2015, mas muito semelhante a 2014.

De acordo com as informações disponíveis ocorreu aumento na utilização de recursos para arroz na Re-

giões Sul e Norte, milho na Regiões Sul e Nordeste, soja, em todas regiões, algodão no Centro-Oeste e de feijão na Região Sudeste. No momento o processo é de colheita no Centro-Sul, plantio da segunda safra (principalmente, milho, algodão e feijão) e na região nordestina.

As análises seguintes serão particularizadas por produto.



6.1. ARROZ

A Tabela 5 e os Gráficos 7 a 10 apresentam os valores de crédito por tipo de financiamento exclusivamente para o produto arroz.

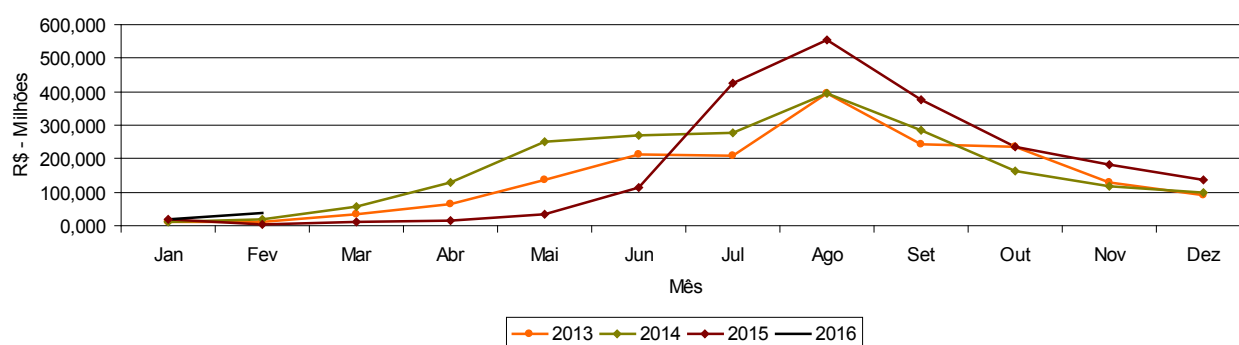
Tabela 5 - Arroz - Tipo de financiamento

2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	3,845	1,344	0,932	0,329	0,581	0,576	10,451	29,987	36,163	35,706	25,149	15,774	160,837
Pronamp	1,167	2,315	5,622	13,687	27,506	71,349	60,418	110,284	68,945	51,847	26,624	15,930	455,695
Sem Vinc. Espec.	7,563	7,884	28,671	48,903	106,743	139,398	137,323	255,515	136,291	149,065	75,771	58,716	1.151,842
Total Global	12,575	11,542	35,226	62,919	134,829	211,324	208,192	395,786	241,399	236,618	127,544	90,420	1.768,374
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	4,768	1,948	0,749	0,206	0,780	0,943	11,322	37,508	39,326	32,323	22,748	18,778	171,399
Pronamp	2,113	2,463	8,676	36,299	85,768	90,492	84,156	98,355	65,990	38,414	24,523	20,098	557,347
Sem Vinc. Espec.	6,086	16,419	47,479	92,974	165,884	178,660	182,770	259,603	180,269	94,427	71,581	61,306	1.357,460
Total Global	12,967	20,831	56,904	129,479	252,431	270,095	278,248	395,467	285,586	165,164	118,852	100,182	2.086,206
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	4,005	0,717	0,371	0,185	0,676	1,031	8,861	36,829	37,890	26,089	26,982	19,486	163,122
Pronamp	1,339	1,508	1,137	2,527	5,635	21,206	115,686	175,579	120,663	61,099	41,620	30,567	578,567
Sem Vinc. Espec.	14,551	1,089	10,859	12,888	26,916	90,520	299,005	342,435	216,506	147,112	112,377	87,060	1.361,318
Total Global	19,895	3,314	12,367	15,599	33,228	112,758	423,552	554,843	375,059	234,300	180,979	137,113	2.103,007
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	4,047	1,674											5,721
Pronamp	3,371	6,985											10,356
Sem Vinc. Espec.	12,147	30,121											42,268
Total Global	19,565	38,780											58,345

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

Gráfico 7 – Arroz – Total de financiamento

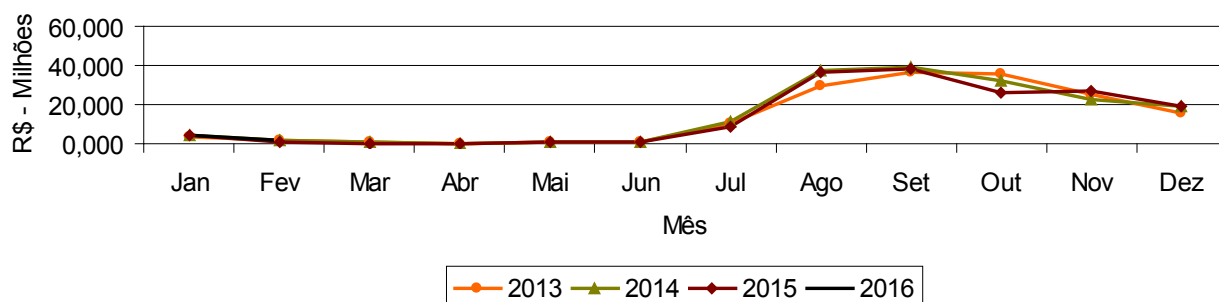


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.



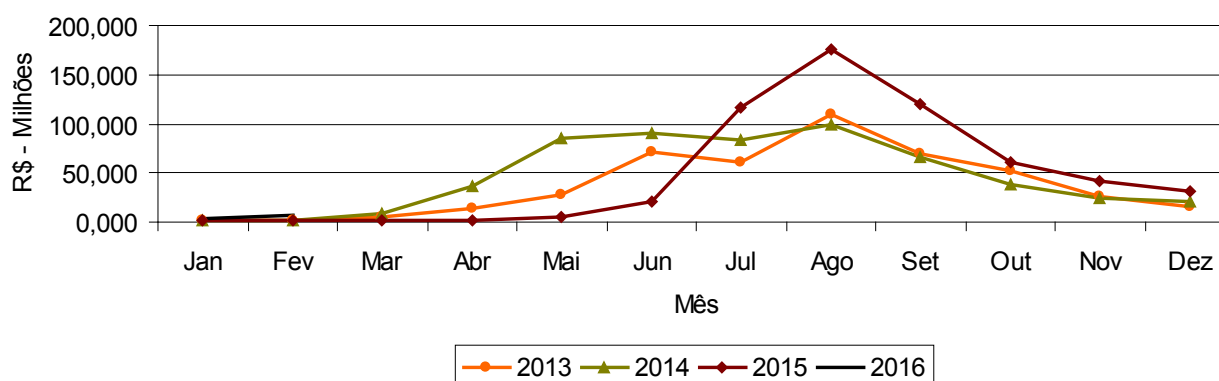
Gráfico 8 – Arroz – Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

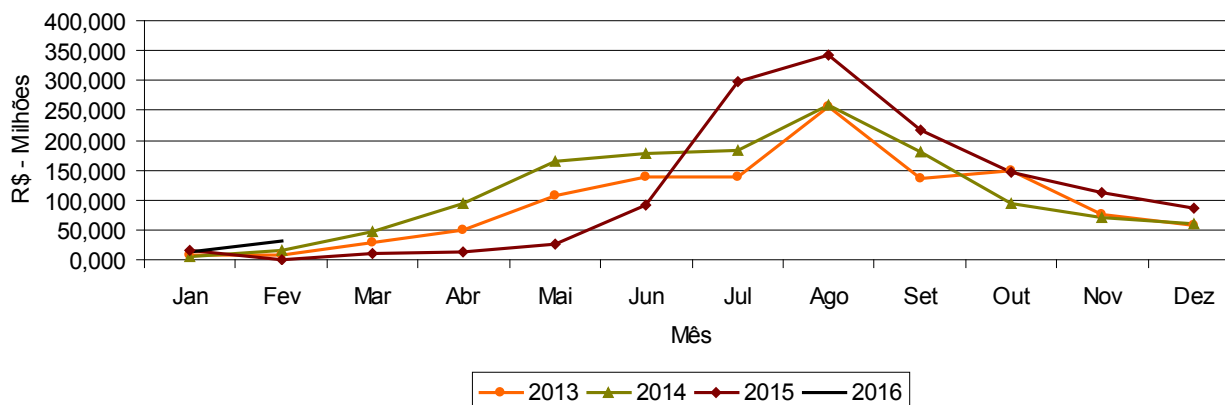
Gráfico 9 – Arroz – Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

Gráfico 10 – Arroz - Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

Sob a ótica do Pronamp e do financiamento sem vínculo a programa específico, percebe-se que o comportamento da utilização do crédito em janeiro e fevereiro de 2016 é superior aos dos anos sob análise. Na linha do Pronaf o comportamento é de aumento em relação a 2015 e semelhante a 2014. A situação pode ser explicada pela procura de recursos para o custeio

da próxima safra e pelo uso de recursos para o plantio de acordo com o calendário agrícola.

A Tabela 6 apresenta os valores de crédito disponibilizado por região brasileira exclusivamente para o produto arroz e os Gráficos 11 a 15 representam tal distribuição.



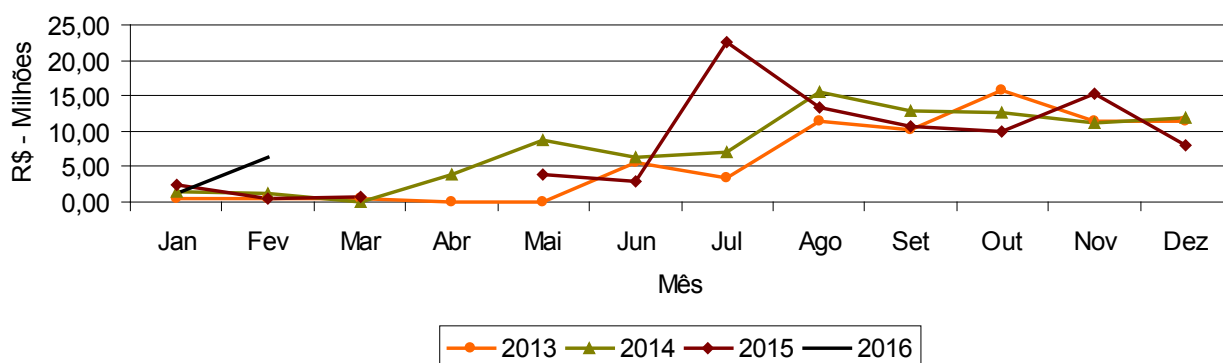
Tabela 6 – Arroz – Região - Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,220			0,086	1,555	6,987	5,076	10,837	5,659	7,342	5,918	4,666	49,346
NORDESTE	1,777	0,790	0,455	0,333	5,337	1,555	0,471	3,026	5,111	4,456	6,012	6,088	35,410
NORTE	0,386	0,584	0,488	0,118	0,058	5,571	3,514	11,399	10,159	15,805	11,335	11,330	70,746
SUDESTE	0,016	0,012	0,070		0,140	0,213	1,235	1,248	0,682	0,763	0,510	0,440	5,330
SUL	9,175	10,156	34,213	62,381	127,740	196,998	197,896	369,275	219,788	208,253	103,770	67,897	1.607,542
Total Global	12,575	11,542	35,226	62,919	134,829	211,324	208,192	395,786	241,399	236,618	127,544	90,420	1.768,374
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,255	0,311	1,163	2,942	3,963	7,210	8,657	10,422	5,692	4,218	7,488	5,957	59,280
NORDESTE	3,300	2,241	0,665	0,077	0,620	4,691	1,226	1,655	3,208	7,428	6,184	3,703	34,998
NORTE	1,371	1,304	0,067	3,839	8,813	6,240	7,147	15,574	12,810	12,625	11,264	11,797	92,852
SUDESTE	0,071	0,102	0,070		0,202	1,002	1,224	1,080	0,261	0,730	0,673	0,688	6,104
SUL	6,969	16,872	54,939	122,620	238,833	250,952	259,995	366,736	263,615	140,162	93,242	78,037	1.892,973
Total Global	12,967	20,831	56,904	129,479	252,431	270,095	278,248	395,467	285,586	165,164	118,852	100,182	2.086,206
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,128	0,759	2,430	1,735	1,931	3,116	2,465	6,626	3,749	4,324	3,461	3,702	35,427
NORDESTE	1,899	0,397	0,422	0,827	0,157	0,922	1,851	1,340	3,792	2,993	2,259	4,650	21,510
NORTE	2,493	0,552	0,674		3,762	2,919	22,603	13,439	10,765	9,997	15,307	7,975	90,487
SUDESTE	0,095	0,109		0,097	0,401	0,252	1,099	1,621	0,680	0,425	0,534	0,930	6,244
SUL	14,280	1,496	8,842	12,939	26,977	105,548	395,534	531,817	356,073	216,561	159,417	119,855	1.949,339
Total Global	19,895	3,314	12,367	15,599	33,228	112,758	423,552	554,843	375,059	234,300	180,979	137,113	2.103,007
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	2,172	0,653											2,825
NORDESTE	2,773	1,320											4,093
NORTE	1,292	6,190											7,482
SUDESTE	0,036	0,012											0,048
SUL	13,292	30,605											43,896
Total Global	19,565	38,780											58,345

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

Gráfico 11 – Arroz – Norte - Crédito

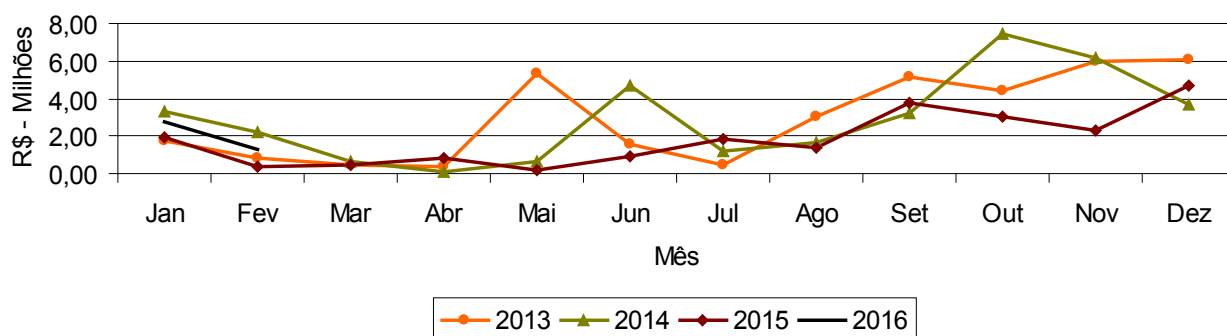


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.



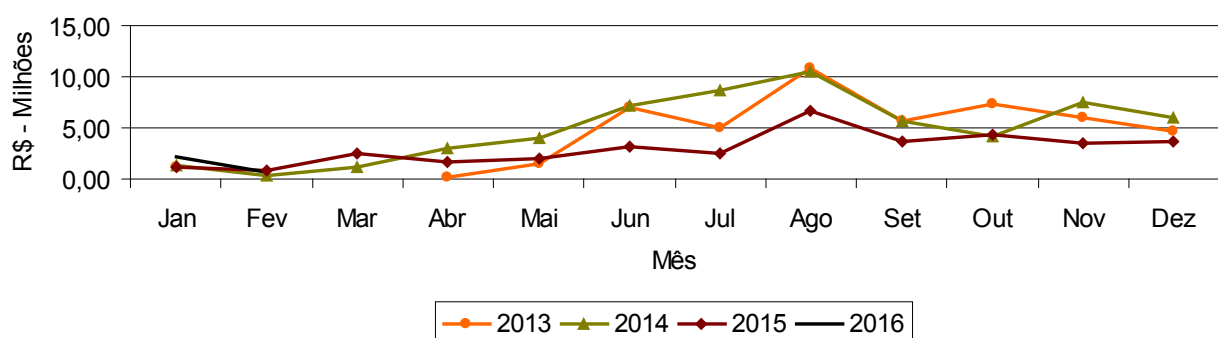
Gráfico 12 – Arroz – Nordeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

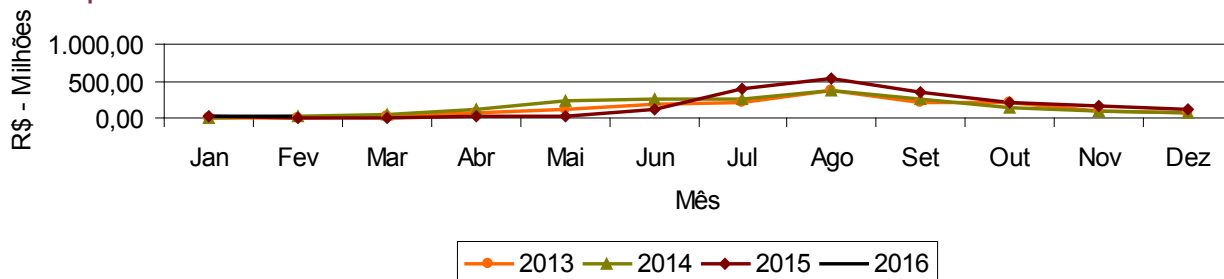
Gráfico 13 – Arroz – Centro-Oeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

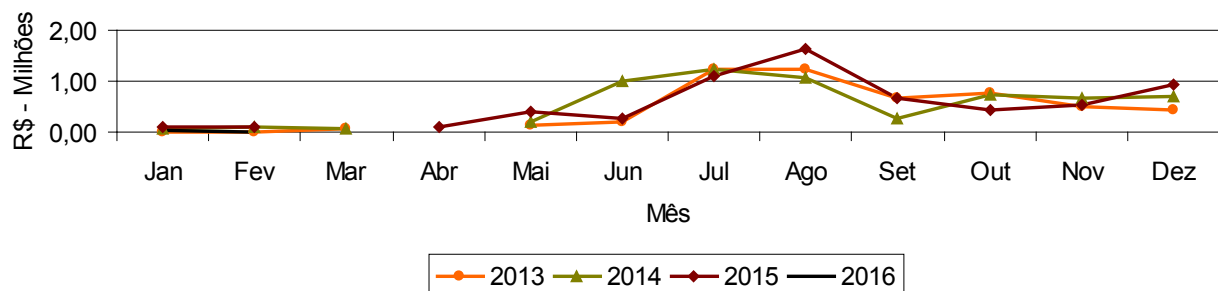
Gráfico 14 – Arroz – Sul - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

Gráfico 15 – Arroz – Sudeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.



O aumento da utilização de recursos na Região Sul pode ser explicado pela obtenção de recursos para a próxima safra. Na Região Norte o atraso no plantio, em razão das condições climáticas, pode indicar os investimentos no período. A redução nas demais regi-

ões é um fenômeno que se tem observado, qual seja: o uso do arroz para abertura de área de produção tem reduzido e se observa menor investimento do produtor no arroz em razão, principalmente, pela opção por culturas mais rentáveis e por problemas climáticos.

6.2. MILHO

A Tabela 7 apresenta os valores de crédito por tipo de financiamento para o milho e os Gráficos 16 a 19 re-

presentam a distribuição dos valores aportados pelos diferentes tipos de financiamento.

Tabela 7 – Milho -Tipo de financiamento - Crédito

2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	94,760	110,298	64,880	29,523	27,278	7,913	129,519	476,370	367,170	192,774	93,979	99,481	1.693,944
Pronamp	76,307	164,616	190,501	69,677	67,530	64,512	69,739	127,948	86,786	53,099	76,464	197,772	1.244,952
Sem Vinc. Espec.	177,725	322,249	430,123	286,503	295,619	394,150	328,763	461,147	317,591	378,552	475,142	737,385	4.604,946
Total Global	348,791	597,163	685,505	385,703	390,426	466,576	528,021	1.065,464	771,548	624,425	645,585	1.034,637	7.543,842
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	101,095	95,940	55,793	46,937	32,484	11,658	169,830	410,262	328,189	163,296	95,006	127,491	1.637,981
Pronamp	168,894	192,567	125,913	92,120	99,270	74,733	70,599	104,459	81,811	48,868	134,026	335,482	1.528,743
Sem Vinc. Espec.	307,599	379,921	293,703	294,414	398,304	317,531	342,905	389,107	299,291	218,811	645,995	1.088,766	4.976,346
Total Global	577,588	668,429	475,409	433,471	530,058	403,923	583,334	903,827	709,290	430,975	875,027	1.551,739	8.143,069
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	115,538	94,193	53,757	41,834	42,738	13,174	167,871	371,603	250,393	116,373	150,369	207,368	1.625,211
Pronamp	152,397	119,086	93,858	52,737	36,561	35,681	102,682	121,807	80,518	73,141	347,327	374,234	1.590,029
Sem Vinc. Espec.	355,189	317,768	280,835	166,847	140,260	271,767	363,813	327,073	239,967	354,121	1.006,974	1.104,415	4.929,028
Total Global	623,124	531,047	428,450	261,417	219,559	320,623	634,365	820,483	570,878	543,636	1.504,670	1.686,018	8.144,269
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	105,229	95,526											200,755
Pronamp	141,043	164,402											305,446
Sem Vinc. Espec.	347,521	318,382											665,902
Total Global	593,792	578,310											1.172,103

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

Gráfico 16 – Milho– Total de Investimento

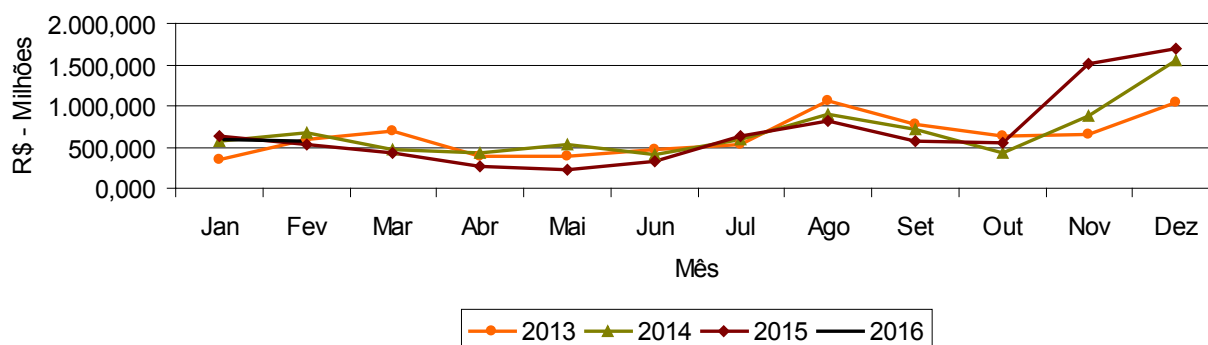
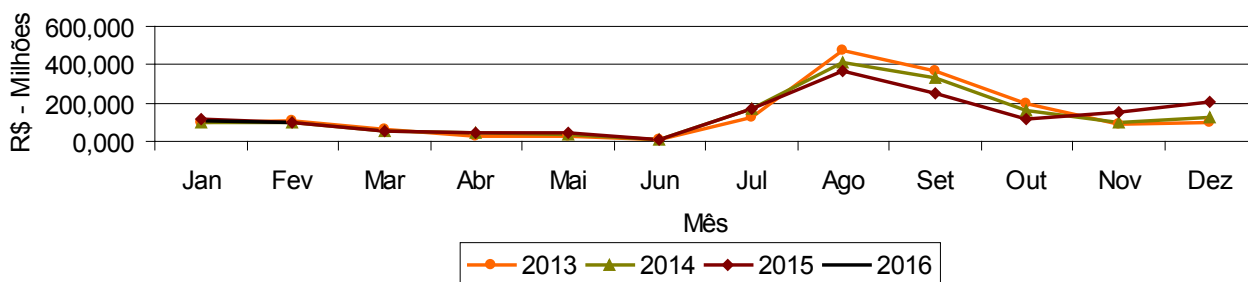


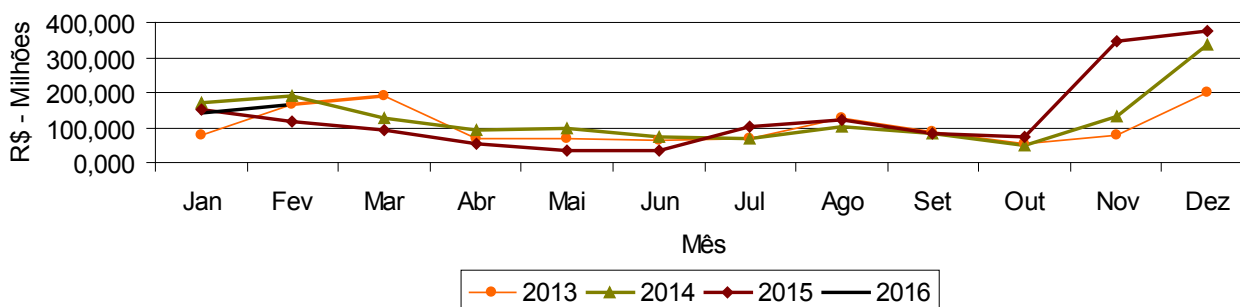
Gráfico 17 – Milho - Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

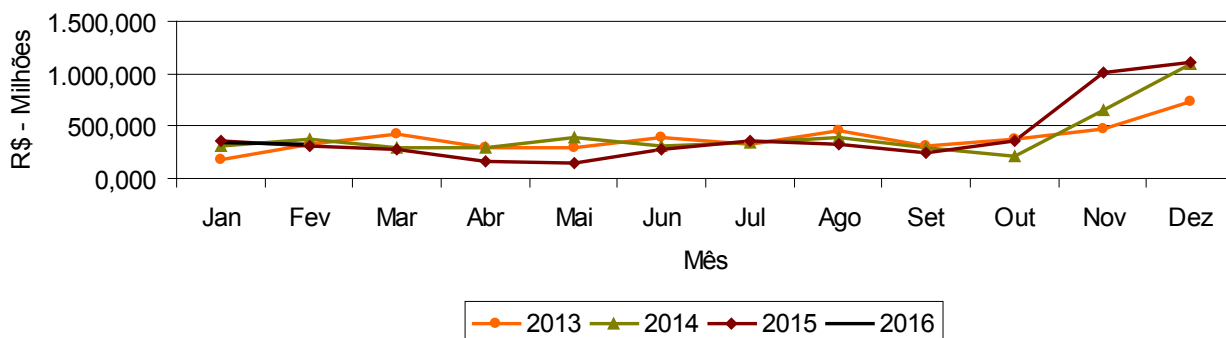
Gráfico 18 – Milho - Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

Gráfico 19 – Milho - Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

Observa-se que o crédito disponibilizado em 2016 tem semelhança com os anos anteriores. O movimento observado é compatível com o período de plantio da segunda safra e nas Regiões Norte e Nordeste. Outro indicativo é a possibilidade da procura de recursos

para o custeio da próxima safra.

A Tabela 8 e os Gráficos 20 a 24 apresenta os valores de crédito disponibilizados por regiões brasileiras



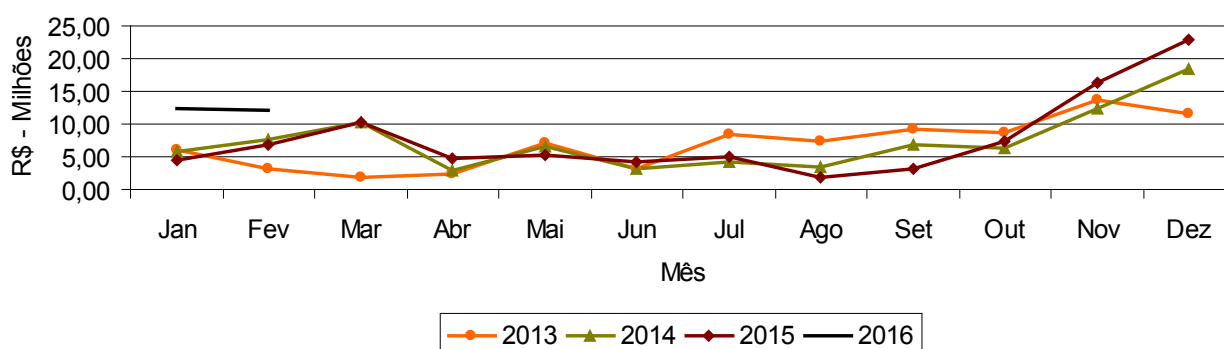
Tabela 8 – Milho – Região - Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	120,181	224,094	320,330	117,933	87,183	98,024	64,033	75,589	72,304	153,529	327,269	531,925	2.192,395
NORDESTE	10,025	13,559	30,063	79,814	102,665	45,567	54,795	55,191	54,158	54,443	39,019	69,658	608,955
NORTE	6,039	3,258	1,915	2,266	7,102	3,067	8,543	7,380	9,167	8,780	13,617	11,465	82,598
SUDESTE	35,628	52,045	78,655	72,760	94,448	182,609	122,522	162,823	128,272	132,479	108,360	135,534	1.306,135
SUL	176,918	304,208	254,542	112,930	99,029	137,308	278,129	764,481	507,646	275,194	157,320	286,055	3.353,759
Total Global	348,791	597,163	685,505	385,703	390,426	466,576	528,021	1.065,464	771,548	624,425	645,585	1.034,637	7.543,842
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	220,151	269,878	173,985	140,631	121,465	62,705	47,372	39,945	49,958	68,619	498,822	862,397	2.555,928
NORDESTE	13,321	22,046	49,362	94,642	96,355	60,182	70,253	117,419	80,892	32,516	36,469	48,689	722,146
NORTE	5,845	7,690	10,312	2,850	6,476	3,084	4,131	3,475	6,852	6,240	12,368	18,411	87,735
SUDESTE	57,542	89,401	76,832	81,649	135,979	140,898	139,337	139,967	117,418	114,752	106,650	165,469	1.365,894
SUL	280,730	279,414	164,917	113,698	169,782	137,054	322,240	603,021	454,170	208,847	220,719	456,774	3.411,367
Total Global	577,588	668,429	475,409	433,471	530,058	403,923	583,334	903,827	709,290	430,975	875,027	1.551,739	8.143,069
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	264,863	233,281	194,520	97,574	65,864	81,334	73,943	56,197	37,728	214,941	818,073	890,840	3.029,158
NORDESTE	23,796	18,403	39,158	84,752	85,859	133,757	60,798	45,551	33,405	45,699	39,728	45,089	655,995
NORTE	4,593	6,864	10,150	4,652	5,160	4,317	5,097	1,912	3,181	7,437	16,207	22,874	92,444
SUDESTE	71,788	51,920	60,595	31,832	32,355	41,872	117,257	129,177	141,285	90,903	125,890	186,514	1.081,388
SUL	258,085	220,578	124,027	42,606	30,321	59,342	377,270	587,646	355,279	184,655	504,773	540,701	3.285,284
Total Global	623,124	531,047	428,450	261,417	219,559	320,623	634,365	820,483	570,878	543,636	1.504,670	1.686,018	8.144,269
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	296,846	227,854											524,700
NORDESTE	12,160	16,164											28,325
NORTE	12,384	12,077											24,461
SUDESTE	73,688	71,652											145,340
SUL	198,715	250,562											449,277
Total Global	593,792	578,310											1.172,103

Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

Gráfico 20 – Milho – Norte - Crédito

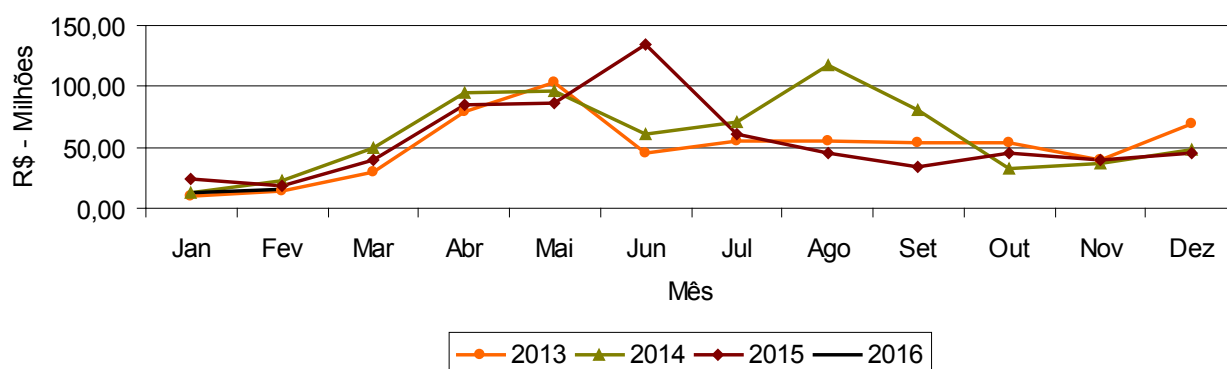


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.



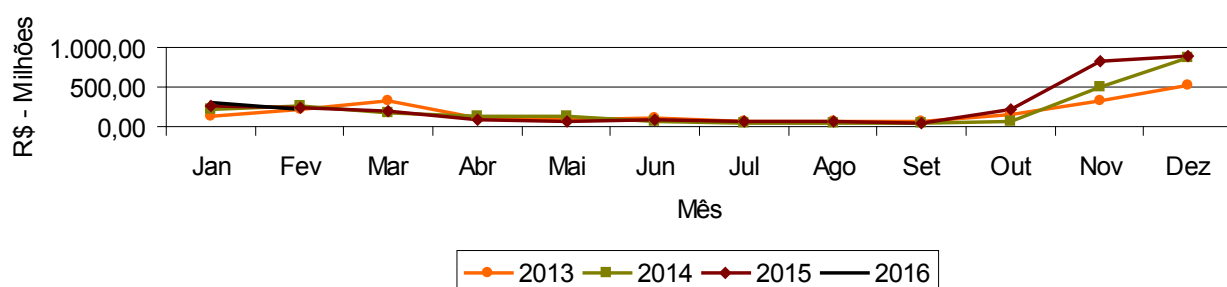
Gráfico 21 – Milho – Nordeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

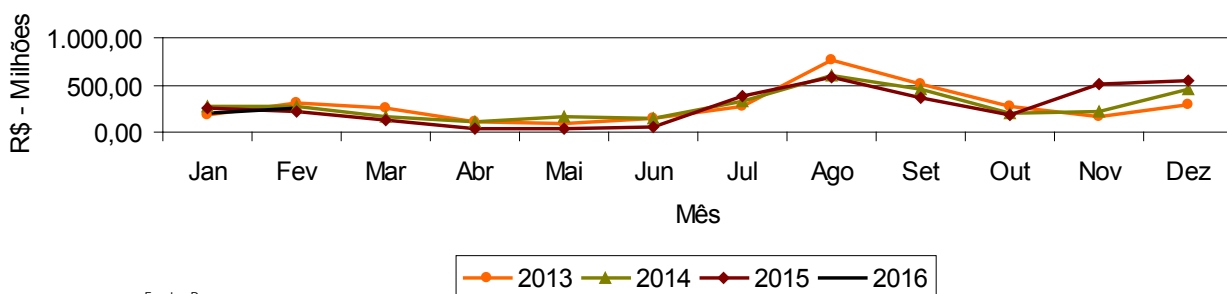
Gráfico 22 – Milho – Centro-Oeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

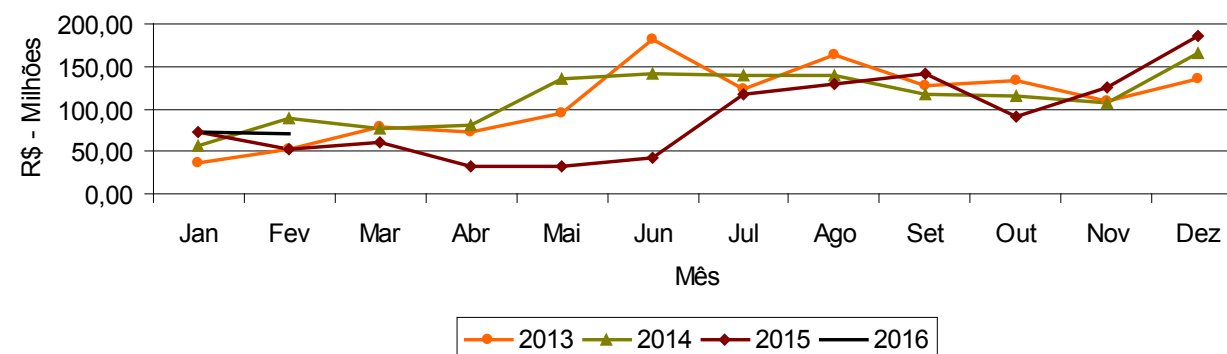
Gráfico 23 – Milho – Sul - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

Gráfico 24 – Milho – Sudeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.



As informações são compatíveis com o calendário de plantio do milho em todas as regiões do país. Na Região Norte observa-se que os recursos disponibiliza-

dos são muito superiores ao período de janeiro e fevereiro de 2013 a 2015, o que pode indicar investimentos no plantio do milho da segunda safra.

6.3. SOJA

A Tabela 9 e os gráficos 25 a 28 apresentam os valores de crédito por tipos de financiamentos exclusivamen-

te para o produto soja.

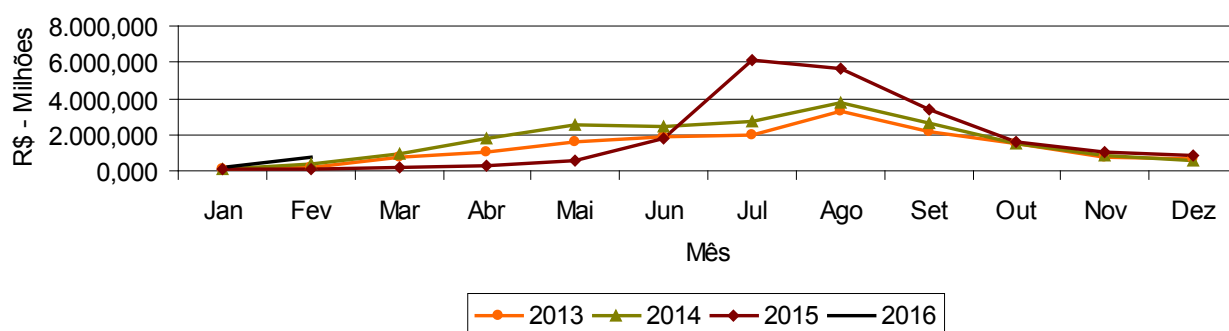
Tabela 9 – Soja - Tipo de financiamento – Crédito

2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	4,751	1,467	0,726	1,139	2,653	3,576	193,777	650,843	511,937	253,622	103,297	42,741	1.770,528
Pronamp	3,747	8,702	67,202	161,695	290,483	411,627	365,986	635,072	435,021	274,779	115,944	57,234	2.827,493
Sem Vinc. Espec.	86,942	165,000	667,282	867,817	1.283,480	1.457,532	1.388,044	2.048,040	1.204,194	938,132	552,896	566,786	11.226,145
Total Global	95,440	175,169	735,210	1.030,651	1.576,616	1.872,736	1.947,807	3.333,954	2.151,152	1.466,533	772,137	666,762	15.824,166
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	7,152	1,390	0,600	2,495	3,734	5,024	328,436	793,491	611,334	266,895	110,274	52,087	2.182,912
Pronamp	6,757	35,632	112,346	349,010	581,654	582,200	490,606	642,244	518,389	260,953	122,278	70,652	3.772,721
Sem Vinc. Espec.	116,339	339,208	866,351	1.451,881	1.936,186	1.902,243	1.876,182	2.368,613	1.528,595	985,373	643,021	445,484	14.459,477
Total Global	130,248	376,230	979,298	1.803,387	2.521,574	2.489,467	2.695,225	3.804,347	2.658,318	1.513,221	875,573	568,224	20.415,110
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	7,669	6,436	0,128	0,511	7,157	6,532	522,427	1.038,636	637,686	240,261	129,106	62,993	2.659,541
Pronamp	9,614	6,752	3,944	10,889	99,323	231,376	1.454,834	1.195,793	726,419	286,496	152,344	91,275	4.269,058
Sem Vinc. Espec.	86,447	90,232	156,357	254,010	447,871	1.565,768	4.094,383	3.427,344	2.048,741	1.079,141	706,980	691,338	14.648,612
Total Global	103,730	103,420	160,428	265,410	554,351	1.803,676	6.071,644	5.661,773	3.412,846	1.605,898	988,430	845,605	21.577,211
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	6,752	2,639											9,392
Pronamp	12,006	111,686											123,692
Sem Vinc. Espec.	131,759	656,965											788,725
Total Global	150,517	771,291											921,808

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

Gráfico 25– Soja– Total de financiamento

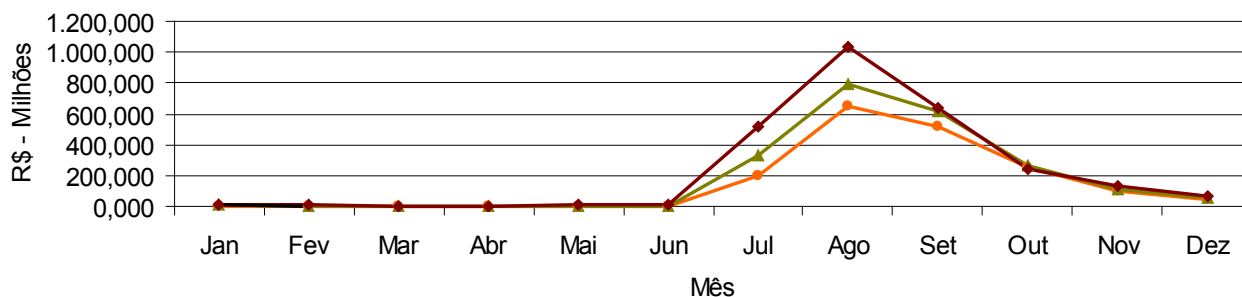


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.



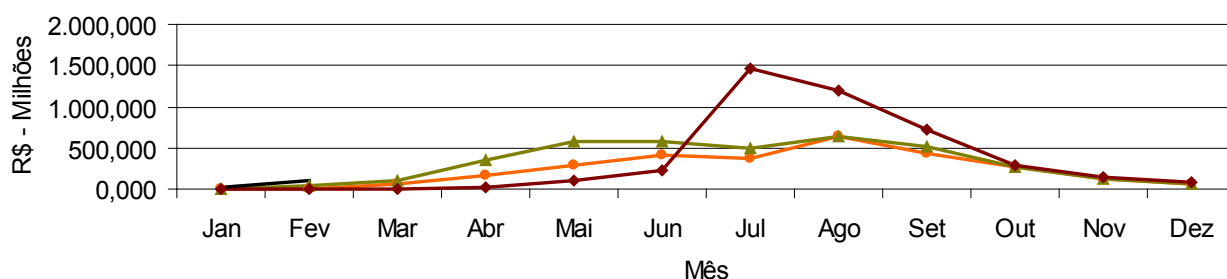
Gráfico 26 – Soja - Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

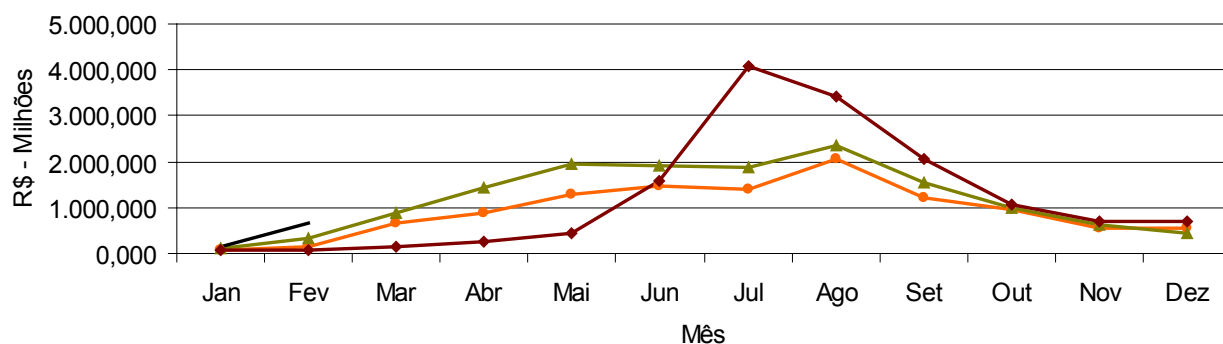
Gráfico 27 – Soja - Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

Gráfico 28 – Soja - Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

A disponibilidade de crédito mostra-se superior a todos os anos sob análise. O destaque é o uso dos recursos do Pronamp e do financiamento sem vínculo a programa específico. Essa situação tem relação com o retorno dos investimentos na produção dessa olea-

giosa. Observa-se que há procura de crédito para o custeio da próxima safra.

A Tabela 10 e Gráficos de 29 a 33 apresentam para o produto soja os valores aportados nas diferentes regiões brasileiras.



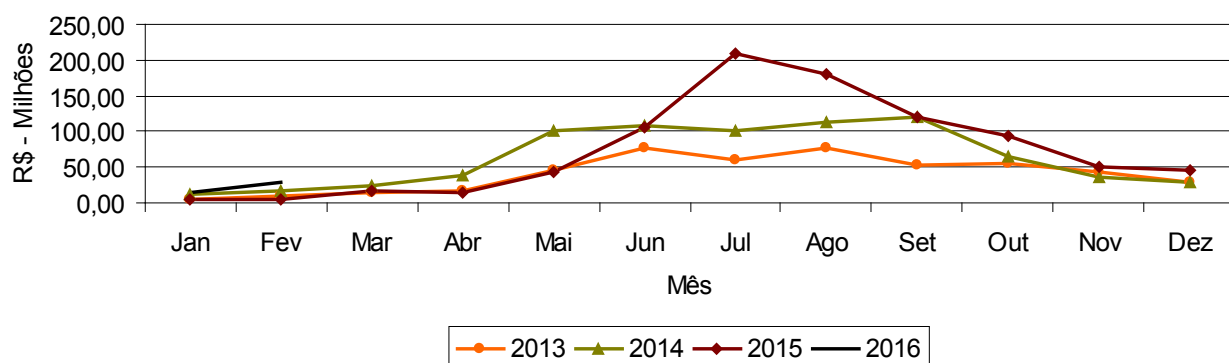
Tabela 10 – Soja – Região – Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	35,905	110,754	524,185	672,335	814,239	881,406	622,211	1.025,952	609,097	459,701	262,309	222,490	6.240,585
NORDESTE	32,359	34,892	78,033	92,946	240,253	169,315	218,296	228,489	141,026	142,713	117,718	215,757	1.711,796
NORTE	3,849	8,610	13,671	17,962	45,696	76,984	60,380	77,688	51,742	55,856	42,905	27,868	483,209
SUDESTE	9,997	10,279	38,501	77,400	109,654	169,760	157,794	209,024	170,995	157,027	81,475	67,463	1.259,368
SUL	13,330	10,634	80,819	170,007	366,774	575,272	889,125	1.792,802	1.178,293	651,237	267,731	133,184	6.129,208
Total Global	95,440	175,169	735,210	1.030,651	1.576,616	1.872,736	1.947,807	3.333,954	2.151,152	1.466,533	772,137	666,762	15.824,166
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	76,564	263,735	702,900	1.135,652	1.290,315	1.066,417	876,847	1.108,621	730,478	498,477	264,125	187,272	8.201,402
NORDESTE	14,973	64,798	95,823	128,377	191,944	288,758	281,977	485,079	205,418	164,310	171,962	125,441	2.218,858
NORTE	11,681	16,982	24,083	37,368	101,423	108,503	101,412	112,183	119,016	64,015	35,864	29,611	762,140
SUDESTE	11,854	7,422	49,493	137,143	249,336	235,943	237,254	225,144	211,012	148,142	110,989	67,277	1.691,010
SUL	15,176	23,293	106,999	364,848	688,555	789,847	1.197,734	1.873,321	1.392,394	638,276	292,632	158,624	7.541,699
Total Global	130,248	376,230	979,298	1.803,387	2.521,574	2.489,467	2.695,225	3.804,347	2.658,318	1.513,221	875,573	568,224	20.415,110
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	48,069	51,653	82,897	186,296	217,873	708,331	2.542,649	1.787,416	1.056,975	509,224	365,716	300,088	7.857,188
NORDESTE	14,388	17,983	38,097	28,074	68,475	441,807	393,683	486,355	310,622	213,012	121,071	227,928	2.361,494
NORTE	4,555	5,917	15,889	13,482	42,542	106,487	208,843	179,841	120,828	94,343	50,618	45,446	888,792
SUDESTE	19,725	7,267	10,800	9,050	29,431	118,105	451,691	409,387	361,239	188,116	129,697	99,134	1.833,642
SUL	16,993	20,600	12,745	28,508	196,030	428,947	2.474,777	2.798,774	1.563,182	601,202	321,328	173,010	8.636,095
Total Global	103,730	103,420	160,428	265,410	554,351	1.803,676	6.071,644	5.661,773	3.412,846	1.605,898	988,430	845,605	21.577,211
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	44,684	515,588											560,273
NORDESTE	62,473	44,875											107,348
NORTE	14,282	29,477											43,759
SUDESTE	14,927	28,006											42,933
SUL	14,151	153,345											167,495
Total Global	150,517	771,291											921,808

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

Gráfico 29 – Soja – Norte - Crédito

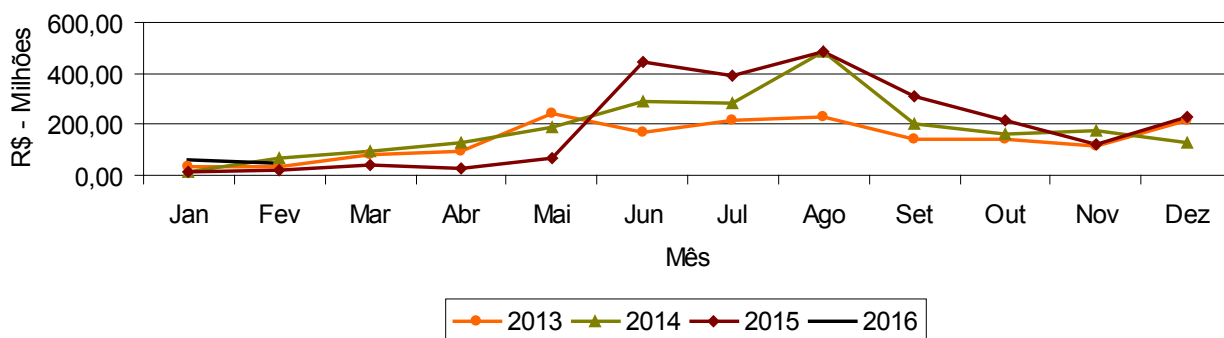


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.



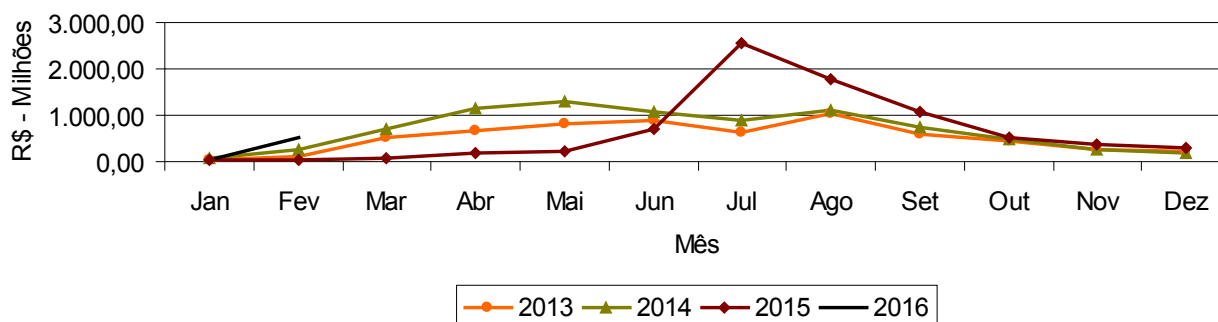
Gráfico 30 – Soja – Nordeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

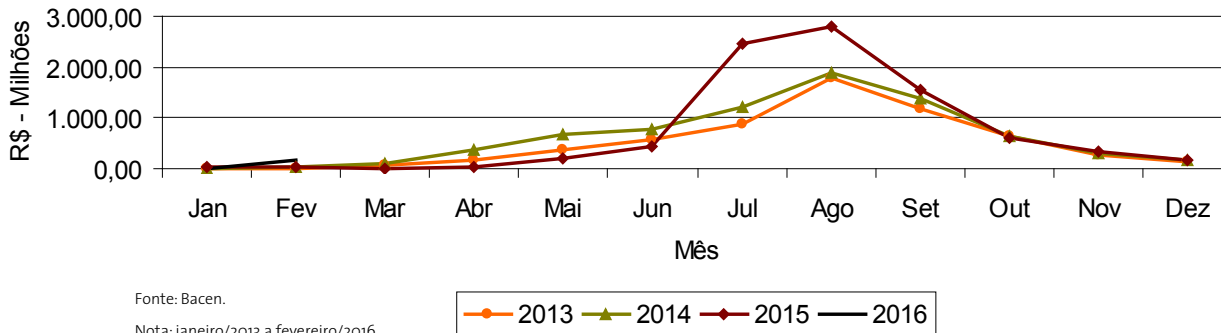
Gráfico 31 – Soja – Centro-Oeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

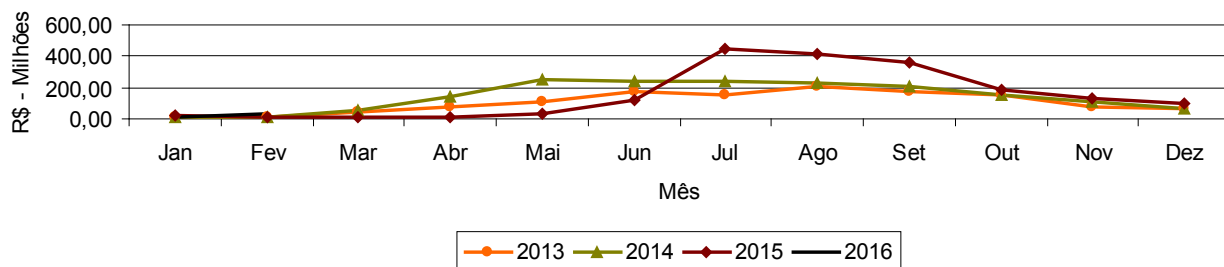
Gráfico 32 – Soja – Sul - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

Gráfico 33 – Soja – Sudeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.



As informações destacadas na tabela e gráficos indicam a tendência observada nos últimos plantios onde a soja tem ocupado o espaço de diversas culturas no quadro de produção nacional. Além das informações

anteriores, o aumento do uso de recursos pode ter relação com a obtenção de crédito de custeio para a próxima safra..

6.4. ALGODÃO

A Tabela 11 e os gráficos 34 e 35 apresentam os valores de crédito por tipo de financiamento.

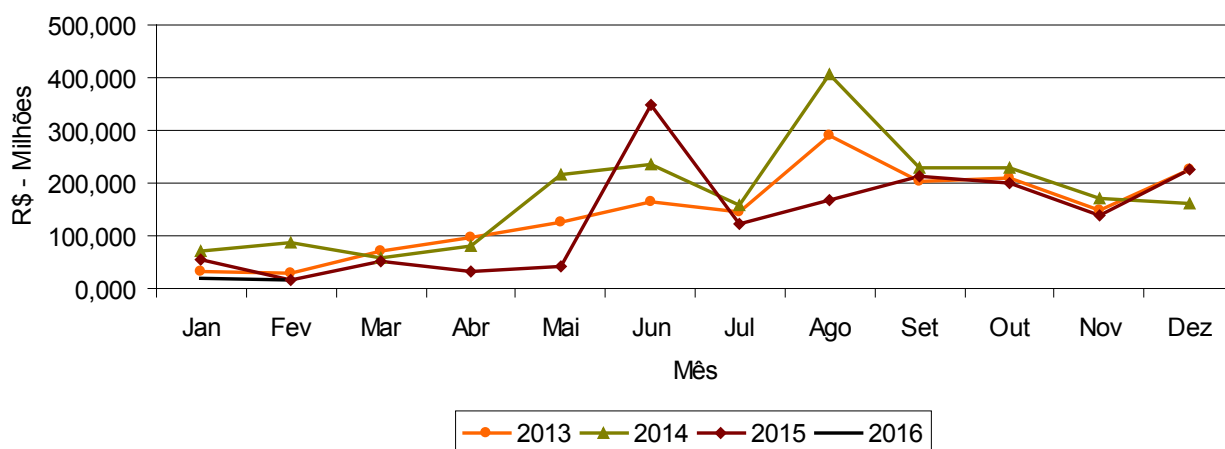
Tabela 11 –Algodão - Tipo de financiamento – Crédito

2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf		0,006	0,020						0,008			0,005	0,039
Pronamp				0,372				1,460		0,700		0,162	2,695
Sem Vinc. Espec.	33,200	29,045	71,946	95,770	126,901	163,411	145,351	287,324	203,751	208,589	148,395	225,588	1.739,270
Total Global	33,200	29,051	71,966	96,142	126,901	163,411	145,351	288,784	203,760	209,289	148,395	225,755	1.742,004
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf									0,009				0,009
Pronamp							0,804	0,582	0,806	0,236			2,429
Sem Vinc. Espec.	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	156,378	405,927	228,477	228,401	171,773	161,617	2.104,524
Total Global	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	157,182	406,510	229,292	228,638	171,773	161,617	2.106,961
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf									1,113	174,549	244,101	187,791	607,554
Pronamp								1,643	0,283	0,103	0,100	0,375	2,505
Sem Vinc. Espec.	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	164,627	212,972	198,344	139,209	225,294	1.611,209
Total Global	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	166,270	213,255	198,447	139,309	225,669	1.613,714
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	0,000	0,000											0,000
Pronamp	0,000	0,000											0,000
Sem Vinc. Espec.	20,931	16,486											37,417
Total Global	20,931	16,786											37,717

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

Gráfico 34– Algodão – Total de Financiamento

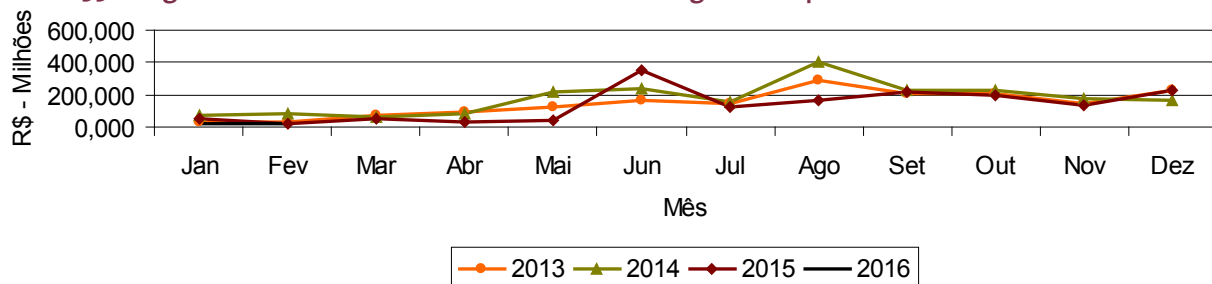


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.



Gráfico 35 – Algodão - Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

Observa-se que os aportes financeiros para a lavoura de algodão está exclusivamente sob o tipo de financiamento sem vínculo específico com programa. O plantio de algodão exige investimentos de alta tecnologia e os recursos disponibilizados são compatíveis

com o calendário agrícola.

A Tabela 12 e os Gráficos 36 e 37 representam os valores de crédito disponibilizado por região brasileira.

Tabela 12 – Algodão - Região - Crédito

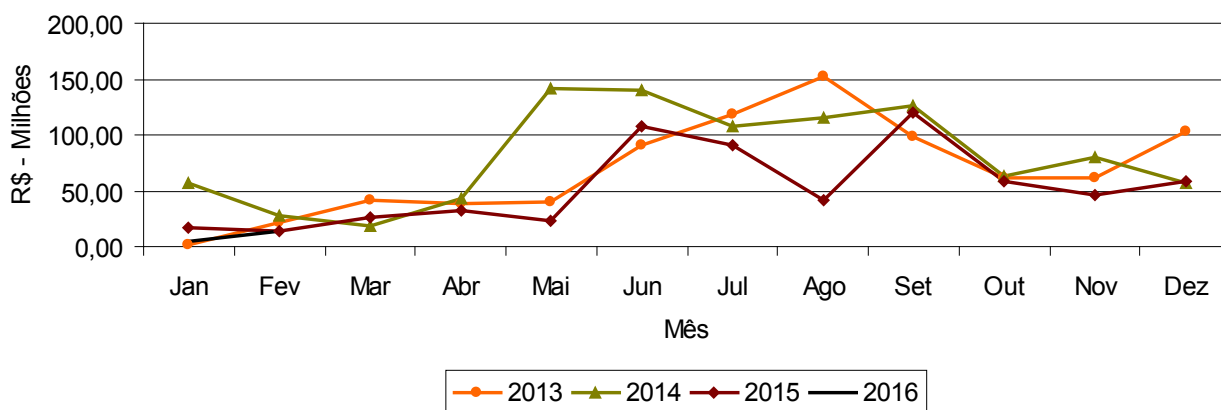
2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,629	21,755	41,968	37,799	39,788	90,226	117,816	152,098	97,980	61,292	61,102	103,663	827,117
NORDESTE	31,280	5,970	29,978	55,002	80,734	64,153	27,535	134,086	100,369	135,010	74,840	116,812	855,769
NORTE								0,200	0,472		3,335		4,007
SUDESTE	0,291	1,326	0,020	3,341	6,379	9,032		2,399	4,939	12,987	9,117	5,280	55,110
SUL													
Total Global	33,200	29,051	71,966	96,142	126,901	163,411	145,351	288,784	203,760	209,289	148,395	225,755	1.742,004
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	57,572	27,327	18,196	42,694	141,080	140,257	107,795	115,838	126,459	63,841	79,957	56,890	977,907
NORDESTE	11,740	59,255	40,423	36,526	55,851	93,581	44,369	285,294	90,717	161,713	83,340	82,516	1.045,324
NORTE					0,648		2,400	3,681	0,664	1,000	3,625	12,775	24,792
SUDESTE	1,449	0,951	0,878		17,765	2,954	2,618	1,697	11,452	2,084	4,851	9,436	56,134
SUL				2,803									2,803
Total Global	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	157,182	406,510	229,292	228,638	171,773	161,617	2.106,961
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	16,197	13,260	26,243	31,653	23,459	107,714	91,062	41,206	120,330	58,571	46,319	58,361	634,374
NORDESTE	39,099	3,539	15,167	1,907	17,363	239,635	31,339	124,119	79,587	136,050	79,265	164,471	931,542
NORTE	0,203					0,996			3,937	0,485	9,609		15,230
SUDESTE	0,695		10,720				0,513	0,945	9,400	3,341	4,116	2,837	32,568
SUL													
Total Global	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	166,270	213,255	198,447	139,309	225,669	1.613,714
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	4,642	13,345											17,987
NORDESTE	14,406	1,578											15,984
NORTE	1,685	0,763											2,449
SUDESTE	0,198	0,799											0,997
SUL	0,000	0,000											0,000
Total Global	20,931	16,486											37,417

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.



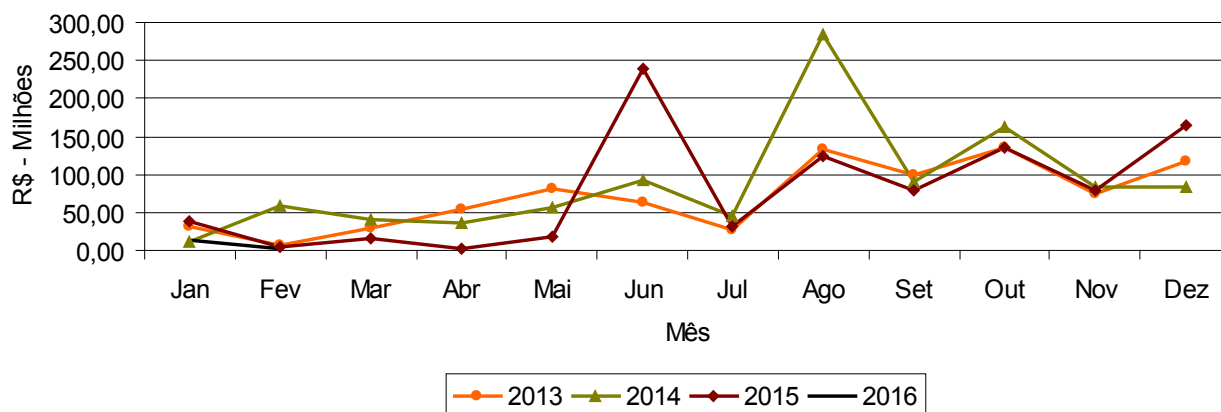
Gráfico 36 – Algodão– Centro - Oeste - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

Gráfico 37 – Algodão– Nordeste - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

A Bahia e Mato Grosso se destacam como os principais produtores de algodão. Pode-se deduzir que os valores e a temporalidade do uso de recursos estão

compatíveis com o calendário dessa cultura.

6.5. FEIJÃO

A Tabela 13 e os Gráficos 38 a 41 apresentam os valores de crédito por tipo de financiamento.

A disponibilização de crédito no ano de 2016 é inferior



Tabela 13 – Feijão - Tipo de financiamento - Crédito

2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	3,895	6,940	4,002	2,206	2,389	0,541	4,575	17,179	22,848	16,103	6,859	4,307	91,845
Pronamp	2,495	5,748	3,732	1,233	2,035	2,906	5,363	10,189	9,441	8,264	3,572	3,593	58,571
Sem Vinc. Espec.	7,364	16,634	21,555	19,918	23,364	29,409	38,713	66,742	46,722	44,368	30,054	33,382	378,225
Total Global	13,753	29,322	29,289	23,356	27,788	32,856	48,651	94,111	79,011	68,735	40,485	41,283	528,641
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	15,007	14,901	5,205	3,306	2,174	0,460	4,432	12,816	17,186	10,065	5,275	3,912	94,739
Pronamp	9,034	10,670	7,318	5,259	4,188	4,164	3,798	6,886	6,032	4,294	3,251	5,807	70,701
Sem Vinc. Espec.	23,971	29,345	31,637	22,023	32,819	28,290	26,930	29,101	25,458	20,783	24,061	31,521	325,940
Total Global	48,012	54,917	44,159	30,588	39,181	32,914	35,160	48,803	48,676	35,142	32,587	41,241	491,380
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	13,017	11,865	4,540	3,606	3,032	0,558	6,144	13,978	14,920	8,117	8,112	15,382	103,269
Pronamp	6,516	8,595	3,306	2,285	2,162	2,343	8,414	10,391	7,891	4,536	6,798	12,546	75,784
Sem Vinc. Espec.	15,064	26,196	16,968	19,751	23,232	27,979	26,652	33,920	23,242	17,081	25,417	31,858	287,360
Total Global	34,598	46,655	24,814	25,642	28,426	30,880	41,210	58,288	46,053	29,734	40,326	59,787	466,413
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	11,834	10,669											22,503
Pronamp	6,995	6,733											13,728
Sem Vinc. Espec.	18,687	21,173											39,860
Total Global	37,517	38,575											76,092

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

Gráfico 38 – Feijão – Total de Financiamento

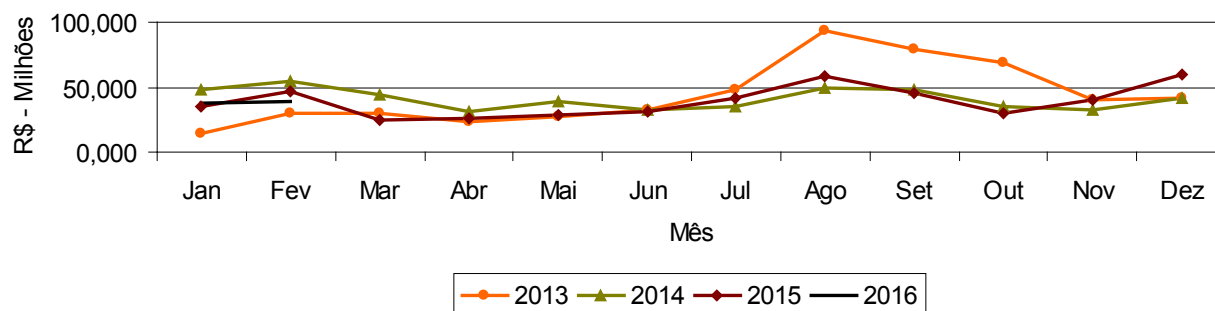


Gráfico 39 – Feijão - Pronaf - Crédito

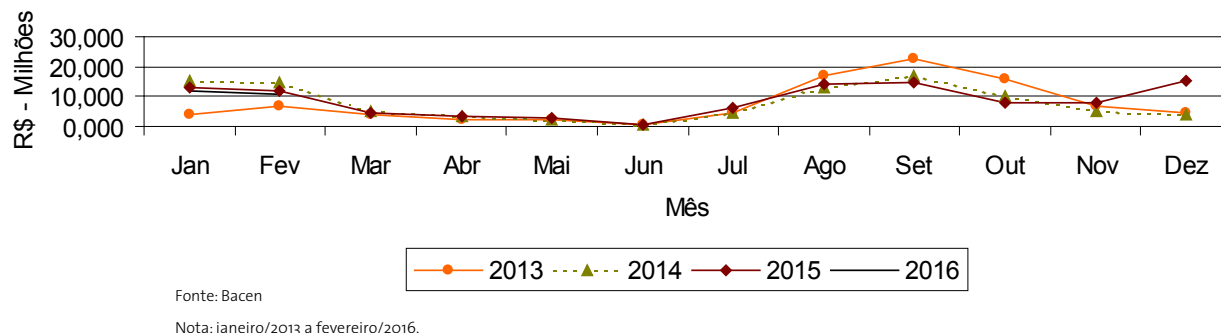
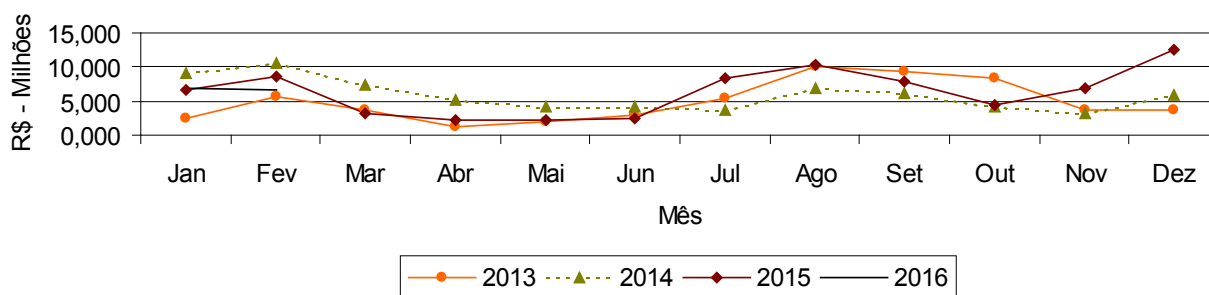


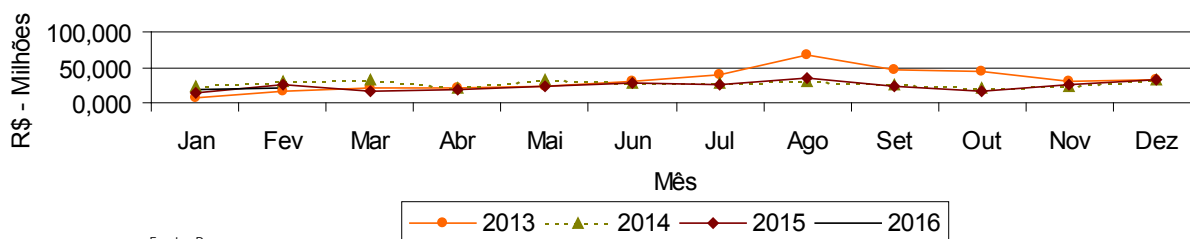
Gráfico 40 – Feijão - Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

Gráfico 41 – Feijão - Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

a 2014 e 2015, o que é observado nos valores oriundos do Pronaf, do Pronamp e do financiamento sem vínculo a programa específico. Tem-se observado a redução de área no plantio do feijão, o que pode explicar o menor uso de crédito.

A Tabela 14 e os Gráficos 42 a 45 representam os valores de crédito disponibilizado por região geográfica.

O plantio do feijão nas Regiões Sul e Sudeste (segunda



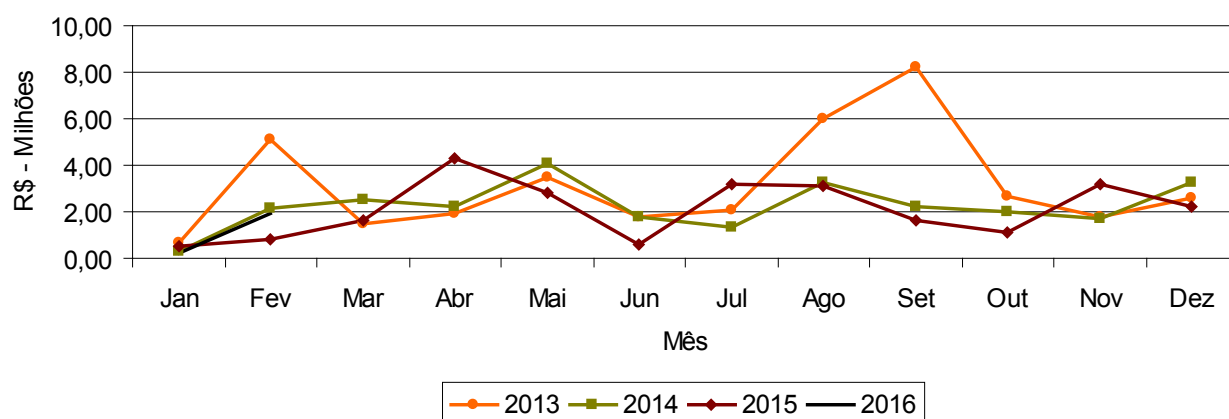
Tabela 14 – Feijão - Região - Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	0,177	4,757	4,002	3,367	9,318	9,762	7,092	13,347	9,786	10,195	12,649	15,865	100,318
NORDESTE	0,639	5,128	1,461	1,902	3,493	1,742	2,097	5,982	8,246	2,680	1,800	2,591	37,760
NORTE	0,003		0,505	0,509	1,002	0,536	0,300	0,370		0,500			3,725
SUDESTE	6,764	7,291	17,144	15,823	12,892	18,097	24,360	25,284	14,861	21,515	9,640	10,445	184,115
SUL	6,170	12,147	6,177	1,756	1,083	2,719	14,802	49,127	46,118	33,845	16,397	12,382	202,722
Total Global	13,753	29,322	29,289	23,356	27,788	32,856	48,651	94,111	79,011	68,735	40,485	41,283	528,641
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	3,803	6,466	4,367	5,352	9,609	4,528	9,327	11,677	6,153	6,590	7,819	11,157	86,849
NORDESTE	0,311	2,167	2,513	2,207	4,082	1,764	1,349	3,260	2,238	1,974	1,715	3,226	26,805
NORTE	0,264	1,974	1,000	0,595	0,219	0,201	0,550		0,083	0,200			5,086
SUDESTE	15,758	20,118	25,800	17,480	19,401	20,185	13,407	9,205	7,821	7,122	8,503	16,431	181,230
SUL	27,877	24,192	10,479	4,954	5,870	6,236	10,527	24,661	32,381	19,256	14,549	10,427	191,410
Total Global	48,012	54,917	44,159	30,588	39,181	32,914	35,160	48,803	48,676	35,142	32,587	41,241	491,380
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,607	7,313	3,800	4,610	9,848	7,184	4,537	5,428	2,849	0,956	4,178	5,020	57,331
NORDESTE	0,549	0,790	1,619	4,279	2,811	0,559	3,190	3,106	1,628	1,108	3,197	2,217	25,054
NORTE		2,163	1,095	0,431	0,311	0,959				0,151	2,052		7,162
SUDESTE	6,917	10,109	11,327	14,480	13,239	20,497	15,268	14,482	8,902	10,654	4,922	17,756	148,554
SUL	25,525	26,279	6,972	1,843	2,216	1,680	18,214	35,272	32,674	16,865	25,977	34,794	228,311
Total Global	34,598	46,655	24,814	25,642	28,426	30,880	41,210	58,288	46,053	29,734	40,326	59,787	466,413
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	6,913	5,320											12,233
NORDESTE	0,226	1,929											2,156
NORTE	0,381	0,000											0,381
SUDESTE	8,727	13,184											21,911
SUL	21,269	18,141											39,411
Total Global	37,517	38,575											76,092

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

Gráfico 42 – Feijão – Nordeste - Crédito

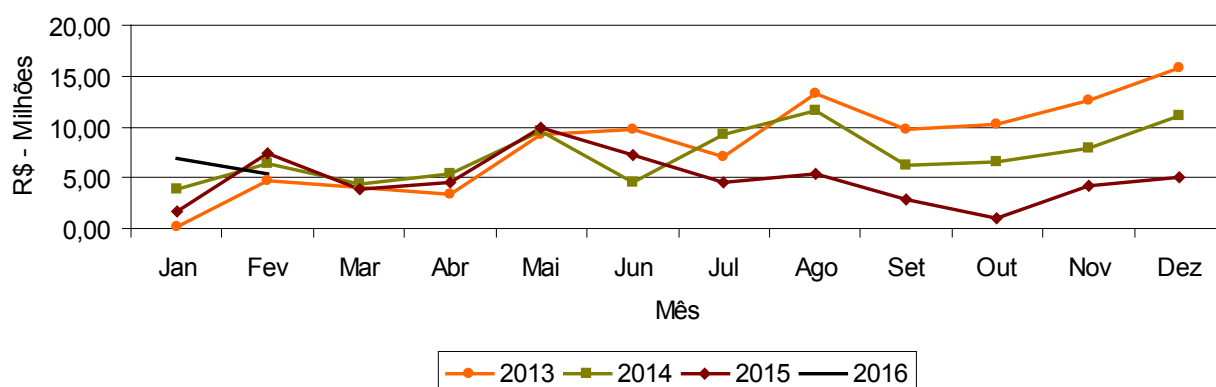


Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.



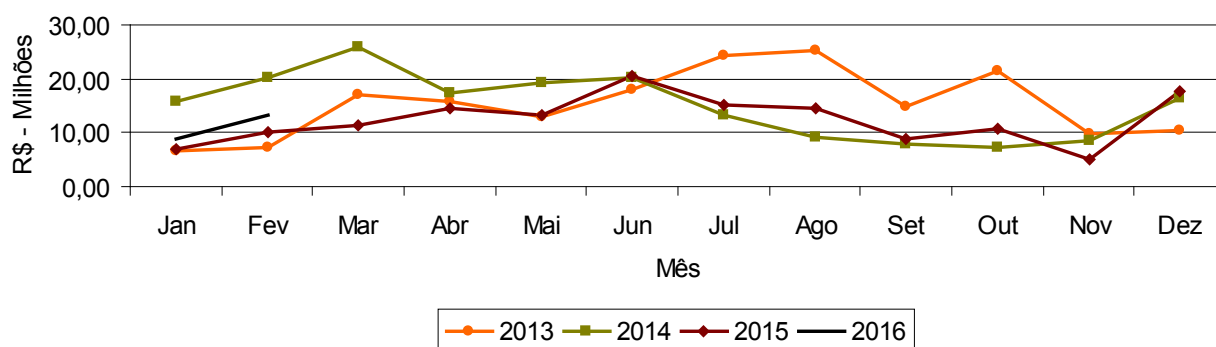
Gráfico 43 – Feijão– Centro-Oeste - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

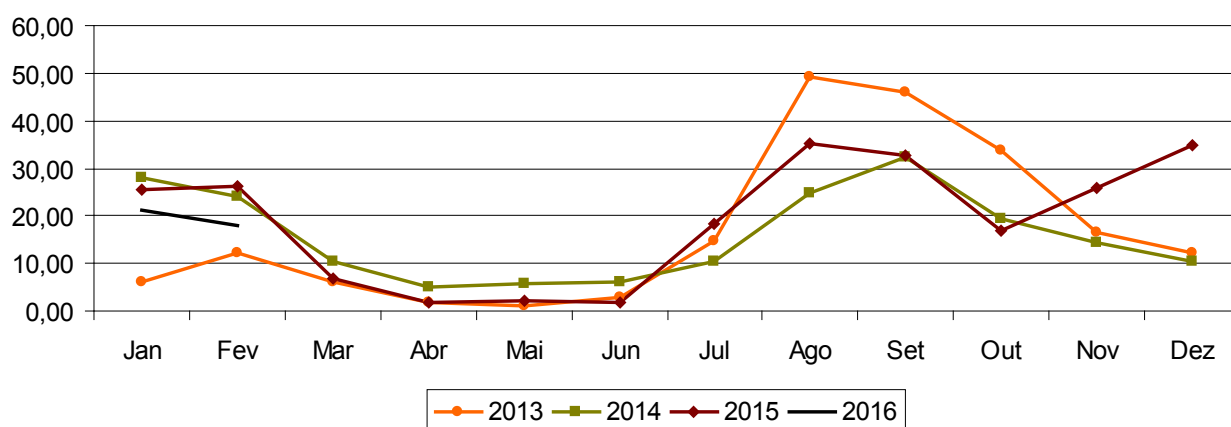
Gráfico 44 – Feijão– Sudeste - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

Gráfico 45 – Feijão– Sul - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

safr) e no Nordeste explicam a utilização do crédito. As informações destacadas na tabela e nos gráficos indicam a disponibilidade de acordo com os três plantios anuais, mas se observa a tendência de redu-

ção do uso do crédito para a cultura do feijão, o que é compatível com a redução da área da cultura.





7. MONITORAMENTO AGRÍCOLA: CULTURAS DE VERÃO (SAFRA 2015/16) – MARÇO DE 2016

O monitoramento agrícola, realizado quinzenalmente pela Companhia e divulgado nos boletins de acompanhamento de safra e no Boletim de Monitoramento Agrícola - BMA (<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1094&t=2>), constitui um dos produtos de apoio às estimativas de safras. O propósito do monitoramento é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência de fatores agromômicos e de eventos climáticos recentes, a fim de auxiliar na pronta estimativa da produtividade agrícola nas principais regiões produtoras.

As condições das lavouras são analisadas por meio do monitoramento agrometeorológico e espectral e os resultados são apresentados de forma resumida nos mapas sobre as condições hídricas para os cultivos, nos capítulos referentes à análise das culturas. Os recursos técnicos utilizados têm origem em quatro fontes de dados: a) imagens de satélites da última quinzena (ou semana) e de anos anteriores desse mesmo período, utilizadas para calcular o Índice de Vegetação (IV)* das lavouras; b) dados climáticos e prognósticos de probabilidade de chuva; c) dados de campo; e d) mapeamentos das áreas de cultivo.

O monitoramento atual foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em produção no último mês. As culturas monitoradas foram: algodão, arroz, feijão primeira e segunda safras, girassol, milho primeira e segunda safras, soja e sorgo.

1. Índice que retrata as condições atuais da vegetação e reflete os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento (veja descrição e fundamentos na Nota Técnica do BMA).

7.1. CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS RECENTES²

A distribuição espacial da precipitação acumulada em março no Brasil apresentou acentuados contrastes, com excesso de chuva na maior parte das Regiões Sul e Norte, déficit no semiárido nordestino e dentro da faixa normal na maior parte das Regiões Centro-Oeste e Sudeste. Essa condição de normalidade das chuvas na faixa central do Brasil criou condições favoráveis para as lavouras em fase de maturação ou colheita da primeira safra, e de plantio ou desenvolvimento da segunda safra (Figura 1).

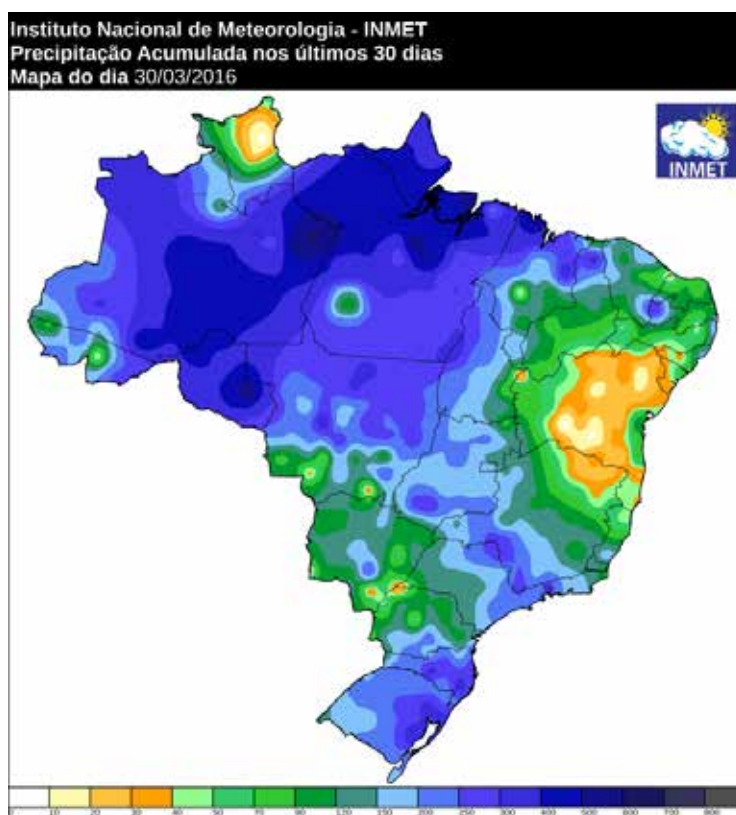
A Região Sul do Brasil, ainda sob a ação do fenômeno El Niño no Oceano Pacífico Equatorial, destacou-se pelo excesso de chuvas nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, com volumes que variaram entre 150 e 300 mm, como, por exemplo, na localidade de Caxias do Sul-RS, e cuja a média histórica é de 160 mm, o acumulado de chuva no último mês foi de aproximadamente 300 mm. No Estado do Paraná, de maneira geral, as chuvas ficaram um pouco abaixo da média em várias localidades, porém, com acumulados dentro da faixa de normalidade do período, propiciando condições climáticas favoráveis ao desenvol-

vimento do milho segunda safra plantado na maior parte do estado.

Na Região do MATOPIBA, as chuvas em março foram mais regulares que no mês anterior, mantendo-se, porém, com volumes abaixo da média histórica. Nas localidades do centro-sul do Maranhão e centro-leste do Tocantins, os acumulados ficaram entre 120 e 250 mm. O centro-sul do Piauí e o oeste da Bahia, com acumulados na faixa entre 40 e 100 mm, apresentaram-se com uma situação mais crítica quanto ao déficit de chuvas, resultando em redução de produtividade da soja e do milho primeira safra em relação à safra anterior.

Também no semiárido nordestino, predominaram as áreas com chuvas bem abaixo da média de março, mantendo o padrão de baixa pluviosidade típico de períodos de El Niño, principalmente nos estados da Bahia e Pernambuco. Nas estações meteorológicas localizadas em Irecê, Remanso, Cipó e Carinhanha, na Bahia, e Petrolina, em Pernambuco, por exemplo, os totais de precipitação não ultrapassaram 20 mm. A média climatológica nessas localidades varia entre 100 e 150 mm no mês de março (Figura 1).

Figura 1 - Precipitação acumulada (mm) no mês de março/2016.



Fonte: CDP/Inmet

² Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília



7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA EM 2016²

A redução das anomalias positivas de temperatura na superfície do mar (TSM) no Oceano Pacífico Equatorial dá sinais de que o fenômeno El Niño (aquecimento anômalo das águas do Pacífico Equatorial) está em processo de enfraquecimento. Enquanto que em janeiro, as anomalias de TSM apresentavam núcleos com desvios da ordem de mais de 3°C acima da média, na primeira quinzena de março há apenas uma área

reduzida com desvio positivo acima de 2°C, como se observa nos mapas de anomalias de TSM (Figura 2). A maioria dos modelos de previsão de TSM, como os do IRI (International Research Institute for Climate and Society), indicam um enfraquecimento gradual das condições de El Niño ao longo dos próximos meses, devendo atingir um padrão de neutralidade entre o final do outono e início do inverno (Figura 2).

Figura 2 - Anomalias de TSM em janeiro e na primeira quinzena de março de 2016

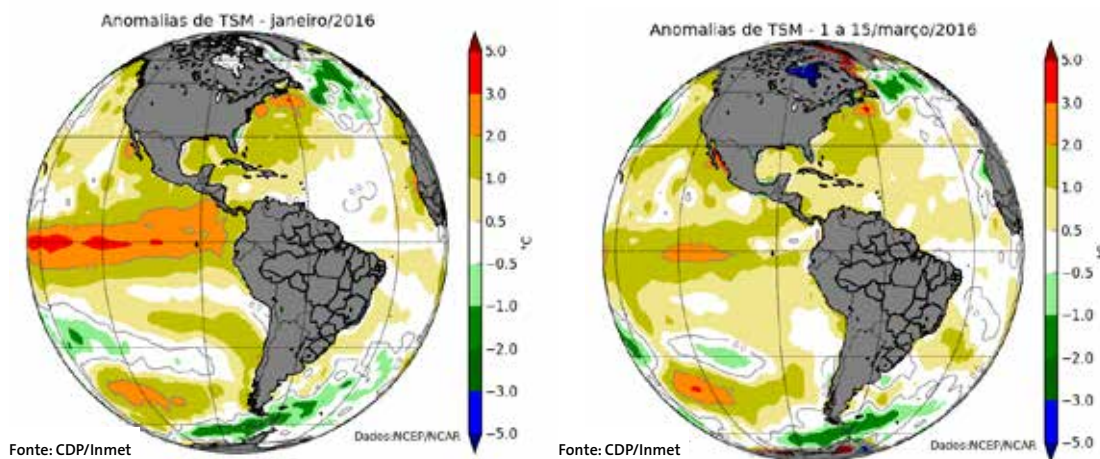
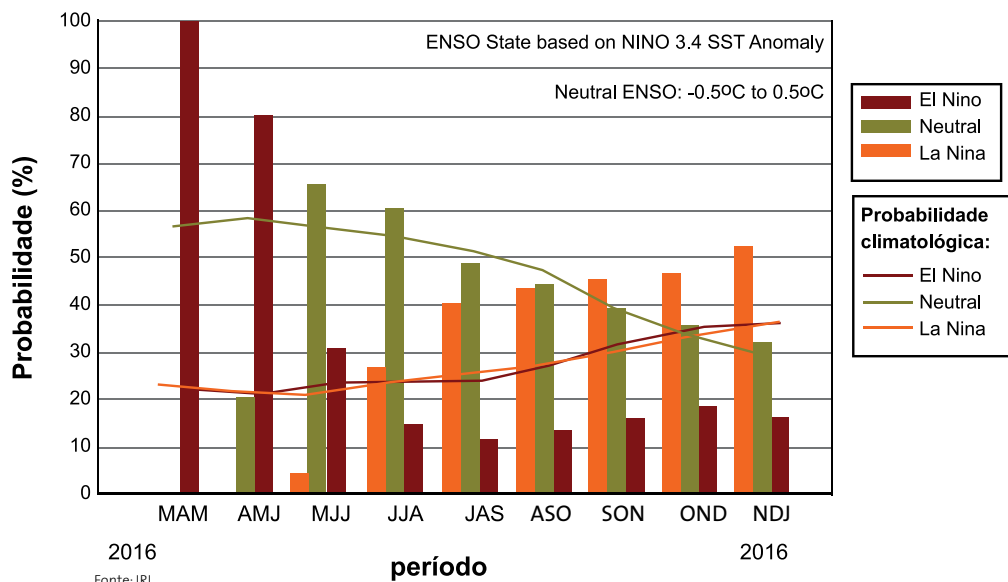


Gráfico 46- Previsão probabilística de El Niño



² Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília



7.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O TRIMESTRE FEVEREIRO-MARÇO-ABRIL DE 2016²

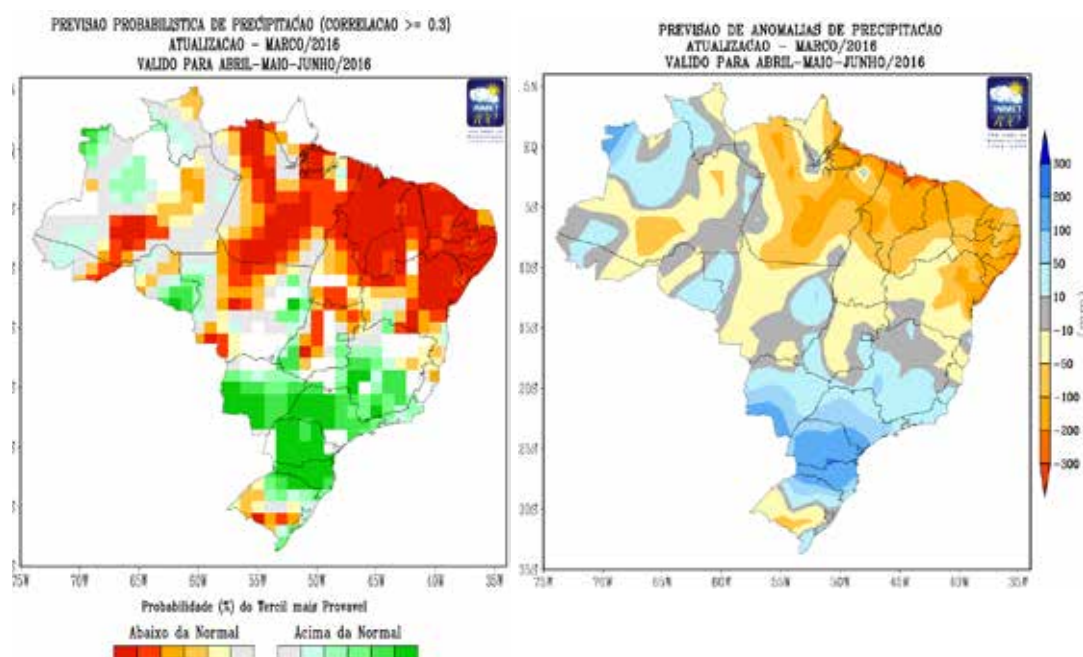
Os mapas do modelo climático estatístico do Inmet (Figura 3) indicam que nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste predominam as áreas com maior probabilidade de os totais pluviométricos no trimestre abril-maio-junho/2016 ocorrerem na categoria acima da média, exceto no leste e norte do Mato Grosso e Goiás. Observa-se que o mapa de anomalias previstas de precipitação não apresenta desvios muito acentuados, tanto nas áreas acima quanto abaixo da média. Contudo, no início do trimestre devem predominar as áreas com chuvas dentro da faixa normal ou abaixo nas duas regiões.

Na Região Sul as probabilidades indicam que devem prevalecer as áreas com totais acima da média do trimestre. Apenas no extremo sul do Rio Grande do Sul existe uma probabilidade maior de chuvas dentro da faixa normal ou abaixo. Especificamente para abril, há uma tendência de que o volume de chuvas varie entre a faixa normal e acima em praticamente toda a região.

Na região do Matopiba e semiárido nordestino, existe maior probabilidade da ocorrência de precipitação na categoria abaixo da faixa normal climatológica. Ressalta-se que a persistência da condição de estiagem ainda está sendo favorecida pela ocorrência do El Niño, principalmente em abril.

As previsões de temperatura média indicam uma forte probabilidade de que as temperaturas apresentem desvios positivos em relação à média do período em todo o Brasil, com desvios mais acentuados no centro-norte do país (Figura 4). Esse prognóstico, porém, indica um comportamento médio do trimestre, podendo haver variações intrassazonais com períodos de temperaturas mais baixas, principalmente nas Regiões Sul e Sudeste. Vale, ainda, observar que o predomínio de temperaturas médias mais elevadas indicam uma baixa probabilidade de ocorrência de fenômenos meteorológicos decorrentes da queda acentuada de temperatura, como as geadas, mas não descartam por completo tais fenômenos, principalmente no final de maio e em junho na Região Sul.

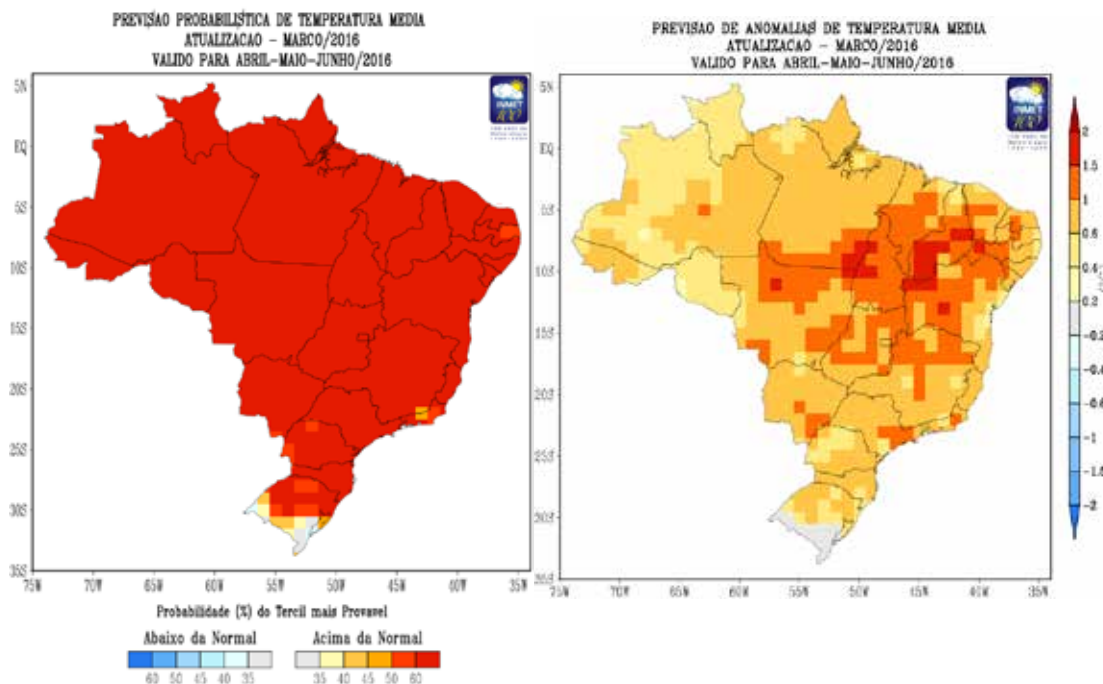
Figura 3 - Previsão climática (probabilidades e anomalias) para o período abril a junho/2016



² Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília



Figuras 4 – Previsão climática de temperatura média (probabilidades e anomalias) para o período abril a junho/2016



7.4. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

O monitoramento agrometeorológico tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que iniciarão o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos), no impacto que o clima pode causar nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite. O período monitorado foi em de março de 2016.

Dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação acumulada, os desvios da precipitação e da temperatura com relação às médias históricas (anomalia) e a umidade disponível no solo. Os mapas das condições hídricas são elaborados por cultura e a classificação é feita da seguinte forma:

- baixa produção, sem cultivo ou fora de temporada;
- favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais;
- baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- média restrição: quando houver problemas gene-

ralizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;

- alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, que podem causar impactos significativos na produção.

Nas tabelas desses mapas são especificadas: as regiões onde as chuvas estão sendo favoráveis (suficientes) para o início do plantio (pré-plantio), a germinação, o desenvolvimento vegetativo, a floração e/ou a frutificação; onde está havendo possíveis problemas por excesso de chuvas; onde as chuvas reduzidas estão favorecendo o plantio e a colheita; e onde pode estar havendo possíveis problemas por falta de chuvas. Os resultados desse monitoramento são apresentados no capítulo referente à análise das culturas.

Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste do Brasil, as condições climáticas em março (Figuras 1 e 5) foram favoráveis às culturas de segunda em desenvolvimento. Em relação às culturas de primeira safra em maturação e colheita, as chuvas mais intensas no norte e nordeste do Mato Grosso resultaram em restrições pontuais. Já, no sul do Mato Grosso do Sul, essas culturas foram favorecidas pela redução das chuvas em relação a fevereiro.

Na Região Sul do país, as chuvas reduzidas no segun-



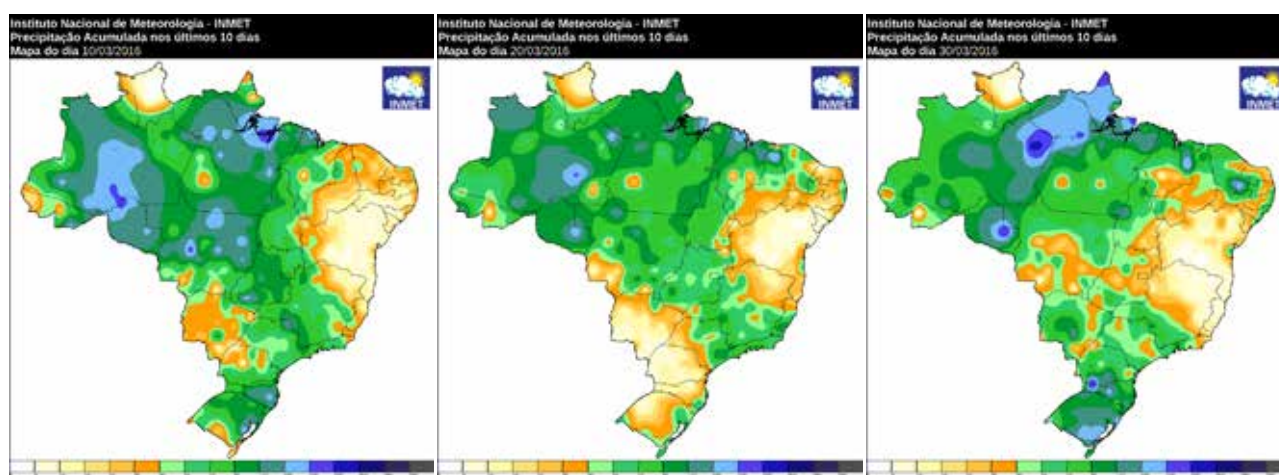
do decêndio do mês (Figuras 5) favoreceram a maturação e a colheita das culturas de primeira safra. No terceiro decêndio, a precipitação ocorreu com maior intensidade no sul do Paraná e nos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, o que favoreceu cultivos de primeira safra ainda em enchimento de grãos. No entanto, dificultou pontualmente a colheita da soja na porção nordeste, e do arroz na porção sudeste, do Rio Grande do Sul. Em relação às culturas de segunda safra cultivadas no Paraná, apesar de restrições pontuais por falta de chuva no norte desse estado, as condições climáticas foram favoráveis.

Na região do Matopiba, precipitação de baixos volumes e as altas temperaturas (Figuras 1, 5 e 6) intensificaram os impactos negativos para as lavouras de primeira safra em desenvolvimento, conforme já observado no mês anterior. O armazenamento hídrico no solo ficou baixo durante praticamente todo o mês

de março (Figuras 7). Essa falta de chuvas foi mais severa no oeste da Bahia e no sudoeste do Piauí, onde também foram verificadas maiores anomalias da temperatura máxima (Figuras 1, 5 e 6).

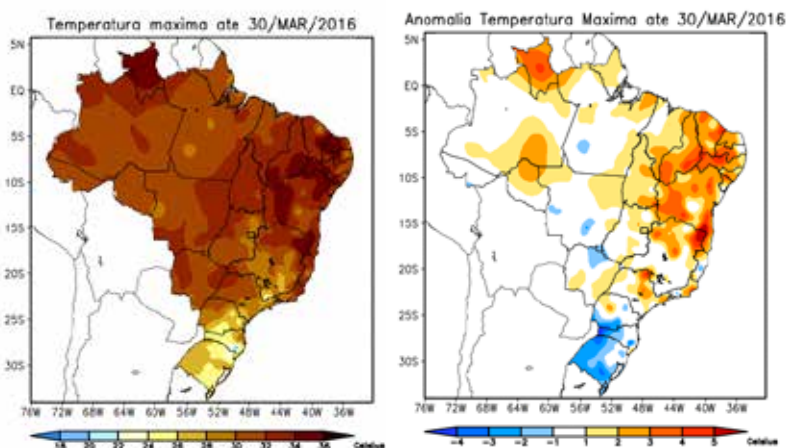
Na região do semiárido do Nordeste, o cenário é similar à região do Matopiba: volumes reduzidos de chuva e altas temperaturas (Figuras 1, 5, 6 e 7). Portanto, houve prejuízo nos plantios de feijão e milho realizados em janeiro, estimulados pelos bons volumes de chuva daquele mês, e nos novos plantios realizados a partir de fevereiro. A maior intensidade da estiagem foi em regiões produtoras dos estados da Bahia e do Rio Grande do Norte, do sudeste do Piauí, leste do Ceará, Sertão de Pernambuco e Agreste da Paraíba. As exceções foram o extremo norte do Piauí e o centro e norte do Maranhão, cujas chuvas, apesar de ficarem abaixo da média, ocorreram em volume suficiente.

Figuras 5 – Precipitação pluviométrica acumulada de 01 a 10, 11 a 20 e de 20 a 30 de março/16.



Fonte: Inmet.

Figuras 6 – Temperatura máxima e anomalia da temperatura máxima em março/2016

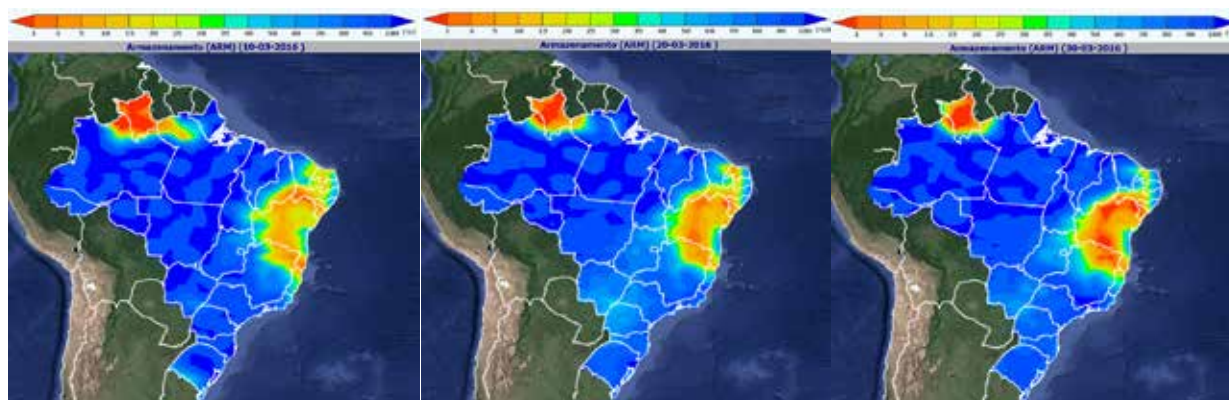


Fontes de dados: CPTEC/INPE-INMET-FUNCEME/CE-ANSA/PB-CPAPR/PA-ITP-LAMPE/PE-FEPAGRO/RS-CHES-COMET/AL-SHAR/SP-SEMARH/SEMARH/BA-DEMIS/SINGE/GO-SEAG/ES-SINEPA/PR-CLIMEX/SC-AC/SP

Fonte: CPTEC



Figuras 7 – Armazenamento hídrico diário dos dias 10, 20 e 30 de março/16



Fonte: Inmet.

7.5. MONITORAMENTO ESPECTRAL

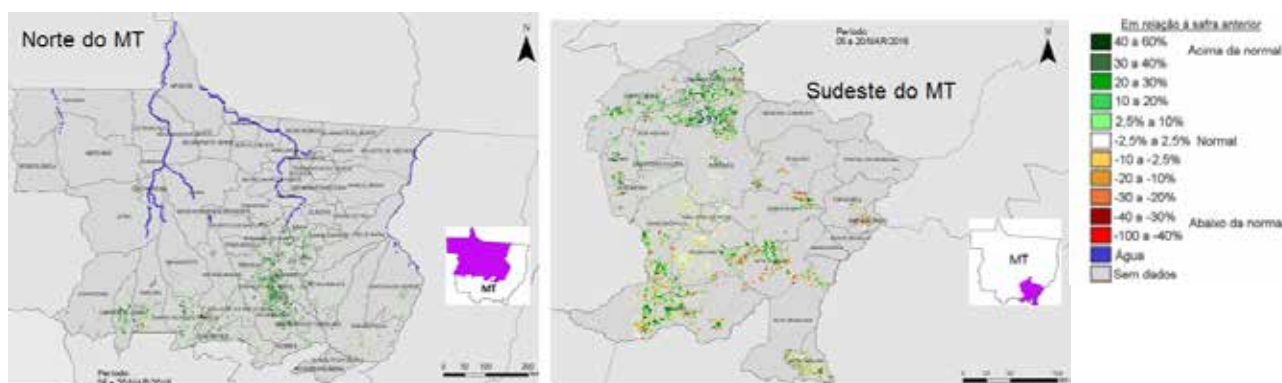
O foco principal deste monitoramento consiste na avaliação da safra de verão 2015/16, (primeira e segunda safras), das regiões onde a colheita da soja está menos adiantada ou já há um percentual significativo do milho segunda safra em desenvolvimento. Por se tratar de um período de transição entre a primeira e a segunda safra, o monitoramento espectral só fornece informações novas nessas duas condições. Por isso, regiões importantes na produção de milho segunda safra, do Paraná, de Goiás e de Minas Gerais, por exemplo, ainda não estão sendo monitoradas.

7.5.1. MATO GROSSO

O estado planta quase 13,7 milhões de hectares de grãos. Apenas com soja, milho primeira, algodão e feijão, as mesorregiões Norte e Sudeste plantam mais de 8,2 milhões de hectares, que representam quase 60% da área de grãos no estado. Com milho segunda safra

O monitoramento atual cobre parcialmente os estados do MT, GO, MS, PR e RS, além de parte da região do MATOPIBA. Visando a otimização da análise, o monitoramento é direcionado para as principais mesorregiões produtoras de grãos nestes estados, garantindo boa representatividade dos atuais cultivos da safra brasileira de grãos 2015/2016. A seguir, consta a análise das condições agrícolas das mesorregiões monitoradas, no período de 05 a 20 de março.

estas regiões plantam mais de 3,1 milhões de hectares (quase 92% da área do estado nesta cultura). Por isso, o monitoramento está direcionado para estas duas mesorregiões, que são bastante expressivas no plantio da safra de verão.



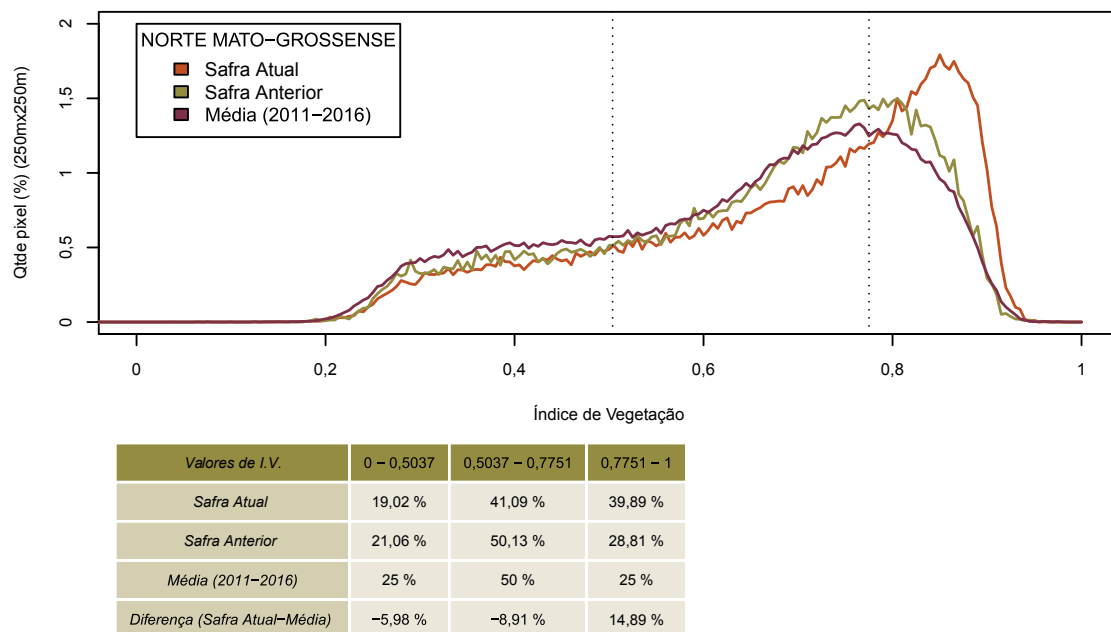
Fonte: Glam/Inmet.



O excesso de cobertura de nuvens dificultou a obtenção de imagens cobrindo completamente todas as áreas agrícolas do Norte do Mato Grosso. Mesmo assim, o satélite coletou, no período do monitoramento, uma amostra bem representativa das atuais lavouras. O predomínio da cor verde no mapa do Norte mostra que as atuais lavouras respondem, em média, com IV superior ao ano passado. A parte norte do Sudeste também mostra expressiva quantidade de lavouras com IV superior ao ano passado. Isso se

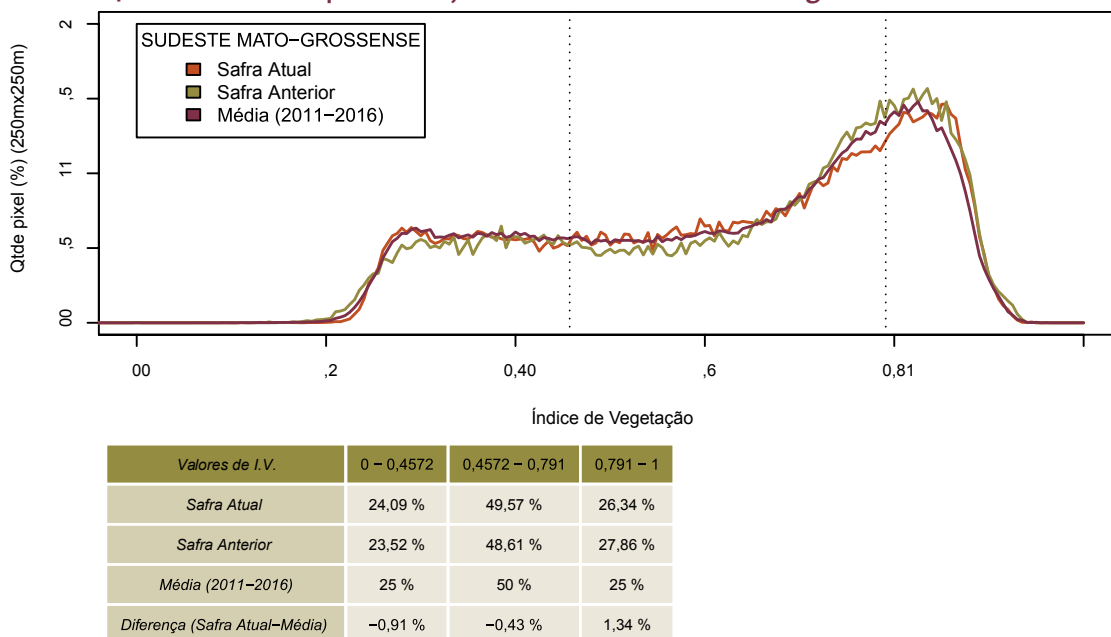
deve, possivelmente, a uma maior cobertura foliar do milho segunda safra já em desenvolvimento vegetativo, beneficiado pelas condições climáticas favoráveis, principalmente, no Médio Norte do estado. Áreas de anomalia negativa, principalmente no Sudeste, são lavouras com IV inferior à safra passada, possivelmente, devido a áreas de soja colhidas que não receberão plantio do milho segunda safra ou onde o plantio do milho ocorreu mais tarde.

Gráfico 47 – Gráficos de quantificação de áreas - Norte-matogrossense



Fonte: Glam/Inmet.

Gráfico 48 – Gráficos de quantificação de áreas - Sudeste-matogrossense



Fonte: Glam/Inmet.



As tabelas dos gráficos de quantificação de áreas mostram que, na atual safra, o percentual de lavouras com médias e altas respostas de IV, são: 81% no Norte, 76% no Sudeste. Na safra passada os respectivos percentuais, nestas regiões, foram: 79% e 76%. Observa-se que no Norte existe, no momento, uma maior quantidade de lavouras respondendo com médios e altos valores de IV, em relação ao ano passado. Isso se deve, provavelmente, a uma maior cobertura foliar do

milho segunda safra no Médio Norte do estado.

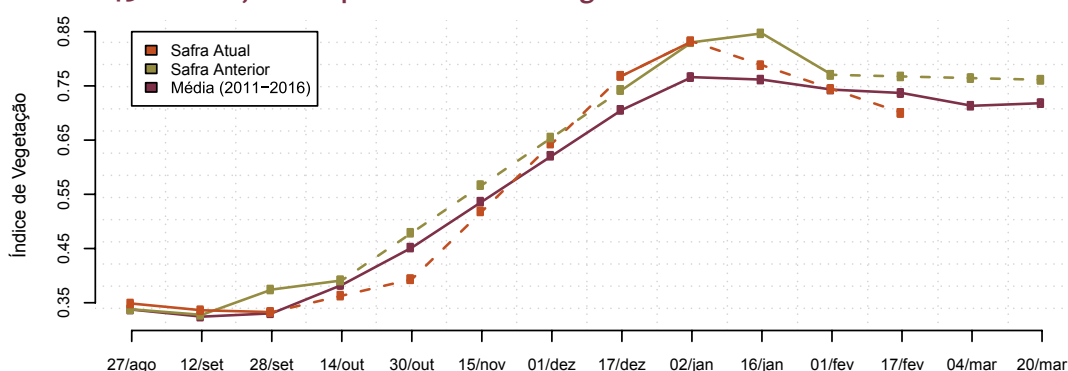
Os cálculos ponderados de todas as áreas agrícolas com seus respectivos valores de IV indicam:

- Norte: 8% acima da média dos 6 últimos anos e 4% acima da safra anterior;
- Sudeste: 1% acima da média dos 6 últimos anos e 2% abaixo da safra anterior;

Tabela 15 – Cálculos ponderados do IV.

Região	% média	% safra anterior
Norte	8	4
Sudeste	1	-2

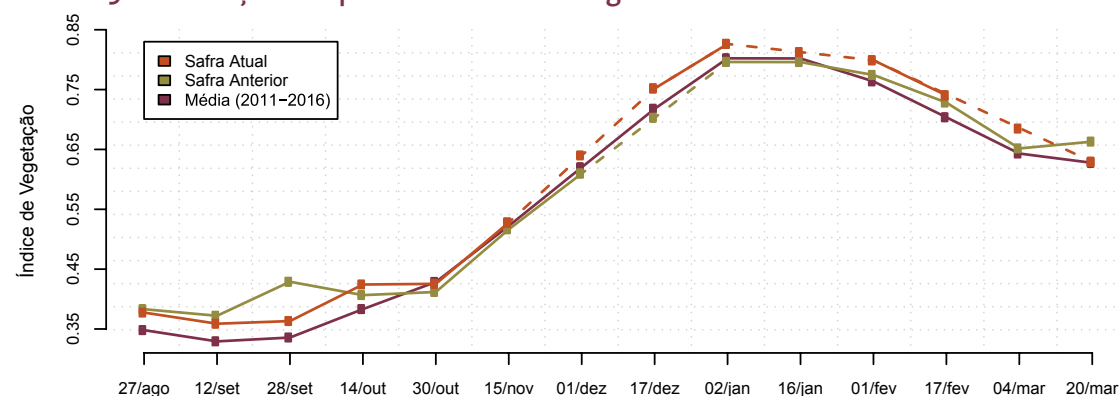
Gráfico 49 – Evolução temporal - Norte-matogrossense



Data (final do período)	27/ago	12/set	28/set	14/out	30/out	15/nov	01/dez	17/dez	02/jan	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar
% média	3	4	1		-13			9	9			-5		
% safra anterior	3	3	-11					4	0					
Fases – safra verão			P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	

Fonte: Projeto Glam

Gráfico 50 – Evolução temporal - Sudeste-matogrossense



Data (final do período)	27/ago	12/set	28/set	14/out	30/out	15/nov	01/dez	17/dez	02/jan	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar
% média	8	9	8	11	-1	1		5	3		5	5		0
% safra anterior	-1	-4	-15	4	3	2			4		3	2		-5
Fases – safra verão			P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	

Fonte: Projeto Glam



Tem ocorrido muita cobertura de nuvens no Mato Grosso. Por isso não foi possível obter dados de satélite suficientes para traçar vários trechos dos gráficos de evolução temporal, inclusive de segmentos mais recentes. Nos gráficos do Norte os trechos da linha vermelha com baixos valores de IV em outubro e novembro caracterizam atraso do plantio da primeira safra naquelas regiões. Os trechos seguintes, onde

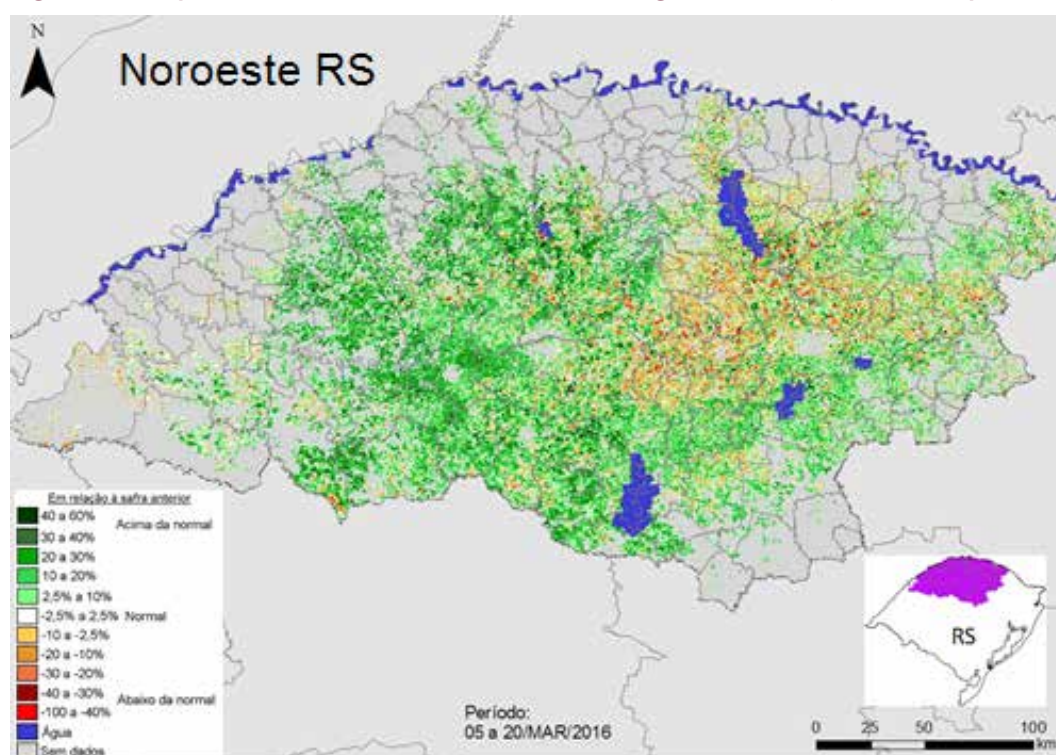
houve dados, mostram recuperação do padrão de desenvolvimento das lavouras. O último dado disponível, de 17/fevereiro, indica a maturação e a colheita da soja e o plantio do milho segunda safra. No Sudeste do estado, onde consta dados até 20 de março, o traçado do gráfico indica que, na média, o IV da safra atual está um pouco abaixo da safra passada, mas apresenta um padrão semelhante ao da média dos 6 últimos anos.

7.5.2. RIO GRANDE DO SUL

O estado planta mais de 8,5 milhões de hectares de grãos. Só de soja, milho e feijão, o Noroeste do Rio

Grande do Sul planta quase 3,6 milhões de hectares, que representam mais de 43% da área de grãos no estado. Pela alta representatividade, esta região está sendo monitorada.

Figura 9 - Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



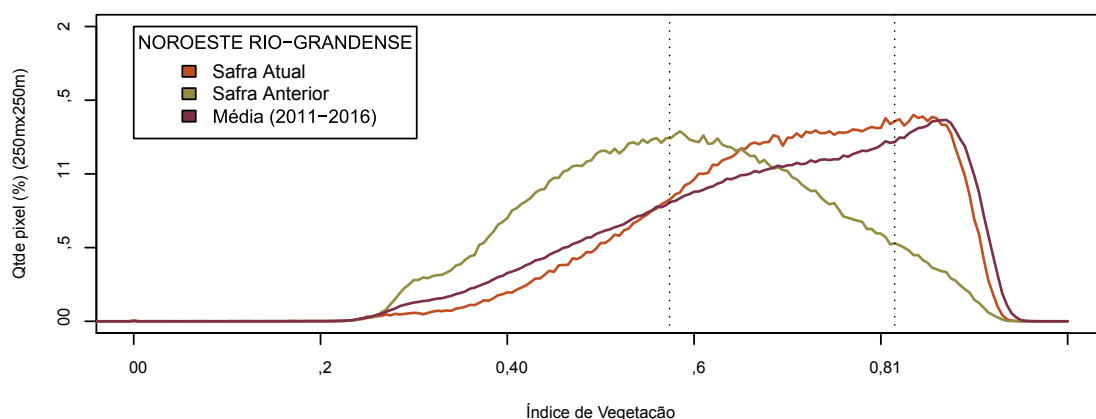
Fonte: Projeto Glam

No mapa acima prevalecem as áreas em verde, mostrando onde as lavouras da atual safra respondem com IV acima do ano passado. As chuvas excessivas no início da safra de soja implicaram em atrasos e até mesmo replantios de parte das lavouras. No entanto, o grande volume de chuvas durante a maior parte do desenvolvimento da soja e do milho plantado mais tarde, favoreceu as lavouras e manteve o IV relativamente alto, comparado com o ano anterior. A substituição de culturas e as diferenças entre os calendários agrícolas da soja, do milho e do feijão também podem provocar anomalias do Índice de Vegetação. Essa última cultura, embora menos representativa, também tem influenciado positivamente no valor do

índice, pois o clima tem sido favorável para o plantio e o desenvolvimento do feijão safrinha (segunda safra). Áreas em branco indicam semelhança de padrões destas duas últimas safras. As áreas mostradas nas outras cores (padrão inferior ao ano passado) podem ser áreas de soja e milho em maturação e colheita que, por diferenças no calendário de plantio, estavam em fases menos adiantadas na safra anterior. Além disso, efeitos climáticos negativos, como o excesso de chuvas na época do plantio da soja e a estiagem em janeiro, também podem ter causado essa anomalia. Entretanto, o mapa mostra que, em média, houve recuperação das lavouras atuais.



Gráfico 51 - Quantificação de áreas - Noroeste Rio-grandense



Valores de I.V.	0 - 0,5738	0,5738 - 0,8148	0,8148 - 1
Safra Atual	19,81 %	57,41 %	22,79 %
Safra Anterior	47,23 %	46,42 %	6,35 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-5,19 %	7,41 %	-2,21 %

Fonte: Projeto Glam

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que em torno de 80% das lavouras da safra atual no Noroeste, respondem com médios e altos valores de IV, contra 53% nas mesmas condições da safra passada no mesmo período.

Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica:

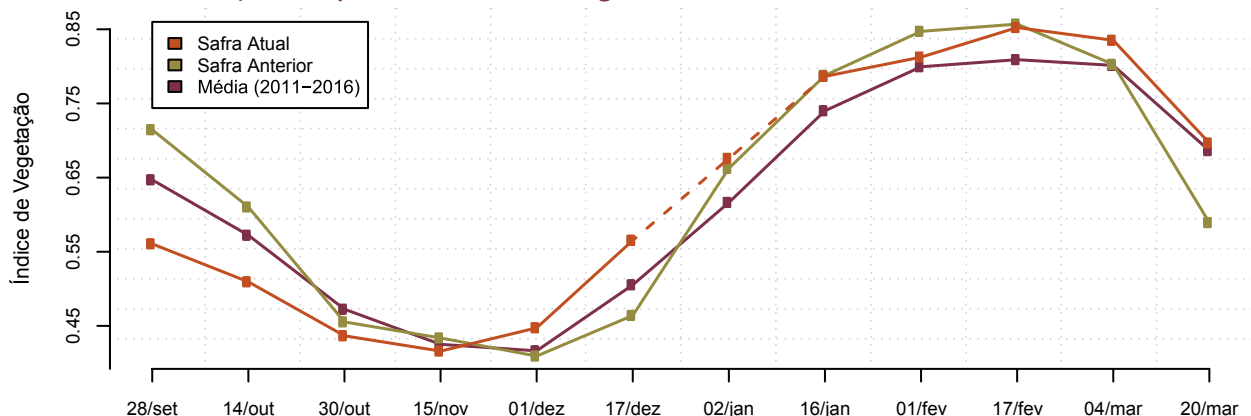
- Noroeste: 1% acima da média dos 6 últimos anos e 18% acima da safra passada;

Tabela 16 – Cálculos ponderados do IV.

Região	% média	% safra anterior
Noroeste	1	18

Fonte: Projeto Glam

Gráfico 52 - Evolução temporal - Noroeste Rio-grandense



Data (final do período)	28/set	14/out	30/out	15/nov	01/dez	17/dez	02/jan	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar
% média	-13	-11	-8	-2	7	12		6	2	5	4	1
% safra anterior	-22	-17	-4	-4	9	22		0	-4	-1	4	18
Fases - safra verão	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M	M/C	C	C

Fonte: Projeto Glam



No gráfico apresentado, a rápida ascensão da linha vermelha já a partir do início de dezembro mostra boa evolução dos atuais cultivos. A flexão negativa da linha vermelha em janeiro decorreu da escassez de chuva naquele mês. Contudo, o traçado dos trechos

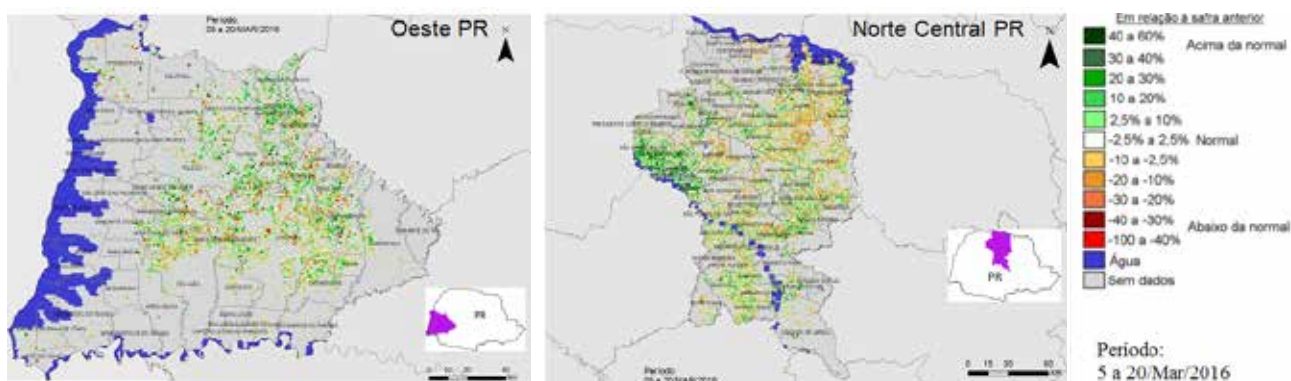
seguintes mostra recuperação das lavouras da atual safra em fases reprodutivas. O último trecho da linha, em declínio, mostra que boa parte das lavouras está em maturação e colheita.

7.5.3. PARANÁ

O estado planta mais de 9,8 milhões de hectares de grãos. Só com soja, milho primeira e feijão as mesorregiões Oeste e Centro Ocidental plantam quase 2

milhões de hectares, que representam mais de 20% da área de grãos plantada no estado. Pela alta representatividade, o monitoramento é realizado nestas duas regiões.

Figura 10 - Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada

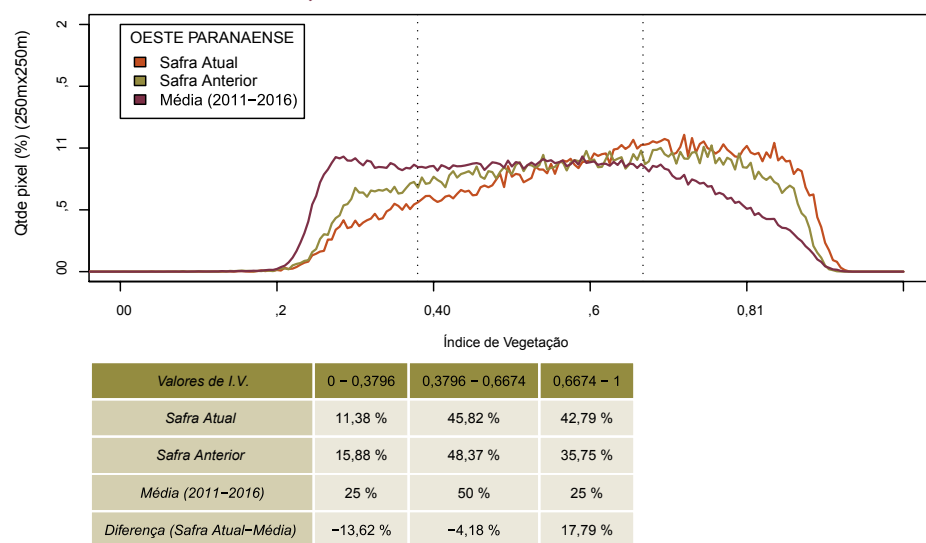


Fonte: Projeto Glam

Os mapas das 2 mesorregiões acima mostram condições variadas. A causa principal desta variabilidade são as diferenças de calendários agrícolas da safra atual em relação ao ano passado, além da distribuição das chuvas no mês de março. As áreas em verde são principalmente de milho segunda safra, mais adiantado, com boa cobertura foliar (onde o regime de chuvas foi favorável) e, assim, mostrando relativamente altas respostas de IV. Áreas em branco indicam seme-

lhança entre a atual safra e a passada. As áreas em amarelo, laranja e marrom mostram onde os cultivos estão em estádios mais atrasados que no ano passado e/ou houve algum impacto às lavouras em função de um longo período sem chuvas no mês de março no Norte Central do estado. As chuvas ocorreram abaixo da média em praticamente toda a região, e foram menos frequentes em Londrina e entorno, onde as anomalias negativas são mais abrangentes.

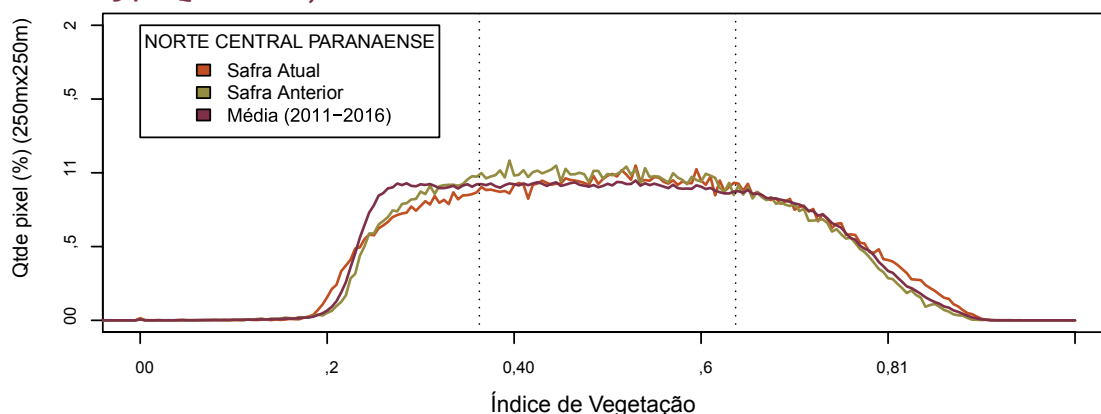
Gráfico 53 - Quantificação de áreas - Oeste Paranaense



Fonte: Projeto Glam



Gráfico 54 - Quantificação de áreas - Norte Central Paranaense



Valores de I.V.	0 – 0,3628	0,3628 – 0,6369	0,6369 – 1
Safrá Atual	22,31 %	51,25 %	26,45 %
Safrá Anterior	22,72 %	53,69 %	23,59 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safrá Atual-Média)	-2,69 %	1,25 %	1,45 %

Fonte: Projeto Glam

As tabelas dos gráficos de quantificação de áreas mostram que os percentuais de lavouras com médias e altas respostas de IV são os seguintes: a) Oeste – 89% na atual safra contra 84% na safra passada; b) Norte Central - 78% neste ano contra 77% no ano passado. Os complementos destes percentuais são áreas com baixas respostas de IV.

Os cálculos ponderados de todas as áreas agrícolas com seus respectivos valores de IV indicam:

- Oeste: 16% acima da média dos 6 últimos anos e 6% acima da safra anterior;
- Norte Central: 2% acima da média dos 6 últimos anos e 2% acima da safra anterior;

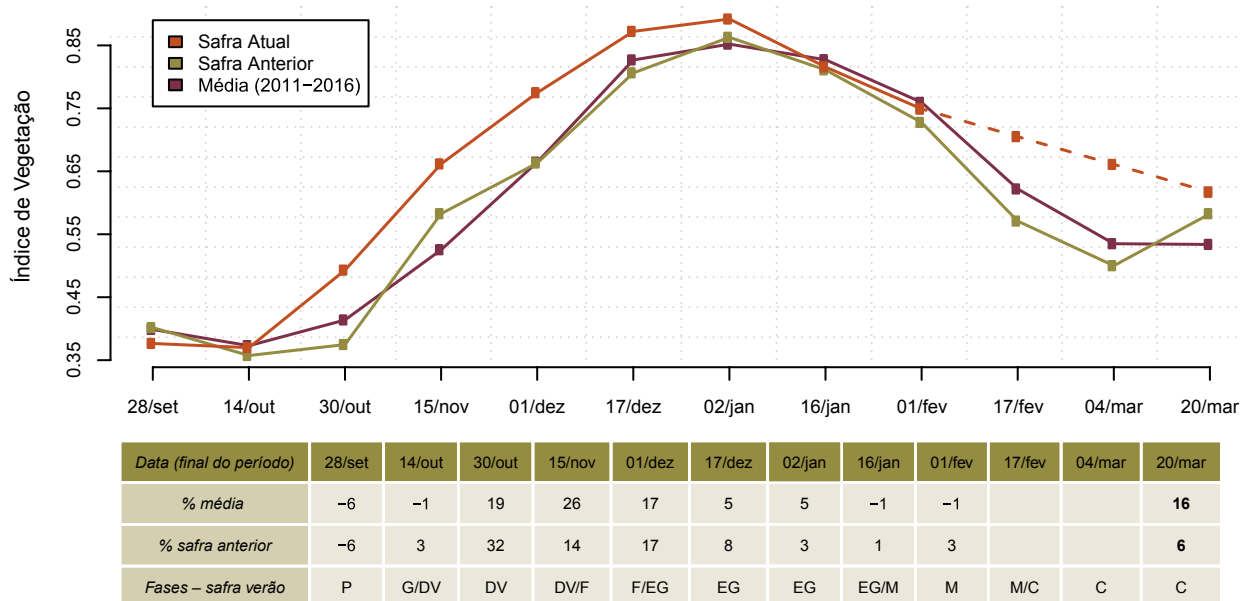
Tabela 17 – Cálculos ponderados do IV

Região	% média	% safra anterior
Oeste	16	6
Norte Central	2	2

Fonte: Projeto Glam

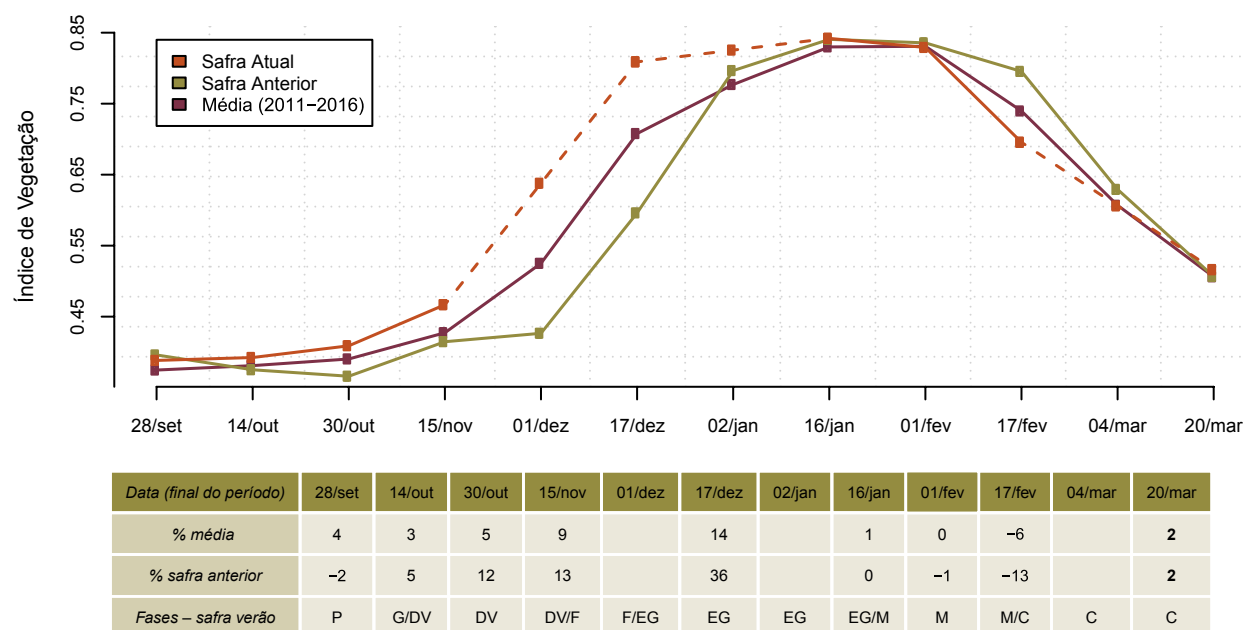


Gráfico 55 - Evolução temporal - Oeste Paranaense



Fonte: Projeto Glam

Gráfico 56 - Evolução temporal - Norte Central Paranaense



Fonte: Projeto Glam

Os gráficos acima mostram, pela forte ascensão da linha vermelha desde outubro, uma possível concentração do plantio das culturas de primeira safra. Já o último ponto da linha vermelha, em 20 de março, mostra condição com maiores respostas do IV no Oeste em relação aos anos-safra anteriores, devido às condições favoráveis dos cultivos de segunda safra, principalmente o milho. No Norte Central a linha vermelha em declínio ainda mostra o final da colheita da

soja e do milho primeira safra. Nessa região, o milho segunda safra, em plantio e desenvolvimento, ainda não possui uma cobertura de área suficiente para refletir no crescimento do Índice ponderado de todas as áreas agrícolas. Além disso, a falta de chuvas em partes da região também influenciou negativamente o crescimento do IV. Mesmo assim, na média, a safra atual apresenta padrão semelhante às safras anteriores.

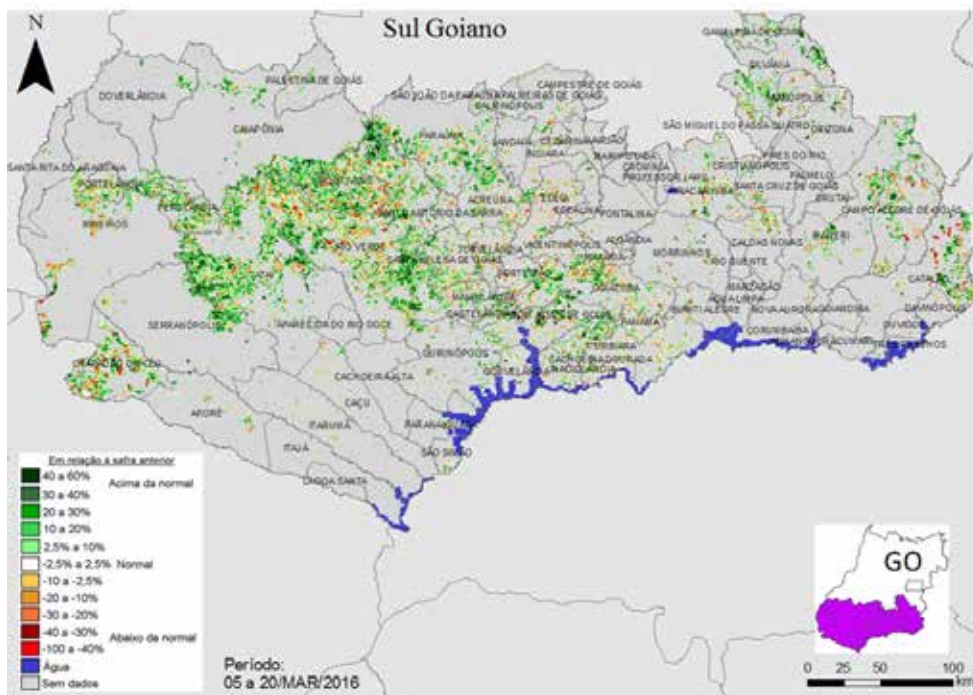


7.5.4. GOIÁS

O estado planta mais de 5,2 milhões de ha de grãos. Só com soja, milho primeira, algodão e feijão o Sul Goiano planta quase 2,8 milhões de ha, que representam mais de 50% da área de grãos plantada no estado. Com mi-

lho segunda safra são mais de 870 mil hectares representando mais de 77% da cultura no estado. Pela alta representatividade, o monitoramento é realizado somente para esta região.

Figura 11 - Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada.



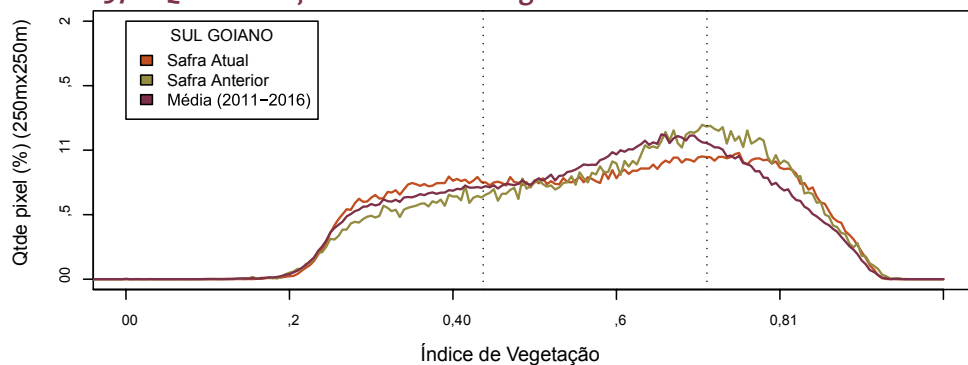
Fonte: Projeto Glam

As áreas em cor verde no mapa mostram onde as atuais lavouras respondem com IV superior ao ano passado. Isso se deve principalmente a uma boa cobertura foliar do milho segunda safra já em desenvolvimento vegetativo e com altas respostas de IV. Áreas de ano-

malia negativa, mostradas em outras cores, são lavouras em condições opostas: lavouras com IV inferior à safra passada, possivelmente, devido a áreas de soja colhidas que não receberão plantio do milho segunda safra ou onde o plantio ocorreu mais tarde.



Gráfico 57 - Quantificação de áreas - Sul goiano



Valores de I.V.	0 - 0,4369	0,4369 - 0,7107	0,7107 - 1
Safra Atual	27,01 %	44,56 %	28,43 %
Safra Anterior	21,97 %	47,48 %	30,55 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	2,01 %	-5,44 %	3,43 %

Fonte: Projeto Glam

A tabela no gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem 73% de suas lavouras com médias e altas respostas de IV contra 78% no mesmo período do ano passado. Essa diferença, nessas faixas de valores (médias e altas respostas do IV), pode estar ocorrendo em função dos calendários de plantio de cada safra. Na safra passada, em função das estiagens que prejudicaram o desenvolvimento e anteciparam o ciclo da soja, o plantio do milho segunda safra pode

ter ocorrido mais cedo. Por isso, nesse período, na safra anterior havia uma maior quantidade de lavouras em fases mais adiantadas de desenvolvimento e, consequentemente, com maiores IVs.

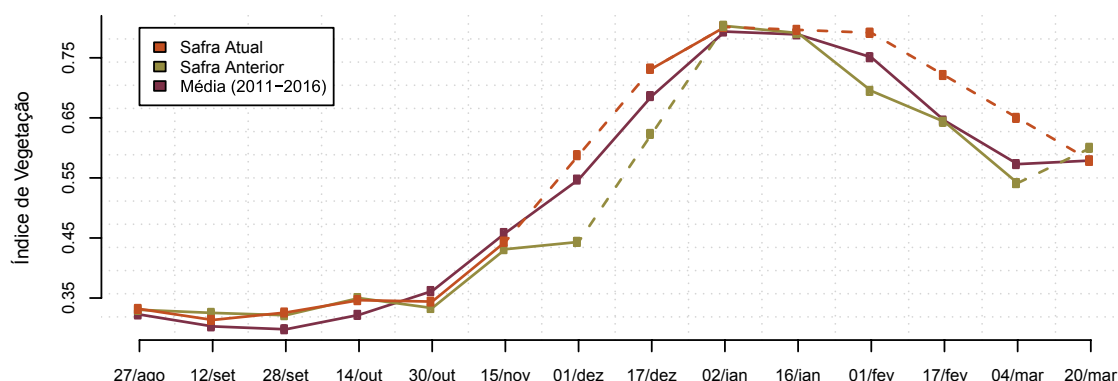
Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: equivalência em relação à média dos 6 últimos anos e 3% abaixo da safra passada.

Tabela 18 – Cálculos ponderados do IV

Região	% média	% safra anterior
Sul goiano	0	-3

Fonte: Projeto Glam

Gráfico 58 - Evolução temporal - Sul goiano



Data (final do período)	27/ago	12/set	28/set	14/out	30/out	15/nov	01/dez	17/dez	02/jan	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar
% média	3	4	9	8	-5	-3		7	1		5			0
% safra anterior	0	-4	1	-1	3	3			0		14			
Fases - safra verão				P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C



No gráfico acima, o traçado da linha bege mostra oscilações das condições das lavouras da safra passada. O excesso de cobertura de nuvens inviabilizou a obtenção de dados para traçar as linhas vermelha e bege nos trechos pontilhados. O trecho da linha vermelha até 1 de fevereiro, com altos valores de IV, mostra o

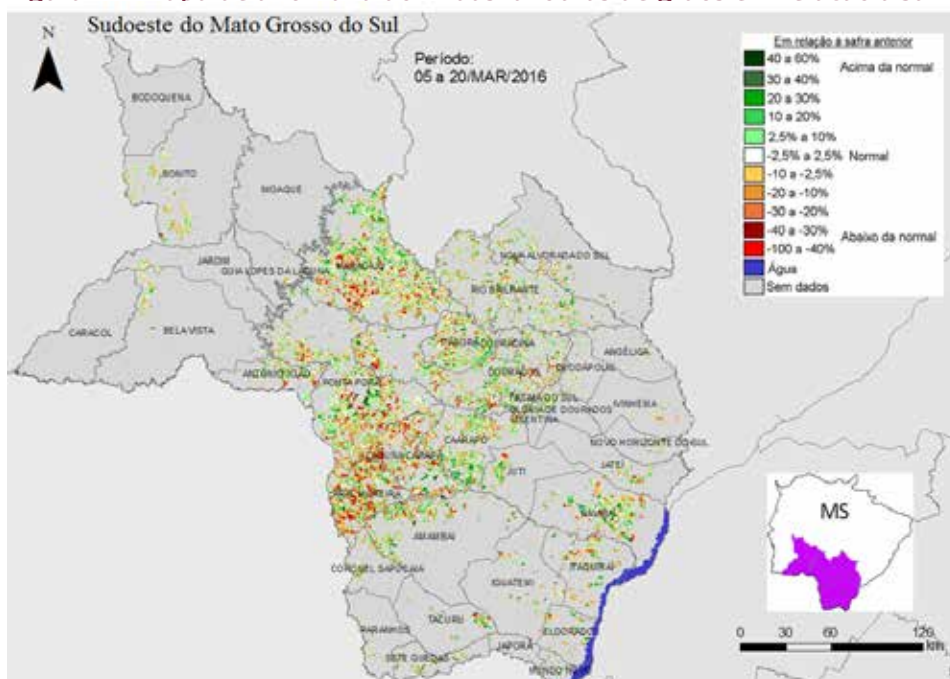
período em que ainda haviam lavouras da atual safra em fases reprodutivas, em boas condições de desenvolvimento. A posição do último ponto, em 20 de março, com baixos valores de IV mostra maturação e colheita da primeira safra, amortizada pelo plantio e desenvolvimento do milho segunda safra.

7.5.5. MATO GROSSO DO SUL

O estado planta mais de 4,1 milhões de hectares de grãos. Só com soja, milho primeira, algodão e feijão o Sudoeste do Mato Grosso do Sul planta quase 1,6 milhão de ha, que representa 39% da área de grãos

plantada no estado. Com milho segunda safra são quase 1,2 milhão de hectares representando mais de 72% da área do estado nesta cultura. Pela alta representatividade, o monitoramento é realizado somente para esta região.

Figura 12 - Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada.



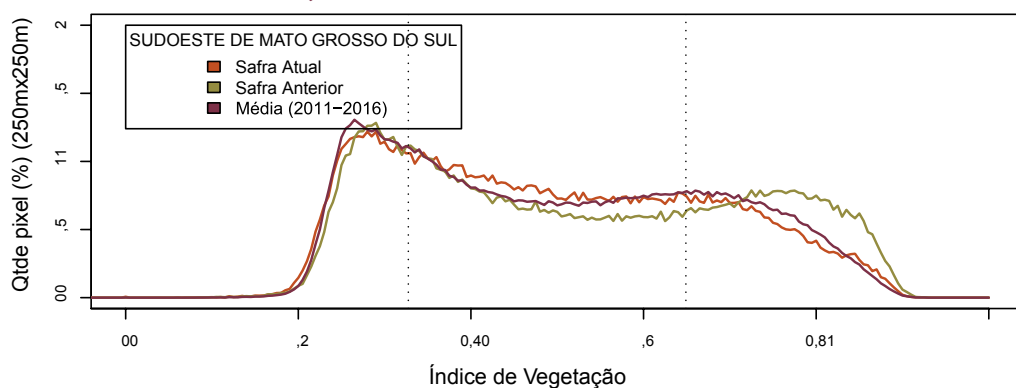
Fonte: Projeto Glam

O predomínio das áreas em amarelo e marrom no mapa mostra que, em média, as atuais lavouras respondem com IV inferior ao ano passado. Esta condição decorre do atraso no plantio do milho segunda safra, em grande parte da região. Esse atraso ocorreu

devido ao excesso de chuvas em fevereiro, que prejudicou a colheita da soja e atrapalhou o plantio do milho segunda safra. Em verde podem ser áreas onde os cultivos de safra safra foram plantados mais cedo, estando no momento com boa cobertura foliar e fotossíntese mais intensa que no ano passado.



Gráfico 59 - Quantificação de áreas - Sudoeste do Mato Grosso do Sul



Valores de I.V.	0 – 0,3275	0,3275 – 0,649	0,649 – 1
Safra Atual	24,58 %	52,39 %	23,03 %
Safra Anterior	23,26 %	45,3 %	31,44 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-0,42 %	2,39 %	-1,97 %

Fonte: Projeto Glam

A tabela do gráfico mostra que a safra atual tem 75% de suas lavouras com médios e altos valores de IV contra 77% no mesmo período do ano passado. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de

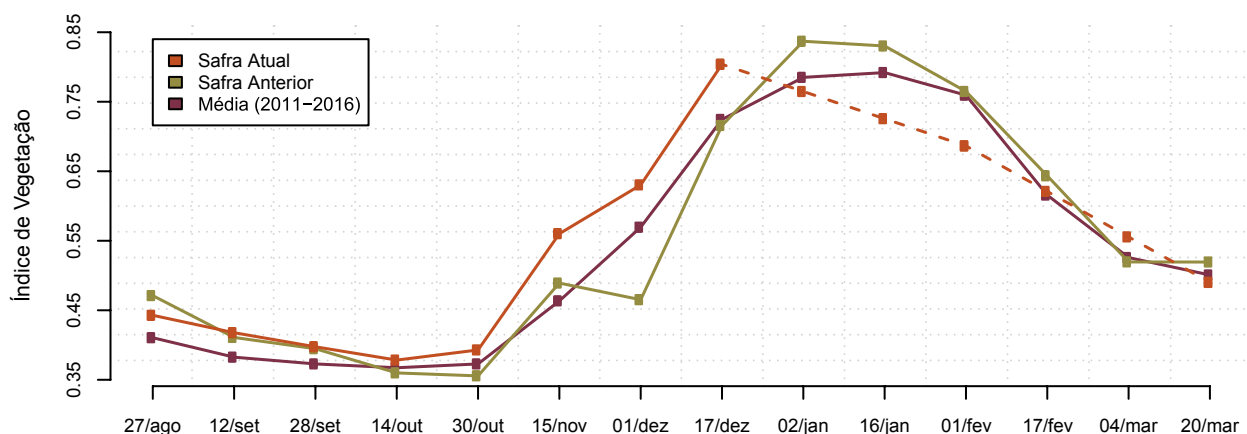
valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 2% abaixo da média dos 6 últimos anos e 6% abaixo da safra passada, em função, principalmente, do atraso no plantio do milho segunda safra.

Tabela 19 – Cálculos ponderados do IV

Região	% média	% safra anterior
Sudoeste MS	-2	-6

Fonte: Projeto Glam

Gráfico 60 - Evolução temporal - Sudoeste do Mato Grosso do Sul



Data (final do período)	27/ago	12/set	28/set	14/out	30/out	15/nov	01/dez	17/dez	02/jan	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar
% média	8	9	7	3	5	21	11	11			-10			-2
% safra anterior	-6	2	1	5	10	15	35	12			-10			-6
Fases – safra verão			P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	

Fonte: Projeto Glam



O excesso de cobertura de nuvens dificultou a obtenção de dados em vários períodos da safra atual, conforme mostram os segmentos tracejados da linha vermelha. Os trechos dessa linha em declínio partir do final de fevereiro representam a maturação e a colhei-

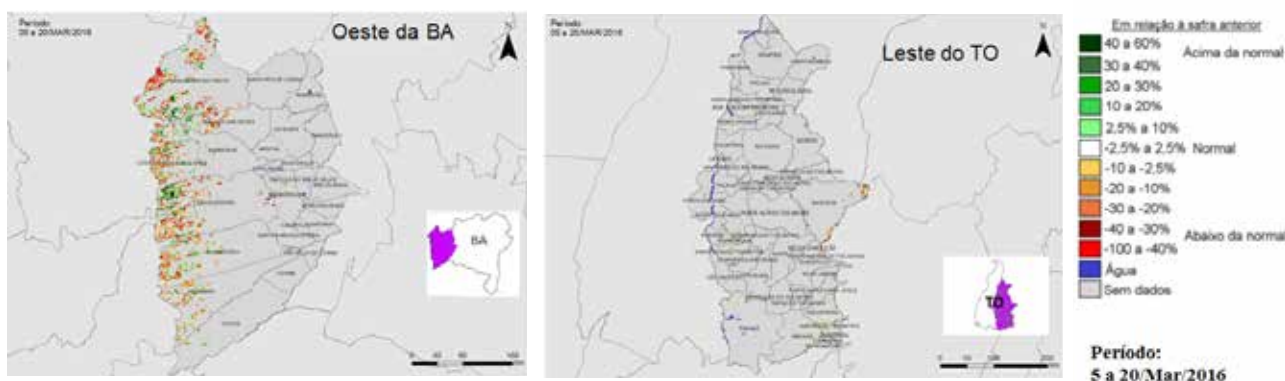
ta das culturas de primeira safra. Já o valor do IV da safra atual um pouco abaixo dos anos anteriores em 20/mar representa os atrasos dos cultivos de segunda safra em grande parte da região monitorada.

7.5.6. MATOPIBA

Os quatro estados que compõem a região do Matopiba plantam juntos mais de 7,3 milhões de hectares de grãos. São monitoradas as mesorregiões Oeste

da Bahia e Leste do Tocantins, por serem expressivas na produção agrícola do Norte/Nordeste e, portanto, bem representativas da safra de grãos.

Figura 13 - Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada.



Os mapas acima mostram predomínio de áreas em amarelo, marrom e vermelho. São lavouras com anomalia negativa da safra atual em relação ao ano passado. Apesar do atraso no plantio, que resultaria no período do monitoramento em um percentual maior de lavouras com altos valores de IV em relação ao ano passado, as condições climáticas desfavoráveis em fevereiro (estiagens e altas temperaturas) prejudicaram as lavouras e provocaram anomalias negativas

no período em que boa parte estava em enchimento de grãos. Apesar das chuvas terem sido mais regulares no mês de março, elas mantiveram-se abaixo da média e não ocorreram a tempo de reverter a maior parte dos danos causados no mês anterior. Em verde são, provavelmente, lavouras menos penalizadas e/ou onde pode ter havido alguma recuperação, além dos cultivos irrigados.

Gráfico 61 - Quantificação de área - Leste do Tocantins

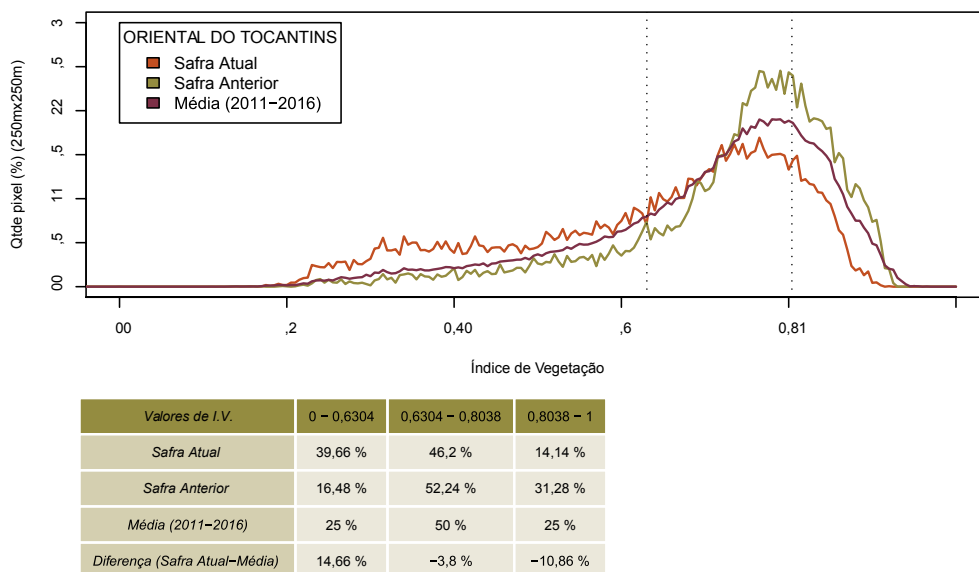
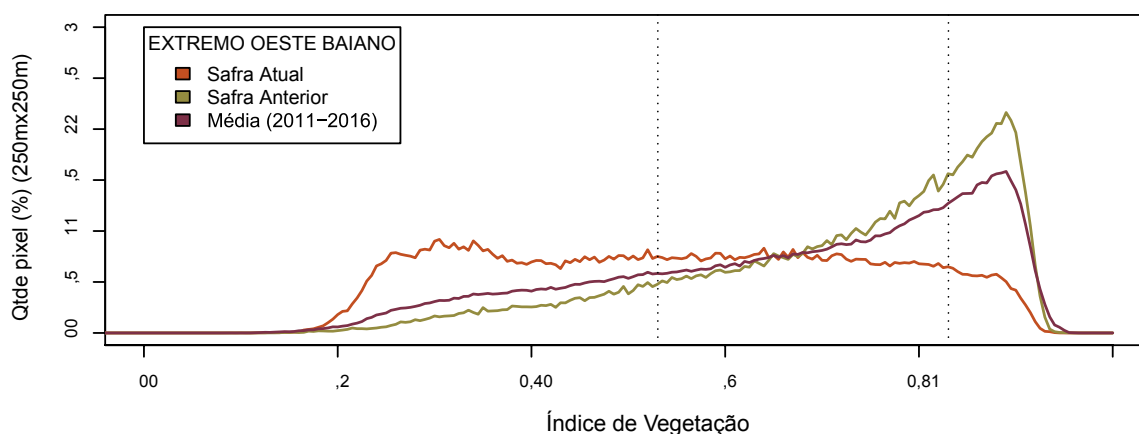


Gráfico 62 - Quantificação de área - oeste baiano



Valores de I.V.	0 - 0,5304	0,5304 - 0,8304	0,8304 - 1
Safral Atual	47,81 %	43,58 %	8,61 %
Safral Anterior	15,62 %	52,96 %	31,42 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safral Atual-Média)	22,81 %	-6,42 %	-16,39 %

Fonte: Projeto Glam

Nos gráficos acima a linha vermelha mais deslocada para a esquerda em relação às demais registra uma maior quantidade de lavouras da atual safra com baixas respostas de IV em comparação aos outros anos safra. Em termos percentuais de lavouras com médios e altos valores de IV, as tabelas indicam o seguinte: a) Extremo Oeste da Bahia, 52% da presente safra, contra 84% da safra passada; b) Oriental do Tocantins, 60% em 2016 contra 84% em 2015, reflexo da falta de chuvas e das altas temperaturas nas regiões.

Em síntese, os cálculos ponderados, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indicam:

- Extremo Oeste da Bahia, 18% abaixo da média dos 6 últimos anos e 24% abaixo da safra passada.
- Oriental do Tocantins, 9% abaixo da média dos 6 últimos anos e 13% abaixo da safra passada;

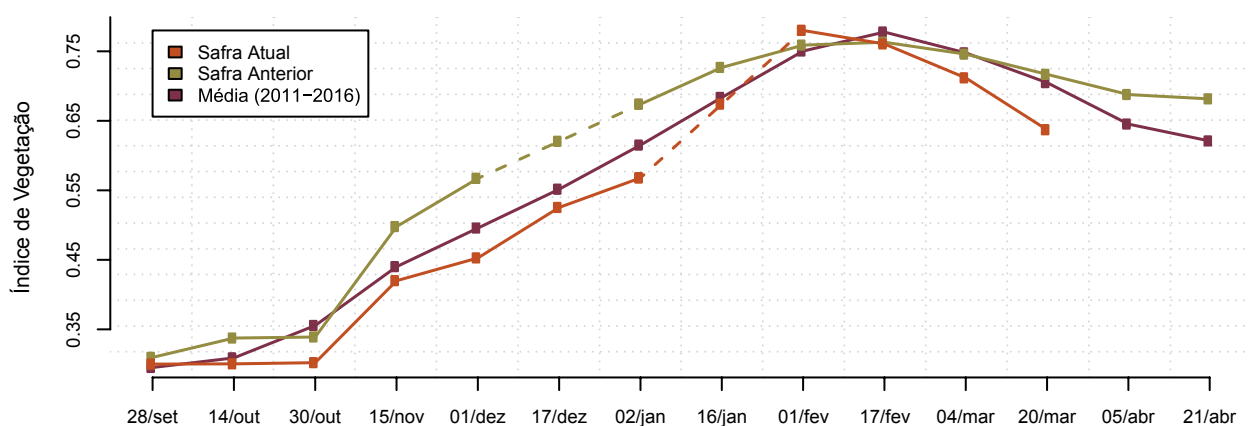
Tabela 20 – Cálculos ponderados do IV.

Região	% média	% safra anterior
Oeste BA	-18	-24
Oriental TO	-9	-13

Fonte: Projeto Glam



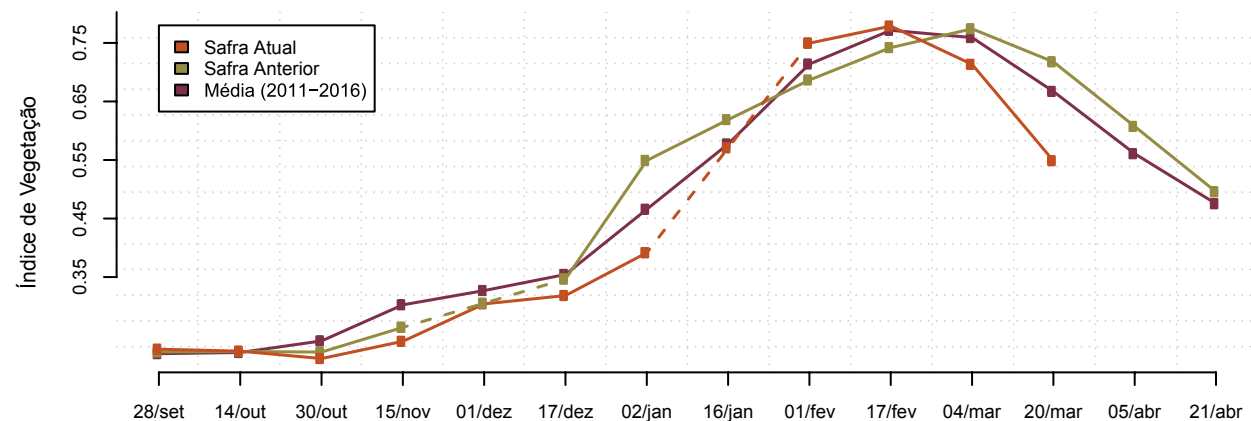
Gráfico 63 - Evolução temporal - Leste do Tocantins



Data (final do período)	28/set	14/out	30/out	15/nov	01/dez	17/dez	02/jan	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar	05/abr	21/abr
% média	2	-3	-15	-5	-9	-5	-8		4	-2	-5	-10		
% safra anterior	-3	-11	-11	-16	-20		-16		3	0	-5	-11		
Fases – safra verão				P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C

Fonte: Projeto Glam

Gráfico 64 - Evolução temporal - oeste baiano



Data (final do período)	28/set	14/out	30/out	15/nov	01/dez	17/dez	02/jan	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar	05/abr	21/abr
% média	4	1	-13	-21	-7	-10	-16		5	1	-6	-18		
% safra anterior	2	0	-5	-9		-8	-29		9	5	-8	-24		
Fases – safra verão				P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C

Fonte: Projeto Glam

Nos gráficos acima, os traçados das linhas vermelhas, abaixo das demais desde meados de outubro até o início de janeiro, indicam atraso no plantio e penalização dos cultivos pelas condições climáticas desfavoráveis. No entanto, nos dois estados ocorreram uma breve recuperação em janeiro, que, a partir de meados de feve-

reiro, em função das altas temperaturas e das estiagens, não continuou, pois o IV voltou a cair. Além das consequências da estiagem e das altas temperaturas, os últimos trechos em declínio (20 de março) indicam o início da maturação e colheita.





8. ANÁLISE DAS CULTURAS

8.1 CULTURAS DE VERÃO

8.1.1. ALGODÃO

O sétimo levantamento aponta para a redução na área plantada de 1,1% na temporada 2015/16, atingindo 965,7 mil hectares, comparada com 976,2 mil hectares do exercício anterior.

Em Mato Grosso o algodão registrará forte incremento na área plantada neste ano, atingindo 6,1% em relação à temporada passada e 2,7% em comparação ao último levantamento, devido à grande área destinada ao algodão plantado na segunda safra, principalmente na região oeste de Mato Grosso, que contempla os municípios de Campo Novo dos Parecis e Sapezal. O plantio da primeira e segunda safras de algodão já foi finalizado no estado. No momento a cultura apresenta-se no estágio vegetativo e com os índices pluviométricos dentro do esperado, as lavouras têm apresentado um bom desenvolvimento criando a expectativa de que a produtividade será tão boa quanto à registrada na safra passada, tanto para o algodão de ciclo longo (primeira safra) quanto para o da segunda.

Em todos os municípios goianos foram encerrados os plantios da primeira e segunda safras. O clima tem contribuído com boas chuvas alternadas com dias de sol, o que tem favorecido o desenvolvimento da cultura. As primeiras flores estão saindo neste mês de março. Adubações de cobertura e as primeiras aplicações já estão sendo realizadas

Em Mato Grosso do Sul haverá redução na área plantada com a cultura, estimando-se um plantio de 29,5 mil hectares e uma redução de 5,1% quando comparado com a safra anterior. Os produtores tradicionais que cultivam algodão em sucessão à soja tiveram problemas, pois mesmo sendo usadas cultivares de soja precoces, a janela de plantio ficou curta, uma vez que o prazo para se semear o algodão encerrou-se em 31 de janeiro, em função do vazio sanitário. Como na região norte do estado a colheita da soja somente foi iniciada a partir do final de janeiro, a implantação da cultura do algodão em sucessão à soja foi parcialmente inviabilizada, de forma que o plantio do algodão safra e safrinha ocorreram de forma subsequente, não havendo, portanto, a necessidade da distinção nesta safra.

A região norte do estado, compreendida pelos municípios de Chapadão do Sul, Costa Rica e Alcinoópolis, estava no período de vazio sanitário entre 15 de setembro e 30 de novembro, ou seja, mesmo que houvesse precipitação favorável e manejo do solo adequado, não foi possível o plantio em decorrência de questões legais e de manejo. Na região centro sul do estado, nos municípios de Aral Moreira e Sidrolândia, a cultura já se encontra no processo de frutificação e maturação, uma vez que o plantio ocorreu mais cedo em comparação ao norte do estado em decorrência de o vazio sanitário terminar antes, e também porque as precipitações se estabilizaram em meados de outubro e novembro. No norte do estado, onde há a maior área cultivada, a cultura está em processo de floração e maturação, com aproximadamente 100 dias de idade.

Como o algodão é uma cultura que não se desenvolve bem em períodos de alta nebulosidade e chuvosos (o que ocorreu na região em janeiro), as plantas ficaram comprometidas, porém como o ciclo da cultura é longo, espera-se que haja recuperação sem maiores problemas de quebras de produtividade. A partir do final de fevereiro, houve dias sem chuvas no norte do estado, os produtores aproveitaram para entrar com o maquinário na lavoura, fazendo as aplicações necessárias para o controle das pragas iniciais, tais como percevejos, pulgões, bicudo e lagartas.

Na Região Sudeste a área de cultivo de algodão deverá apresentar forte incremento de 7,7% na sua área plan-

tada. Em Minas Gerais, principal produtor regional, estima-se crescimento de 4,3% na área de algodão, somando-se os plantios da safra de verão e da safrinha nas diversas regiões produtoras - Noroeste, Alto Paranaíba, Triângulo Mineiro e Norte de Minas. Predomina o plantio em áreas de agricultura empresarial, mas no Norte de Minas a cotonicultura ainda é explorada, também, por agricultores familiares. O plantio foi iniciado em dezembro, mas a maior concentração ocorreu em fevereiro. As lavouras encontram-se predominantemente nas fases de frutificação (84%) e floração (16%). Se confirmada a expectativa de que a produtividade se mantenha em torno de uma média de 3.724 kg/ha, a produção poderá atingir 29,2 mil toneladas de algodão em pluma, representando um crescimento de 7,7% relativamente à safra anterior.

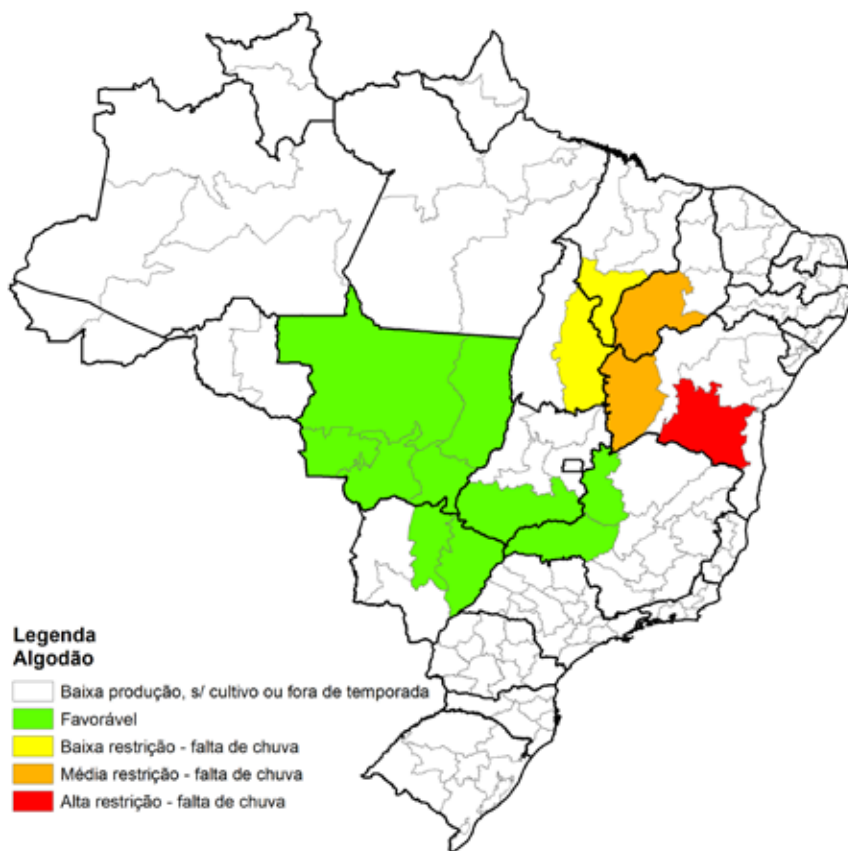
A Região Nordeste, segunda maior produtora do país, será a responsável pela maior redução percentual na área plantada com algodão para a temporada 2015/16 – 12,6%. Na Bahia, segundo maior produtor nacional, estima-se que serão cultivados cerca de 246,2 mil hectares, representando redução de 12,4% em relação à temporada passada.

Os plantios já foram encerrados e estima-se que cerca de 20.000 hectares serão cultivados em sucessão à soja irrigada, sob o pivô central. O veranico de fevereiro influenciou negativamente o crescimento vegetativo dos algodoeiros. Por ter ciclo tardio, acredita-se que haverá recuperação das plantas, evitando assim, grandes perdas. As plantas já iniciaram o ciclo reprodutivo, e já é possível encontrar plantas com flores e maçãs. Até o momento não foi identificada forte incidência de pragas e doenças.

No Maranhão a área plantada com algodão situa-se no entorno dos municípios de Balsas, Alto Parnaíba e Tasso Fragoso, localizados no sul do estado. A estimativa nesta temporada corresponde a 25,2 mil hectares, representando incremento de 17,8% em relação à safra passada. Houve atraso no plantio devido ao forte veranico ocorrido entre dezembro e a primeira quinzena de janeiro de 2016, e o excesso de chuvas observado neste período não parecem suficientes para retardar o desenvolvimento da cultura que se encontra em sua totalidade no estágio de desenvolvimento vegetativo.



Figura 14 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/2016.



Fonte: Conab.

Quadro 1 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Algodão	<ul style="list-style-type: none"> - todo estado do MT (1ª safra) (F/FR) - todo estado do MT (2ª safra) (F)- centro -norte e leste do MS (F/FR) - sul de GO (1ª safra) (F/FR) - sul de GO (2ª safra) (F) - Triângulo e noroeste de MG (FR) 			<ul style="list-style-type: none"> - leste do TO (F) - sul do MA (F) - sudoeste do PI (F) - oeste e centro-sul da BA (F)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



Figura 15 - Mapa da produção agrícola - Algodão

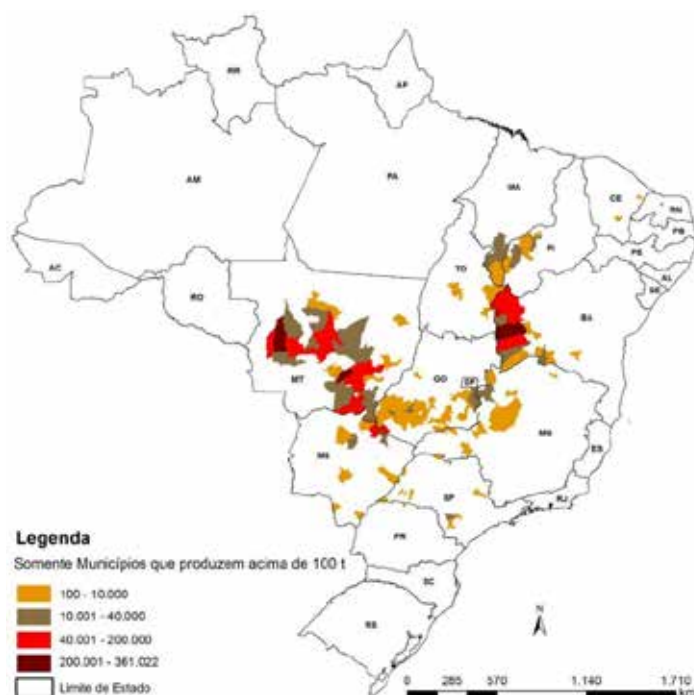


Tabela 21 - Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	Lim Inf (f)	(f/e)
NORTE	7,7	7,0	(9,1)	3.830	4.099	7,0	29,5	28,7	(2,7)
TO	7,7	7,0	(9,4)	3.830	4.099	7,0	29,5	28,7	(2,7)
NORDESTE	317,8	277,9	(12,6)	3.851	3.525	(8,4)	1.223,7	979,8	(19,9)
MA	21,4	25,2	17,8	3.984	3.699	(7,2)	85,3	93,2	9,3
PI	14,2	5,5	(61,5)	3.536	3.144	(11,1)	50,2	17,3	(65,5)
CE	0,4	0,4	-	306	632	106,5	0,1	0,3	200,0
RN	0,3	0,2	(33,3)	4.500	4.000	(11,1)	1,4	0,8	(42,9)
PB	0,2	0,2	-	1.210	1.074	(11,2)	0,2	0,2	-
PE	0,1	0,1	-	512	512	-	0,1	0,1	-
AL	0,1	0,1	-	490	495	1,0	-	-	-
BA	281,1	246,2	(12,4)	3.836	3.525	(8,1)	1.086,4	867,9	(20,1)
CENTRO-OESTE	627,6	656,0	4,5	4.106	3.974	(3,2)	2.576,8	2.607,1	1,2
MT	562,7	597,0	6,1	4.095	3.945	(3,7)	2.304,3	2.355,2	2,2
MS	31,1	29,5	(5,1)	4.500	4.470	(0,7)	140,0	131,9	(5,8)
GO	33,8	29,5	(12,7)	3.919	4.069	3,8	132,5	120,0	(9,4)
SUDESTE	22,2	23,9	7,7	3.574	3.694	3,3	79,4	88,3	11,2
MG	18,8	19,6	4,3	3.600	3.724	3,4	67,7	73,0	7,8
SP	3,4	4,3	27,8	3.432	3.557	3,6	11,7	15,3	30,8
SUL	0,9	0,9	-	2.179	2.179	-	2,0	2,0	-
PR	0,9	0,9	-	2.179	2.179	-	2,0	2,0	-
NORTE/NORDESTE	325,5	284,9	(12,5)	3.850	3.540	(8,1)	1.253,2	1.008,5	(19,5)
CENTRO-SUL	650,7	680,8	4,6	4.085	3.962	(3,0)	2.658,2	2.697,4	1,5
BRASIL	976,2	965,7	(1,1)	4.007	3.837	(4,2)	3.911,4	3.705,9	(5,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2016



Tabela 22- Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	Lim Inf (f)	(f/e)
NORTE	7,7	7,0	(9,1)	1.532	1.643	7,2	11,8	11,5	(2,5)
TO	7,7	7,0	(9,4)	1.532	1.640	7,0	11,8	11,5	(2,5)
NORDESTE	317,8	277,9	(12,6)	1.540	1.410	(8,4)	489,4	391,8	(19,9)
MA	21,4	25,2	17,8	1.594	1.480	(7,2)	34,1	37,3	9,4
PI	14,2	5,5	(61,5)	1.414	1.258	(11,0)	20,1	6,9	(65,7)
CE	0,4	0,4	-	107	221	106,5	-	0,1	-
RN	0,3	0,2	(33,3)	1.710	1.520	(11,1)	0,5	0,3	(40,0)
PB	0,2	0,2	-	424	376	(11,3)	0,1	0,1	-
PE	0,1	0,1	-	179	179	-	-	-	-
AL	0,1	0,1	-	172	173	0,6	-	-	-
BA	281,1	246,2	(12,4)	1.546	1.410	(8,8)	434,6	347,1	(20,1)
CENTRO-OESTE	627,6	656,0	4,5	1.640	1.588	(3,2)	1.029,2	1.041,5	1,2
MT	562,7	597,0	6,1	1.638	1.578	(3,7)	921,7	942,1	2,2
MS	31,1	29,5	(5,1)	1.778	1.766	(0,7)	55,3	52,1	(5,8)
GO	33,8	29,5	(12,7)	1.544	1.603	3,8	52,2	47,3	(9,4)
SUDESTE	22,2	23,9	7,7	1.428	1.473	3,2	31,7	35,2	11,0
MG	18,8	19,6	4,3	1.440	1.490	3,5	27,1	29,2	7,7
SP	3,4	4,3	27,8	1.356	1.405	3,6	4,6	6,0	30,4
SUL	0,9	0,9	-	778	778	-	0,7	0,7	-
PR	0,9	0,9	-	828	828	-	0,7	0,7	-
NORTE/NORDESTE	325,5	284,9	(12,5)	1.540	1.416	(8,1)	501,2	403,3	(19,5)
CENTRO-SUL	650,7	680,8	4,6	1.631	1.583	(2,9)	1.061,6	1.077,4	1,5
BRASIL	976,2	965,7	(1,1)	1.601	1.533	(4,2)	1.562,8	1.480,7	(5,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2016

Tabela23 - Comparativo de área, produtividade e produção - Caroto de algodão



















































































































REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	Lim Inf (f)	(f/e)
NORTE	7,7	7,0	(9,1)	2.298	2.459	7,0	17,7	17,2	(2,8)
TO	7,7	7,0	(9,4)	2.298	2.459	7,0	17,7	17,2	(2,8)
NORDESTE	317,8	277,9	(12,6)	2.311	2.115	(8,4)	734,3	587,8	(20,0)
MA	21,4	25,2	17,8	2.390	2.219	(7,2)	51,2	55,9	9,2
PI	14,2	5,5	(61,5)	2.122	1.886	(11,1)	30,1	10,4	(65,4)
CE	0,4	0,4	-	199	411	106,5	0,1	0,2	100,0
RN	0,3	0,2	(33,3)	2.790	2.480	(11,1)	0,9	0,5	(44,4)
PB	0,2	0,2	-	787	698	(11,3)	0,1	0,1	-
PE	0,1	0,1	-	333	333	-	0,1	-	(100,0)
AL	0,1	0,1	-	319	322	0,9	-	-	-
BA	281,1	246,2	(12,4)	2.319	2.115	(8,8)	651,8	520,7	(20,1)
CENTRO-OESTE	627,6	656,0	4,5	2.466	2.387	(3,2)	1.547,6	1.565,6	1,2
MT	562,7	597,0	6,1	2.457	2.367	(3,7)	1.382,6	1.413,1	2,2
MS	31,1	29,5	(5,1)	2.723	2.704	(0,7)	84,7	79,8	(5,8)
GO	33,8	29,5	(12,7)	2.375	2.466	3,8	80,3	72,7	(9,5)
SUDESTE	22,2	23,9	7,7	2.147	2.220	3,4	47,7	53,1	11,3
MG	18,8	19,6	4,3	2.160	2.234	3,4	40,6	43,8	7,9
SP	3,4	4,3	27,8	2.076	2.152	3,7	7,1	9,3	31,0
SUL	0,9	0,9	-	1.351	1.351	-	1,3	1,2	(7,7)
PR	0,9	0,9	-	1.351	1.351	-	1,3	1,2	(7,7)
NORTE/NORDESTE	325,5	284,9	(12,5)	2.310	2.124	(8,1)	752,0	605,0	(19,5)
CENTRO-SUL	650,7	680,8	4,6	2.453	2.379	(3,0)	1.596,6	1.619,9	1,5
BRASIL	976,2	965,7	(1,1)	2.406	2.304	(4,2)	2.348,6	2.224,9	(5,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2016



Quadro 2 - Calendário de plantio e colheita - Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
AL												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

8.1.1.1. OFERTA E DEMANDA

Panorama mundial

De acordo com o Comitê Consultivo Internacional do Algodão (Icac) significantes mudanças ocorreram no quadro de oferta e demanda relativamente ao ano safra 2015/16. Dentre os últimos ajustes realizados pelo órgão consultivo, chama atenção a redução dos números, em comparação ao informe da última semana de março, da produção indiana em 105 mil toneladas, cabe lembrar que a Índia é o maior produtor mundial de algodão. Por outro lado, o número da exportação indiana foi reduzido em 112 mil toneladas.

Assim, os dados publicados em 29 de março de 2016, pela referida entidade, convergem para um volume de produção mundial na safra 2015/16 de 22.030 mil toneladas, caracterizando-se como a menor safra dos últimos seis anos. Em valores absolutos, a retração é de 4,08 milhões de toneladas de pluma. Assim, é impe-

rioso destacar que, apesar da retração dos números, o maior produtor mundial de algodão deverá permanecer a Índia, com 5,88 milhões de toneladas, seguido da China com 5,17 milhões de toneladas e EUA com 2,82 milhões de toneladas.

Cabe aqui lembrar que a produção mundial total estimada, para a safra 2015/16, será inferior ao consumo total, avaliado em 23,80 milhões de toneladas, pela primeira vez desde a safra 2009/10, todavia esse montante é inferior em 2,2% ao consumo da safra 2014/15 que foi de 24,3 milhões de toneladas. Assim, o título de maior consumidor mundial de algodão continua com a China. Estima-se que aquele país irá consumir de 7.110 mil toneladas de pluma da safra 2015/16, seguido da Índia com 5.260 mil toneladas e Paquistão com 2.190 mil toneladas.



É importante enfatizar que o menor volume de produção contribuirá para redução de 7,99% nos estoques mundiais de passagem no ano safra 2015/16, projetado em 20.330 mil toneladas, contra 22.095 mil toneladas em 2014/15. Dessa maneira, a relação estoque

versus consumo em 2015/16, no período, passa a ser de 85,42%, contra 90,78% na safra 2014/15. Contudo, é necessário ressaltar que cerca de 58,78% dos estoques mundiais no biênio 2015/16 estarão concentrados apenas na China, contra 59,12% da safra anterior.

Panorama nacional

O sétimo levantamento em março de 2016 não apresentou significativas mudanças em relação ao relatório divulgado no mês anterior. Dessa maneira, é estimada uma produção em 2015/16 de 1.480,7 mil toneladas e indica queda de 5,3% em relação ao montante produzido na safra 2014/15, ou seja, de 1.562,8 mil toneladas.

A justificativa para esse movimento de queda na produção reflete a grande valorização do dólar frente ao real em 2015 e início de 2016. Apesar da moeda estadunidense apreciada permitir que o excedente da produção de pluma não consumida pela Indústria doméstica seja exportado a preços mais remuneradores, eleva com intensidade o custo dos insumos importados, que representam aproximadamente 55% do custo total. Dessa maneira, o saldo dessa operação traz pouco ou nenhum incremento na remuneração do cotonicultor. Além disso, a redução da atividade econômica brasileira é refletida diretamente nos investimentos da indústria têxtil que segue reduzindo seu consumo, ora estimado em 800 mil toneladas para a safra 2015/16.

O total das exportações brasileiras de algodão em 2015 foi de 834,3 mil toneladas, ou seja, montante 11,14% superior ao volume exportado em 2014, fato que indica uma maior parcela do comércio internacional de pluma ocupada pelo país. Tal excedente bem que poderia ter sido consumido no mercado interno se não fosse a retração da atividade econômica no Brasil e, por conseguinte, do consumo da indústria têxtil nacional. Em princípio, para 2016, a Conab mantém sua estimativa de embarque de 740 mil toneladas para o mercado externo; redução explicada pela perspectiva de retração da produção interna e menor consumo da pluma em 2016 pela China, Paquistão e Turquia, que são tradicionais compradores do produto brasileiro.

Cabe aqui observar que o grande volume de exportações observado entre janeiro e março de 2016 e a redução da produção em 2015 e 2016, justificados pela elevação do dólar e custos de produção, reduzirão os estoques finais de algodão em 2016 em 15,56% para 294,7 mil toneladas.

Configuração do quadro de oferta e demanda

Diante do cenário apresentado, a Conab projeta a seguinte configuração para 2016: oferta total do produto (estoque inicial + produção + importação) de 1.834,7 mil toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) de 1.540 mil toneladas. Portanto, a previsão de estoque de passagem para o

encerramento de 2016 passa a ser de 294,7 mil toneladas de pluma, quantidade suficiente para suprir e abastecer a indústria nacional, bem como, também, honrar compromissos de exportação pelo curto período de aproximadamente dois meses e meio.

Tabela 24 - Algodão - Oferta e demanda





DISCRIMINAÇÃO (mil t.)	2011	2012	2013	2014	2015 (1)	2016 (2)
O F E R T A (1+2+3)	2.180,0	2.418,5	1.798,2	2.070,5	2.003,3	1.834,7
1. Estoque Inicial	76,0	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0
2. Produção	1.959,8	1.893,3	1.310,3	1.734,0	1.562,8	1.480,7
- Centro/Sul	1.262,4	1.343,2	905,1	1.192,0	1.061,6	1.077,4
- Norte/Nordeste	697,4	550,1	405,2	542,0	501,2	403,3
3. Importações	144,2	3,5	17,4	31,5	2,1	5,0
4. D E M A N D A (5+6)	1.658,3	1.948,0	1.493,1	1.632,1	1.654,3	1.540,0
5. Consumo Interno	900,0	895,2	920,2	883,5	820,0	800,0
6. Exportações	758,3	1.052,8	572,9	748,6	834,3	740,0
7. Estoque Final (1-4)	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	294,7
Meses de Uso	3,8	2,9	2,5	3,2	2,5	2,3



8.1.2. AMENDOIM

8.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Quadro 3 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

Tabela 25 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

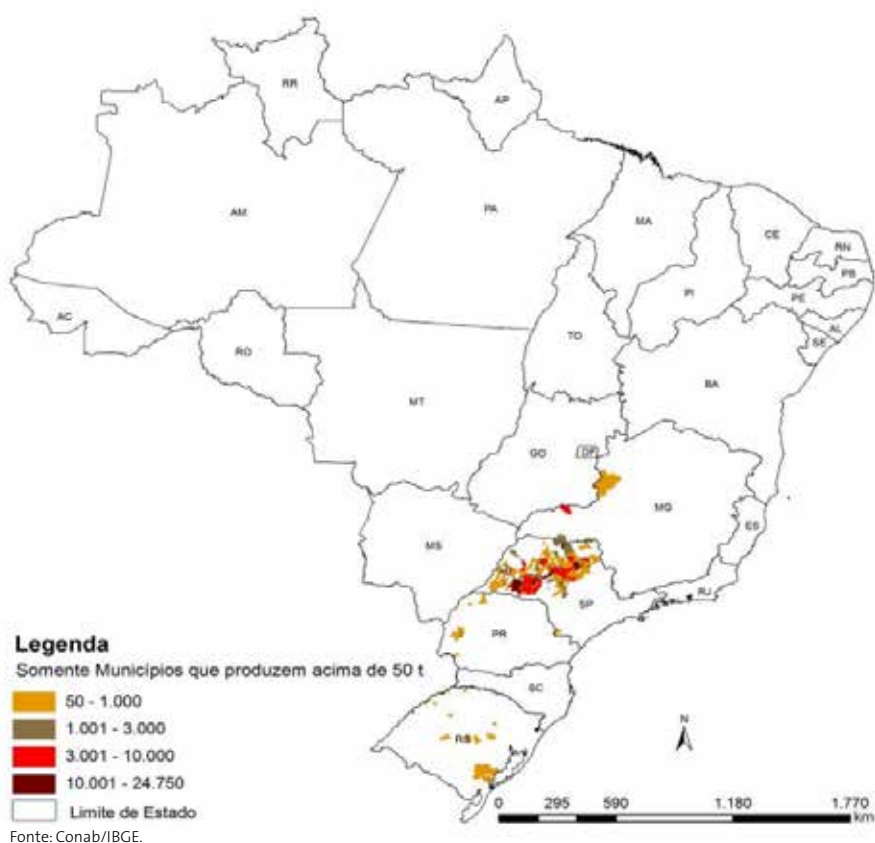
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	92,5	105,8	14,4	3.315	3.571	7,7	306,6	377,8	23,2
MG	2,7	2,0	(25,9)	3.338	3.500	4,9	9,0	7,0	(22,2)
SP	89,8	103,8	15,6	3.314	3.572	7,8	297,6	370,8	24,6
SUL	5,2	4,7	(9,6)	2.429	2.457	1,2	12,7	11,6	(8,7)
PR	2,2	1,7	(22,7)	2.400	2.470	2,9	5,3	4,2	(20,8)
RS	3,0	3,0	(1,6)	2.450	2.450	-	7,4	7,4	-
CENTRO-SUL	97,7	110,5	13,1	3.268	3.523	7,8	319,3	389,4	22,0
BRASIL	97,7	110,5	13,1	3.268	3.523	7,8	319,3	389,4	22,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2016.



Figura 16 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*



8.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Quadro 4 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
TO												
Nordeste												
CE												
PB												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
Sudeste												
SP												

Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.



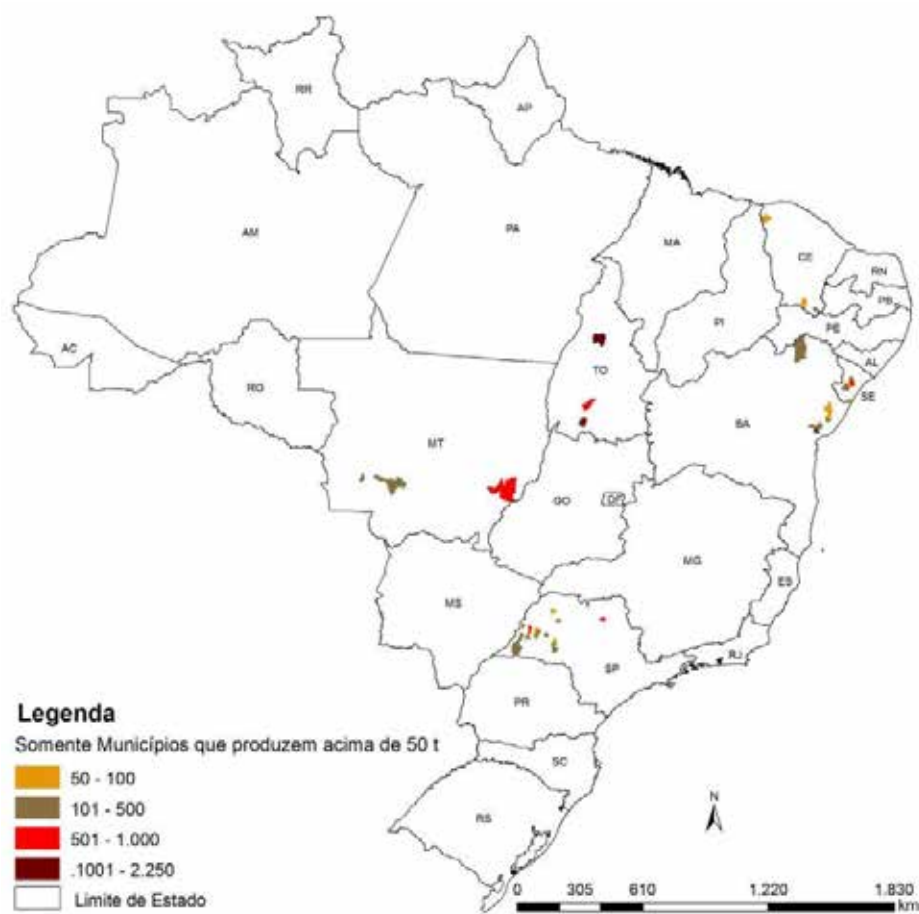
Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2,4	1,4	(41,7)	3.873	3.367	(13,1)	9,3	4,7	(49,5)
TO	2,4	1,4	(42,0)	3.873	3.367	(13,1)	9,3	4,7	(49,5)
NORDESTE	3,3	3,8	15,2	1.156	1.079	(6,6)	3,9	4,1	5,1
CE	0,4	0,4	-	662	663	0,2	0,3	0,3	-
PB	0,3	0,8	166,0	609	1.000	64,2	0,2	0,8	300,0
SE	1,1	1,1	-	1.605	1.393	(13,2)	1,8	1,5	(16,7)
BA	1,5	1,5	-	1.068	1.003	(6,1)	1,6	1,5	(6,3)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
MT	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
SUDESTE	5,3	5,5	3,8	2.615	2.610	(0,2)	13,9	14,4	3,6
SP	5,3	5,5	3,8	2.615	2.610	(0,2)	13,9	14,4	3,6
NORTE/NORDESTE	5,7	5,2	(8,8)	2.012	2.299	14,3	13,2	8,8	(33,3)
CENTRO-SUL	5,5	5,7	3,6	2.587	2.511	(2,9)	14,3	14,8	3,5
BRASIL	11,2	10,9	(2,7)	2.441	2.403	(1,5)	27,5	23,6	(14,2)

Fonte: Conab..

Nota: Estimativa em abril/2016.

Figura 17 - Mapa da produção agrícola - Amendoim - 2a safra

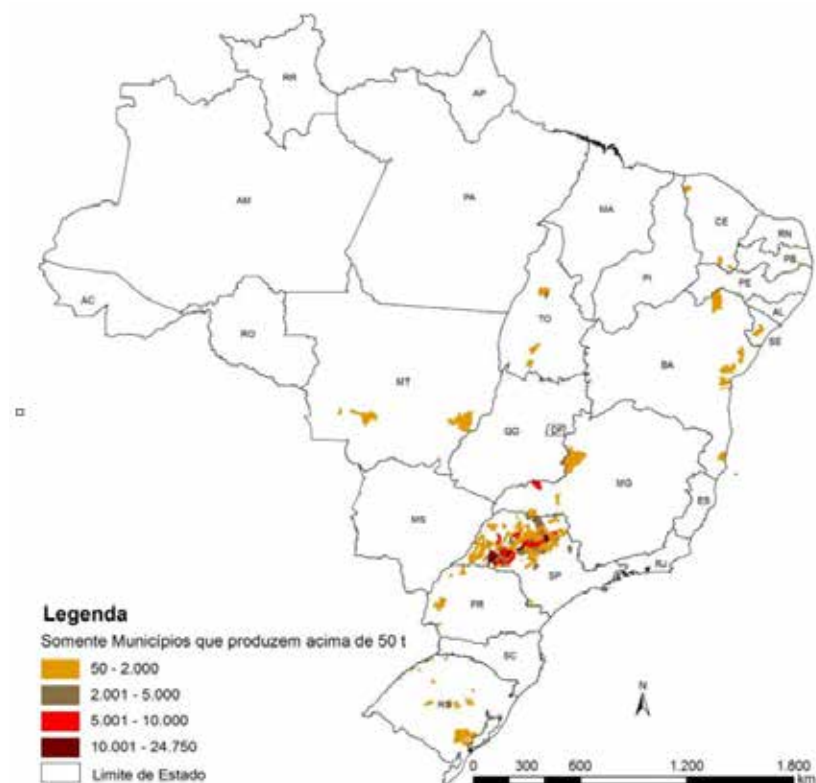


Fonte: Conab/IBGE.



8.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 18 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2,4	1,4	(41,7)	3.873	3.367	(13,1)	9,3	4,7	(49,5)
TO	2,4	1,4	(41,7)	3.873	3.367	(13,1)	9,3	4,7	(49,5)
NORDESTE	3,3	3,8	15,2	1.156	1.079	(6,6)	3,9	4,1	5,1
CE	0,4	0,4	-	662	663	0,2	0,3	0,3	-
PB	0,3	0,8	166,7	609	1.000	64,2	0,2	0,8	300,0
SE	1,1	1,1	-	1.605	1.393	(13,2)	1,8	1,5	(16,7)
BA	1,5	1,5	-	1.068	1.003	(6,1)	1,6	1,5	(6,3)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
MT	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
SUDESTE	97,8	111,3	13,8	3.277	3.523	7,5	320,5	392,2	22,4
MG	2,7	2,0	(25,9)	3.338	3.500	4,9	9,0	7,0	(22,2)
SP	95,1	109,3	14,9	3.275	3.524	7,6	311,5	385,2	23,7
SUL	5,2	4,7	(9,6)	2.429	2.457	1,2	12,7	11,6	(8,7)
PR	2,2	1,7	(22,7)	2.400	2.470	2,9	5,3	4,2	(20,8)
RS	3,0	3,0	-	2.450	2.450	-	7,4	7,4	-
NORTE/NORDESTE	5,7	5,2	(8,8)	2.300	1.695	(26,3)	13,2	8,8	(33,3)
CENTRO-SUL	103,2	116,2	12,6	3.231	3.478	7,6	333,6	404,2	21,2
BRASIL	108,9	121,4	11,5	3.183	3.401	6,9	346,8	413,0	19,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2016.



8.1.3. ARROZ

A safra 2015/16 indica redução de 10,2% em relação à safra 2014/15. Isso se deve, principalmente, a redução da área plantada, menos 11,8%, pois a produtividade média nacional será 1,8% maior em relação à safra passada.

No Rio Grande do Sul a área plantada com arroz é de 1,08 milhão de hectares, incluindo a área perdida que não foi ressemeada. O número final será apurado no final da colheita após a análise das lavouras de cada município produtor de arroz.

A colheita alcança, aproximadamente, 30% da área semeada no estado. A região mais adiantada é a fronteira oeste, que já colheu mais de 50% da área. O atraso maior está na depressão central, região que teve maior atraso na semeadura e onde ocorreram as maiores perdas devido ao excesso de chuvas, enchentes, enxurradas e a semeadura no período recomendado ficou abaixo de 40%. A previsão é que a Zona Sul terá o melhor resultado nessa safra, visto que foi menos prejudicada pelo clima no período de implantação da lavoura. Essa região representa 16,5% do total da área do estado.

A produtividade média da área colhida até o momento (27,2% do total) é de 7.815 kg/ha, segundo informações do Instituto Riograndense do Arroz (Irga). Vale salientar que até o momento do levantamento as áreas colhidas são as que foram semeadas dentro do período ideal recomendado pela pesquisa. Na previsão da Conab, que avalia a produtividade da safra como um todo, a estimativa é que serão colhidos em média 7.243 kg/ha, como resultado da divisão da produção estimada pela área semeada, inclusive a área perdida. Essa estimativa leva em conta a semeadura fora de época, onde algumas lavouras foram implantadas em janeiro de 2016, cuja probabilidade de boa safra é pequena. O pior resultado será o da região da depressão central onde as intempéries climáticas tiveram consequências negativas nas lavouras.

Portanto, a produção total de arroz estimada para o Rio Grande do Sul é de 7,8 milhões de toneladas.

Em Santa Catarina o clima para o plantio da safra foi em geral favorável, com a presença do chamado “Veranico”, que antecipou a semeadura do arroz em muitas localidades. Em novembro e dezembro chuvas acima da média no estado ocasionaram atraso no plantio em alguns municípios que implantam a cultura mais tardiamente e criou a necessidade de replantio em algumas cidades.

Há previsão de redução de produtividade na ordem de 0,6% em relação à safra anterior, estimada em 7.110 kg/ha. No momento constata-se que 63,2% das lavouras já foram colhidas, 27,8% estão em estágio de maturação, 6,1% em granação e apenas 3% ainda em floração. Estima-se que a colheita de arroz no estado vá até final de abril, restando algumas áreas mais atrasadas para serem colhidas no início de maio.

Em relação ao levantamento anterior houve aumento na produtividade geral do estado em função da expectativa dos municípios do norte colherem a safrinha, mais conhecida como “soca”, que ocorrerá em maio. De acordo com dados obtidos no levantamento, o arroz da soca será colhido em aproximadamente 13,9% da área de arroz do estado. A produtividade média estimada para esta colheita é de 2.000 kg/ha, resultando em 22,6 mil toneladas de arroz, o que representa 2,16% da produção estimada para a safra 2015/16 no estado. As lavouras de soca estão com bom desenvolvimento, deixando os produtores otimistas. Estes esperam que a soca amenize as perdas que ocorreram devido ao excesso de chuva no início do desenvolvimento da cultura.

Nos municípios do sul do estado a qualidade do grão colhido tem sido satisfatória, visto que em muitos locais está superior à da safra passada. Já nos municípios do norte, a ocorrência de muita chuva durante o desenvolvimento da planta e também os ataques de percevejos do grão indicam uma queda na qualidade esperada do produto, reduzindo consideravelmente o rendimento do grão na indústria. Destaca-se que grande parte do produto colhido, principalmente no sul do estado, já foi comercializado pelos produtores.

Segundo dados levantados a área de plantio desta safra apresentou uma redução mínima de 0,3% em relação à safra anterior, cedendo espaço para o milho, mandioca, olericultura e frutíferas, além de áreas ocupadas pela expansão do ramo imobiliário. Com isso, a produção de arroz em Santa Catarina deve ficar em 1,05 milhão de toneladas.

No Paraná há os dois sistemas de cultivo de arroz: sequeiro e irrigado. O arroz de sequeiro é uma cultura de subsistência, com tendência de queda na área plantada e essas lavouras não recebem tratamentos culturais adequados, muitas vezes, nem mesmo adubação.

O arroz de sequeiro atingiu a colheita de 46% da área total, com 6,6 mil hectares, com o restante da cultura majoritariamente em maturação. A produtividade estimada é de 1.930 kg/ha.



Na região norte do estado cultiva-se em pequenas áreas, intercaladas entre o café, com a colheita já concluída nas regiões de Apucarana, Jacarezinho e Maringá. A produtividade está na média da região, aproximadamente 2.000 kg/ha. Na região oeste o plantio é pulverizado em pequenas propriedades, sendo mais utilizado para subsistência e 80% da área foi colhida, com aproximadamente 43% consumida, haja vista que não é um produto destinado à comercialização, mas sim ao autoconsumo. Na região centro-sul a cultura de sequeiro é de total subsistência, com tendência a acabar. As lavouras não recebem nenhum tipo de trato cultural, nem mesmo adubação, fertilização ou aplicação de defensivos. A área plantada diminui a cada ano e pode ser ainda menor que a declarada, em todas as regiões visitadas.

Já o arroz irrigado no Paraná concentra-se no noroeste, especificamente na região de Querência do Norte. A área da cultura atingiu 19,6 hectares no estado, com 40% da área já colhida. Dos 60% restantes, 17% se encontra em floração, 25% em frutificação e 58% em maturação. A produtividade estimada é de 6.573 kg/ha. O arroz irrigado no núcleo de Paranaíba representa 77,67% de todo o arroz irrigado cultivado no estado. O município de Querência do Norte é o maior produtor dessa cultura, com a colheita atingindo 34% da área do núcleo e a produtividade estimada em 6.504 kg/ha.

Na região centro-oeste do Paraná o arroz irrigado registra casos isolados de excesso de chuva, transbordando algumas áreas, porém sem registros importantes de perda ou replantios, como aconteceu na região de Umuarama, que registra com três replantios. Já na região centro-sul a colheita já foi iniciada e a produtividade está correspondendo ao esperado. Toda a safra colhida é destinada imediatamente para o município de Massaranduba, em Santa Catarina, onde são feitos o beneficiamento e a comercialização.

Diante do exposto a área plantada com arroz no Paraná é de 26,3 mil hectares, com produtividade média de 5.414 kg/ha e produção total de 142,4 mil toneladas.

No Maranhão serão cultivados 196,9 mil hectares de arroz, com produtividade média de 1.440 kg/ha. Há inúmeras variações de cultivos de arroz em solo maranhense, desde alta tecnologia até cultivos de subsistência. No mesmo sentido, há variações de calendário de plantio o que determina lavouras em variados estádios de desenvolvimento.

O cultivo de arroz vinculado aos agricultores familiares, que fazem quase que exclusivamente o controle

mecânico de plantas daninhas, sofrem com a incidência de pragas como: broca do colo (*Elasmopalpus lignosellus*), cigarrinhas (*Deois flavopicta*), curuquerê (*Mocis latipes*) e percevejos (*Tibraca limbativentris* e *Oebalus ypsilongriseus*). Até o momento não houve relatos de presença de brusone (*Pyricularia grisea*; *Pyricularia oryzae*) nas lavouras de arroz.

No mesmo sentido há lavouras de arroz que são vinculadas à abertura de áreas novas e igualmente com baixo rendimento para, no futuro, expansão dos cultivos de soja. Essa prática vem sendo reduzida nas últimas safras devido à baixa lucratividade que a cultura do arroz proporciona e devido a lançamentos de pacotes tecnológicos que já permitem o plantio de soja em áreas novas.

Na região sul do estado são poucas as informações relativas ao cultivo de arroz de sequeiro, pois esta cultura vem sendo sistematicamente substituída por outras de maior rentabilidade ou pela pecuária de corte. Na Microrregião de São João dos Patos ainda se evidencia o predomínio de diversas pequenas unidades produtivas que incluem o cultivo de arroz de sequeiro em seus sistemas produtivos. Em razão dos Veranicos observados em fevereiro e início de março, haverá perdas de produtividade média, que será mensurada nas próximas avaliações. Na microrregião de Balsas deverá ocorrer uma redução da área plantada e rendimento médio, em função da baixa pluviosidade média e alto custo de produção. Na microrregião de Milagres do Maranhão sofreu um período de 16 dias sem chuvas. No entanto, as lavouras conseguiram recuperar-se sem maiores prejuízos.

Desta forma, a produção total da lavoura de arroz no Maranhão será de 283,5 mil toneladas, 42,8% menor do que a safra passada.

No Ceará, em grande parte da área destinada ao plantio de arroz, o preparo do solo é mecanizado, enquanto que o plantio é realizado manualmente e semeado em covas. Em Lavras da Mangabeira, o preparo do solo para a cultura se inicia em novembro e dezembro, onde fazem o manejo para controlar a tiririca, principal erva daninha da cultura na região. Normalmente as lavouras são implantadas em áreas de várzea, de vertissolos e baixos, observados nas cidades de Igatu, Acopiara, Missão Velha e Lavras da Mangabeira.

A cultura vem sofrendo estresse hídrico, causado por veranicos em quase toda as regiões do estado, onde a cultura é explorada e alguns produtores vêm realizando irrigações complementares para evitar perdas. Foi relatado o ataque da lagarta curuquerê (*Mocis La-*



tipos) no município de Lavras da Mangabeira, Missão Velha e Viçosa do Ceará. A cidade de Viçosa do Ceará, localizada na Serra da Ibiapaba, é a que possui a maior estimativa de área plantada.

No Ceará são estimados o plantio de 4,9 mil de arroz, com produtividade média de 1.782 kg/ha e produção total de 8,7 mil toneladas. As lavouras se encontram em sua totalidade em estágio de desenvolvimento vegetativo.

No Piauí há uma expectativa de redução de 16,6% na área plantada de arroz. Ao contrário, há expectativa que a produtividade seja 19,7% maior em relação à safra anterior, chegando a 1.417 kg/ha, elevando a produção total para 112,4 mil toneladas, 0,2% inferior à safra 2015/14.

Na Bahia a cultura do arroz é tradicionalmente cultivada nas áreas recém-abertas devido, principalmente, à sua tolerância à acidez. Geralmente o cultivo não se repete nos anos seguintes devido aos baixos preços de mercado. Há relatos que 100% do plantio foi finalizado. Estima-se que sejam cultivados 6.000 hectares, com expectativa de produtividade em 800 kg/ha. Comparando-se as estimativas da safra passada com a expectativa da safra atual há uma redução de 29,5% na área cultivada. A produção esperada é de 4.800 toneladas, uma redução de 30% em relação à safra passada.

Na Paraíba, região pesquisada, chegou a plantar de 12.000 hectares de arroz, em décadas anteriores. A baixa competitividade com os preços do produto vindo de outras regiões do país, obrigou parte dos produtores a deixar de explorar a cultura do arroz. O baixo regime de chuvas nos últimos cinco anos tornou escassas as reservas d'água para irrigação, dificultando ainda mais a atividade da orizicultura. Dado ao histórico de prejuízos sofridos na exploração dessa cultura, aliado à baixa pluviosidade neste início de período chuvoso, a cultura apresenta uma estimativa do plantio de apenas 900 hectares. Com 97% da área plantada a cultura encontra-se em desenvolvimento vegetativo. Estima-se uma produtividade média de 1.152 kg/ha.

O sétimo levantamento de safra confirma o recuo de área plantada de arroz em Mato Grosso. A redução foi de 16,7% em relação ao visto na safra passada, mesmo com inserção da cultura em algumas áreas de soja que não puderam ser plantadas. Até o momento a área colhida do arroz representa apenas 15% da área cultivada, sendo seu maior volume esperado para o final de março, estendendo-se durante todo mês de abril. As regiões com os trabalhos mais adiantados são o médio norte e extremo norte, cujas áreas foram semeadas no final de 2015. Já em outras regiões, as lavouras

de arroz ainda se encontram na fase de maturação e frutificação, com colheita esperada apenas para abril.

A expectativa é que em Mato Grosso se alcance uma produtividade de 3.237 kg/ha e produção total de 507,2 mil toneladas.

Em Mato Grosso do Sul a cultura do arroz encontra-se em fase final de colheita nos principais municípios produtores, ultrapassando 70% da área, e já foi finalizada nos municípios de Miranda, Itaporã e Maracaju. Em Douradina não foi possível concluir o plantio devido ao excesso de chuvas ocorridas de dezembro a janeiro e a área cultivada sofreu redução de 25%. No município de Fátima do Sul a perda da área plantada foi de 100% em função do alagamento provocado pelo excesso de chuvas. Em Rio Brilhante e Deodápolis também ocorreram perdas relevantes nas áreas sujeitas a alagamentos. Em consequência do excesso de umidade houve o aparecimento de várias doenças fúngicas, diminuindo as produtividades dos principais municípios produtores do estado. A baixa luminosidade em vários municípios do sul do estado também colaborou para a queda nas produtividades. A área cultivada, da safra atual, diminuiu 22,7% quando comparada com a safra passada, chegando à 14 mil hectares. Com relação a produtividade as perdas também foram significativas, sendo estimada em 20,1% quando comparada com a safra anterior, chegando a 4.920 kg/ha. A produção do grão no estado será de 68,9 mil toneladas. É relativamente pequena e é comercializada regionalmente e imediatamente após a colheita.

A área de plantio de arroz em Minas Gerais segue em tendência de queda, apresentando uma redução de 30,8% quando comparada com a safra anterior, passando de 12 mil hectares para 8,3 mil hectares em face da baixa competitividade em relação a outras culturas, da vulnerabilidade aos riscos climáticos e de restrições ao cultivo em áreas de várzea. O plantio foi realizado em novembro e dezembro. O clima vem favorecendo o desenvolvimento das lavouras. Com isso a produtividade está estimada em 2.400 kg/ha, 14,3% maior do que na safra 2014/15. A produção deverá ficar em 19,9 mil toneladas, 21% inferior à safra 2014/15. Estima-se que o percentual de colheita até o momento é de 26%.

Para a cultura de arroz em casca no Rio de Janeiro estima-se um decréscimo de 40% na área plantada em relação à safra passada. Os principais motivos das quedas estão relacionados a problemas climáticos, alto custo de produção e falta de máquinas beneficiadoras, fazendo com que o plantio de arroz seja praticamente erradicado nessas regiões. Diante dos problemas acima relatados, os produtores resolveram



fazer a substituição de culturas (para o tomate e outras olericulturas). Outro fator que vem contribuindo é a migração dos produtores para a pecuária leiteira e de corte. O ponto positivo é o aumento de 39,4% na produtividade média das lavouras, chegando a 3.349 kg/ha.

Em São Paulo a escassez de água para irrigação e preços baixos na presente safra fizeram com que os produtores migrassem para culturas mais rentáveis, principalmente soja, com parte dos agricultores optando em aumentar a área do milho para silagem. Quase todo o arroz paulista está concentrado nas regiões de Pindamonhangaba e Guaratinguetá e sob irrigação. A área caiu de 14,5 mil hectares na safra 2014/15 para 10 mil hectares na atual, o que significa um recuo 31,6%. Mesmo com aumento de 11,6% na produtividade, a produção total será 37,9 mil toneladas.

A área plantada e a produção da cultura do arroz no estado do Acre vêm decrescendo com o passar dos anos. A baixa produtividade, falta de cultivares adaptadas e os custos para produzir arroz são os principais motivos para tal decréscimo. A cultura do arroz de terras altas é afetada por doenças durante todo seu ciclo, que reduzem a produtividade e a qualidade dos grãos. As doenças que causam prejuízos significativos na produção e qualidade dos grãos mais importantes são: brusone (*Pyricularia grisea*; *Pyricularia oryzae*), mancha de grãos (*Phoma sorghina* e *Bipolaris oryzae*) e escaldadura (*Monographella albescens*). O cultivo, geralmente sem irrigação, se dá por conta do regime pluviométrico e regularidade das chuvas. Com isso, a produção de arroz será de 7,4 mil toneladas, cultivados em 5,6 mil hectares.

Uma parte do arroz produzido em Rondônia é comercializado em mercados fora do estado como Rio Branco (AC), Boa Vista (RR), Manaus (AM) e parte da Bolívia. O plantio dessa cultura, fortemente incentivado pela iniciativa privada, aconteceu com um atraso em função das chuvas que começaram também mais tarde. Atualmente as lavouras estão em fase final do ciclo sendo 5% em floração, 20% em frutificação, 50% em maturação e 25% já foi colhido. As lavouras se encontram em bom estado de seu desenvolvimento e a área permanece a mesma, ou seja, em 44,3 mil hectares, com produtividade média de 2.811 kg/ha e produção total de 124,5 mil toneladas.

Em Roraima a colheita de arroz já ultrapassa os 70% de área total, proporcionada pelas poucas chuvas no período. A expectativa é de que o arroz irrigado “de inverno”, tenha um acréscimo de área em relação à safra de 2015. Destaca-se que o arroz irrigado “de inverno” representa cerca 20 a 30% do total de área plantada no estado. Com essa intenção, somada à área do arroz irrigado de verão, chega-se a uma estimativa de 8,6 mil hectares na safra 2015/16, decréscimo de 28,3% em relação à safra passada. A produtividade, porém, será 7,7% maior, porém a produção ficará 22,8% inferior à safra 2014/15.

Em algumas regiões produtoras do arroz de sequeiro em Tocantins, a cultura foi semeada em janeiro. A estiagem ocorrida em fevereiro elevou o nível de irregularidade na semeadura e perspectivas de perda de áreas e de produtividade. Mesmo com o aumento de 5,4% da área plantada com o arroz irrigado, haverá redução de 1,4% na área total e 1,2% na produção total.



Figura 19 – Mapa da produção agrícola – Arroz

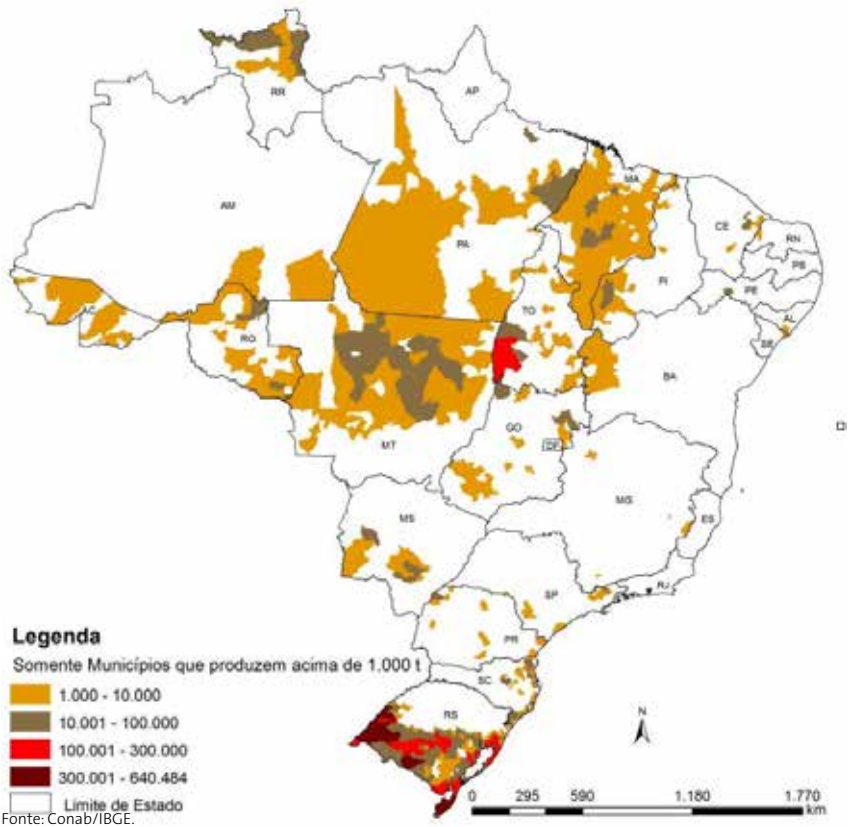
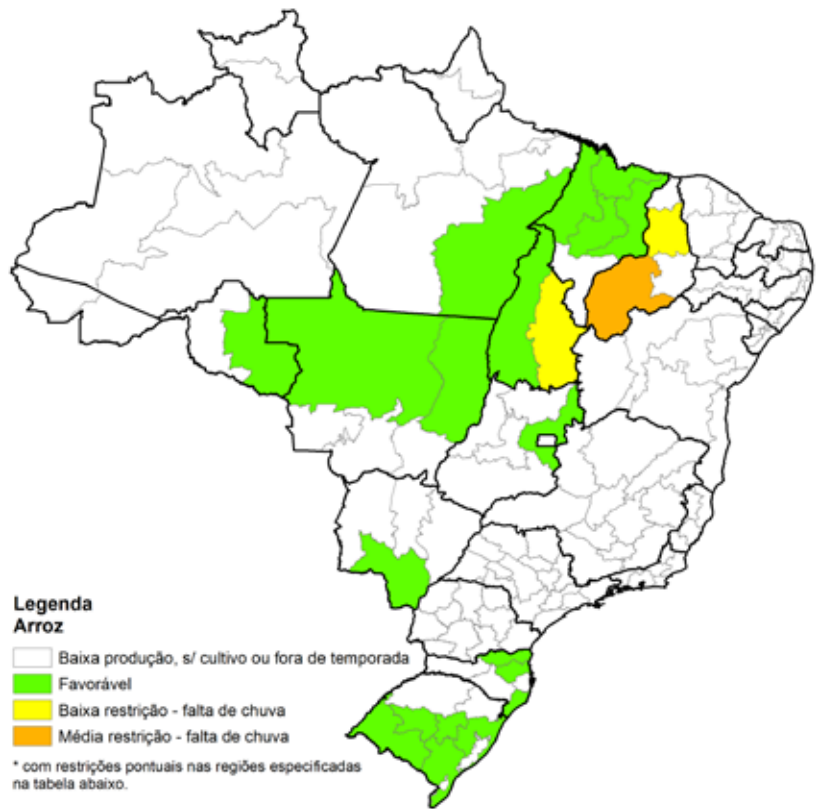


Figura 20– Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.



Quadro 5 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/16

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Arroz	- sudeste do PA (FR) - oeste do TO - irrigado (FR/M) - norte, leste e oeste do MA (FR)	- regiões pontuais do leste de RO (M/C) - regiões pontuais do norte e nordeste do MT (M/C) - regiões pontuais do leste de SC (M/C) - regiões pontuais do sudeste do RS (M/C)	- leste de RO (C), exceto regiões pontuais - norte e nordeste do MT (M/C), exceto regiões pontuais - sudoeste do MS (M/C) - leste de GO (M/C) - leste de SC (M/C), exceto regiões pontuais - sudoeste, nordeste e centro do RS (M/C) - sudeste do RS (M/C), exceto regiões pontuais	- leste do TO (FR) - centro-norte do PI (FR) - sudoeste do PI (FR)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade..

Tabela 28 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz





REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	261,7	259,4	(0,9)	3.797	3.723	(1,9)	993,6	965,9	(2,8)
RR	12,0	8,6	(28,3)	6.500	7.000	7,7	78,0	60,2	(22,8)
RO	44,3	44,3	-	2.859	2.811	(1,7)	126,7	124,5	(1,7)
AC	6,7	5,6	(16,4)	1.143	1.316	15,1	7,7	7,4	(3,9)
AM	3,4	3,4		2.189	2.210	1,0	7,4	7,5	1,4
AP	1,9	1,9	-	865	1.025	18,5	1,6	1,9	18,8
PA	65,9	69,9	6,1	2.537	2.387	(5,9)	167,2	166,9	(0,2)
TO	127,5	125,7	(1,4)	4.745	4.753	0,2	605,0	597,5	(1,2)
NORDESTE	476,6	298,1	(37,5)	1.440	1.578	9,5	686,3	470,1	(31,5)
MA	349,8	196,9	(43,7)	1.418	1.440	1,6	496,0	283,5	(42,8)
PI	95,1	79,3	(16,6)	1.184	1.417	19,7	112,6	112,4	(0,2)
CE	12,5	4,9	(61,0)	1.436	1.782	24,1	18,0	8,7	(51,7)
RN	0,9	1,2	33,1	2.590	2.777	7,2	2,3	3,3	43,5
PB	0,9	0,9	-	53	1.152	2.073,6	-	1,0	-
PE	0,2	0,2	-	4.500	4.500	-	0,9	0,9	-
AL	2,7	2,7	-	5.720	5.833	2,0	15,4	15,7	1,9
SE	6,0	6,0	-	5.700	6.634	16,4	34,2	39,8	16,4
BA	8,5	6,0	(29,5)	812	800	(1,5)	6,9	4,8	(30,4)
CENTRO-OESTE	234,2	197,7	(15,6)	3.582	3.481	(2,8)	838,9	688,1	(18,0)
MT	188,1	156,7	(16,7)	3.257	3.237	(0,6)	612,6	507,2	(17,2)
MS	18,1	14,0	(22,7)	6.160	4.920	(20,1)	111,5	68,9	(38,2)
GO	28,0	27,0	(3,6)	4.100	4.149	1,2	114,8	112,0	(2,4)
SUDESTE	27,4	18,9	(31,0)	2.796	3.154	12,8	76,6	59,6	(22,2)
MG	12,0	8,3	(30,8)	2.100	2.400	14,3	25,2	19,9	(21,0)
ES	0,3	0,3	-	2.237	2.774	24,0	0,7	0,8	14,3
RJ	0,5	0,3	(40,0)	2.403	3.349	39,4	1,2	1,0	(16,7)
SP	14,6	10,0	(31,6)	3.393	3.785	11,6	49,5	37,9	(23,4)
SUL	1.295,2	1.249,7	(3,5)	7.598	7.189	(5,4)	9.840,7	8.983,9	(8,7)
PR	27,2	26,3	(3,3)	5.825	5.414	(7,1)	158,4	142,4	(10,1)
SC	147,9	147,4	(0,3)	7.150	7.110	(0,6)	1.057,5	1.048,0	(0,9)
RS	1.120,1	1.076,0	(3,9)	7.700	7.243	(5,9)	8.624,8	7.793,5	(9,6)
NORTE/NORDESTE	738,3	557,5	(24,5)	2.275	2.576	13,2	1.679,9	1.436,0	(14,5)
CENTRO-SUL	1.556,8	1.466,3	(5,8)	6.909	6.637	(3,9)	10.756,2	9.731,6	(9,5)
BRASIL	2.295,1	2.023,8	(11,8)	5.419	5.518	1,8	12.436,1	11.167,6	(10,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2016



Quadro 6 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

8.1.3.1. OFERTA E DEMANDA

Nos últimos dados disponibilizados pela Secex/MDIC, em fevereiro de 2016, foram importadas 37,7 mil toneladas de arroz, sendo apenas 1,4 mil toneladas oriundas de terceiros mercados não pertencentes ao Mercosul. Até a presente data, 4 de abril, não foram disponibilizados os dados referentes a março e por

esse motivo, fevereiro é a *proxy* utilizada na análise em questão. Esses números demonstraram uma leve retração do fluxo de produtos adquiridos no mercado externo em relação ao último ano. Em fevereiro de 2015 essas aquisições foram de 47,5 mil toneladas, sendo 9,2 mil provenientes de outros países não per-



tencentos ao Mercosul. Acerca das exportações, estas tiveram um significativo crescimento, passando de 49,9 mil toneladas em fevereiro de 2015 para 74,7 mil toneladas em fevereiro de 2016.

Mais especificamente sobre as compras nacionais de arroz internacional ao longo de fevereiro, o Paraguai, já consolidado como maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 25,5 mil toneladas de arroz branco beneficiado em uma média de US\$ 321,09 por tonelada, abaixo da média de preço negociado do arroz brasileiro branco beneficiado de US\$ 460,42 por tonelada. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado, em sua maioria, para os mercados de São Paulo e Minas Gerais.

Acerca do fluxo comercial internacional consolidado do período comercial 2014/15, obteve-se um superavit de 381,2 mil toneladas, sendo o montante exportado igual a 1.188,4 mil toneladas e o montante importado igual a 807,2 mil toneladas. No período comercial 2015/16, já consolidado, de março de 2015 a fevereiro de 2016, observou-se um superavit acumulado no montante de 858,8 mil toneladas.

Para a safra brasileira 2014/15 de arroz, a estimativa consolidada de produção é 2,7% superior em relação à safra 2013/14, atingindo 12.436,1 mil toneladas. Esse aumento de produção ocorreu principalmente devido à expansão de produtividade em face da alta tecnologia empregada no campo. Sobre o estoque de passagem, na safra 2012/13, o volume consolidado em 28 de fevereiro de 2015 fechou em 868,21 mil toneladas em face do razoável volume apurado no levantamento de estoques privados (721,5 mil toneladas) e do baixo estoque em poder do governo federal (146,7 mil toneladas).

Com esses resultados, o consumo da safra 2013/14 é estimado perto dos 11,8 milhões de toneladas. Para a comercialização da safra 2014/15, o consumo é estimado nos mesmos 11,7 milhões de toneladas, o que, em conjunto com uma significativa expansão do superavit em relação ao período anterior, resultará em redução do estoque de passagem para 658 mil toneladas. Finalmente, para a próxima safra brasileira de arroz 2015/16, a projeção média da produção deverá ser 10,2% inferior em relação à safra 2014/15, atingindo 11.167,6 mil toneladas. Essa redução de produção ocorre principalmente devido ao excesso de chuva no período atual de plantio e ao alto patamar de preços dos custos de produção, acarretando uma redução da tecnologia empregada.

Ainda sobre a projeção de mercado para a comercialização da safra 2015/16, esperam-se aumento no

volume importado, principalmente de produtos provenientes do Paraguai e da Argentina, e uma leve redução no montante exportado em face do provável preço interno atrativo no segundo semestre de 2016. Com isso, projeta-se um déficit de 100 mil toneladas na balança comercial do arroz.

Hoje, no mercado de arroz ao produtor do Rio Grande do Sul (RS), observa-se uma oferta em leve expansão em virtude do atual período de início das colheitas. Estima-se que mais de 36% da área plantada foi colhida e, para abril, esperam-se a intensificação da colheita e arrefecimento das cotações do grão. Na última semana analisada, observa-se um preço médio no Rio grande do Sul de R\$ 39,11 por saca de 50 kg e, no Mato Grosso, um preço médio de R\$ 49,76 por saca de 60 kg em meio a um mercado pouco líquido. Com essa conjuntura os preços seguem em patamares remuneradores ao produtor nas principais praças brasileiras, apesar das amenas desvalorizações semanais. Em relação ao mercado atacado, a alta observada no início de 2016 ocorreu devido às valorizações das cotações ao produtor na Região Sul do país em outubro e novembro de 2015. Atualmente, o mercado mantém-se com leve viés de baixa em face da entrada de produto novo no mercado e da valorização do Real, que torna o produto importado mais competitivo internamente

No mercado de arroz tailandês, em março, o preço do grão apresentou leve expansão em virtude da redução da capacidade hídrica tailandesa, resultado do fenômeno El Niño. No ano, indo de encontro à antiga política intervencionista do governo da Tailândia, a cotação do arroz sofreu arrefecimento de 5,2% e ainda não recuperou o patamar anterior ao estabelecimento de tal política, porém, há tendência de alta no médio e longo prazo em virtude da menor oferta do produto em função da menor produção asiática e da provável diminuição da presença do arroz indiano no mercado internacional. No mercado de arroz norte-americano os preços apresentam leve tendência de baixa, todavia, os preços asiáticos sinalizam que este movimento de queda pode estar próximo do fim.

No Mercosul, mais precisamente na Argentina e no Uruguai, na semana, os preços do produto apresentaram estabilidade e, no mês, reduções, sendo a redução argentina mais acentuada. No ano, o arroz perdeu valor na Argentina em 24,31% e, no Uruguai, de 23,89%. Como fatores determinantes da queda dos preços desse mercado, destacam-se a desvalorização cambial das moedas locais em relação ao Dólar, o volume de estoque de passagem na Argentina e no Paraguai e, por último, a queda das cotações asiáticas no decorrer do ano de 2015.



8.1.4. FEIJÃO

10.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Na Região Centro-Sul, onde a maior parte do volume da produção de feijão primeira safra é produzida, considerando a safra 2015/16, este volume da região é de 77,6% da produção total, destacando-se Paraná, Minas Gerais, Goiás, Santa Catarina e São Paulo, mesmo ocupando 68% das áreas cultivadas com a cultura.

A área de feijão primeira safra no país está estimada em 1.013,2 mil hectares, o que configura um decréscimo de 3,8% em relação à safra passada. A maioria dos principais estados produtores indica a tendência de plantios em áreas menores do que as cultivadas na safra anterior. A comercialização instável e os riscos climáticos aliados à cultura, somados à atratividade de outras culturas concorrentes, como soja e milho, derrubam a intenção dos produtores em todo país, nesta temporada.

No Paraná deverá ocorrer decréscimo na área de 6,5% nas estimativas atuais, com o cultivo chegando a 180,1 mil hectares. A colheita de feijão da primeira safra está finalizada, estando o produto em condições variáveis, com praticamente metade com qualidade razoável. A produtividade não foi fortemente afetada. Os preços praticados para o produto de boa qualidade estão em alta, em face da oferta reduzida.

A área prevista para feijão primeira safra no Rio Grande do Sul está estimada em 43,5 mil hectares, o que configura um acréscimo de 22,5% em relação à safra passada, composta pela agricultura familiar e agricultura de subsistência. A maior parte da área semeada já foi colhida e a produtividade foi satisfatória. Os produtores terão resultado econômico positivo devido aos bons preços do mercado.

No Distrito Federal, nessa primeira safra, manteve-se a mesma área semeada na safra anterior, 12,1 mil hectares. A produtividade média por sua vez foi reduzida para 1.380 kg/ha ante os 1.949 kg/ha obtidos na safra passada configurando uma produção de 16,7 mil toneladas, 29,2% inferior à produção da safra passada, que foi de 23,6 mil toneladas. As lavouras foram afetadas negativamente pelo intenso veranico registrado em dezembro, prejudicando sobremaneira a fase germinativa da planta. A colheita já foi concluída, que também foi afetada negativamente pelo alto volume de chuvas registradas em janeiro de 2016, o que acabou influenciando no calendário de colheita. Conforme demonstrado no quadro abaixo a área segregada com feijão primeira safra em cores e preto correspondem a 90% e 10%, respectivamente, nessa primeira safra não houve plantio de feijão caupi.

Em Minas Gerais, o segundo maior produtor de feijão primeira safra, o levantamento projeta neste ano uma retração de 7,9% na área de plantio do feijão primeira safra, que deve ficar em 146,6 mil hectares, além dos riscos climáticos e da melhor competitividade dos mercados de milho e soja. Predomina na maior parte do estado o plantio de feijão cores, notadamente cariquinha. Há nichos de mercado na região da Zona da Mata, também plantio de feijão cores/vermelho e de feijão preto. Já o plantio do feijão caupi se concentra no Norte. O plantio apresentou maior concentração em novembro, mas se estendeu até o início de dezembro. As lavouras se encontram predominantemente em fase colheita, 97%. Há registros pontuais de perdas decorrentes da ocorrência de chuvas na colheita, mas de modo geral, as lavouras apresentam potencial de bons resultados, estimando-se uma produtividade média de 1.310 kg/ha, bem acima dos resultados da safra anterior, que foi severamente prejudicada pela estiagem. A produção estimada é de 192 mil toneladas, 16,8% superior à safra 2014/15.

Em Santa Catarina deverá ocorrer redução na área de 12,7%, com o cultivo de 46 mil hectares. A cultura do feijão semeado na primeira safra foi influenciada pelas instabilidades climáticas durante quase toda a fase de desenvolvimento. Chuvas excessivas durante o plantio atrapalharam a implantação das lavouras, chegando a causar estragos severos em algumas áreas pelo acúmulo de água, arrasto de sementes e fertilizantes, entre outros. Algumas destas áreas precisaram ser replantadas, total ou parcialmente, tendo em vista o nível de estrago. Assim, da mesma forma que para outras culturas, o plantio foi escalonado, resultando no quadro ora observado, representado por lavouras desde o estágio vegetativo até em ponto de colheita. Com aproximadamente 30% das lavouras colhidas, as produtividades apresentam variações de acordo com a maior ou menor influência do clima durante o desenvolvimento das plantas, partindo de 1.950 kg/ha na safra 2014/15 para 1.870 kg/ha na safra 2015/16. Da mesma forma, a qualidade do produto obtido até agora varia entre bom e regular, mas em alguns locais o produto foi enquadrado como ruim devido ao mau desenvolvimento das plantas e ataque de doenças, como a antracnose, a qual ataca as vagens e causa depreciação dos grãos. Além disso, a alta umidade no momento da colheita tende a reduzir a qualidade dos grãos, principalmente o feijão-carioca, o qual perde cor com facilidade, reduzindo seu valor de mercado. A produção, comparada com a safra anterior, deve ser, até o momento, menor em função da redução da área - a qual perde espaço para a soja - e, da produtividade, haja vista as instabilidades climáticas ocorridas durante o ciclo da cultura. Contudo, ainda restam muitas lavouras em estádios mais atrasados que ainda podem se recuperar caso as condições cli-



máticas se estabilizem nos próximos dias, com a volta das chuvas em volumes dentro do normal, pois há mais de duas semanas estas não ocorrem sobre as lavouras, o que pode ter afetado ainda mais o potencial produtivo. Semelhante ao que acontece com a soja e o milho, os preços tiveram um aumento significativo nos últimos tempos com a entrada de produto novo no mercado, principalmente o feijão-preto, cujos preços subiram em torno de 30% desde o início do ano. Já para o feijão-carioca as cotações permaneceram estáveis, havendo variações positivas apenas para o feijão de melhor qualidade (extra), mais difícil de encontrar.

Em Mato Grosso o plantio da primeira safra encontra-se finalizada. A área plantada está em boas condições de germinação e desenvolvimento vegetativo. Esse levantamento apontou para a redução de 44,4% na área a ser cultivada na safra 2015/16 para o plantio do feijão da primeira safra, que será de 6 mil hectares. Embora os preços ainda permaneçam atrativos, os produtores, a princípio, devem optar por outras culturas, como milho e soja, em razão do mercado favorável e do menor risco climático. Estimando-se uma produtividade média de 1.641 kg/ha, 4,5% superior à safra passada, a produção deve ficar em 9,8 mil toneladas.

Em Mato Grosso do Sul a cultura do feijão é pouco expressiva no estado, visto que para esta safra foi registrado plantio apenas no município de Chapadão do Sul e Costa Rica, colheita já encerrada. A área cultivada foi de 0,6 kg/ha, 14,3% abaixo da área da safra anterior, que foi de 0,7 kg/ha e redução na produtividade de 10%, uma vez que na safra anterior foi de 2.000 kg/ha e nesta, apresenta número de 1.800 kg/ha. Redução também na produção, passando de 1,4 mil toneladas para 1,1 mil toneladas, 21,4% menor em relação à safra de 2014/15. A queda na produtividade ocorreu devido ao excesso de chuvas na região, o que acarretou a perda de aproximadamente 33,3% da área cultivada em Chapadão do Sul. O produto oriundo destas áreas sofreu perda de qualidade em função do excesso de umidade, e é absorvido pelo mercado regional

Em Goiás incremento na área do feijão primeira safra, com o cultivo de 52 mil hectares, 14% em relação à safra anterior, que foi de 51,3 mil toneladas. Produtores optaram em aumentar a área de soja em função do dólar alto e com melhores perspectivas de remuneração em relação à cultura do feijão. Além disso, o alto custo de produção da cultura, associado aos problemas de ataques de pragas e doenças, têm onerado muito o produtor. Colheita em andamento em alguns municípios do estado. O excesso de chuvas tem prejudicado a qualidade do grão.

Na Bahia, principal produtor do Nordeste, a estimativa é de redução de área, com o cultivo de 227,4 mil hectares, 3,1% menor em relação à safra anterior, que foi de 234,6 mil hectares, acréscimo na produtividade de 30,1%, uma vez que na safra anterior foi de 554 kg/ha e nesta apresenta número de 721 kg/ha. Acréscimo também na produção, passando de 130 mil toneladas para 164 mil toneladas, aumento de 26,2% em relação à safra de 2014/15.

Em São Paulo quase todo o feijão é produzido na região sudoeste. A colheita da safra 2015/16 está encerrada. O feijão que está sendo colhido é considerado de média qualidade, devido ao excesso de chuvas que ocorreram durante a colheita. Diferentemente de outras regiões, onde o plantio é realizado entre setembro e outubro, nesse estado semeia-se o feijão em julho e agosto e colhe-se entre novembro e dezembro. O produtor apostou nessa cultura devido aos excelentes preços de mercado pago a essa leguminosa no momento da tomada de decisão pela semeadura. Infelizmente, devido ao excesso de chuvas no período de colheita, parte do feijão teve perda de qualidade, o que tem reduzido o seu preço no momento da comercialização. O produtor sinaliza com manutenção na área plantada, com o cultivo de 48,1 mil hectares, incremento na produtividade de 13,7% em relação à safra de 2014/15, saindo de 2.331 kg/ha para 2.380 kg/ha. Incremento também de 2,1% na produção em relação à safra passada, saindo de 98,6 mil toneladas para 114,5 mil toneladas.



Figura 21 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra

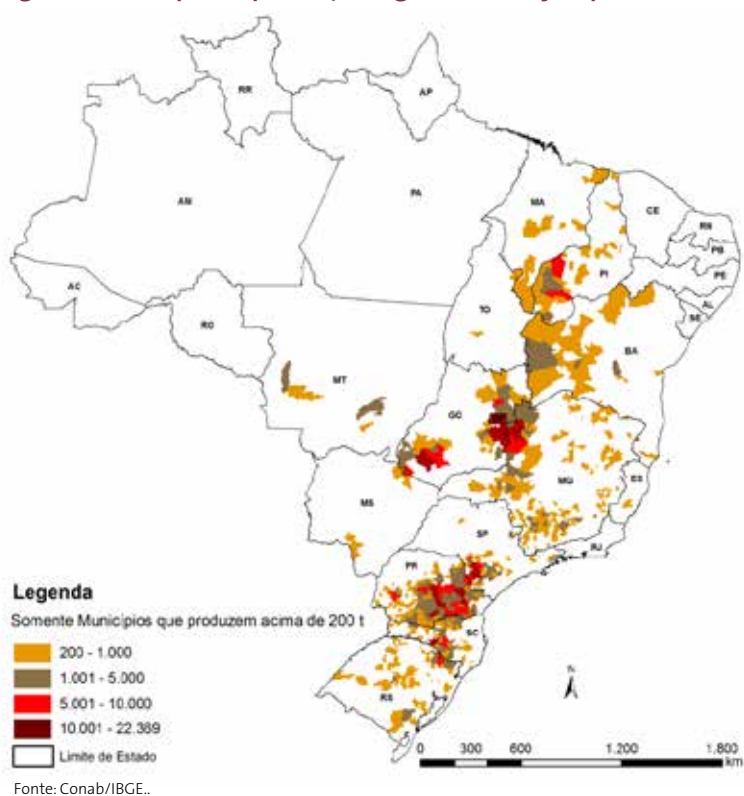
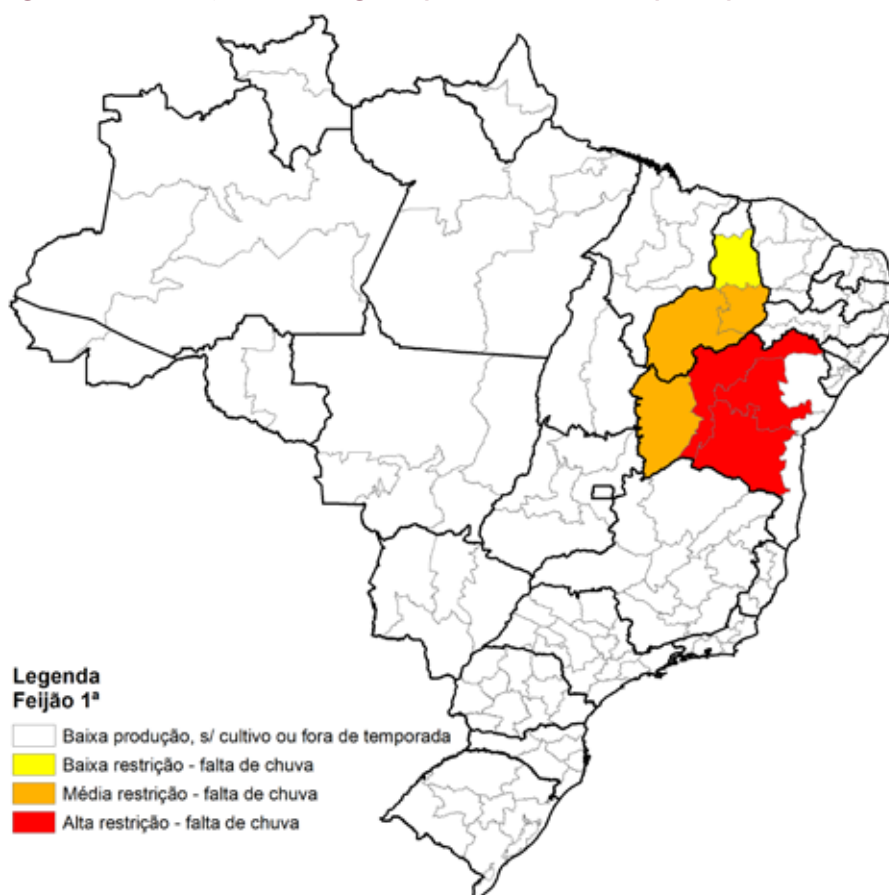


Figura 22– Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.



























































































Quadro 7 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão 1ª safra				- sudeste e sudoeste do PI (FR) - centro-norte do PI (FR) - oeste, centro-norte e centro-sul da BA (FR)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Quadro 8 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO												
Nordeste												
PI												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	3,7	(22,9)	707	594	(16,0)	3,4	2,2	(35,3)
TO	4,8	3,7	(22,9)	707	594	(16,0)	3,4	2,2	(35,3)
NORDESTE	484,5	467,6	(3,5)	460	566	23,0	223,1	264,8	18,7
MA	38,6	28,5	(26,1)	464	463	(0,2)	17,9	13,2	(26,3)
PI	211,3	211,7	0,2	356	414	16,3	75,2	87,6	16,5
BA	234,6	227,4	(3,1)	554	721	30,1	130,0	164,0	26,2
CENTRO-OESTE	74,9	70,7	(5,6)	1.997	2.158	8,1	149,6	152,6	2,0
MT	10,8	6,0	(44,4)	1.570	1.641	4,5	17,0	9,8	(42,4)
MS	0,7	0,6	(14,3)	2.000	1.800	(10,0)	1,4	1,1	(21,4)
GO	51,3	52,0	1,4	2.098	2.400	14,4	107,6	124,8	16,0
DF	12,1	12,1	-	1.949	1.393	(28,5)	23,6	16,9	(28,4)
SUDESTE	208,1	201,6	(3,1)	1.286	1.547	20,3	267,7	311,9	16,5
MG	159,1	146,6	(7,9)	1.033	1.310	26,8	164,4	192,0	16,8
ES	6,0	6,2	3,1	687	764	11,2	4,1	4,7	14,6
RJ	0,7	0,7	-	917	984	7,3	0,6	0,7	16,7
SP	42,3	48,1	13,7	2.331	2.380	2,1	98,6	114,5	16,1
SUL	280,9	269,6	(4,0)	1.737	1.716	(1,2)	487,8	462,7	(5,1)
PR	192,7	180,1	(6,5)	1.707	1.629	(4,6)	328,9	293,4	(10,8)
SC	52,7	46,0	(12,7)	1.950	1.870	(4,1)	102,8	86,0	(16,3)
RS	35,5	43,5	22,5	1.580	1.915	21,2	56,1	83,3	48,5
NORTE/NORDESTE	489,3	471,3	(3,7)	463	567	22,4	226,5	267,0	17,9
CENTRO-SUL	563,9	541,9	(3,9)	1.605	1.711	6,6	905,1	927,2	2,4
BRASIL	1.053,2	1.013,2	(3,8)	1.074	1.179	9,7	1.131,6	1.194,2	5,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2016

Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – feijão 1a safra - carioca

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORDESTE	84,3	864	72,8
BA	84,3	864	72,8
CENTRO-OESTE	68,0	2.195	149,3
MT	4,5	1.800	8,1
MS	0,6	1.800	1,1
GO	52,0	2.400	124,8
DF	10,9	1.404	15,3
SUDESTE	196,8	1.566	308,1
MG	144,0	1.319	189,9
ES	4,7	787	3,7
SP	48,1	2.381	114,5
SUL	94,7	1.806	171,0
PR	54,8	1.640	89,9
SC	29,9	1.911	57,1
RS	10,0	2.400	24,0
NORTE/NORDESTE	84,3	864	72,8
CENTRO-SUL	359,5	1.748	628,4
BRASIL	443,8	1.580	701,2

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em abril/2016



Tabela 31– Comparativo de área, produtividade e produção – feijão 1a safra - preto

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
CENTRO-OESTE	1,2	1.339	1,6
DF	1,2	1.339	1,6
SUDESTE	4,2	749	3,2
MG	2,0	740	1,5
ES	1,5	650	1,0
RJ	0,7	984	0,7
SUL	175,0	1.667	291,7
PR	125,4	1.623	203,5
SC	16,1	1.793	28,9
RS	33,5	1.770	59,3
CENTRO-SUL	180,4	1.643	296,5
BRASIL	180,4	1.643	296,5

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em março/2016

Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – feijão 1a safra - caupi

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	3,7	594	2,2
TO	3,7	594	2,2
NORDESTE	383,3	501	192,0
MA	28,5	463	13,2
PI	211,7	414	87,6
BA	143,1	637	91,2
CENTRO-OESTE	1,5	1.133	1,7
MT	1,5	1.133	1,7
SUDESTE	0,6	900	0,5
MG	0,6	900	0,5
NORTE/NORDESTE	387,0	502	194,2
CENTRO-SUL	2,1	1.066	2,2
BRASIL	389,1	505	196,4

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em abril/2016

8.1.4.2.FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Assim como o feijão primeira safra, a segunda safra também tem a maior parte de sua produção na Região Centro-Sul. Considerando a safra 2014/15, este volume da região é quase 77,7% da produção total, destacando-se Paraná, Mato Grosso, Minas Gerais e Ceará, mesmo ocupando 73% das áreas cultivadas com a cultura. A área de feijão segunda safra está estimada para este sétimo levantamento em 1.366,0 mil hectares, o que configura um acréscimo de 3,6% em relação à safra passada.

No Paraná a área plantada na segunda safra é de 210,9 mil hectares, 1,4% superior à registrada no ano anterior, o plantio encontra-se finalizado. Em relação ao estágio da cultura, 35% encontra-se em desenvolvi-

mento vegetativo, floração com 42%, frutificação com 20% e maturação com 3%. A previsão de produção é de 409,4 mil toneladas, volume 33,4% maior do que o registrado safra anterior.

No Rio Grande do Sul a semeadura do feijão segunda safra encontra-se em fase de conclusão. Está previsto o cultivo de 16,4 mil hectares que deverão render 1.653 kg/ha.

No Distrito Federal, a segunda safra, também conhecida como da seca, já começou a ser implantada, devendo ter uma área de 0,8 mil hectares, onde, contrariamente à primeira, prevalece o feijão cores. A produtividade média está estimada em 2.200 kg/há,



ante os 2.000 kg/ha obtidos na safra passada, o que poderá resultar em uma produção de 1,8 mil toneladas a mesma do exercício anterior. Os preços de mercado elevado e os prognósticos climáticos favoráveis não estão sendo atrativos suficientes para estimular o crescimento da área de plantio do feijão segunda safra. A incidência de mosca branca praticamente inibe o plantio do feijão da segunda safra em diversas áreas do Distrito Federal. A separação em cores e preto segue a ordem de 90% e 10% respectivamente.

O Mato Grosso, com a segunda maior área de feijão segunda safra, devido, principalmente ao avanço do feijão caupi no estado, iniciado o plantio, a intenção é de redução da área em 199,2 mil hectares da safra passada para 173,5 mil hectares. Decréscimo de 12,7% na produção em relação à área passada, passando de 270,5 para 236,1 mil toneladas. Aumento de 0,2% na produtividade em relação à safra anterior, saindo de 1.358 kg/ha para 1.361 kg/ha. Essas reduções se devem, principalmente, à concorrência de área com o milho segunda safra, pois a cultura da leguminosa é muito sensível a condições climáticas adversas, além disso o preço do cereal é mais atrativo do que o do feijão. A cultura está em desenvolvimento, e as estimativas podem ser ajustadas nos próximos levantamentos.

Em Mato Grosso do Sul esta safra contempla o período de maior cultivo de feijão no estado, no entanto, para o corrente ano a estimativa é de que ocorra redução na área cultivada de aproximadamente 12,5% em relação à safra passada, atingindo em torno de 14 mil hectares. A produção encontra-se concentrada, principalmente nos municípios de Caarapó, Sidrolândia, Bonito e Maracaju. A produtividade esperada é semelhante à da safra anterior, de 1.650 kg/ha. A implantação da cultura deve ocorrer durante março e início de abril.

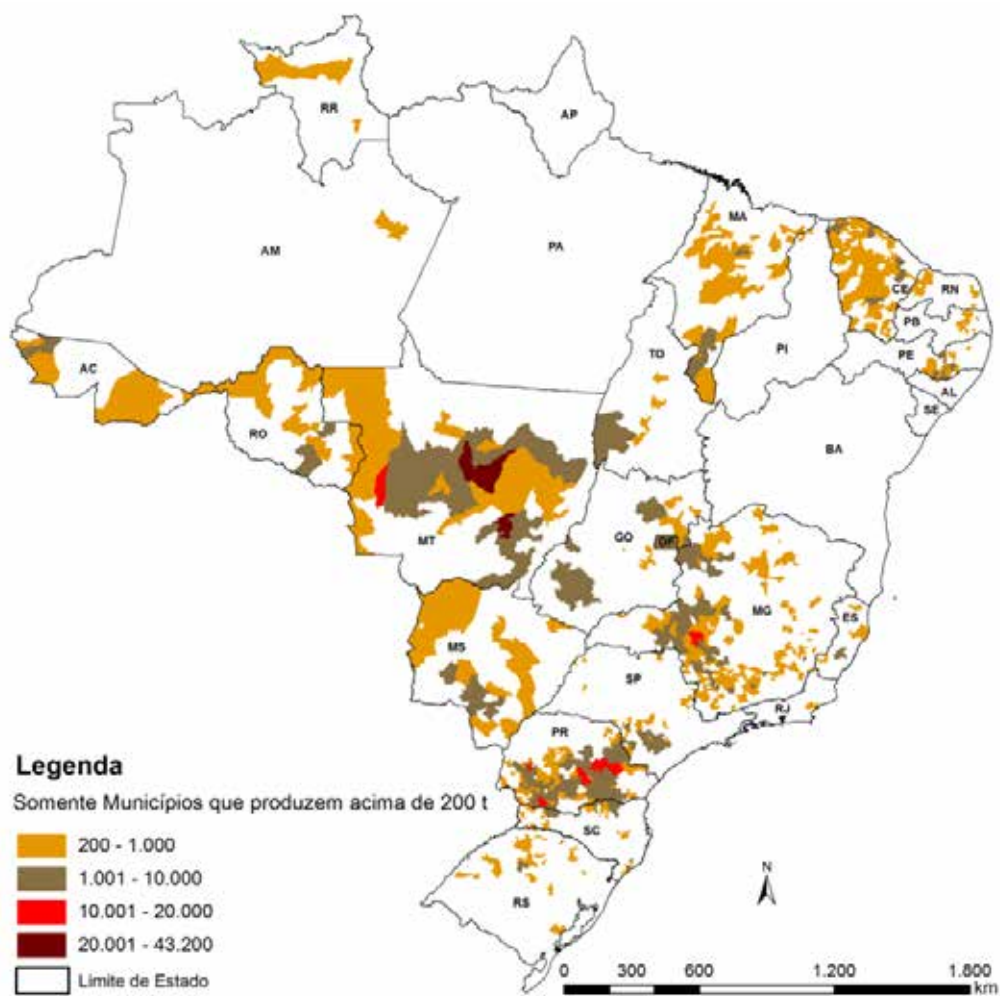
Em Minas Gerais as estimativas apontam para incremento na ordem de 11% na área a ser cultivada com feijão segunda safra, passando de 105,9 mil hectares em 2014/15 para 117,5 mil hectares na safra atual. A redução na produtividade média está estimada em 1.450 kg/ha, ante aos 1.487 kg/ha obtidos na safra passada, o que poderá resultar em produção de 170,4 toneladas superior em 8,2% a oferta do exercício anterior. A separação em cores e preto segue a ordem de 90% e 10%, respectivamente. O plantio do feijão segunda safra está previsto para janeiro e fevereiro de

2016, com estimativa de colheita entre abril e maio do mesmo ano.

Em Santa Carina, em relação à sanidade das lavouras, não há relatos de ataques de pragas que possam afetar a produtividade e/ou qualidade das lavouras. As doenças são citadas com mais frequência como provável causa da redução da qualidade das lavouras e, aliadas ao clima, podem afetar a produtividade esperada para a safra atual. O clima chuvoso durante parte do ciclo afetou a qualidade das lavouras em algumas regiões, resultando em redução da produtividade esperada. De certa forma, o clima foi mais estável ao feijão plantado na segunda safra do que no da primeira. Contudo, como houve um certo atraso na sua implantação, o clima já começa a afetar a qualidade das lavouras que ainda estão em estágio vegetativo e início do reprodutivo, pois as temperaturas já começam a baixar e influenciam a velocidade de crescimento e, em consequência, a expressão do potencial produtivo. Boa parte das lavouras ainda se encontram em fase vegetativa e reprodutiva, e dependem da estabilidade do clima para finalizar seu ciclo e garantir boa produtividade. De modo geral, as lavouras são consideradas boas, havendo exceções de acordo com a época de plantio e oscilações do clima em algumas regiões. As chuvas, apesar de ocorrerem em todas as regiões, apresentam-se irregulares em volume e frequência, afetando as regiões de forma diferente, ora por excesso, ora por falta. Contudo, há uma boa expectativa em relação aos resultados que podem ser alcançados na safra atual, principalmente em relação ao preço do produto, o qual está se mantendo remunerador desde o início da colheita da primeira safra. Devido aos bons preços obtidos na primeira safra, entre outros, a área apresentou aumento em relação ao observado na safra passada. Em muitas regiões houve o plantio em sucessão à cultura do tabaco, aproveitando as condições de solo, principalmente o resíduo de adubação, para implantar a cultura com menor custo. Mais de 50% das áreas ainda encontravam-se em floração e granação até meados de março, havendo, ainda, lavouras mais atrasadas, as quais ainda são dependentes das condições climáticas para completar seu ciclo. A chegada do outono e, com ele, as temperaturas baixas, com risco de geadas, podem comprometer parte das lavouras em estágio mais atrasado.



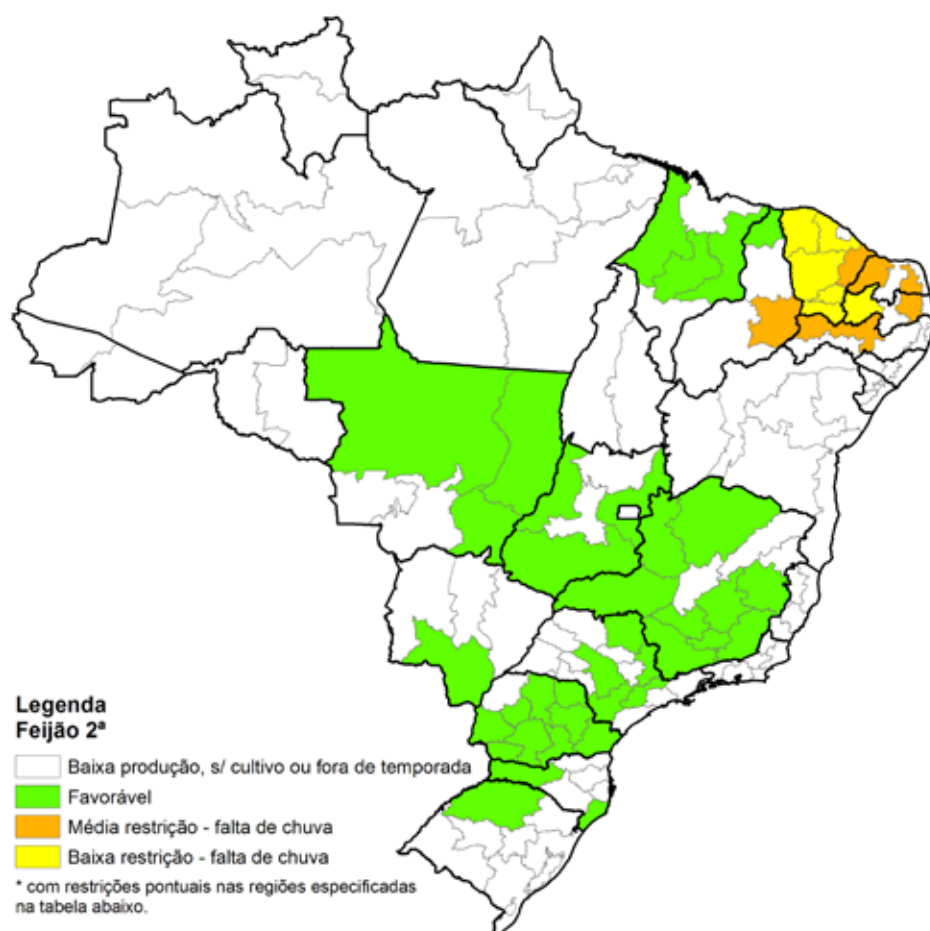
Figura 23 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Fonte: Conab/IBGE..



Figura 24 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.


















































































































































Quadro 9 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão 2ª safra	<ul style="list-style-type: none"> - oeste, centro e leste do MA (DV) - extremo norte do PI (FR) - norte, nordeste e sudeste do MT (DV/F) - sudoeste do MS (DV/F) - oeste, leste e sul de GO (DV/F) - todo estado de MG (F/FR) - norte e sul de SP (F/FR) - todo estado do PR (F/FR), exceto regiões pontuais no norte - oeste de SC (DV/F) - sul de SC (DV/F), exceto regiões pontuais - noroeste do RS (DV/F) 	<ul style="list-style-type: none"> - regiões pontuais do sul de SC (DV/F) 		<ul style="list-style-type: none"> - sudeste do PI (FR) - todo estado do CE (F) - oeste do RN (F) - Agreste do RN (DV) - Sertão da PB (FR) - Agreste da PB (DV) - Sertão de PE (FR)- regiões pontuais do norte do PR (F/FR)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



Quadro 10 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.



Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	58,6	106,4	81,6	277	439	58,5	16,2	46,7	188,3
RR	115,2	131,8	14,4	246	335	36,2	28,3	44,2	56,2
RO	229,3	211,3	(7,8)	1.406	1.398	(0,5)	322,4	295,5	(8,3)
AC	199,2	173,5	(12,9)	1.358	1.361	0,2	270,5	236,1	(12,7)
AM	16,0	14,0	(12,5)	1.600	1.650	3,1	25,6	23,1	(9,8)
AP	13,2	23,0	74,2	1.857	1.500	(19,2)	24,5	34,5	40,8
TO	0,9	0,8	-	2.000	2.200	10,0	1,8	1,8	-
NORDESTE	130,9	142,1	8,6	1.454	1.528	5,1	190,4	217,2	14,1
MA	105,9	117,5	11,0	1.487	1.450	(2,5)	157,5	170,4	8,2
PI	8,4	8,4	-	813	1.120	37,8	6,8	9,4	38,2
CE	1,0	0,9	(10,0)	951	1.170	23,0	1,0	1,1	10,0
RN	15,6	15,3	(1,9)	1.606	2.370	47,6	25,1	36,3	44,6
PB	248,6	244,4	(1,7)	1.485	1.916	29,1	369,1	468,4	26,9
PE	208,1	210,9	1,4	1.475	1.941	31,6	306,9	409,4	33,4
CENTRO-OESTE	20,2	17,1	(15,3)	1.450	1.866	28,7	29,3	31,9	8,9
MT	20,3	16,4	(19,2)	1.622	1.653	1,9	32,9	27,1	(17,6)
MS	709,7	768,2	8,2	351	366	4,3	249,2	281,5	13,0
GO	608,8	597,8	(1,8)	1.449	1.641	13,3	881,9	981,1	11,2
DF	1.318,5	1.366,0	3,6	858	924	7,7	1.131,1	1.262,6	11,6
SUDESTE	130,9	140,5	7,3	1.454	1.720	18,3	190,4	241,6	26,9
MG	105,9	115,7	9,3	1.487	1.684	13,2	157,5	194,8	23,7
ES	8,4	8,4	-	813	1.120	37,8	6,8	9,4	38,2
RJ	1,0	1,0	-	951	931	(2,1)	1,0	0,9	(10,0)
SP	15,6	15,4	(1,5)	1.606	2.371	47,6	25,1	36,5	45,4
SUL	248,6	241,7	(2,8)	1.485	1.902	28,1	369,1	459,8	24,6
PR	208,1	208,6	0,2	1.475	1.930	30,8	306,9	402,6	31,2
SC	20,2	16,7	(17,3)	1.450	1.800	24,1	29,3	30,1	2,7
RS	20,3	16,4	(19,2)	1.622	1.653	1,9	32,9	27,1	(17,6)
NORTE-NORDESTE	709,7	765,8	7,9	351	336	(4,3)	249,2	257,4	3,3
CENTRO-SUL	608,8	581,1	(4,5)	1.449	1.695	17,0	881,9	985,0	11,7
BRASIL	1.318,5	1.346,9	2,2	858	922	7,5	1.131,1	1.242,4	9,8

Fonte: Conab..

Nota: Estimativa em março/2016

Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – feijão 2a safra - preto

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
CENTRO-OESTE	0,1	1.650	0,1
DF	0,1	1.650	0,1
SUDESTE	5,0	977	4,9
MG	2,0	740	1,5
ES	2,1	1.119	2,3
RJ	0,9	1.170	1,1
SUL	111,7	1.835	205,0
PR	82,1	1.883	154,6
SC	13,2	1.765	23,3
RS	16,4	1.653	27,1
CENTRO-SUL	116,8	1.798	210,0
BRASIL	116,8	1.798	210,0

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em abril/2016



Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – feijão 2a safra - carioca

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	44,4	800	35,6
RR	2,7	731	2,0
RO	21,2	754	16,0
AC	7,3	621	4,5
AM	5,5	1.126	6,2
AP	1,3	915	1,2
TO	6,4	883	5,7
NORDESTE	45,6	510	23,2
MA	0,5	400	0,2
CE	7,9	279	2,2
PB	31,4	600	18,8
PE	5,8	345	2,0
CENTRO-OESTE	61,7	1.734	107,1
MT	25,4	1.963	49,9
MS	14,0	1.650	23,1
GO	21,6	1.500	32,4
DF	0,7	2.297	1,7
SUDESTE	137,1	1.548	212,3
MG	115,5	1.462	168,9
ES	6,3	1.120	7,1
SP	15,3	2.370	36,3
SUL	132,7	1.985	263,4
PR	128,8	1.978	254,8
SC	3,9	2.200	8,6
NORTE/NORDESTE	90,0	653	58,8
CENTRO-SUL	331,5	1.757	582,8
BRASIL	421,5	1.521	641,6

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em março/2016

Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – feijão 2a safra - caupi

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	1,1	727	0,8
RO	1,1	727	0,8
NORDESTE	677,2	328	221,9
MA	48,1	579	27,8
PI	3,0	900	2,7
CE	389,3	279	108,6
RN	35,7	357	12,7
PB	75,1	372	27,9
PE	126,0	335	42,2
CENTRO-OESTE	149,4	1.260	188,3
MT	148,0	1.258	186,2
GO	1,4	1.500	2,1
NORTE/NORDESTE	678,3	329	222,7
CENTRO-SUL	149,4	1.260	188,3
BRASIL	827,7	497	411,0

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em abril/2016

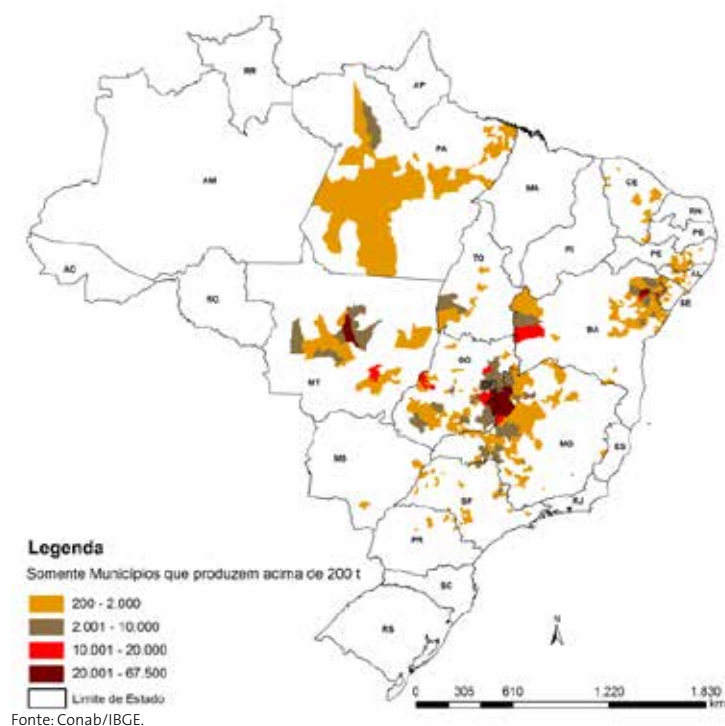
8.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Para o feijão terceira safra, em função do calendário de plantio e da metodologia aplicada nas estimativas, foram repetidas as áreas da safra anterior e aplicado

um rendimento médio baseado na análise estatística da série histórica das safras anteriores.



Figura 25 – Mapa da produção agrícola – feijão terceira safra



Quadro 11 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
PA												
TO												
Nordeste												
CE												
PE												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.



Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	30,9	30,9	-	809	837	3,5	25,0	25,9	3,6
PA	28,0	28,0	-	760	764	0,5	21,3	21,4	0,5
TO	2,9	2,9	-	1.281	1.546	20,7	3,7	4,5	21,6
NORDESTE	423,5	423,5	-	654	684	4,7	276,8	289,9	4,7
CE	10,3	10,3	-	1.054	1.164	10,4	10,9	12,0	10,1
PE	122,1	122,1	-	467	536	14,8	57,0	65,4	14,7
AL	47,0	47,0	-	458	546	19,2	21,5	25,7	19,5
SE	31,5	31,5	-	746	736	(1,3)	23,5	23,2	(1,3)
BA	212,6	212,6	-	771	769	(0,2)	163,9	163,6	(0,2)
CENTRO-OESTE	116,9	116,9	-	2.672	2.543	(4,8)	312,4	297,3	(4,8)
MT	76,8	76,8	-	2.566	2.352	(8,3)	197,1	180,6	(8,4)
MS	0,4	0,4	-	1.260	1.380	9,5	0,5	0,6	20,0
GO	36,5	36,5	-	2.868	2.886	0,6	104,7	105,3	0,6
DF	3,2	3,2	-	3.159	3.362	6,4	10,1	10,8	6,9
SUDESTE	92,1	92,1	-	2.533	2.555	0,8	233,3	235,3	0,9
MG	74,0	74,0	-	2.576	2.600	0,9	190,6	192,4	0,9
SP	18,1	18,1	-	2.359	2.369	0,4	42,7	42,9	0,5
SUL	4,9	4,9	-	1.013	950	(6,2)	5,0	4,7	(6,0)
PR	4,9	4,9	-	1.013	950	(6,2)	5,0	4,7	(6,0)
NORTE/NORDESTE	454,4	454,4	-	664	695	4,6	301,8	315,8	4,6
CENTRO-SUL	213,9	213,9	-	2.574	2.512	(2,4)	550,7	537,3	(2,4)
BRASIL	668,3	668,3	-	1.276	1.276	0,1	852,5	853,1	0,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2016

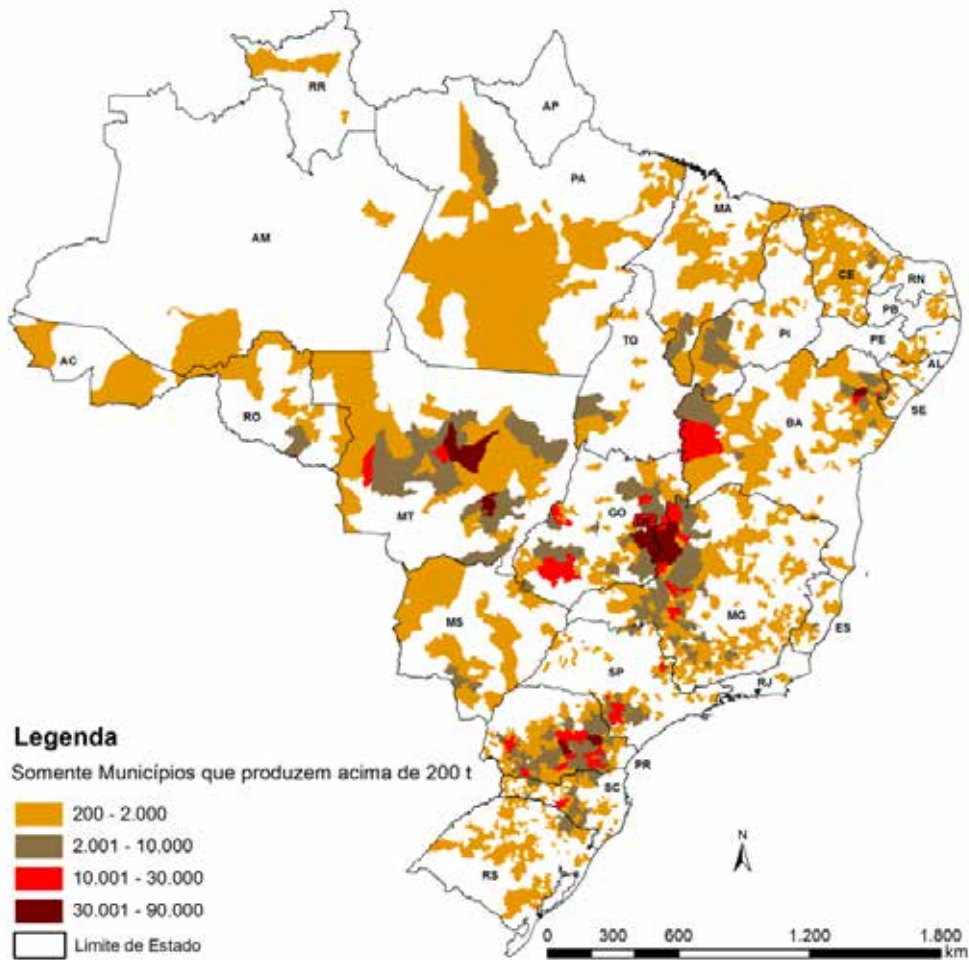
8.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Considerando as três safras, estima-se para esse sétimo acompanhamento, que a área total de feijão terá incremento de 3.047,5 mil hectares relação à safra passada, que foi de 3.040 mil hectares, com 0,2% de

aumento. A produção nacional de feijão deverá ficar em 3.309,3 mil toneladas e 6,2% maior que a última temporada.



Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	88,1	80,1	(9,1)	775	804	3,7	68,4	64,4	(5,8)
RR	2,7	2,7	-	667	741	11,1	1,8	2,0	11,1
RO	22,0	22,3	1,4	723	753	4,2	15,9	16,8	5,7
AC	7,5	7,3	(2,7)	587	616	5,1	4,4	4,5	2,3
AM	5,5	5,5	-	1.018	1.127	10,7	5,6	6,2	10,7
AP	1,3	1,3	-	923	923	-	1,2	1,2	-
PA	28,0	28,0	-	761	764	0,5	21,3	21,4	0,5
TO	21,1	13,0	(38,4)	863	946	9,7	18,2	12,3	(32,4)
NORDESTE	1.565,3	1.613,8	3,1	453	496	9,4	709,2	799,7	12,8
MA	93,6	77,1	(17,6)	514	534	4,0	48,1	41,2	(14,3)
PI	214,4	214,7	0,1	362	421	16,2	77,6	90,3	16,4
CE	404,1	407,5	0,8	328	301	(8,1)	132,5	122,8	(7,3)
RN	31,6	35,7	13,0	332	356	7,1	10,5	12,7	21,0
PB	58,6	106,4	81,6	276	439	58,8	16,2	46,7	188,3
PE	237,3	253,9	7,0	360	432	19,9	85,4	109,6	28,3
AL	47,0	47,0	-	457	547	19,5	21,5	25,7	19,5
SE	31,5	31,5	-	746	737	(1,3)	23,5	23,2	(1,3)
BA	447,2	440,0	(1,6)	657	744	13,3	293,9	327,5	11,4
CENTRO-OESTE	421,1	398,9	(5,3)	1.863	1.869	0,3	784,3	745,3	(5,0)
MT	286,8	256,3	(10,6)	1.689	1.664	(1,5)	484,5	426,6	(12,0)
MS	17,1	15,0	(12,3)	1.608	1.647	2,4	27,5	24,7	(10,2)
GO	101,0	111,5	10,4	2.345	2.373	1,2	236,8	264,6	11,7
DF	16,2	16,1	(0,6)	2.191	1.826	(16,7)	35,5	29,4	(17,2)
SUDESTE	431,1	435,8	1,1	1.604	1.754	9,4	691,4	764,2	10,5
MG	339,0	338,1	(0,3)	1.512	1.641	8,6	512,4	554,8	8,3
ES	14,4	14,6	1,4	764	966	26,4	11,0	14,1	28,2
RJ	1,7	1,6	(5,9)	941	1.063	12,9	1,6	1,7	6,3
SP	76,0	81,5	7,2	2.189	2.375	8,5	166,4	193,6	16,3
SUL	534,4	518,9	(2,9)	1.613	1.803	11,8	862,0	935,7	8,5
PR	405,7	395,9	(2,4)	1.580	1.787	13,1	640,9	707,4	10,4
SC	72,9	63,1	(13,4)	1.812	1.868	3,1	132,1	117,9	(10,7)
RS	55,8	59,9	7,3	1.595	1.843	15,6	89,0	110,4	24,0
NORTE/NORDESTE	1.653,4	1.693,9	2,4	470	510	8,5	777,6	864,1	11,1
CENTRO-SUL	1.386,6	1.353,6	(2,4)	1.686	1.807	7,2	2.337,7	2.445,2	4,6
BRASIL	3.040,0	3.047,5	0,2	1.025	1.086	6,0	3.115,3	3.309,3	6,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2016

8.1.4.5. OFERTA E DEMANDA

Feijão comum carioca

O abastecimento do mercado paulista está sendo processado, em sua maioria, com produtos provenientes do Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais e Goiás. O clima irregular dos últimos dias (atrapalhando as colheitas) vem interferindo nas negociações diante da menor qualidade.

No Sul do país cerca de 90% da produção da safra das águas foram comercializadas pelos produtores. Quan-

to à segunda safra, o plantio está concluído e cerca de 2% da área foi colhido e as lavouras atravessam os seguintes estágios: 35% em desenvolvimento vegetativo, 42% em floração, 20% em frutificação e 3% em maturação.

A pouca disponibilidade de produto de boa qualidade têm provocado substancial alta nos preços, que devem permanecer em patamares elevados pelo me-



nos até o avanço da colheita da segunda safra a partir abril, se concentrando em maio e junho, e, até lá, o país passará por um período com poucas ofertas.

No momento o volume produzido atende (de uma forma bem ajustada) o mercado, em função, basicamente, da baixa demanda varejista. Desta forma, as cotações devem continuar oscilando de forma positiva/negativa, de acordo com as quantidades ofertadas e suas respectivas demandas, vez que grande parte dos compradores está sem estoques regulares.

A expectativa continua focada na quantidade e na qualidade da mercadoria que vem sendo ofertada, e nos climas da Região Sul e Nordeste. Observa-se que quando os valores recebidos pelos agricultores entram em queda, os produtores adotam a estratégia de reduzir as quantidades para a venda, visando, desta forma, melhor remuneração para o seu produto.

Feijão comum preto

Os preços seguem estáveis desde janeiro próximo passado. No Paraná o plantio da segunda safra foi finalizado em março, com expectativa de colheita em torno de 183 mil toneladas. O volume previsto é pequeno e, doravante, o país passará a depender de importações, principalmente da Argentina, maior fornecedor, que concluiu o seu plantio também em março. O produto argentino habitualmente começa a ser ofertado a partir de maio.

Do volume a ser produzido na Argentina, cerca de 70% da produção de feijão-comum preto e entre 10.000 e 15.000 toneladas de feijão-comum branco são destinados ao Brasil.

No momento o volume ofertado atende plenamente à fraca demanda, e os produtores continuam retendo

É importante mencionar que, como a Região Nordeste do país continua na entressafra, e o plantio indefinido devido às adversidades climáticas, provavelmente ocorrerá deslocamento de compradores às diversas regiões produtoras do Centro-sul do país em busca de mercadorias, o que poderá contribuir para que o produto continue valorizado.

As precipitações pluviométricas registradas naquela região estão abaixo da média histórica, e as poucas chuvas registradas, até o momento, de forma localizada e de baixas intensidades, têm provocado perdas parciais no rendimento das lavouras semeadas. Pode-se dizer que o clima, no âmbito nacional, está sendo o principal balizador para o comportamento dos preços.

e escalonando as vendas com o objetivo de melhor remuneração para o seu produto. Apesar da estratégia, a esperada reação dos preços ainda não aconteceu. Contudo, em vista da pouca quantidade disponível e dos elevados preços praticados para o grupo carioca, a expectativa é de um mercado mais firme, com aumento das cotações.

Para a temporada 2015/16, tomando os dados de produção estimados em 3.309,3 mil toneladas, a Conab vislumbra que, partindo-se do estoque inicial de 103,2 mil toneladas, o mesmo consumo registrado na safra anterior, ou seja, 3.350 mil toneladas, as importações em 150,0 mil toneladas e as exportações de 120,0 mil toneladas, resultará em um estoque de passagem da ordem de 92,5 mil toneladas, correspondente a menos de 1 (um) mês de consumo.

Tabela 39 – Feijão - oferta e demanda

ANO SAFRA	Estoque inicial	Produção Nacional	Imp.	Suprimento	Consumo aparente	Exp.	Estoque de passagem
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
2014/15	303,8	3.115,3	156,7	3.575,8	3.350,0	122,6	103,2
2015/16*	103,2	3.309,3	150,0	3.562,5	3.350,0	120,0	92,5

Fonte: Conab.

Legenda: (*) estimativa



8.1.5. GIRASSOL

Figura 27 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 28 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 12 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Girassol	- Triângulo e sul de MG (DV) - norte de MT (DV) - sul de GO (DV)			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.





































Tabela 40– Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	94,2	29,8	(68,4)	1.352	1.479	9,4	127,4	44,1	(65,4)
MT	86,4	20,9	(75,8)	1.348	1.431	6,2	116,5	29,9	(74,3)
MS	0,4	0,4	-	1.500	1.438	(4,1)	0,6	0,6	-
GO	7,4	8,5	14,9	1.386	1.600	15,4	10,3	13,6	32,0
SUDESTE	14,0	9,4	(32,9)	1.465	1.500	2,4	20,5	14,1	(31,2)
MG	14,0	9,4	(32,9)	1.465	1.500	2,4	20,5	14,1	(31,2)
SUL	3,3	3,3	-	1.617	1.339	(17,2)	5,3	4,4	(17,0)
RS	3,3	3,3	-	1.617	1.339	(17,2)	5,3	4,4	(17,0)
CENTRO-SUL	111,5	42,5	(61,9)	1.374	1.473	7,2	153,2	62,6	(59,1)
BRASIL	111,5	42,5	(61,9)	1.374	1.473	7,2	153,2	62,6	(59,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2016

Quadro 13 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
CE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
Sul												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.



8.1.6. MAMONA

As expectativas são boas para a safra 2015/16 de mamona, com crescimento da área, alcançando 102,8 mil hectares, que representa crescimento de 25,2% em relação à safra passada, que foi de 82,1 mil hectares.

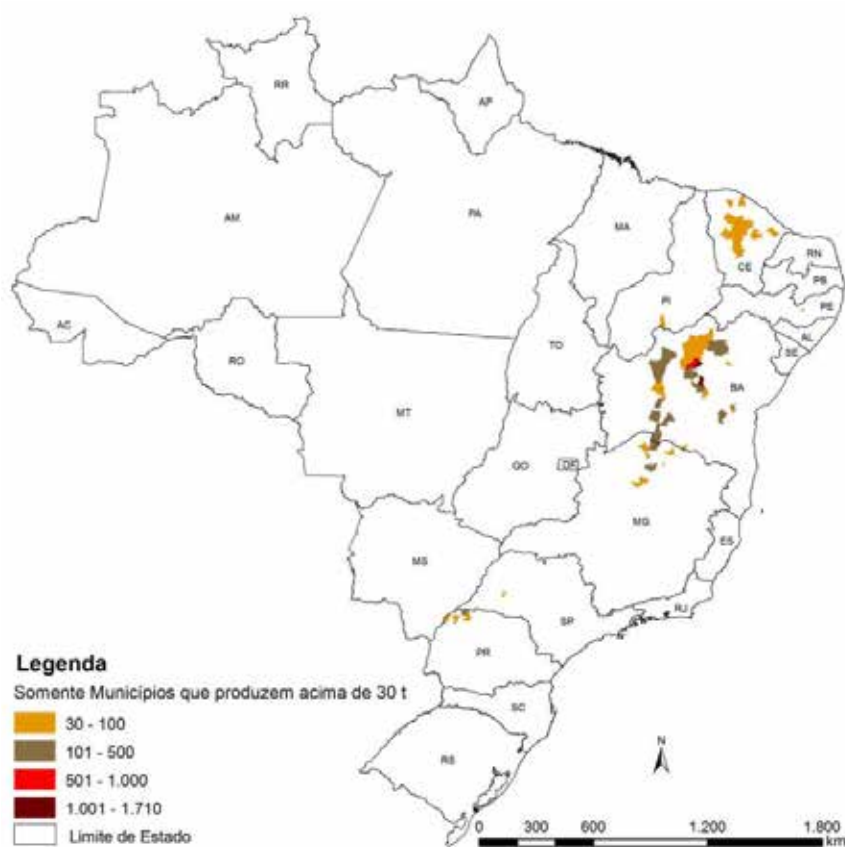
Para a Bahia a estimativa é de que sejam cultivados 115,9 mil hectares, aumento de 90,4% em relação à safra anterior, que foi de 70 mil hectares, produção de 71,1 mil toneladas de mamona, acréscimo de 58,4% em relação à safra passada, que foi de 44,9 mil toneladas e produtividade de 787 kg/ha, acréscimo de 23% em relação à safra 2014/15, que ficou em 640 kg/ha. O estímulo ao aumento da área pode ser atribuído aos adequados índices pluviométricos atuais, como também ao preço do produto no mercado. Na região de Irecê, principal produtora, a cultura se encontra em desenvolvimento vegetativo.

O Ceará apresenta incremento de 11,4% na área em relação à safra passada, que foi de 9 mil hectares, representando acréscimo de 26,7%. Produção de 4,4 mil

toneladas, acréscimo de 214,3% em relação à safra passada que foi de 1,4 mil toneladas. A produtividade de 389 kg/ha mostra crescimento de 149,4% em relação à safra 2014/15, que ficou em 156 kg/ha. O plantio está sendo realizado de janeiro a abril. A cultura se encontra em germinação de 0,14% da área semeada, 92,29% de desenvolvimento vegetativo e o restante em floração.

Minas Gerais confirma a forte tendência de redução das áreas de cultivo de mamona, estimado em 50%, em razão dos resultados insatisfatórios, seja em termos de rendimento, seja no tocante à comercialização. Concentrado, basicamente na região Norte de Minas, o plantio da mamona está estimado em 0,4 mil hectares. A produtividade está estimada em 1.000 kg/ha, 226,8% maior em comparação com a safra passada, que foi de 306 kg/ha, incremento também na produção de 0,4 mil toneladas em relação à safra 2014/15, que foi de 0,2 mil toneladas, variação de 100%.

Figura 29 – Mapa da produção agrícola – Mamona



Fonte: Conab/IBGE.







Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	81,3	102,4	26,0	576	742	29,0	46,8	75,9	62,2
PI	0,6	0,6	-	506	727	43,7	0,3	0,4	33,3
CE	9,0	11,4	26,7	156	389	149,4	1,4	4,4	214,3
PE	1,6	-	(100,0)	142		(100,0)	0,2	-	(100,0)
BA	70,1	90,4	29,0	640	787	23,0	44,9	71,1	58,4
SUDESTE	0,8	0,4	(50,0)	306	1.000	226,8	0,2	0,4	100,0
MG	0,8	0,4	(50,0)	306	1.000	226,8	0,2	0,4	100,0
NORTE/NORDESTE	81,3	102,4	26,0	576	742	29,0	46,8	75,9	62,2
CENTRO-SUL	0,8	0,4	(50,0)	306	1.000	226,8	0,2	0,4	100,0
BRASIL	82,1	102,8	25,2	573	743	29,7	47,0	76,3	62,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2016

Quadro 14 – Calendário de plantio e colheita – Mamona

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
PI												
CE												
RN												
PE												
BA												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

8.1.7. MILHO

8.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

No sétimo levantamento a área semeada com milho primeira safra apresentou redução de 9,2%, atingindo 5.579 mil hectares quando comparada com a safra passada, 6.142,3 mil hectares.

Na Região Centro-Sul ocorreu a maior redução nacional, estimada em 12,3%, quando comparado com o exercício anterior. No Rio Grande do Sul a área semeada com milho na safra 2015/16 sofreu nova redução devido à concorrência com o milho mais barato produzido no Paraná e no Mato Grosso e às áreas perdi-

das para soja. Outro fator que influenciou no número da área de milho foi a segregação das lavouras destinadas ao milho silagem. Está mantido o crescimento dessa atividade, o que a torna cada vez mais significativa na produção de alimento para as atividades pecuárias. As lavouras, tanto da zona sul quanto da região norte semeadas posteriormente, já atingiram 50% da colheita. O resultado obtido e a projeção para o restante da safra permitem estimar que a produtividade dessa safra será recorde, 7,218 kg/ha. O resultado foi proporcionado pelo desempenho da lavoura de



sequeiro, que favorecida pelo clima, alcançou em algumas regiões produtividade igual à lavoura irrigada. O preço do produto continua com um movimento de alta, e a tendência é de aumento de área na próxima safra, que começa a ser semeada em julho. O incentivo vem dos bons preços de mercado, alavancados pela diminuição da área da safra atual e pelos preços internacionais.

No Paraná, na região centro-oeste do estado, a colheita está em fase final. Apesar da redução da área de 14,12%, a produtividade foi mantida e a produção total, muito embora inferior à safra anterior em 9,54%, deve encerrar com uma produção 4% maior que a safra normal para a região. Na região oeste, houve redução da produtividade em 7,3% em razão do excesso de chuva ao longo dos diversos estágios da planta, associados à baixa luminosidade e à ocorrência de algumas doenças e pragas, como mancha branca e perceijos. Além disso, a área dessa safra foi reduzida em 30%, destinadas ao plantio de soja.

Na região centro-sul as primeiras lavouras colhidas tiveram problemas com a produtividade devido aos grãos estarem leves. As áreas colhidas em fevereiro sofreram com o baixo fotoperíodo de outubro e novembro, quando estavam em plena floração e frutificação. Das lavouras colhidas em março, algumas retomaram a produtividade esperada e parte da perda na produção também se deve ao excesso de chuva.

Em Santa Catarina a presença de pragas e doenças sobre a cultura do milho teve pouca relevância nesta safra. Com relação às condições da lavoura, no início do plantio, houve excesso de chuva (outubro e novembro) dificultando a implantação destas, resultando em atraso e parcelamento da semeadura. Geadas ocorridas em setembro passado, afetaram algumas lavouras, as quais necessitaram de replantio no todo ou em parte. Em meados de janeiro houve falta de chuvas em todas as regiões, causando algumas perdas em lavouras que estavam na fase de polinização/fecundação.

O excesso de chuvas durante o plantio em outubro e o período de estiagem em janeiro foram os principais responsáveis pela redução da produtividade esperada, principalmente nas primeiras lavouras semeadas. O resultado dessas instabilidades produziu falhas nas espigas e, principalmente, menor peso específico do produto, haja vista que o excesso de chuva ocorrido quando da implantação e desenvolvimento inicial das lavouras pode ter causado lixiviação de parte dos nutrientes contidos nos fertilizantes. Contudo, as lavouras plantadas mais tarde, após a estabilização do clima, apresentam melhor potencial produtivo, fazendo com que a produtividade volte a apresentar resulta-

dos semelhantes em relação ao último levantamento, mas ainda abaixo do obtido na safra passada. Em torno de 62% da área já havia sido colhida até meados de março, a qual deve alcançar índice próximo aos 70% até o final do mês, dependendo das condições climáticas, as quais estão favoráveis até o momento, com chuvas regulares, mas dando condições para que a colheita avance. O restante da área se divide entre as fases de maturação e formação de grãos, haja vista que algumas lavouras foram semeadas mais tarde, com intuito de aproveitar o bom momento de mercado. Em torno de 65% do produto colhido já foi comercializado pelo produtor. Ainda é grande a procura pelo produto por parte das agroindústrias, principalmente as que produzem ração para fornecer aos produtores integrados de suínos e aves.

Na Região Sudeste as lavouras apresentam bom desenvolvimento. Em Minas Gerais o plantio de milho da primeira safra, reavaliado no presente levantamento, apresentou uma queda de 18,1% em relação à safra anterior, passando de 1.022,4 mil hectares para 837,4 mil hectares. O custo de produção sofreu aumento substancial e os produtores vêm enfrentando dificuldades para obtenção de financiamento. Como as perspectivas apresentavam mais favoráveis para o mercado de soja, os produtores acabaram optando por aumentar o plantio da oleaginosa, com intenção de posteriormente realizar o de milho.

Com o atraso das chuvas, o plantio foi iniciado mais cedo apenas em áreas de pivô, concentrando-se notadamente em novembro e finalizado em dezembro. As lavouras estão se desenvolvendo bem, e se encontram predominantemente em fase de maturação e colheita. Há grande pressão de ataque de lagartas e também de doenças fúngicas, mas a estiagem ocorrida em meados de janeiro permitiu a aplicação de inseticidas e fungicidas para controle, e há expectativas de que a produção de milho apresente bons resultados. Informações preliminares indicam que o clima quente e úmido vem favorecendo o ataque de cigarrinhas na região noroeste, com possíveis impactos sobre as produtividades estimadas, que será melhor avaliado com o avanço da colheita. O rendimento médio ainda está estimado em 6.100 kg/ha, 14,2% acima da safra anterior, prejudicada pela estiagem.

Em São Paulo o desenvolvimento das lavouras do cereal, tem se mostrado bastante satisfatório ao longo de todo seu ciclo de desenvolvimento, em razão das excelentes condições climáticas que ocorreram em praticamente todas as regiões produtoras do estado. Nesta safra, que já caminha para sua fase final, houve retração de 2,9% na área do milho, em relação a safra anterior. Já a produtividade deverá confirmar um ganho de aproximadamente 6,2%.



Na Região Centro-Oeste o atual levantamento confirmou a redução na área plantada de 5,1% em relação à safra anterior. Em Goiás espera-se bons rendimentos nesta safra verão. A pressão de pragas e doenças neste ano, foi baixa e as pulverizações feitas na fase inicial da cultura foram suficientes para controle de lagartas. Grande parte do material utilizado pelos produtores apresentou resistência ao ataque de pragas, incluindo as variedades convencionais. Chuvas alternadas com dias ensolarados foram importantes para o desenvolvimento da cultura, particularmente na fase de enchimento de grãos. Grande parte das áreas encontra-se em fase de maturação.

Em Mato Grosso do Sul, houve uma forte redução da área de milho verão, estimada em 22%. A semeadura na região centro-sul do estado ocorreu principalmente em outubro e novembro. Na região norte, maior produtora do cereal de primeira safra, os plantios terminaram em dezembro, uma vez que só a partir do final de novembro as precipitações se normalizaram. Como a área de plantio de milho verão é pequena, em poucos dias a operação foi encerrada, devido à capacidade instalada de equipamentos dos produtores. O uso do grande aporte tecnológico contribuirá para manter a alta produtividade da cultura no estado, a qual está estimada em aproximadamente 9.000 kg/ha.

A colheita do milho deve ser encerrada em abril. O estande está adequado e as espigas estão bem graneladas, mas o ataque de percevejos, atrelado ao problema da nebulosidade que acometeu toda a região norte em março, poderá diminuir a expectativa de produtividade. Os produtores relatam que as cultivares com características transgênicas não estão resistindo bem ao ataque de lagartas, além disso, as aplicações foram dificultadas pelas chuvas frequentes que impediram a entrada de maquinário nas lavouras. A partir do final do mês de fevereiro, com um maior período de insolação, as aplicações estão sendo feitas na medida do possível.

Vale ressaltar que a maior parte do milho plantado no estado é para consumo próprio e para abastecer os confinamentos da região norte. Com o preço favo-

rável no mercado, em decorrência da falta do grão, a tendência é que a dinâmica de plantio do milho verão seja alterado no estado, de forma que sua área seja maior para o próximo ano safra.

Na Região Norte e Nordeste a área plantada deverá apresentar variação negativa de 4,4%, quando comparada com a do exercício anterior. Na região do Mato-piba as condições desfavoráveis ao plantio, observadas em novembro e dezembro, foram os grandes responsáveis por esse desempenho. No Maranhão, o veranico ocorrido no início da safra provocou grande atraso no plantio desta cultura. A lavoura se encontra atualmente no estágio de embonhecimento, e há registros de ataques da lagarta do cartucho do milho, essa praga foi favorecida pelo veranico ocorrido no início do desenvolvimento da cultura.

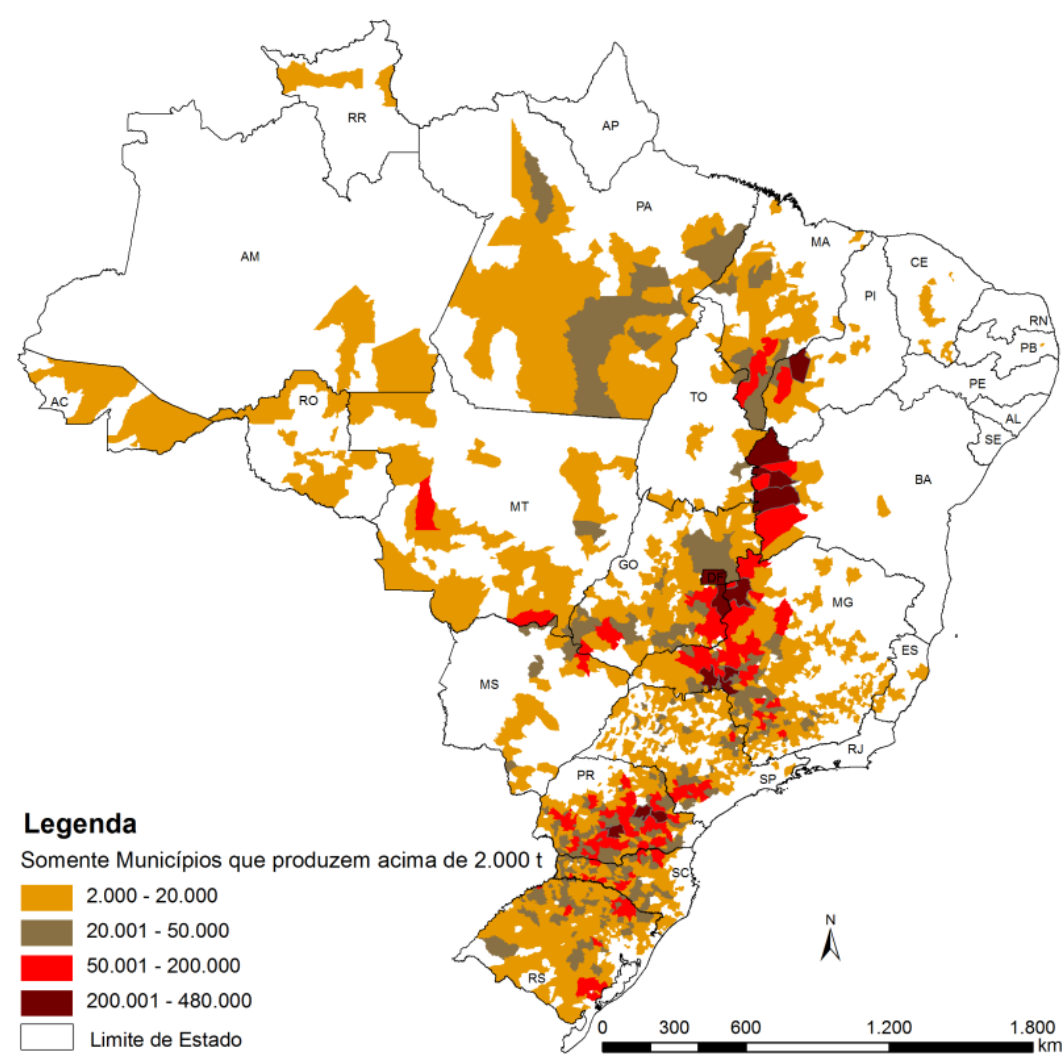
No Piauí os levantamentos anteriores apresentavam para o milho primeira safra uma tendência de manutenção de área. No entanto, devido à migração de áreas anteriormente destinadas para soja, ocorreu aumento de 23,8% em relação ao exercício anterior, devido à migração de áreas anteriormente destinadas ao plantio da soja.

Na Bahia a atual estimativa de produção é de 1.332,6 mil toneladas, cultivadas numa área de 342,4 mil hectares. Apesar das expectativas iniciais positivas, o veranico ocorrido em fevereiro prejudicou fortemente as lavouras devido ao plantio tardio. Outro fator responsável pela queda na produtividade refere-se a fato de que apenas na primeira quinzena de fevereiro as sementes certificadas terem sido disponibilizadas para a distribuição.

Em Tocantins estima-se forte crescimento na área em relação à safra anterior. A substituição do plantio em áreas anteriormente destinada a soja, contribuiu para o crescimento de 14,3% da área semeada. Apesar do resultado positivo na área plantada, a expectativa para a produtividade é de queda em relação à safra 2014/15, comprometida pela situação climática adversa.



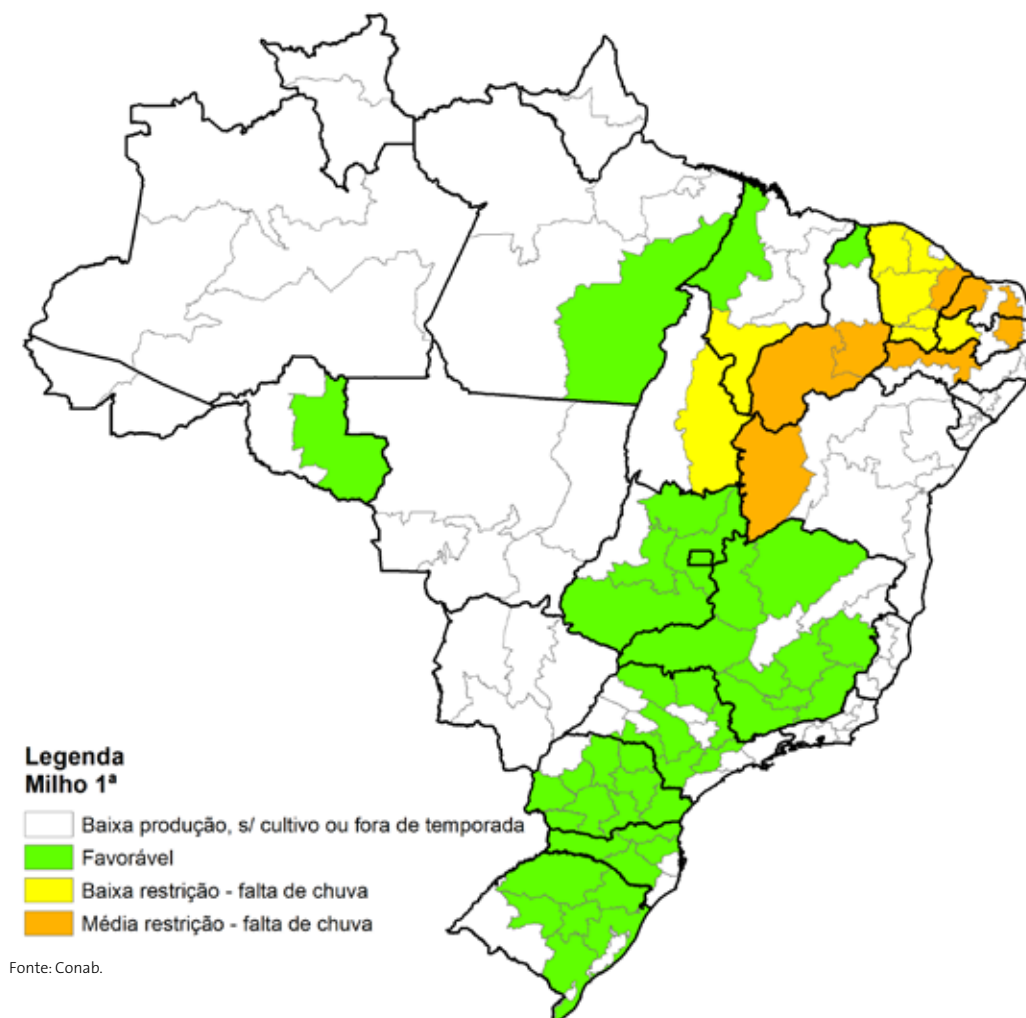
Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 31 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Quadro 15 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*























































































































































































































Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho 1ª safra	<ul style="list-style-type: none"> sudeste do PA (FR) oeste do MA (FR) extremo norte do PI (F/FR) 		<ul style="list-style-type: none"> leste de RO (C) todo estado de GO (M/C) DF (M/C) todo estado de MG (M/C) todo estado de SP (M/C) norte, oeste, leste, centro-sul e sudeste do PR (C) todo estado de SC (C) todo estado do RS (C) 	<ul style="list-style-type: none"> leste de TO (FR) sul do MA (FR) sudeste do PI (F/FR) sudoeste do PI (FR) todo estado do CE (DV/F) oeste do RN (DV/F) Agreste do RN (G/DV) Sertão de PE (F/FR) Sertão da PB (F/FR) Agreste da PB (G/DV) oeste da BA (FR)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.



Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(ef)	(g)	(f/e)
NORTE	393,8	377,7	(4,1)	3.239	3.104	(4,2)	1.275,5	1.172,5	(8,1)
RR	6,2	4,6	(25,2)	2.483	3.036	22,3	15,4	14,0	(9,1)
RO	46,0	42,2	(8,3)	2.174	2.189	0,7	100,0	92,4	(7,6)
AC	41,3	39,6	(4,1)	2.332	2.494	6,9	96,3	98,8	2,6
AM	15,5	15,5	-	2.540	2.612	2,8	39,4	40,5	2,8
AP	1,8	1,8	-	907	933	2,9	1,6	1,7	6,3
PA	218,7	200,5	(8,3)	3.232	3.121	(3,4)	706,8	625,8	(11,5)
TO	64,3	73,5	14,3	4.914	4.072	(17,1)	316,0	299,3	(5,3)
NORDESTE	2.056,5	1.964,8	(4,5)	2.165	1.902	(12,2)	4.452,9	3.736,4	(16,1)
MA	380,1	291,2	(23,4)	2.500	2.633	5,3	950,3	766,7	(19,3)
PI	380,5	471,1	23,8	2.495	2.501	0,2	949,3	1.178,2	24,1
CE	480,6	503,5	4,8	315	539	71,1	151,4	271,4	79,3
RN	25,9	33,9	30,9	288	670	132,6	7,5	22,7	202,7
PB	62,9	103,3	64,2	322	672	108,7	20,3	69,4	241,9
PE	214,7	219,4	2,2	271	435	60,5	58,2	95,4	63,9
BA	511,8	342,4	(33,1)	4.525	3.892	(14,0)	2.315,9	1.332,6	(42,5)
CENTRO-OESTE	361,6	343,2	(5,1)	6.930	7.579	9,4	2.506,0	2.600,9	3,8
MT	63,6	54,0	(15,1)	7.205	7.282	1,1	458,2	393,2	(14,2)
MS	20,5	16,0	(22,0)	8.500	9.000	5,9	174,3	144,0	(17,4)
GO	250,7	246,4	(1,7)	6.690	7.636	14,1	1.677,2	1.881,5	12,2
DF	26,8	26,8	-	7.326	6.800	(7,2)	196,3	182,2	(7,2)
SUDESTE	1.435,4	1.235,7	(13,9)	5.436	6.097	12,2	7.802,1	7.534,4	(3,4)
MG	1.022,4	837,4	(18,1)	5.340	6.100	14,2	5.459,6	5.108,1	(6,4)
ES	17,8	14,8	(16,6)	1.363	2.432	78,4	24,3	36,0	48,1
RJ	2,6	2,1	(19,2)	2.394	2.558	6,9	6,2	5,4	(12,9)
SP	392,6	381,4	(2,9)	5.889	6.253	6,2	2.312,0	2.384,9	3,2
SUL	1.895,0	1.657,6	(12,5)	7.412	7.532	1,6	14.045,5	12.485,2	(11,1)
PR	542,5	424,6	(21,7)	8.633	8.059	(6,6)	4.683,4	3.421,9	(26,9)
SC	411,5	370,0	(10,1)	7.750	7.660	(1,2)	3.189,1	2.834,2	(11,1)
RS	941,0	863,0	(8,3)	6.560	7.218	10,0	6.173,0	6.229,1	0,9
NORTE/NORDESTE	2.450,3	2.342,5	(4,4)	2.338	2.096	(10,4)	5.728,4	4.908,9	(14,3)
CENTRO-SUL	3.692,0	3.236,5	(12,3)	6.596	6.989	6,0	24.353,6	22.620,5	(7,1)
BRASIL	6.142,3	5.579,0	(9,2)	4.898	4.934	0,8	30.082,0	27.529,4	(8,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa abril/2016

8.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

A área plantada prevista para esta temporada deverá apresentar incremento de 3,7% em relação à safra passada. O clima ditará o tamanho da safra em todo o país, especialmente na Região Centro-Oeste, uma vez que o atraso no plantio da soja, ocorrido na maior região produtora do país, poderá impactar o tamanho da oferta para o cereal. Em Mato Grosso, o plantio do cereal está praticamente finalizado no estado, e plantios residuais deverão ser encerrados até a última semana de março. Em relação à área dedicada ao cereal, constata-se um leve incremento em relação à safra anterior, mesmo com uma janela de plantio menor. Os bons preços praticados no mercado, aliado ao volume alto de comercialização futura (média 55% em Mato Grosso) incentivaram os produtores a plantarem o milho, mesmo com risco de perdas, devido ao eventual encerramento do período de chuvas coincidindo com a fase de maior demanda hídrica do milharal em abril.

No Paraná a área de milho segunda safra no estado

terá aumento de 12,5% em decorrência do momento favorável à cultura, no que concerne ao clima e preços elevados. A área do milho segunda safra no estado sofreu um aumento, atingindo 2.153,6 mil hectares, abarcando áreas antes destinadas ao plantio de feijão e trigo, principalmente. O plantio já alcança cerca de 96% da área total. Ressalta-se que, mesmo com a previsão de safra recorde, espera-se que os preços se mantenham relativamente estáveis, pois o real desvalorizado incentiva a exportação que pressiona os preços internos via paridade de exportação. Na região norte o plantio está concluído em 89,31% da área e a cada levantamento se verifica um novo aumento na intenção de plantio, impulsionado pelos atuais preços do milho. Há registro de incidência moderada de perceijos, com necessidade de pulverizações para controle. Na região Centro-Oeste a área já foi totalmente plantada.

A produtividade está sendo estimada de forma bas-

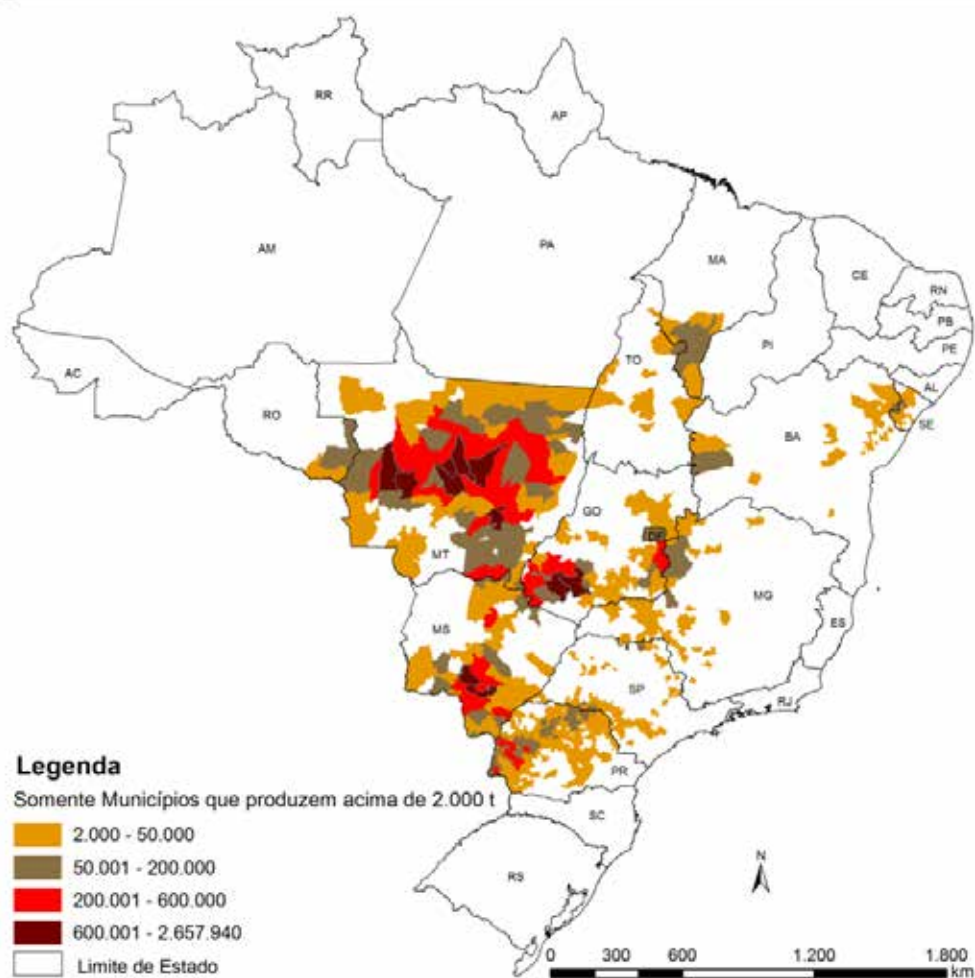


tante conservadora, considerando os aspectos climáticos para o futuro, como no caso do frio rigoroso que se espera. Os custos de produção com a aplicação de alta tecnologia são mais elevados, porém com o atual patamar de preços este investimento é diluído. Como no cultivo da primeira safra as áreas de silagem não devem ser desconsideradas, pois tem um volume muito representativo. Ademais, parte da área informada, como milho grão, pode ainda ser destinada à silagem, já com espigas granadas, dependendo da situação de mercado no momento final do ciclo. Na região oeste a cultura iniciou o plantio em janeiro e neste levantamento já está 100% concluída. Devido ao clima favorável, a expectativa é de alta produtivi-

dade, principalmente em relação à safra anterior, que foi prejudicada pelo excesso de chuva. Na região Centro-Sul, nas localidades com inverno menos rigoroso, os produtores plantam a segunda safra de milho. Nas demais, o plantio é realizado sem grande aporte tecnológico, pois o risco climático é muito alto para se investir forte, explicando a baixa produtividade média das lavouras de segunda safra na região.

A posição consolidada da área brasileira de milho, reunindo a primeira e segunda safras, deverá atingir na temporada atual 15.480,9 mil hectares, representando uma redução de 1,4% em relação ao observado no ano passado.

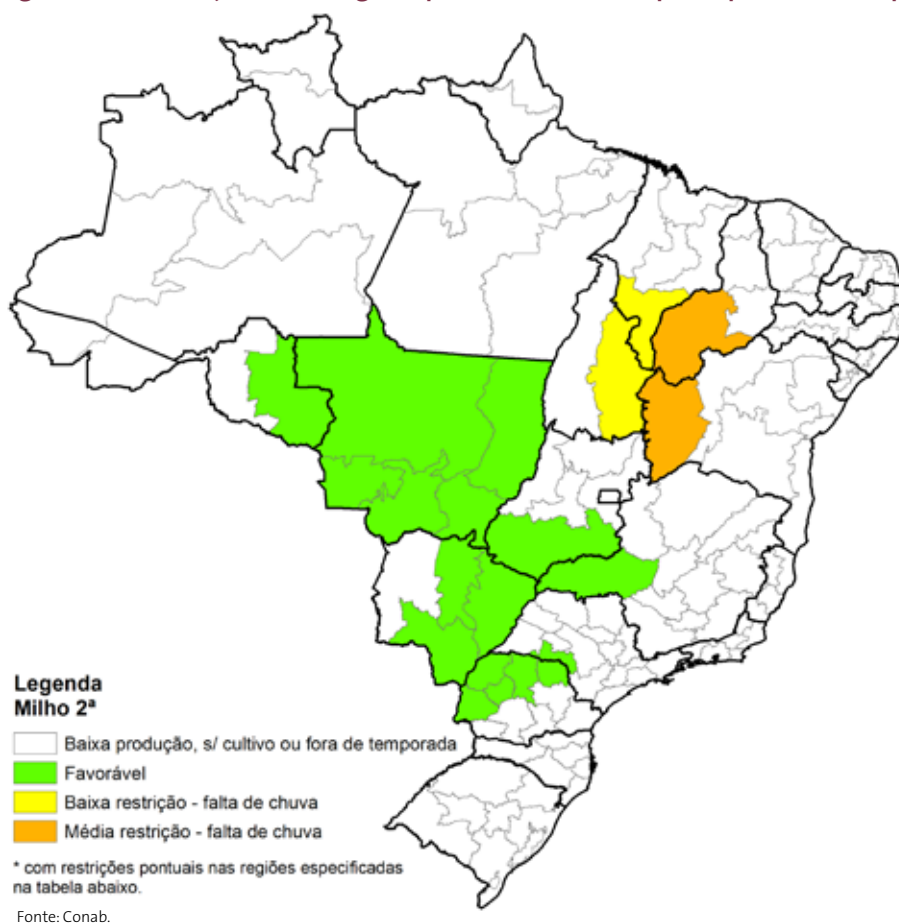
Figura 32 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 33 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Quadro 17 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*









































































































Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho 2ª safra	<ul style="list-style-type: none"> - leste de RO (DV) - todo estado do MT (DV/F) - todo estado do MS (DV/F) - sul de GO (DV/F) - Triângulo de MG (DV) - sul de SP (DV/F) - oeste do PR (DV/F) - norte do PR (DV/F), exceto regiões pontuais do norte 			<ul style="list-style-type: none"> - leste de TO (DV) - sul do MA (DV) - sudoeste do PI (DV) - oeste da BA (DV) - regiões pontuais do norte do PR (DV/F)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RO												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

Tabela 43 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

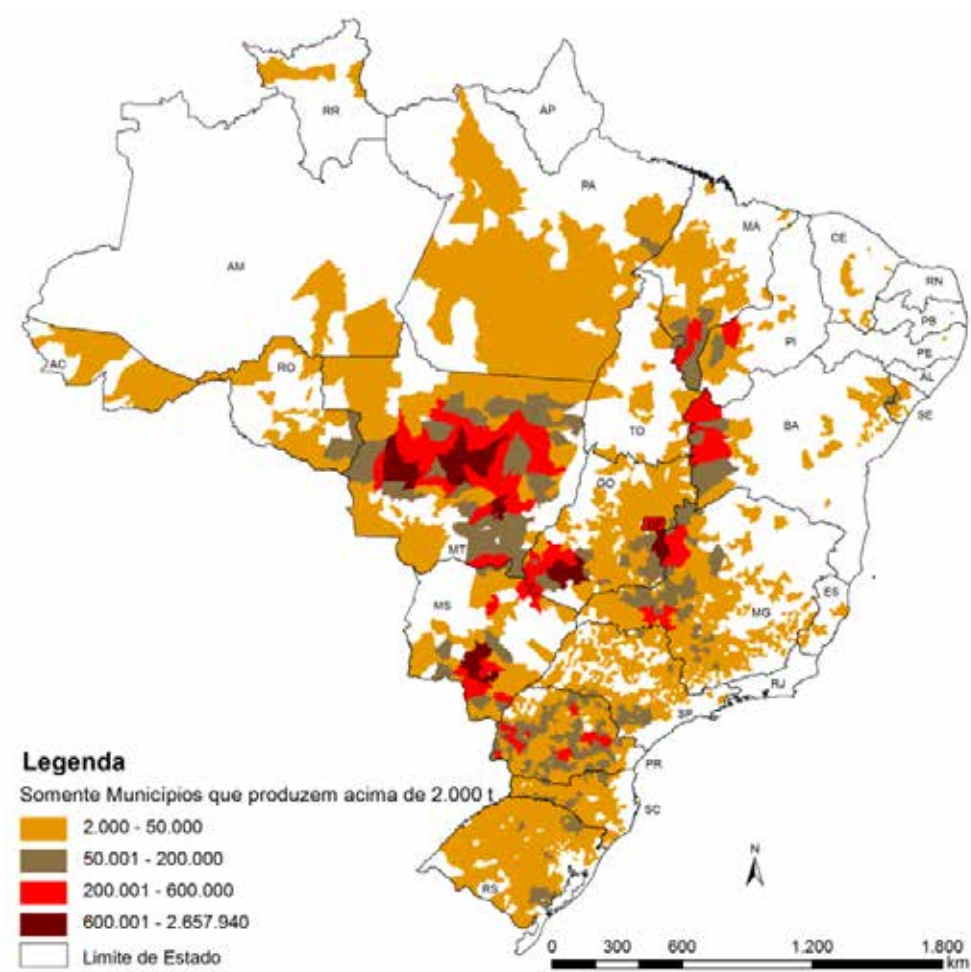
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	273,5	197,1	(27,9)	4.700	4.346	(7,5)	1.285,6	856,6	(33,4)
RO	119,5	119,5	-	4.613	4.420	(4,2)	551,3	528,2	(4,2)
TO	154,0	77,6	(49,6)	4.768	4.232	(11,2)	734,3	328,4	(55,3)
NORDESTE	618,9	613,1	(0,9)	2.893	3.078	6,4	1.790,2	1.887,3	5,4
MA	134,2	134,2	-	3.867	4.104	6,1	519,0	550,8	6,1
PI	25,9	20,3	(21,8)	4.437	4.284	(3,4)	114,9	87,0	(24,3)
AL	30,1	30,1	-	1.007	628	(37,6)	30,3	18,9	(37,6)
SE	176,2	176,2	-	3.794	4.390	15,7	668,5	773,5	15,7
BA	252,5	252,3	(0,1)	1.812	1.812	-	457,5	457,2	(0,1)
CENTRO-OESTE	6.118,6	6.234,1	1,9	6.060	6.111	0,9	37.076,1	38.097,2	2,8
MT	3.352,9	3.410,6	1,7	6.056	5.961	(1,6)	20.305,2	20.330,6	0,1
MS	1.615,0	1.615,0	-	5.640	5.906	4,7	9.108,6	9.538,2	4,7
GO	1.112,3	1.170,1	5,2	6.578	6.750	2,6	7.316,7	7.898,2	7,9
DF	38,4	38,4	-	9.000	8.600	(4,4)	345,6	330,2	(4,5)
SUDESTE	625,3	704,0	12,6	5.212	5.141	(1,4)	3.259,1	3.619,6	11,1
MG	255,2	342,0	34,0	5.505	5.721	3,9	1.404,9	1.956,6	39,3
SP	370,1	362,0	(2,2)	5.010	4.594	(8,3)	1.854,2	1.663,0	(10,3)
SUL	1.914,3	2.153,6	12,5	5.840	5.883	0,7	11.179,5	12.669,6	13,3
PR	1.914,3	2.153,6	12,5	5.840	5.883	0,7	11.179,5	12.669,6	13,3
NORTE/NORDESTE	892,4	810,2	(9,2)	3.447	3.387	(1,7)	3.075,8	2.743,9	(10,8)
CENTRO-SUL	8.658,2	9.091,7	5,0	5.950	5.982	0,5	51.514,7	54.386,4	5,6
BRASIL	9.550,6	9.901,9	3,7	5.716	5.770	0,9	54.590,5	57.130,3	4,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa abril/2016



Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 44 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	667,3	574,8	(13,9)	3.838	3.530	(8,0)	2.561,0	2.029,1	(20,8)
RR	6,2	4,6	(25,8)	2.483	3.036	22,3	15,4	14,0	(9,1)
RO	165,5	161,7	(2,3)	3.935	3.838	(2,5)	651,3	620,6	(4,7)
AC	41,3	39,6	(4,1)	2.332	2.494	6,9	96,3	98,8	2,6
AM	15,5	15,5	-	2.540	2.612	2,8	39,4	40,5	2,8
AP	1,8	1,8	-	907	933	2,9	1,6	1,7	6,3
PA	218,7	200,5	(8,3)	3.232	3.121	(3,4)	706,8	625,8	(11,5)
TO	218,3	151,1	(30,8)	4.811	4.154	(13,7)	1.050,2	627,7	(40,2)
NORDESTE	2.675,4	2.577,9	(3,6)	2.333	2.182	(6,5)	6.243,1	5.623,8	(9,9)
MA	514,3	425,4	(17,3)	2.857	3.097	8,4	1.469,2	1.317,5	(10,3)
PI	406,4	491,4	20,9	2.619	2.575	(1,7)	1.064,3	1.265,2	18,9
CE	480,6	503,5	4,8	315	539	71,1	151,4	271,4	79,3
RN	25,9	33,9	30,9	288	670	132,6	7,5	22,7	202,7
PB	62,9	103,3	64,2	322	672	108,7	20,3	69,4	241,9
PE	214,7	219,4	2,2	271	435	60,5	58,2	95,4	63,9
AL	30,1	30,1	-	1.007	628	(37,6)	30,3	18,9	(37,6)
SE	176,2	176,2	-	3.794	4.390	15,7	668,5	773,5	15,7
BA	764,3	594,7	(22,2)	3.629	3.010	(17,1)	2.773,4	1.789,8	(35,5)
CENTRO-OESTE	6.480,2	6.577,3	1,5	6.108	6.188	1,3	39.582,1	40.698,2	2,8
MT	3.416,5	3.464,6	1,4	6.077	5.982	(1,6)	20.763,4	20.723,8	(0,2)
MS	1.635,5	1.631,0	(0,3)	5.676	5.936	4,6	9.282,9	9.682,2	4,3
GO	1.363,0	1.416,5	3,9	6.599	6.904	4,6	8.993,9	9.779,7	8,7
DF	65,2	65,2	-	8.312	7.860	(5,4)	541,9	512,5	(5,4)
SUDESTE	2.060,7	1.939,7	(5,9)	5.368	5.750	7,1	11.061,2	11.154,0	0,8
MG	1.277,6	1.179,4	(7,7)	5.373	5.990	11,5	6.864,5	7.064,7	2,9
ES	17,8	14,8	(16,9)	1.363	2.432	78,4	24,3	36,0	48,1
RJ	2,6	2,1	(19,2)	2.394	2.558	6,9	6,2	5,4	(12,9)
SP	762,7	743,4	(2,5)	5.462	5.445	(0,3)	4.166,2	4.047,9	(2,8)
SUL	3.809,3	3.811,2	-	6.622	6.600	(0,3)	25.225,0	25.154,8	(0,3)
PR	2.456,8	2.578,2	4,9	6.457	6.241	(3,3)	15.862,9	16.091,5	1,4
SC	411,5	370,0	(10,1)	7.750	7.660	(1,2)	3.189,1	2.834,2	(11,1)
RS	941,0	863,0	(8,3)	6.560	7.218	10,0	6.173,0	6.229,1	0,9
NORTE/NORDESTE	3.342,7	3.152,7	(5,7)	2.634	2.427	(7,8)	8.804,1	7.652,9	(13,1)
CENTRO-SUL	12.350,2	12.328,2	(0,2)	6.143	6.246	1,7	75.868,3	77.007,0	1,5
BRASIL	15.692,9	15.480,9	(1,4)	5.396	5.469	1,4	84.672,4	84.659,9	-

Fonte: Conab.

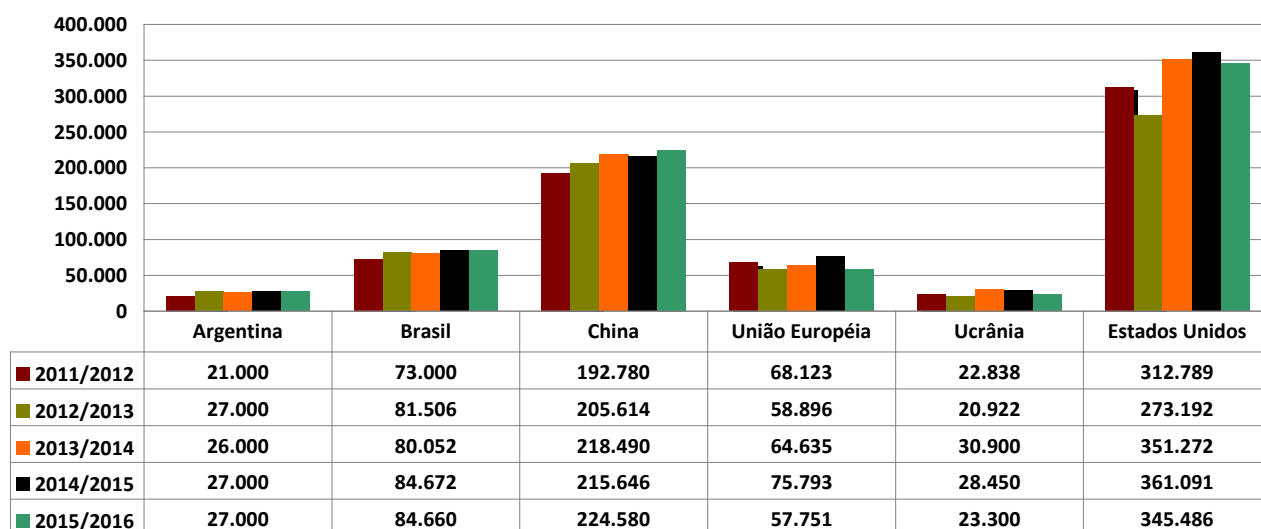
Nota: Estimativa abril/2016



8.1.7.3. OFERTA E DEMANDA

Mercado internacional

Gráfico 65 – Evolução da produção mundial de milho nas últimas 5 safras - principais países produtores (mil t)

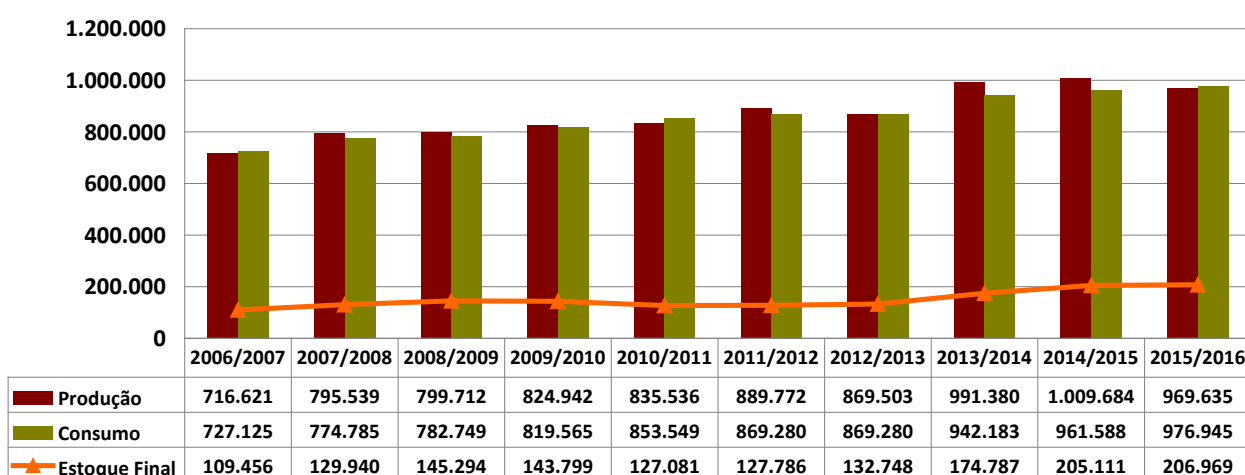


Fonte: USDA.

Durante o mês de março pouco alterou a oferta e demanda mundial de milho. Os principais produtores de milho tiveram seu total de produção sem mudanças significativas. Apesar da queda de produção nos Estados Unidos, em função de uma redução de área plantada, e da União Europeia devido a fatores climá-

ticos adversos, já previstos em relatórios anteriores, o estoque final mundial permaneceu bastante elevado (206,9 milhões de toneladas), dando aos demandantes e ao mercado uma sensação de conforto, quanto ao abastecimento mundial do cereal.

Gráfico 66 – Comparativo de produção, consumo e estoque final de milho no mundo nas últimas 10 safras (mil t)



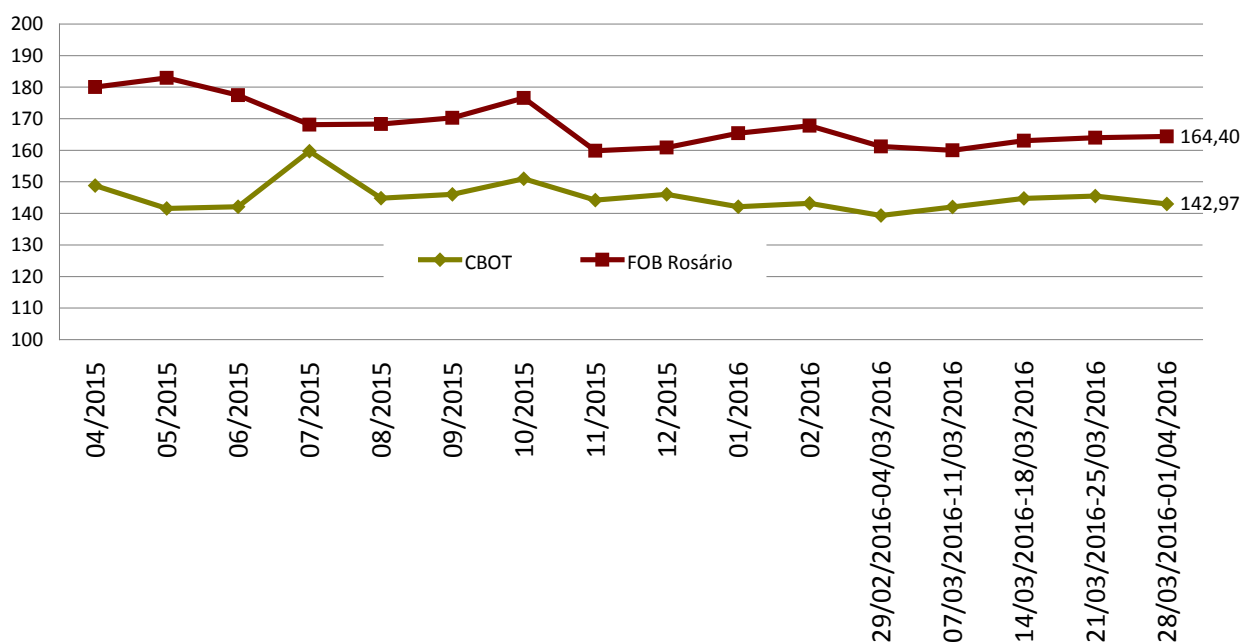
Fonte: USDA.

Este cenário de ampla oferta de milho manteve o nível das cotações da Bolsa de Chicago em níveis abaixo de US\$ 3,70/bushel (US\$ 145,66/t), porém, até o final do mês, antes da divulgação do relatório de intenção

de plantio do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), os preços do milho na Bolsa não haviam rompido a barreira dos US\$ 3,50/bushel (US\$ 137,78/t).



Gráfico 67 – Milho - Preços internacionais médios mensais - 12 meses, em US\$/t



Fonte: Conab

Ao longo do mês de março, poucos fundamentos ocorreram para movimentação dos preços do milho na bolsa, dentre eles: o ritmo de exportação do grão da safra 2015/16 dos Estados Unidos que, em que pese ter sido melhor do que o ocorrido em fevereiro, ainda ficou aquém do que imaginava o mercado; a flutuação das cotações do trigo na CBOT; e o desenvolvimento da safra da América do Sul.

O ponto forte do mercado neste mês foi o relatório de intenção de plantio do milho nos Estados Unidos, divulgado no dia 31 de março, com estimativa de acréscimo de 6% na área, em relação à 2015, chegando em 37,9 milhões de hectares.

Se for considerado o índice de área colhida 8% a me-

nos que a área plantada, como ocorreu em 2015, pode-se estimar uma área colhida de 34,9 milhões de hectares. Levando em conta a produtividade de 10,5 t/ha (a mesma da safra anterior), a produção estadunidense poderá atingir 366,5 milhões de toneladas, ou seja, 20 milhões a mais que da safra anterior.

Neste foco, as cotações do cereal na CBOT caíram para níveis próximos a US\$ 3,50 (US\$ 137,78/t) e devem ser mantidas neste patamar por um bom tempo.

Outro fator que deve mexer no mercado do milho é o volume de área que será semeada na Argentina, diante de um novo cenário, sem as retenções, o que favorece o produtor a investir mais no plantio do grão.

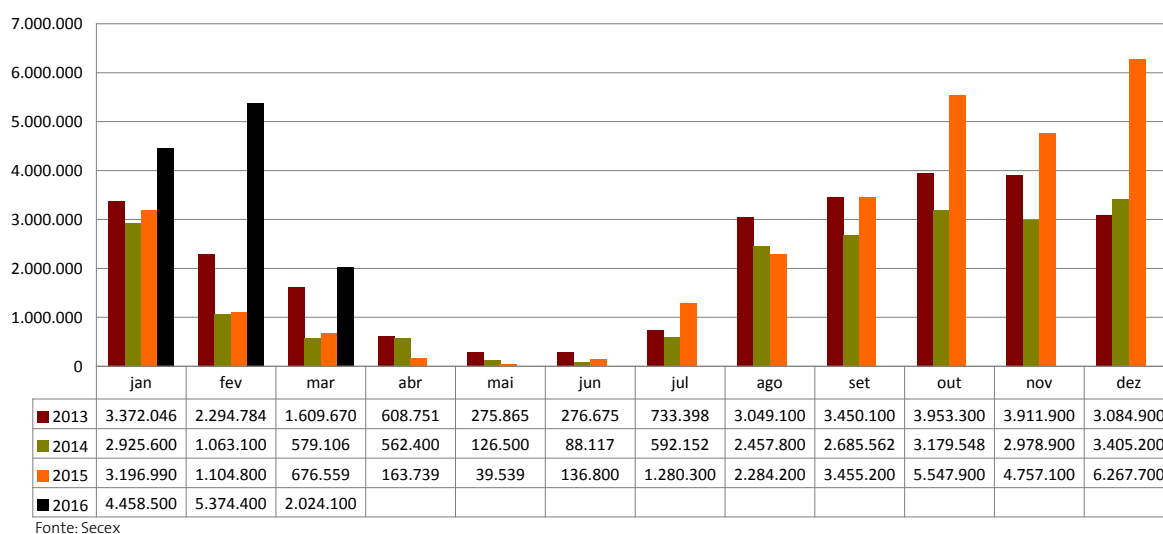
Mercado nacional

Apesar de um cenário de cotações baixas no mercado externo, a situação no Brasil anda no caminho inverso, descolada da paridade de exportação, e ainda com queda nas cotações do dólar, desfavorecendo a dita paridade.

Mesmo assim, as exportações de milho, apesar de já mostrarem um ritmo bem menor que em meses anteriores, foram, para o mês de março, acima do normal, chegando a 2 milhões de toneladas, fechando fevereiro e março em 7,4 milhões de toneladas.



Gráfico 68 – Milho - Exportações brasileiras, de Jan/12 a fev/16 (toneladas)



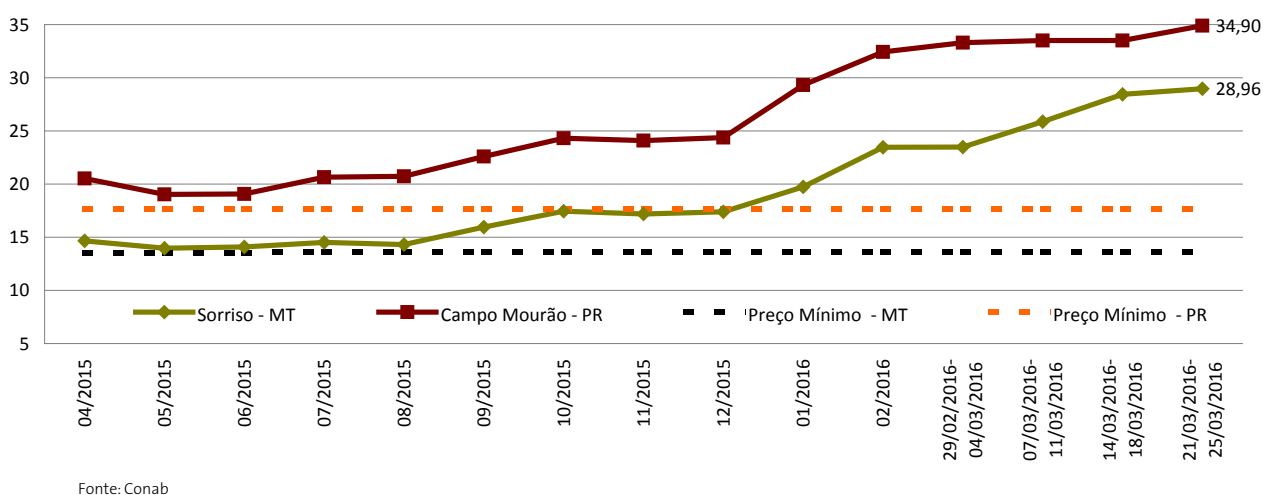
Considerando que o Mato Grosso, de acordo com o Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (Imea) já comercializou 60,3% da safra que está em curso, Goiás, cerca de 50% e o Mato Grosso do Sul, 35%, sem contar o Paraná, e que a maior parte desta segunda safra comercializada antecipadamente é direcionada aos contratos de exportação, acredita-se que o volume exportado até final de janeiro de 2017 será de 30,4 milhões de toneladas.

Como a demanda interna aquecida veio dando o tom altista das cotações do milho no mercado interno acima da paridade, e os produtores encontram-se

confortáveis em relação à comercialização, o mercado tem realizado negócios de forma muito pontual e tomando o índice Esalq como parâmetro balizador das cotações domésticas, levando a níveis acima de R\$ 28,50/60kg no Mato Grosso e de R\$ 34,50/60kg no Paraná, preço ao produtor.

Há registro de que demandantes estão adquirindo na Região Sul e Sudeste, preço no disponível (atacado) acima de R\$ 40,00/60kg. No Nordeste, observa-se cotações acima de R\$ 50,00/60kg, nas praças consumidoras.

Gráfico 69 – Milho - Preços médios mensais pagos ao produtor - 12 meses, em US\$/t



Tal situação pouco tem a ver com a falta de produto, sobretudo no Sul e Sudeste do país, no entanto, com o movimento especulativo dos produtores do grão; fato esse que tem levado algumas granjas a importar o produto da Argentina e Paraguai, ou solicitar do governo federal a diminuição da alíquota de PIS/Confins

para estimular a importação do produto.

Neste cenário, acredita-se que as importações do milho possam atingir 1 milhão de toneladas. Mesmo assim, os estoques finais para início de 2017 deverão permanecer baixos.



8.1.8. SOJA

O sétimo levantamento aponta incremento nacional na área plantada de 3,2% em relação ao ocorrido no exercício anterior. A Região Centro-Oeste, principal produtora da oleaginosa no país, confirmou o incremento de 2,1% em relação à safra passada. Em Mato Grosso, a colheita da safra 2015/16 encontra-se na reta final. A região mais avançada é o médio norte, que finaliza os trabalhos até o final de março. Em outras regiões, como o Vale do Araguaia e Xingu, a colheita perdurará até abril. A média da área colhida no estado, na ocasião da pesquisa era de 86%.

Nos últimos dias houve registro de chuvas nas principais regiões produtoras, dificultando o avanço dos trabalhos de campo. Apesar do ritmo lento de comercialização da soja, há relatos de que em alguns municípios do médio norte e nordeste, existem cargas da oleaginosa sendo comercializadas com deságio em decorrência das avarias e umidade acima do padrão, em função do excesso chuvas na colheita e problemas pontuais de seca ocorrida por ocasião do plantio. Em relação à produtividade, havia a expectativa de que no decorrer da colheita ocorresse uma recuperação situando em níveis comparáveis à última safra, fato que não se consolidou plenamente. Contribui para isso o fraco desempenho apresentado pelas variedades de ciclo longo, tendo em vista que estas lavouras sofreram mais com as condições climáticas adversas, ocorridas principalmente em fevereiro.

Em Mato Grosso do Sul considera-se que 81% da área de soja, já esteja colhida. As regiões sudeste e sudoeste apresentam os percentuais de colheita mais avançados até o momento. As regiões centro e norte continuam atrasadas. As precipitações ocorridas durante a última semana de fevereiro atrapalharam a evolução da colheita. Em praticamente todos os municípios da região sudeste e sudoeste foram relatadas perdas de qualidade com grãos germinando nas vagens, ardidos e também grãos com umidade acima do ideal para a armazenagem, que resultou em descontos elevados sobre o produto entregue nas unidades armazenadoras. Relatos sobre descontos excessivos por parte dos agentes armazenadores foram registrados em várias localidades, aumentando as perdas dos produtores.

Além disto, também foram relatadas áreas inteiras que deixaram de ser colhidas em função do alto índice de grãos avariados ou por conta de alagamento das áreas, que impediam a entrada das máquinas. Há também casos de inviabilidade do transporte da lavoura até os armazéns. Nestas áreas o milho foi semeado sobre a soja não colhida. Não foi possível quantificar o percentual de áreas cultivadas com soja

que não foram colhidas por problemas de inundação ou isolamento das áreas.

A colheita da soja em Goiás segue firme, e a estiagem atual contribui para que os produtores agilizem os trabalhos de colheita. No leste goiano cerca de 65% da área plantada já foi colhida, com a produtividade média de 56 sc/ha; no sudoeste aproximadamente 85% das lavouras foram colhidas e a produtividade média estimada foi de 55 sc/ha; no sul goiano estima-se 80%, com produtividade de 53 sc/ha; no centro-oeste goiano 90% com produtividade média de 53 sc/ha e o norte goiano cerca de 50% colhido com uma produtividade média de 52 sc/ha. Alguns relatos, explicando a redução na produtividade, estão relacionados ao excesso de chuvas e falta de luminosidade no início de janeiro, que prejudicou o enchimento de grãos. Com relação ao ataque de pragas e doenças há, até o momento, poucos relatos desfavoráveis à cultura da soja.

A área plantada de soja na Região Sul deverá sair do patamar alcançado na safra passada de 11.074,1 mil para 11.536,5 mil hectares, apresentando um incremento de 4,2%. Continua a preocupação com os efeitos do clima sobre as lavouras.

No Rio Grande do Sul está praticamente consolidada a chamada “safrinha” do produto. Pelo segundo ano consecutivo ocorre o crescimento desse tipo de safra, possibilitado pelo planejamento dos produtores que usam híbridos de milho precoces semeados cada vez mais cedo (fim de julho e início de agosto) e pela utilização de áreas com milho silagem, também colhido mais cedo. Essa alternativa fez crescer a área total de soja entre 0,5 e 1%. Os efeitos da estiagem de janeiro foram amenizados pelas chuvas posteriores. Atualmente a situação agrônômica da lavoura é animadora. A colheita já superou 12% da área total e aproximadamente 65% do restante encontra-se na fase final de maturação. Isso indica que nos próximos quinze dias 80% da área esteja colhida, caso não haja ocorrência de chuvas prolongadas. As melhores lavouras estão na região noroeste e as de menor desempenho foram semeadas em terras de várzea, prejudicadas pelo excesso de umidade.

Em Santa Catarina a ferrugem asiática foi a principal doença a atacar as lavouras nesta safra. O excesso de chuva e grande número de dias nublados ocorridos no início do desenvolvimento das lavouras foram propícios para o desenvolvimento e disseminação de doenças. Devido ao escalonamento do plantio, provocado pela instabilidade climática, a doença perdurou por mais tempo, uma vez que os produtores investiram



numa segunda safra, aproveitando as boas cotações do produto. Devido ao atraso na implantação das lavouras, observa-se a existência de várias fases da cultura em campo, desde formação de grãos até colheita, sendo maturação a fase que concentra o maior percentual das lavouras. As primeiras lavouras colhidas apresentaram rendimentos variáveis. De forma geral, as lavouras plantadas mais tarde foram favorecidas pelo clima mais estável e devem apresentar rendimentos superiores aos obtidos nas lavouras precoces. A estiagem ocorrida em meados de janeiro afetou algumas lavouras no estágio reprodutivo, cuja repercussão será observada por ocasião da colheita.

No Paraná a colheita da soja alcançou 83% da área total. A produtividade não atingiu o potencial máximo em razão de vários fatores, como chuvas ao longo dos diversos estágios da cultura, redução das taxas de luminosidade, a ocorrência generalizada da ferrugem asiática e chuvas na colheita. Na região norte as áreas colhidas após os períodos de chuvas no final de fevereiro apresentaram grãos com umidade acima de 22%, altos percentuais de grãos ardidos, mofados e avariados, acarretando descontos nas cargas entregues pelos produtores. A colheita na região está sendo finalizada, com redução de produtividade. Chama atenção também a qualidade do produto colhido que apresentam baixo peso, o que pode representar uma quebra maior.

Na região Centro-Oeste a safra atual alcançou números no mesmo patamar da safra passada, e mesmo com os desafios de excesso de umidade e falta de luminosidade, o resultado foi considerado excelente pelos nossos informantes. Com exceção do núcleo de Ivaiporã, a região apresenta-se com 100% da área colhida. É apontada uma redução de produtividade em relação à safra anterior de 6% devido o excesso de chuva na colheita. Na região oeste houve aumento de área em relação à safra anterior, ocupando as áreas do milho em função de situação comercial mais favorável durante o planejamento do plantio. A associação de excesso de chuvas no período de novembro e dezembro, estiagem em janeiro, voltando a chover muito até o final de fevereiro, com a consequente redução na luminosidade, contribuiu para a incidência de doenças e a chuva durante a colheita afetou a qualidade dos grãos. Na região centro sul as lavouras de soja plantadas no início da primavera tiveram produtividade comprometida devido à falta de luz na fase de desenvolvimento vegetativo e floração. As áreas plantadas em novembro e dezembro não sofreram tanto com a falta de luz, mas tiveram forte pressão da ferrugem asiática.

As estimativas de plantio em Minas Gerais foram

reavaliadas, confirmando a tendência de avanço em áreas de milho. O plantio de soja está estimado em 1.469,3 mil hectares, 11,4% acima da safra passada, que totalizou 1.319,4 mil hectares. Em razão do atraso das chuvas o plantio da soja foi retardado e uma pequena parcela foi semeada sob irrigação em outubro. A concentração do plantio se deu em novembro, e a finalização em dezembro. As lavouras se encontram na fase de maturação e colheita. Há registro de casos pontuais de perdas por chuva na colheita, e tem sido forte a pressão de pragas e doenças, notadamente de final de ciclo e também de ferrugem, com necessidade de pronto controle através de pulverizações com inseticidas e fungicidas, aproveitando a estiagem. As expectativas são bastante otimistas, tanto em termos de produção quanto de qualidade. Estima-se produtividade de 3.200 kg/ha 20,4% acima da safra passada, que sofreu perdas com estiagem, notadamente nas áreas de plantio de soja precoce.

Em São Paulo os preços atrativos, tanto no mercado interno quanto externo, estimulam o avanço da colheita, que se encontra na fase final. Nesta temporada a lavoura da oleaginosa sinaliza um ganho expressivo de área e também de produtividade devido, principalmente, às excelentes condições climáticas observadas durante todo o seu ciclo de desenvolvimento.

Na Região Norte e Nordeste o plantio da safra 2015/16 teve aumento de 1,2% e, particularmente na região do Matopiba, houve incremento de 0,6% em relação ao exercício anterior. Na Bahia, na microrregião de Barreiras, os plantios de soja irrigada deverão apresentar uma produtividade em torno de 70 sc/ha. Com relação ao plantio da soja de sequeiro a expectativa é de que haja perda na qualidade dos grãos e redução na produtividade já se admitindo uma diminuição para 2.580 kg/ha. As lavouras de soja sofreram com estresse hídrico em fevereiro, ocorrendo a morte de alguns estandes. Não houve registros de perdas por ataque de pragas e doenças.

Em Tocantins, caso as condições climáticas nesta safra tivessem sido normais, o crescimento na área plantada da oleaginosa poderia ter sido bastante superior ao da safra anterior, destacando-se os incrementos nas regiões de Formoso do Araguaia, Lagoa da Confusão, Pium e Paraíso do Tocantins. A forte instabilidade do clima, ocorrendo em fases importantes do desenvolvimento das lavouras, foi responsável pela forte redução nos níveis de produtividade.

No Maranhão os produtores que semearam nas primeiras chuvas de outubro tiveram perdas representativas, sendo obrigados a fazerem o replantio ou optar pelo plantio de milho primeira safra. Neste levanta-



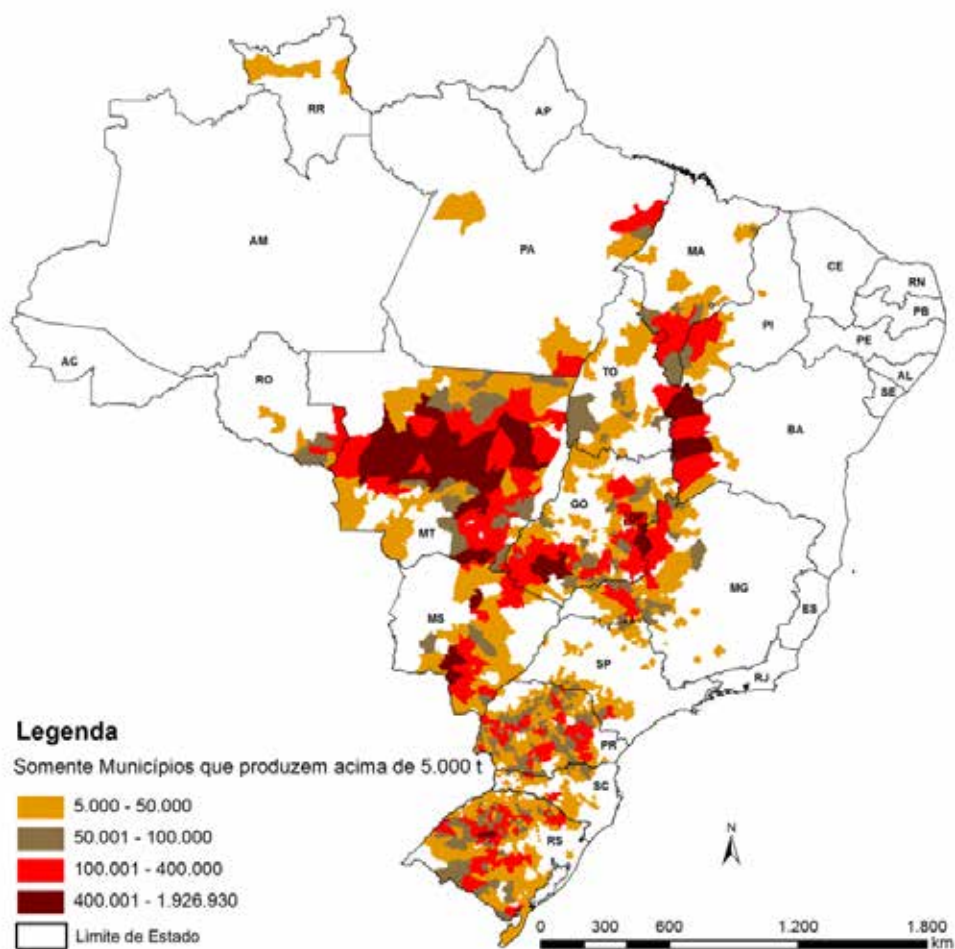
mento observa-se redução de 3,6% sobre a área cultivada na safra anterior, passando de 749,6 para 722,6 mil hectares. Para tal, foram mantidos os dados estimados em janeiro, quando detectou-se uma expressiva diminuição na área plantada com soja na região sul do estado, que irá influenciar diretamente a área plantada do milho segunda safra. As lavouras de soja, de uma forma geral, apresentam-se com um padrão uniforme e na sua grande maioria na fase de desenvolvimento vegetativo. Além de estarem em ótimas condições, devido às chuvas regulares até o presente momento, não foi registrado infestações de pragas.

No Piauí a área de soja teve retração de 16,3% em relação à área da safra anterior. Esta diminuição foi motivada pelas irregularidades climáticas que vem ocorrendo durante todo o período chuvoso no estado. A diferença entre a área planejada inicialmente e a área efetivamente plantada foi a migração para outras culturas como o milho, feijão e milheto. O pacote tecnológico utilizado na região, para a soja, visa

atingir uma produtividade média elevada, entretanto, devido às adversidades climáticas ocorridas no estado, a produtividade média esperada pelos produtores é de 2.099 kg/ha para a safra 2015/16, redução de 22,9% em relação à safra anterior. A expressiva redução na produtividade da soja foi causada pela falta de chuvas, que tem comprometido a cultura na fase de enchimento de grãos. Nas áreas já colhidas o peso médio dos grãos está bem abaixo da média normal. Segundo produtores da região de cerrado, as perdas por falta d'água nunca foram tão grandes como tem ocorrido na safra atual. A cultura encontra-se entre as fases de floração, frutificação e maturação. Das áreas ainda por colher 20% estão em floração e 80% em frutificação/maturação.

O somatório dessas expectativas indica para a oleaginosa um continuado crescimento da produção, apresentando um incremento de 2,9% em relação à safra passada, totalizando 98.981,6 mil toneladas.



























































































































Figura 35 – Mapa da produção agrícola –Soja



Fonte: Conab/IBGE.



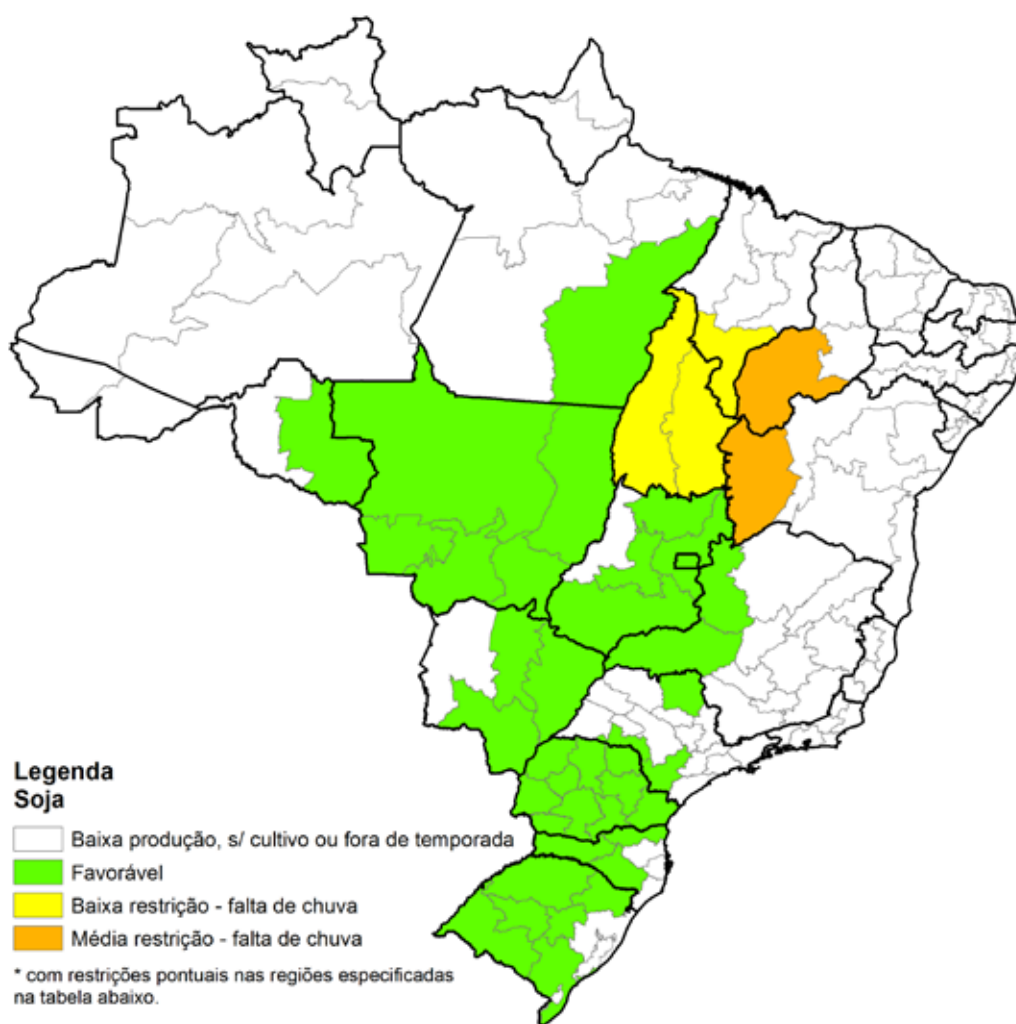
Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Soja

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR							  				 	
RO	  			  								
PA		 					  					
TO	  				 		 					
Nordeste												
MA	  			 		 	  					
PI		 					  					
BA	  				 		 					
Centro-Oeste												
MT	  			  								
MS	  			  								
GO	  			  								
DF		 			 							
Sudeste												
MG	  			  			 					
SP	  				 		 					
Sul												
PR	  			  								
SC	  			 			 					
RS	  						 					

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab



Figura 36 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab..

Quadro 20 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Soja	- sudeste do PA (FR)	<ul style="list-style-type: none"> - leste de RO (M/C) - regiões pontuais do norte e nordeste do MT (M/C) - regiões pontuais do sul e leste de SC (M/C) - regiões pontuais do nordeste do RS (M/C) 	<ul style="list-style-type: none"> - todo estado do MT (M/C), exceto regiões pontuais do norte e nordeste - todo estado do MS (M/C) - todo estado de GO (M/C) - DF (M/C) - Triângulo e noroeste de MG (M/C) - norte e sul de SP (M/C) - todo estado do PR (C) - norte e oeste de SC (M/C) - sul e leste de SC (M/C), exceto regiões pontuais - todo estado do RS (M/C), exceto regiões pontuais no nordeste 	<ul style="list-style-type: none"> - todo estado do TO (FR) - sul do MA (FR) - sudoeste do PI (FR) - oeste da BA (FR)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrições pontuais



Tabela 45 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.441,2	1.531,1	6,2	2.976	2.518	(15,4)	4.289,5	3.855,1	(10,1)
RR	23,8	23,0	(3,4)	2.685	3.300	22,9	63,9	75,9	18,8
RO	231,5	245,0	5,8	3.166	3.169	0,1	732,9	776,4	5,9
PA	336,3	385,9	14,8	3.024	3.094	2,3	1.017,0	1.194,0	17,4
TO	849,6	877,2	3,3	2.914	2.062	(29,2)	2.475,7	1.808,8	(26,9)
NORDESTE	2.845,3	2.806,7	(1,4)	2.841	2.400	(15,5)	8.084,1	6.735,8	(16,7)
MA	749,6	722,6	(3,6)	2.761	2.256	(18,3)	2.069,6	1.630,2	(21,2)
PI	673,7	564,1	(16,3)	2.722	2.099	(22,9)	1.833,8	1.184,0	(35,4)
BA	1.422,0	1.520,0	6,9	2.940	2.580	(12,2)	4.180,7	3.921,6	(6,2)
CENTRO-OESTE	14.616,1	14.925,1	2,1	3.008	3.078	2,3	43.968,6	45.942,8	4,5
MT	8.934,5	9.140,0	2,3	3.136	3.060	(2,4)	28.018,6	27.968,4	(0,2)
MS	2.300,5	2.430,0	5,6	3.120	3.090	(1,0)	7.177,6	7.508,7	4,6
GO	3.325,0	3.285,1	(1,2)	2.594	3.120	20,3	8.625,1	10.249,5	18,8
DF	56,1	70,0	24,8	2.626	3.089	17,6	147,3	216,2	46,8
SUDESTE	2.116,2	2.330,7	10,1	2.775	3.235	16,5	5.873,5	7.539,3	28,4
MG	1.319,4	1.469,3	11,4	2.658	3.200	20,4	3.507,0	4.701,8	34,1
SP	796,8	861,4	8,1	2.970	3.294	10,9	2.366,5	2.837,5	19,9
SUL	11.074,1	11.536,5	4,2	3.071	3.026	(1,5)	34.012,3	34.908,6	2,6
PR	5.224,8	5.442,4	4,2	3.294	3.153	(4,3)	17.210,5	17.159,9	(0,3)
SC	600,1	639,1	6,5	3.200	3.360	5,0	1.920,3	2.147,4	11,8
RS	5.249,2	5.455,0	3,9	2.835	2.860	0,9	14.881,5	15.601,3	4,8
NORTE/NORDESTE	4.286,5	4.337,8	1,2	2.887	2.442	(15,4)	12.373,6	10.590,9	(14,4)
CENTRO-SUL	27.806,4	28.792,3	3,5	3.016	3.070	1,8	83.854,4	88.390,7	5,4
BRASIL	32.092,9	33.130,1	3,2	2.998	2.988	(0,4)	96.228,0	98.981,6	2,9

Fonte: Conab..

Nota: Estimativa abril/2016

8.1.8.1. OFERTA E DEMANDA

No dia 09 de março de 2016 o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) divulgou o seu quadro de oferta e demanda mundial. Na expectativa de dados sobre a produção mundial, a grande novidade da safra 2015/16 veio de um pequeno ajuste de produção de -0,02%, passando de 106,95 milhões de toneladas para 106,93 milhões de toneladas.

Mesmo com o mercado internacional em compasso de espera quanto à diminuição da produção brasileira de grãos, dado a problemas climáticos em alguns estados brasileiros, o Usda manteve a produção em 100 milhões de toneladas, como também a produção da Argentina em 58,5 milhões de toneladas. Desta forma, aquele Departamento estima que a produção mundial, para a safra 2015/16, passa a ser de 320,21 milhões de toneladas, com variação de -0,09% em relação à divulgação do relatório do mês anterior.

Na expectativa de exportações para a safra 2015/16 o Usda afirma que o Brasil continua sendo o maior exportador de soja do mundo, elevando, inclusive, as exportações brasileiras de 57 milhões de toneladas para 58 milhões de toneladas. Tal aumento advém das altas exportações ocorridas entre janeiro a março de

2016, em consequência da alta do dólar frente ao real; esta alta incentiva as exportações brasileiras de grãos.

Apesar de ter aumentado em março, as inspeções semanais de exportações nos Estados Unidos continuaram baixas e para a safra 2015/16 a estimativa/Usda é de que os EUA exportem, apenas, 45,99 milhões de toneladas-, valor 8,32% menor se comparado às exportações da safra 2014/15.

Na China, apesar de todos os problemas econômicos ocorridos, e com o baixo crescimento das indústrias deste país, o Usda aumentou as estimativas de sua importação para a safra 2015/16. Não obstante à previsão de queda nas exportações americanas de soja para março, houve, apenas, uma pequena elevação, devendo se manter em alta até a colheita da próxima safra.

Os Estados Unidos continuam a esmagar soja em grãos em menor quantidade que a esperada pelo mercado. Desta forma, o Usda estima uma pequena redução nesse esmagamento para a safra 2015/16. O relatório de fevereiro foi de 51,17 milhões de toneladas. Já o relatório de março, 50,89 milhões de toneladas,



não significando grande redução, mas confirmando a redução de esmagamento deste país.

A China provavelmente esmagará 80,7 milhões de toneladas -, valor próximo ao importado -, já que este país deverá produzir, apenas, 12 milhões de toneladas de grãos.

A Argentina deverá esmagar 45,7 milhões de toneladas de soja, comparativamente com as mesmas exportações do ano de 2014. As exportações de 2015 devem aumentar em 8,11%, visto que o governo atual eliminou a taxa de exportação para o farelo e óleo de soja.

Para o Brasil a estimativa é de que os esmagamentos sejam de 40 milhões de toneladas valor muito próximo ao esmagado no ano de 2014, de 39,93 milhões de toneladas, segundo o Usda.

Por fim, o Usda estima que os esmagamentos mundiais devem ser de 278,04 milhões de toneladas, valor 5,13% maior que o da safra 2014/15.

A grande novidade do relatório Usda para março vem do estoque de passagem mundial, que prevê uma pequena queda dos estoques em relação ao relatório passado, com os estoques de passagem passando de 80,42 milhões de toneladas para 78,87 milhões de toneladas de grãos e com os Estados Unidos devendo continuar com altos estoques de passagem, estimados em 12,51 milhões de toneladas, valor 135,79% maior que os estoques de passagem da safra 2014/15.

Em 31 de março de 2016, aquele Departamento de Agricultura Americano (Usda) divulgou uma possível diminuição de 0,5% de área para o próximo plantio de soja dos Estados Unidos, ou seja, passando de 33,45 milhões de hectares da safra 2015/16 para 33,28 milhões.

Além disso, estima-se que para o meio oeste americano, onde se encontra a maior produção, venham a ocorrer problemas climáticos que afetarão a produtividade para próxima safra.

Embora seja ainda prematura qualquer especulação

Mercado nacional

Com os preços internacionais em baixa era de se esperar que os preços nacionais também baixassem, vez que até março de 2016 os preços internacionais ficaram, em média, 11,29% menores que os do mesmo período de 2015. Porém, os preços nacionais de janeiro a março de 2015 ficaram 18,96% maiores que os preços do mesmo período de 2015, devido à alta do dólar.

sobre área e clima já que o plantio nos Estados Unidos se inicia apenas em abril, os preços já se encontram em alta no mercado internacional.

Baseando-se no comportamento de preços entre 2004 e 2015, pode-se conjecturar que o aumento de tais preços no mercado internacional em março de 2016 é de comportamento normal para este período, devendo, inclusive, continuar até julho, mês, que a depender do que ocorrerá nas áreas de soja americana, deverá voltar a baixar, principalmente em setembro, quando a colheita terá início.

Mesmo com toda as especulações da área de plantio norte-americana e do clima nas regiões produtoras deste país, cabe salientar que os estoques de passagem estão altos, e tanto as exportações quanto os esmagamentos estão abaixo do esperado para a safra 2015/16, com o mercado internacional sofrendo bastante influência destes fatores.

Nessa análise, os preços internacionais não devem se estabelecer muito acima dos US\$ 10,00/bu, até a efetiva implantação da safra americana, com provável inversão de posição para a realização de lucros, após chegar perto deste patamar.

Assim caso os EUA não aumente suas exportações e esmagamentos na próxima safra, e caso não ocorram problemas climáticos no meio oeste americano como previsto, a produção norte-americana pode continuar no mesmo patamar de 2015, e com isso, os Estados Unidos poderão continuar com altos estoques de passagem, afetando os preços internacionais.

Outro fator que pesou sobre a alta nos preços internacionais de março foi a cotação do real que ficou mais forte frente ao dólar, vez que foi cotado, em média, a R\$ 3,70. Assim, o mercado acredita que os Estados Unidos possam ser mais competitivos e exportar mais soja, além de aumentar seus esmagamentos, diminuindo os estoques de passagem para a safra 2015/16.

Os preços médios de março de 2016, na bolsa de valores de Chicago (CBOT), fecharam em Uscents 889,70/bu (US\$ 326,91/t), ficando, assim, 9,08% menores que os preços praticados em março de 2015.

Para a próxima safra vários cenários terão que ser analisados. O primeiro se refere às exportações e esmagamentos americanos, devendo o Brasil ficar atento, pois, os estoques de passagem neste país estão muito altos, fazendo com que os preços internacionais sejam mantidos em baixa até o novo plantio da safra 2016/17.



Se os estoques de passagem americanos continuarem nesse ritmo, hoje estimados em mais de 12 milhões de toneladas, é bem provável que os americanos diminuam a área plantada e colhida para a safra 2016/17. Além disso, o Usda estima que no meio-oeste americano, onde ocorre a maior parte do plantio de soja, o clima seja quente e seco, o que pode prejudicar a produtividade, fazendo que os preços internacionais voltem a subir, caso tal não ocorra, os preços internacionais devem continuar baixos e os preços nacionais devem seguir sustentados na valorização do dólar frente ao real.

Assim, os agricultores que estão iniciando novos contratos de venda futura têm que ficar atentos com os seguintes pormenores: estimativa de área da próxima safra americana, previsão climática deste país e, prin-

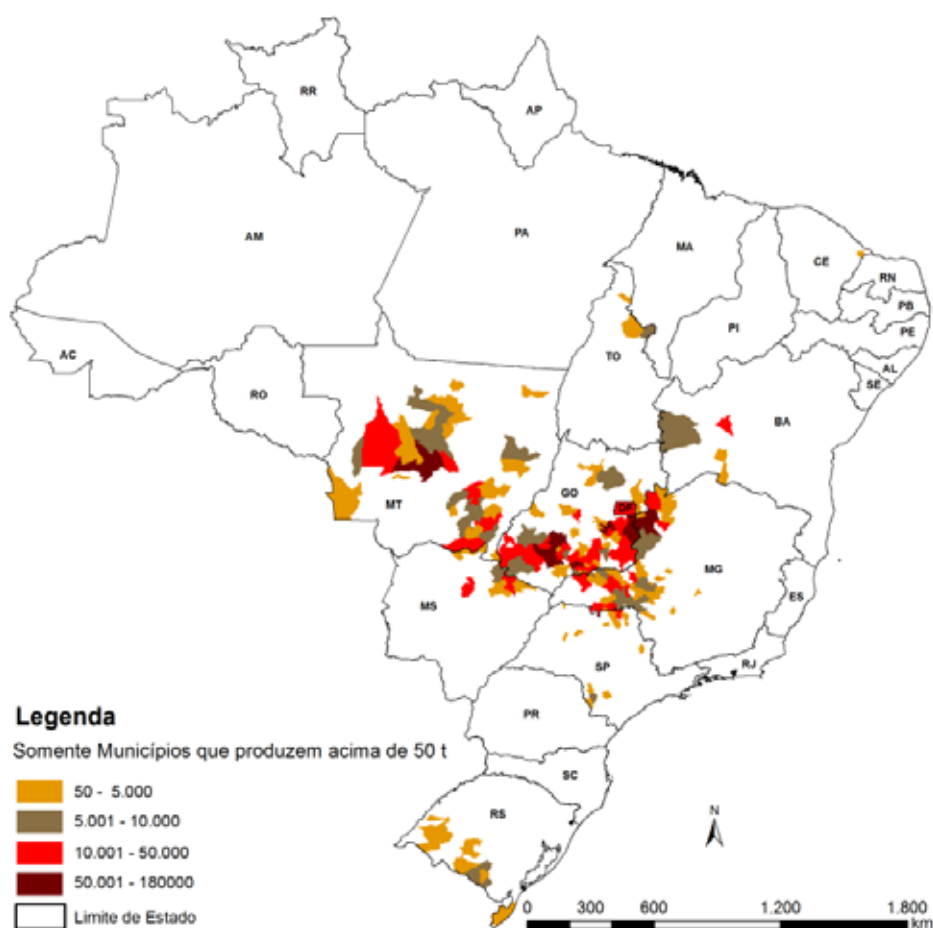
cipalmente, estimativa da cotação do dólar frente ao real, uma vez que todos esses fatores irão certamente determinar os preços para a safra 2016/17 no Brasil.

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex) o Brasil exportou, em março (22 dias úteis), aproximadamente 8,37 milhões de toneladas, totalizando, portanto, mais de 10,8 milhões em exportações entre janeiro e março.

Dessa maneira, com a quebra de safra no Matopiba, espera-se que as exportações brasileiras alcancem o total de 55,35 milhões de toneladas em 2016, consumo interno estimado em 43,60 milhões de toneladas e um estoque de passagem de 1,12 milhão de toneladas.

8.1.9.SORGO

Figura 37 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 38 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Quadro 21 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*





Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Sorgo	- Triângulo e noroeste de MG (DV/F) - norte de SP (DV/F) - centro-norte e leste do MS (DV/F) - norte e sudeste de MT (DV/F) - norte, leste e sul de GO (DV/F) - DF (DV/F)			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrições pontuais



Quadro 22 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo

UF/Região	22/09 a 21/12			1/12 a 20/032			0/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dz	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO												
Nordeste												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

Tabela 46 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	21,4	21,3	(0,5)	1.849	1.666	(9,9)	39,6	35,5	(10,4)
TO	21,4	21,3	(0,7)	1.849	1.666	(9,9)	39,6	35,5	(10,4)
NORDESTE	155,7	143,9	(7,6)	871	1.493	71,5	135,6	214,7	58,3
PI	6,2	12,4	100,0	2.548	2.414	(5,3)	15,8	29,9	89,2
CE	0,7	0,7	-	1.489	1.346	(9,6)	1,0	0,9	(10,0)
RN	0,6	0,2	(66,7)	1.522	1.643	8,0	0,9	0,3	(66,7)
PE	6,2	7,1	14,5	430	452	5,1	2,7	3,2	18,5
BA	142,0	123,5	(13,0)	811	1.461	80,1	115,2	180,4	56,6
CENTRO-OESTE	360,6	331,4	(8,1)	3.356	3.139	(6,5)	1.210,1	1.040,3	(14,0)
MT	111,7	111,7	-	2.610	2.478	(5,1)	291,5	276,8	(5,0)
MS	13,0	15,0	15,4	3.700	3.700	-	48,1	55,5	15,4
GO	232,6	201,4	(13,4)	3.661	3.441	(6,0)	851,5	693,0	(18,6)
DF	3,3	3,3	-	5.763	4.551	(21,0)	19,0	15,0	(21,1)
SUDESTE	174,4	164,8	(5,5)	3.696	3.250	(12,1)	644,5	535,7	(16,9)
MG	160,6	152,3	(5,2)	3.700	3.200	(13,5)	594,2	487,4	(18,0)
SP	13,8	12,5	(9,4)	3.645	3.861	5,9	50,3	48,3	(4,0)
SUL	10,5	10,5	-	2.426	2.426	-	25,5	25,5	-
RS	10,5	10,5	-	2.426	2.426	-	25,5	25,5	-
NORTE/NORDESTE	177,1	165,2	(6,7)	989	1.515	53,2	175,2	250,2	42,8
CENTRO-SUL	545,5	506,7	(7,1)	3.447	3.160	(8,3)	1.880,1	1.601,5	(14,8)
BRASIL	722,6	671,9	(7,0)	2.844	2.756	(3,1)	2.055,3	1.851,7	(9,9)

Fonte: Conab.

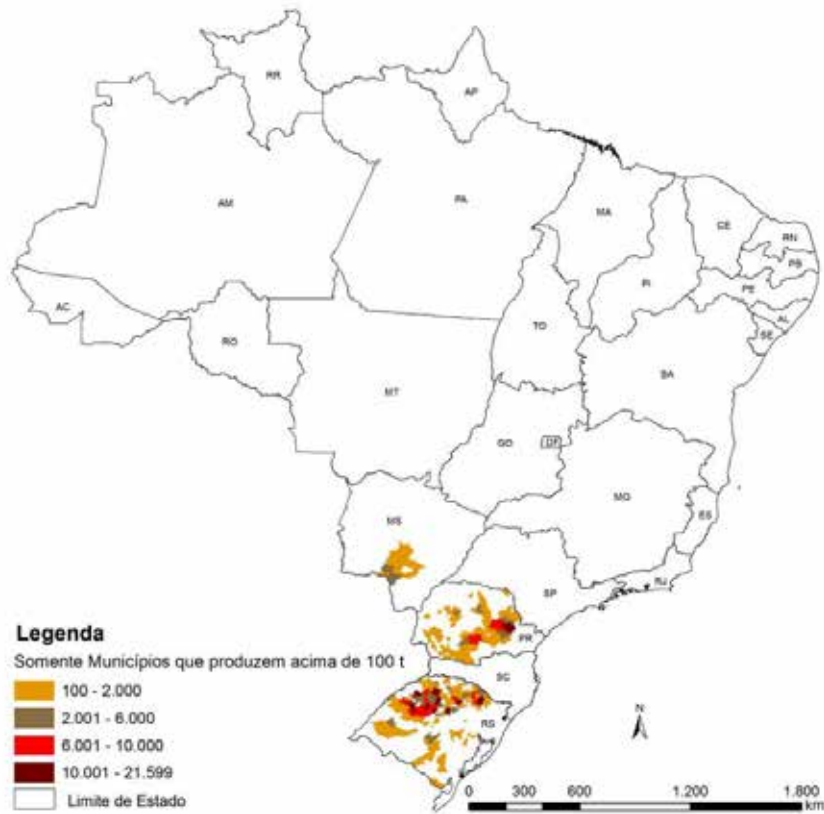
Nota: Estimativa abril/2016



8.2 CULTURAS DE INVERNO

8.2.1. AVEIA

Figura 39 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 23 – Calendário de plantio e colheita – Aveia

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS												
Sul												
PR												
RS												

Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.



Tabela 47 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

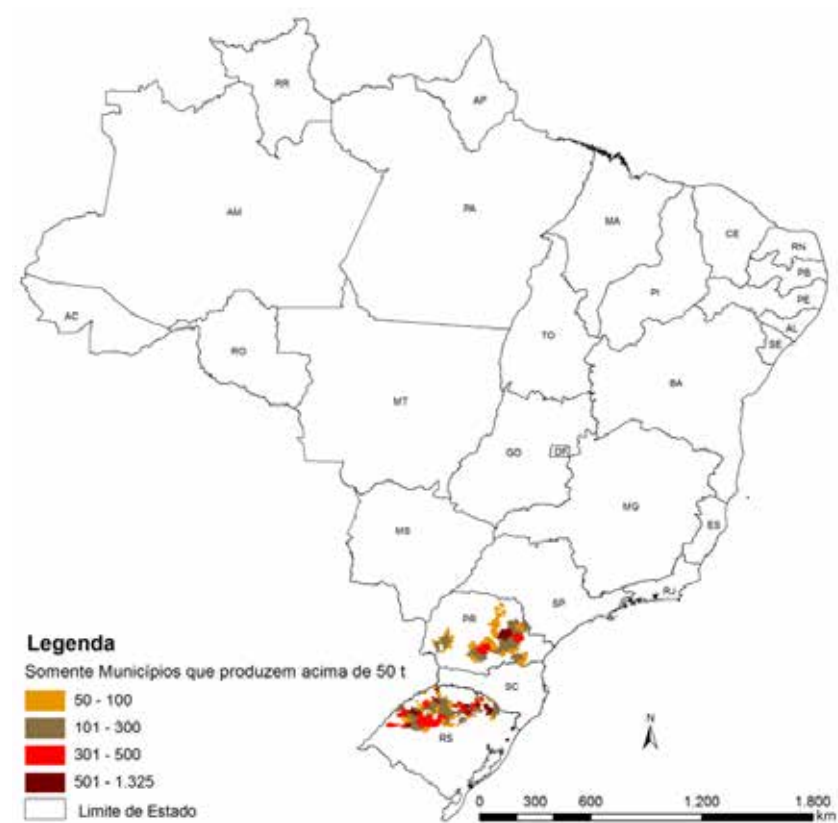
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	13,0	13,0	-	1.500	1.500	-	19,5	19,5	-
MS	13,0	13,0	-	1.500	1.500	-	19,5	19,5	-
SUL	176,5	176,5	-	1.879	1.879	-	331,7	331,7	-
PR	58,1	58,1	-	1.959	1.959	-	113,8	113,8	-
RS	118,4	118,4	-	1.840	1.840	-	217,9	217,9	-
CENTRO-SUL	189,5	189,5	-	1.853	1.853	-	351,2	351,2	-
BRASIL	189,5	189,5	-	1.853	1.853	-	351,2	351,2	-

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa abril/2016

8.2.2. CANOLA

















Figura 40 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 24 – Calendário de plantio e colheita – Canola

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

Tabela 48 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

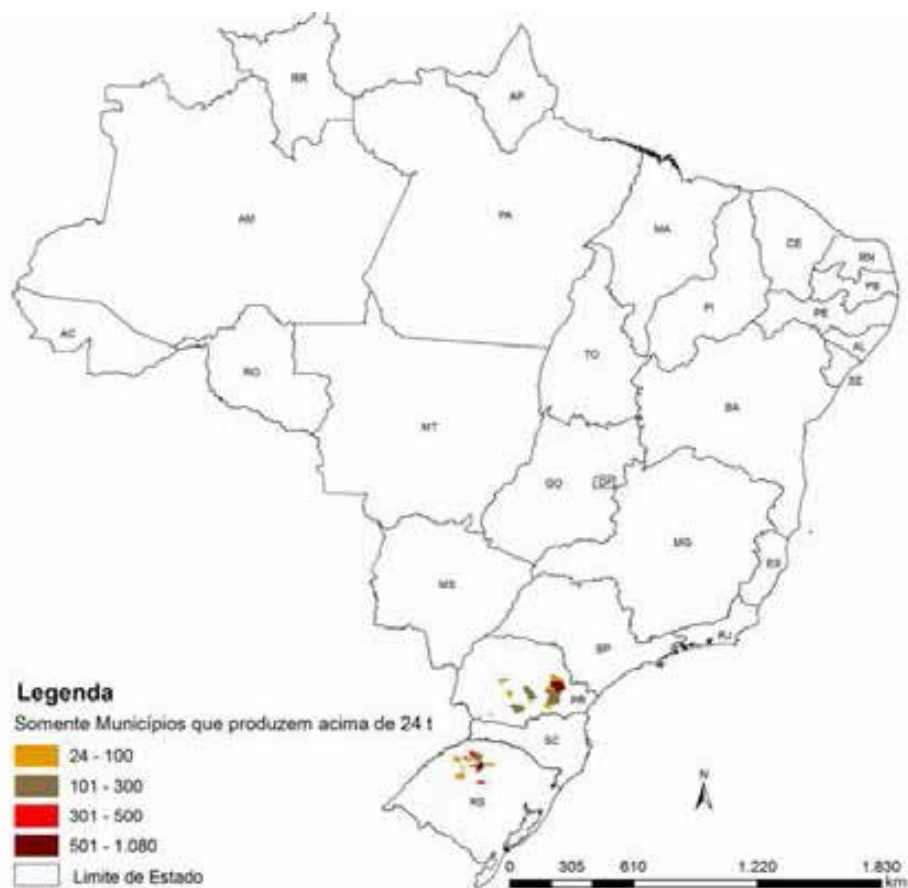
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	44,4	44,4	-	1.236	1.236	-	54,9	54,9	-
PR	7,9	7,9	-	1.403	1.403	-	11,1	11,1	-
RS	36,5	36,5	-	1.200	1.200	-	43,8	43,8	-
CENTRO-SUL	44,4	44,4	-	1.236	1.236	-	54,9	54,9	-
BRASIL	44,4	44,4	-	1.236	1.236	-	54,9	54,9	-

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa abril/2016

8.2.3. CENTEIO
















Figura 41 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 25 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

Tabela 49 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

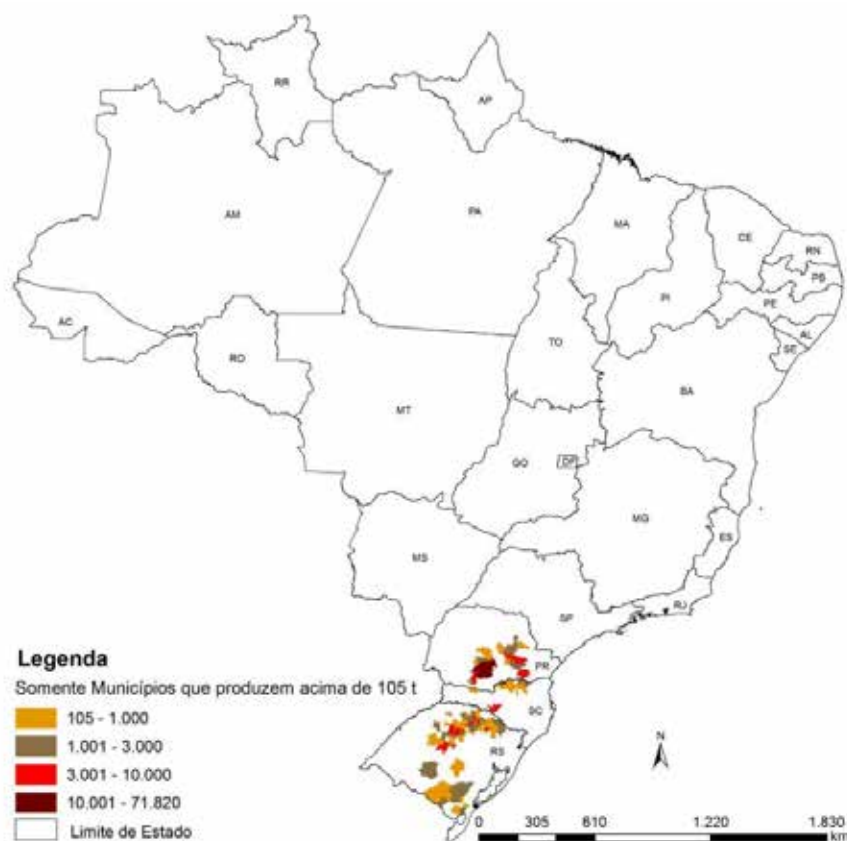
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	1,7	1,7	-	1.706	1.706	-	2,9	2,9	-
PR	1,2	1,2	-	1.890	1.890	-	2,3	2,3	-
RS	0,5	0,5	-	1.200	1.200	-	0,6	0,6	-
CENTRO-SUL	1,7	1,7	-	1.706	1.706	-	2,9	2,9	-
BRASIL	1,7	1,7	-	1.706	1.706	-	2,9	2,9	-

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa abril/2016

8.2.4. CEVADA















Figura 42 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 26 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab

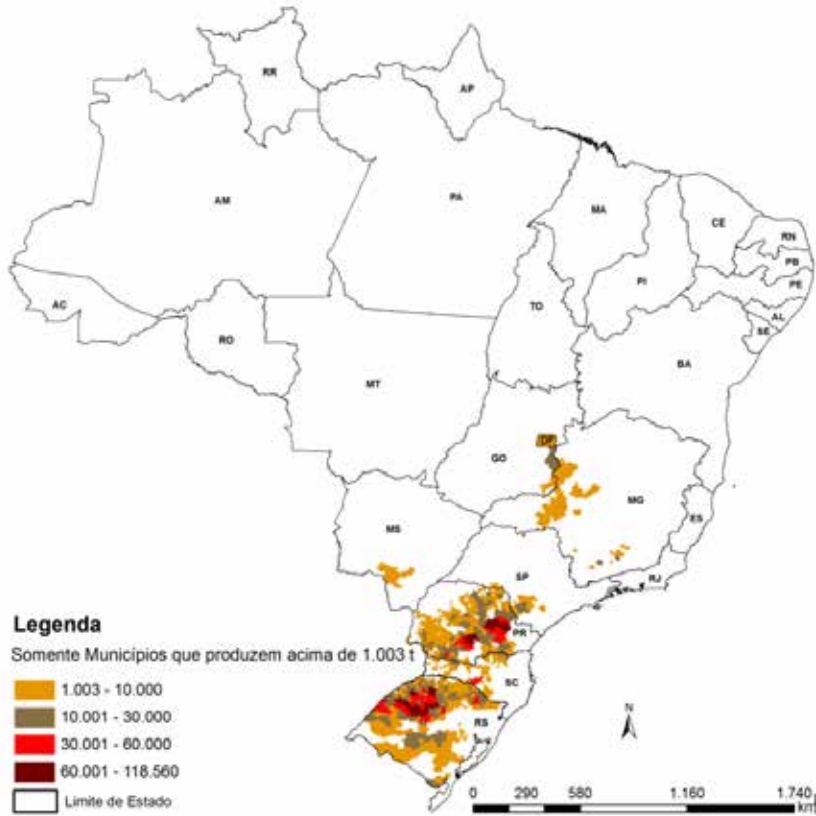
Tabela 50 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	102,4	102,4	-	2.568	2.568	-	263,0	263,0	-
PR	50,1	50,1	-	3.689	3.689	-	184,8	184,8	-
SC	2,8	2,8	-	1.380	1.380	-	3,9	3,9	-
RS	49,5	49,5	-	1.500	1.500	-	74,3	74,3	-
CENTRO-SUL	102,4	102,4	-	2.568	2.568	-	263,0	263,0	-
BRASIL	102,4	102,4	-	2.568	2.568	-	263,0	263,0	-

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa abril/2016

8.2.5. TRIGO






















































Figura 43 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 27 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

Tabela 51 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	26,2	26,2	-	3.363	3.363	-	88,1	88,1	-
MS	15,0	15,0	-	2.000	2.000	-	30,0	30,0	-
GO	9,6	9,6	-	5.054	5.054	-	48,5	48,5	-
DF	1,6	1,6	-	6.000	6.000	-	9,6	9,6	-
SUDESTE	156,4	156,4	-	3.247	3.247	-	507,8	507,8	-
MG	82,2	82,2	-	2.982	2.982	-	245,1	245,1	-
SP	74,2	74,2	-	3.541	3.541	-	262,7	262,7	-
SUL	2.266,2	2.266,2	-	2.179	2.179	-	4.939,0	4.939,0	-
PR	1.339,9	1.339,9	-	2.506	2.506	-	3.357,8	3.357,8	-
SC	65,0	65,0	-	1.800	1.800	-	117,0	117,0	-
RS	861,3	861,3	-	1.700	1.700	-	1.464,2	1.464,2	-
CENTRO-SUL	2.448,8	2.448,8	-	2.260	2.260	-	5.534,9	5.534,9	-
BRASIL	2.448,8	2.448,8	-	2.260	2.260	-	5.534,9	5.534,9	-

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa abril/2016

8.2.5. OFERTA E DEMANDA

A produção de trigo estimada pela Conab em dezembro de 2015 foi de 5.534,9 mil toneladas, ante a 7.070,3 mil toneladas na primeira avaliação de agosto de 2015, ou seja, recuo de 21,8% frente à estimativa inicial. A quebra foi resultado do dano causado pelo clima na cultura de trigo nas zonas de produção da Região Sul do Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul.

Os problemas causados na safra, da ordem de 1,5 milhão de toneladas, exigirão importações, que poderá se aproximar de 5,4 milhões de toneladas, não obstante à significativa redução da moagem, em vista da não disponibilidade de trigo de boa qualidade para todos os moinhos a partir de janeiro e o elevado volume de exportação. Essa situação conjuntural limita



maiores importações coligadas a uma fraca demanda interna de farinha de trigo.

Entre janeiro e dezembro de 2015 foram importados 5,17 milhões de toneladas; 73,8% de origem Argentina, 10,9% do Paraguai, 8,7% dos Estados Unidos e 6,1% do Uruguai. Nesse período, a Região Norte/Nordeste importou 2,91 milhões de toneladas, a Sudeste 1,39 milhão, a Sul 788,6 mil e, a Centro-Oeste, 72,6 mil toneladas. As expectativas são de importações em ritmo mais lento no primeiro semestre de 2016, apesar do câmbio favorável às compras externas.

Por outro lado, a estimativa de exportação deverá ser de 1.590 mil toneladas, ante a 1.300 mil de toneladas previstas inicialmente, sendo 917 mil toneladas de origem no Rio Grande do Sul e 652 mil toneladas do Paraná. As informações deste estado são o Mdic/Secex e do Rio Grande do Sul, agentes de comercialização e

de exportação.

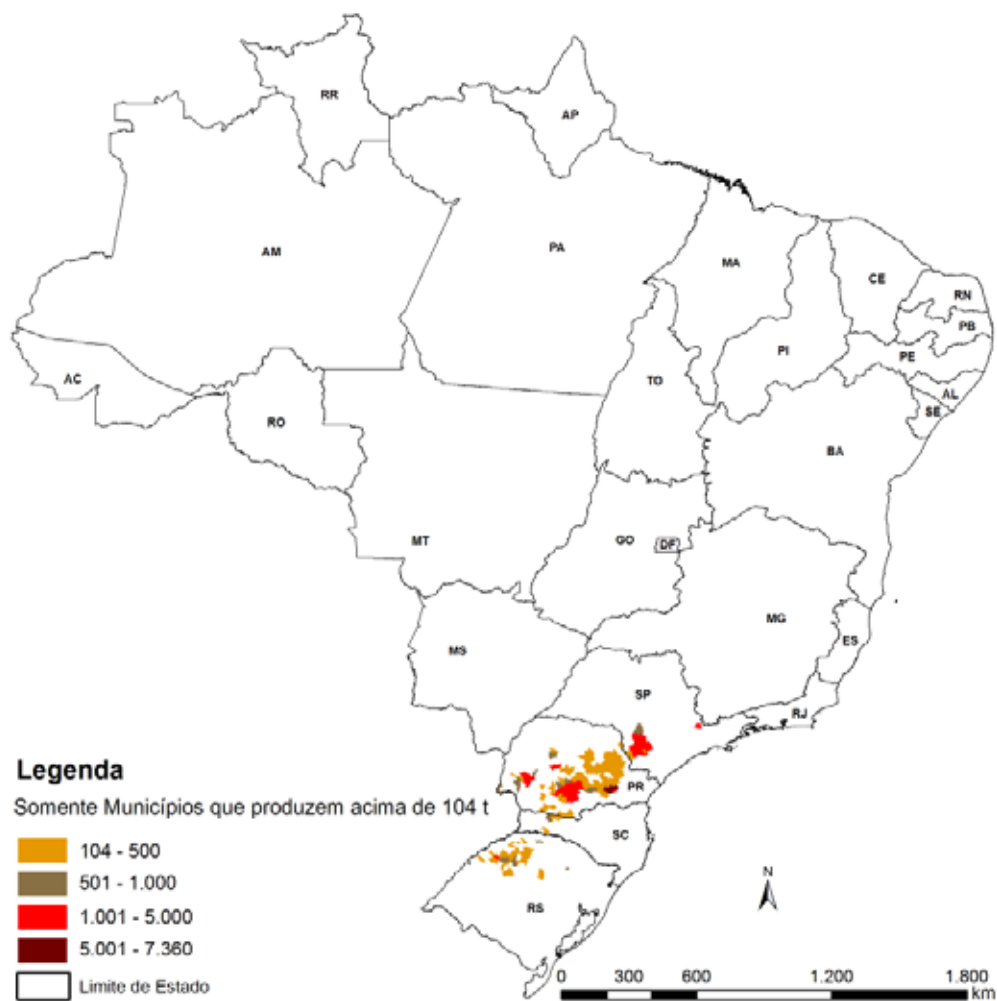
O trigo exportado pelo Rio Grande do Sul teve os principais destinos: o Vietnã (26,6%), Filipinas (17,3%), China (12,7%), Tailândia (12%) e Colômbia (9,7%). O produto do Paraná destinou-se ao Vietnã (30,2%), Filipinas (18,8%), Tailândia (16,9%), Colômbia (12,5%), Indonésia e Israel, ambos participando com 8,2%, entre outros.

Devido à fraca demanda interna de farinha de trigo, a previsão da moagem industrial foi reduzida para 9,5 milhões de toneladas, ante aos 10 milhões estimados anteriormente.

Nessa conjuntura, o consumo interno deverá ser de 9,8 milhões, ante aos 10,3 milhões de toneladas avaliadas anteriormente, e, 10,7 milhões de toneladas em 2014. Assim, espera-se um estoque de passagem, em julho de 2016, de aproximadamente 750 mil toneladas, pouco inferiores a um mês de consumo previsto, em 820 mil toneladas.

8.2.6. TRITICALE






























Figura 44 – Mapa da produção agrícola – triticale



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 28 - Calendário de plantio e colheita – triticale

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

Tabela 52 – Comparativo de área, produtividade e produção – triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	4,3	4,3	-	3.140	3.140	-	13,5	13,5	-
SP	4,3	4,3	-	3.133	3.133	-	13,5	13,5	-
SUL	17,2	17,2	-	2.523	2.523	-	43,4	43,4	-
PR	10,9	10,9	-	2.829	2.829	-	30,8	30,8	-
SC	0,6	0,6	-	1.870	1.870	-	1,1	1,1	-
RS	5,7	5,7	-	2.015	2.015	-	11,5	11,5	-
CENTRO-SUL	21,5	21,5	-	2.647	2.647	-	56,9	56,9	-
BRASIL	21,5	21,5	-	2.647	2.647	-	56,9	56,9	-

Fonte: Conab

Nota: Estimativa outubro/2015





9. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

Tabela 53 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.480,7	5,0	1.834,8	800,0	740,0	294,8
Arroz em casca	2010/11	2.457,4	13.613,1	825,4	16.895,9	12.236,7	2.089,6	2.569,6
	2011/12	2.569,6	11.599,5	1.068,0	15.237,1	11.656,5	1.455,2	2.125,4
	2012/13	2.125,4	11.819,7	965,5	14.910,6	12.617,7	1.210,7	1.082,2
	2013/14	1.082,2	12.121,6	807,2	14.011,0	11.954,3	1.188,4	868,3
	2014/15	868,3	12.448,6	503,3	13.820,2	11.800,0	1.362,1	658,1
	2015/16	658,1	11.167,6	1.200,0	13.025,7	11.700,0	1.100,0	225,7
Feijão	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.115,3	156,7	3.575,8	3.350,0	122,6	103,2
	2015/16	103,2	3.309,3	150,0	3.562,5	3.350,0	120,0	92,5
Milho	2010/11	5.589,1	57.406,9	764,4	63.760,4	49.029,3	9.311,9	5.419,2
	2011/12	5.419,2	72.979,5	774,0	79.172,7	52.425,2	22.313,7	4.433,8
	2012/13	4.433,8	81.505,7	911,4	86.850,9	54.113,8	26.174,1	6.563,0
	2013/14	6.563,0	80.051,7	790,7	87.405,4	54.645,1	20.924,8	11.835,5
	2014/15	11.835,5	84.672,4	316,1	96.824,0	56.145,0	30.172,3	10.506,7
	2015/16	10.506,7	84.659,9	1.000,0	96.166,6	58.391,0	30.400,0	7.375,6
Soja em grãos	2010/11	2.607,2	75.324,3	41,0	77.972,5	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/12	3.016,5	66.383,0	266,5	69.666,0	36.754,0	32.468,0	444,0
	2012/13	444,0	81.499,4	282,8	82.226,2	38.694,2	42.791,9	740,1
	2013/14	740,1	86.120,8	578,7	87.439,6	40.332,8	45.692,0	1.414,8
	2014/15	1.414,8	96.228,0	324,1	97.966,9	42.850,0	54.324,0	792,9
	2015/16	792,9	98.981,6	300,0	100.074,5	43.600,0	55.350,0	1.124,5
Farelo de Soja	2010/11	1.967,9	29.298,5	24,8	31.291,2	13.758,4	14.355,0	3.177,8
	2011/12	3.177,8	26.026,0	5,0	29.208,8	14.051,1	14.289,0	868,7
	2012/13	868,7	27.258,0	3,9	28.130,6	14.350,0	13.333,5	447,1
	2013/14	447,1	28.336,0	1,0	28.784,1	14.799,3	13.716,0	268,8
	2014/15	268,8	30.492,2	1,0	30.762,0	15.100,0	14.826,7	835,3
	2015/16	835,3	30.800,0	1,0	31.636,3	15.500,0	15.500,0	636,3
Óleo de soja	2010/11	676,6	7.419,8	0,1	8.096,5	5.367,0	1.741,0	988,5
	2011/12	988,5	6.591,0	1,0	7.580,5	5.172,4	1.757,1	651,0
	2012/13	651,0	6.903,0	5,0	7.559,0	5.556,3	1.362,5	640,2
	2013/14	640,2	7.176,0	0,1	7.816,3	5.930,8	1.305,0	580,5
	2014/15	580,5	7.722,0	25,2	8.327,7	6.359,2	1.669,9	298,6
	2015/16	298,6	7.800,0	12,0	8.110,6	6.380,0	1.400,0	330,6
Trigo	2010	2.879,9	5.881,6	5.798,4	14.559,9	9.842,4	2.515,9	2.201,6
	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.480,0	12.189,5	9.867,3	1.569,0	753,2

Nota: Estimativa em abril de 2016 / Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho

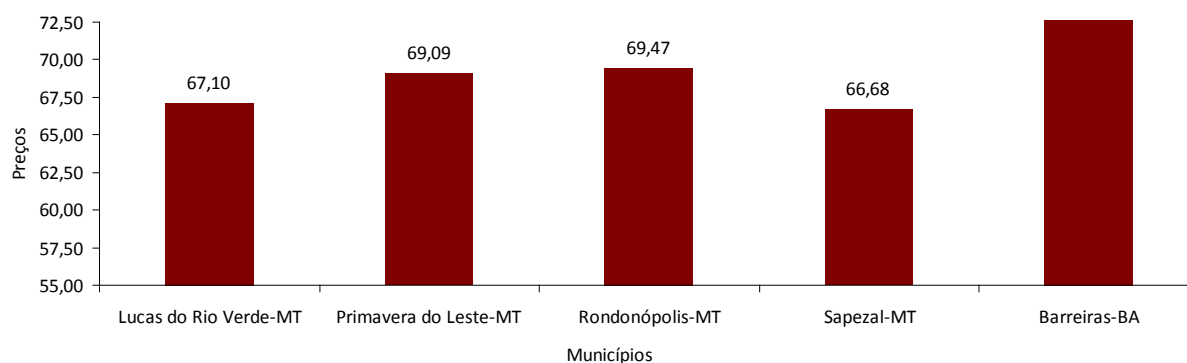
Fonte: Conab.





10. PREÇOS

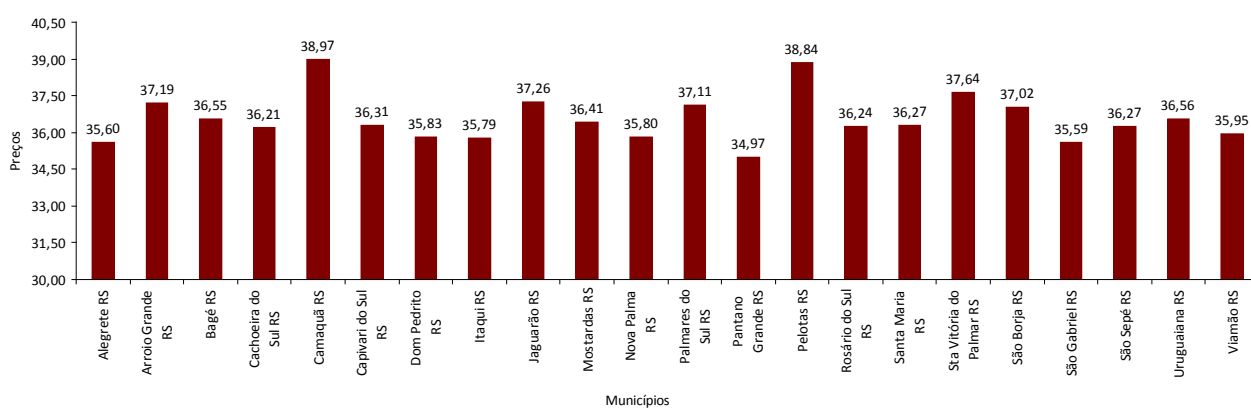
Gráfico 70 - Preço médio por município - MT e BA (algodão pluma 15 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Março 2015 a março 2016

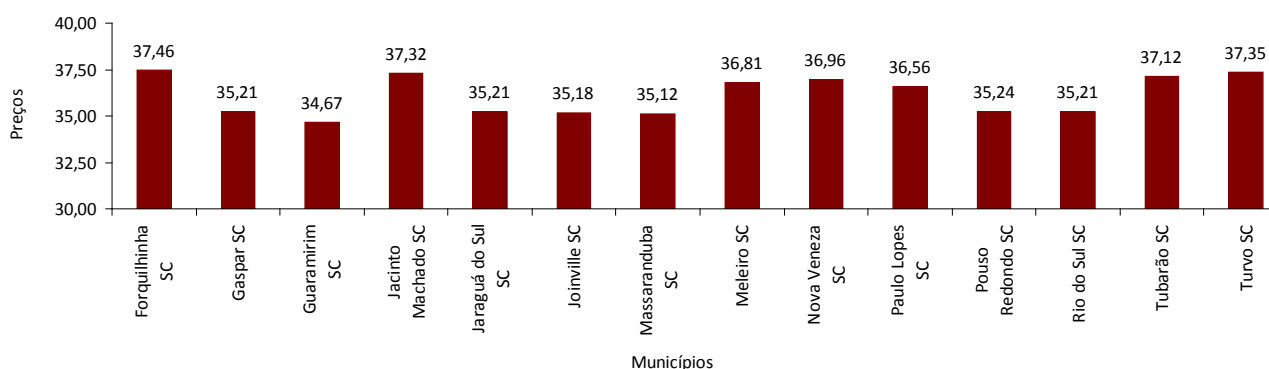
Gráfico 71 - Preço médio por município - RS (arroz longo fino em casca 50 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Março 2015 a março 2016

Gráfico 72 - Preço médio por município - SC (arroz - longo fino em casca 50 kg)

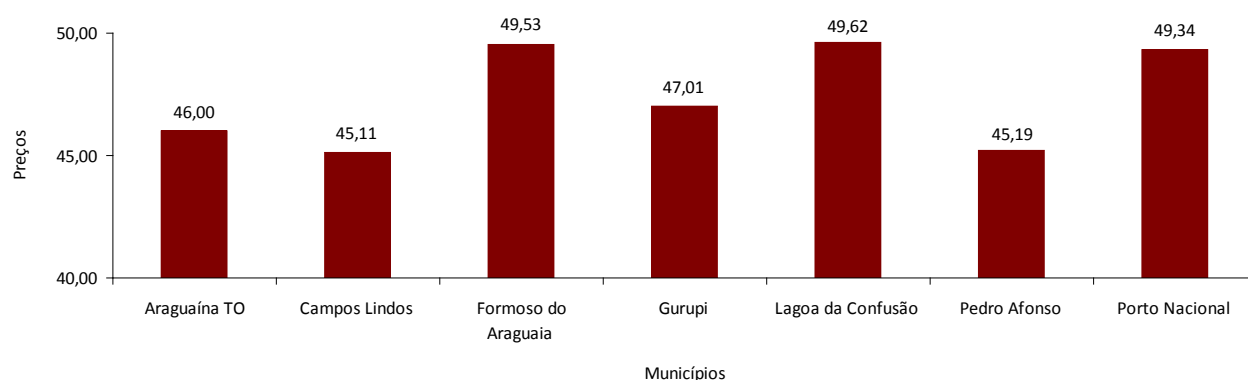


Fonte: Conab.

Nota: Março 2015 a março 2016



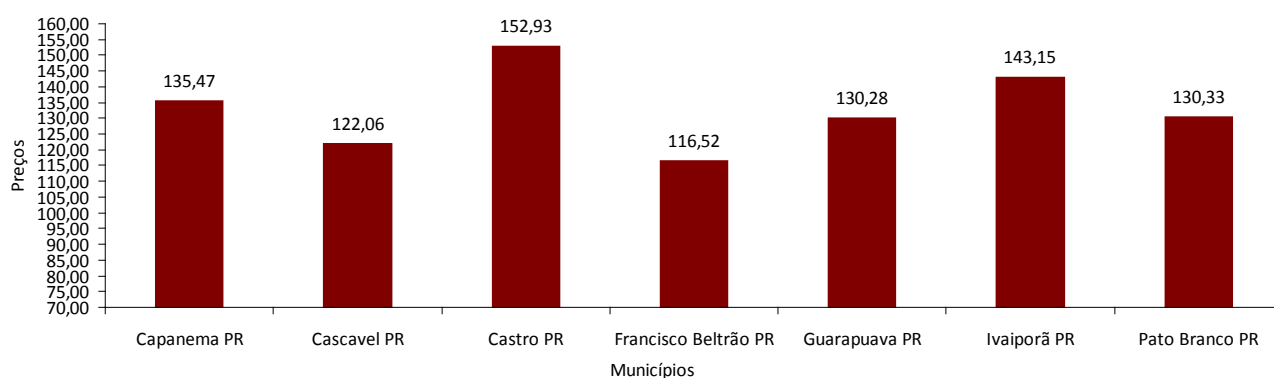
Gráfico 73 -Preço médio por município - TO (arroz - longo fino em casca 60kg)



Fonte: Conab.

Nota: Março 2015 a março 2016

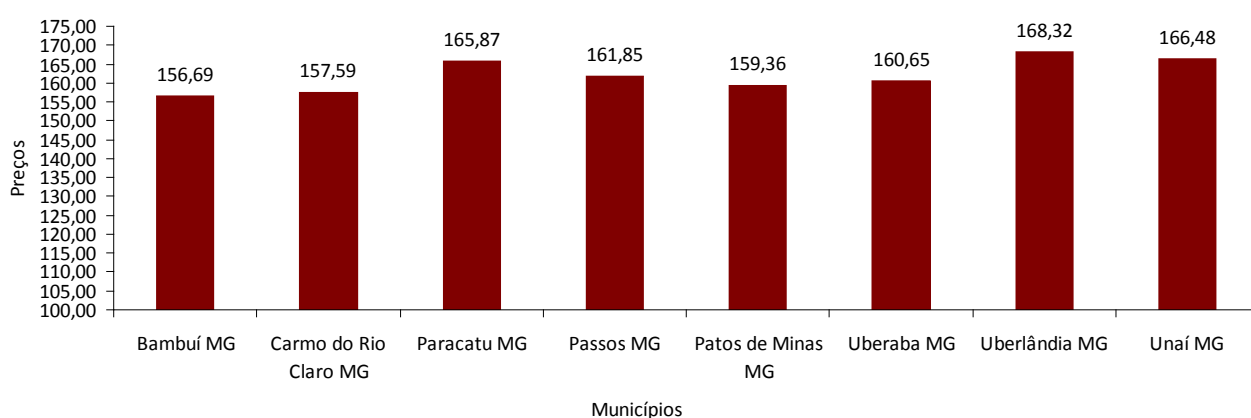
Gráfico 74 -Preço médio por município - PR (feijão cores 60kg)



Fonte: Conab.

Nota: Março 2015 a março 2016

Gráfico 75 -Preço médio por município - MG (feijão cores 60kg)

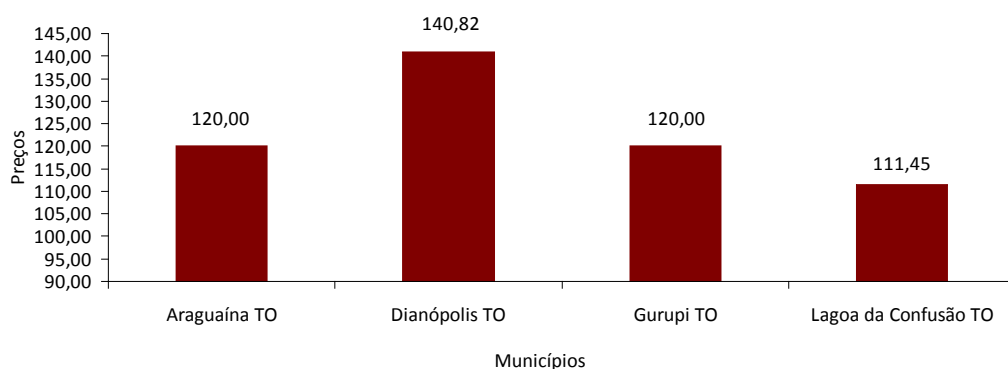


Fonte: Conab.

Nota: Março 2015 a março 2016



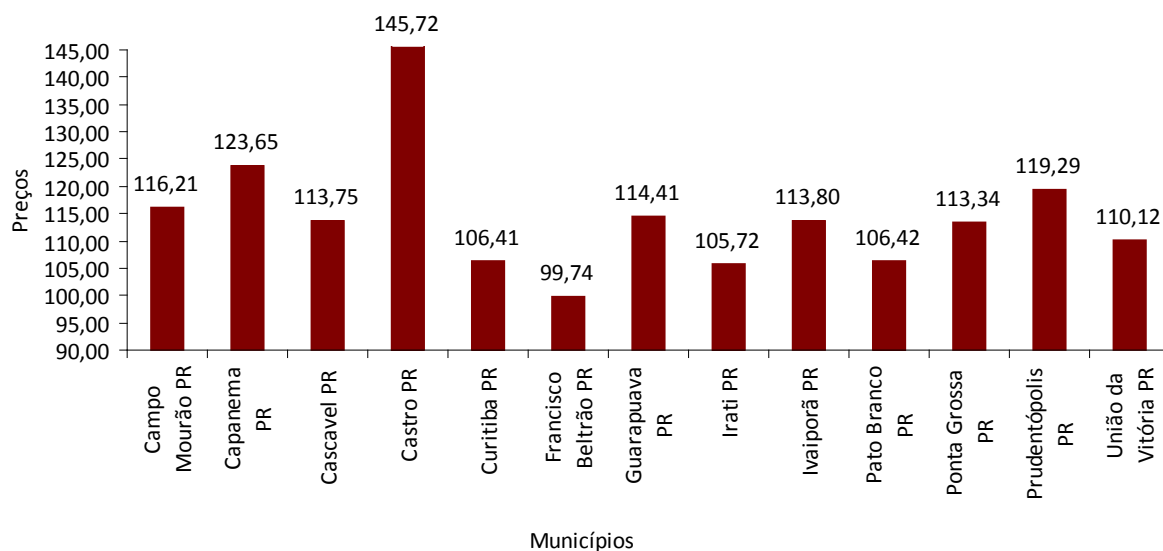
Gráfico 76 - Preço médio por município - TO (feijão cores 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Março 2015 a março 2016

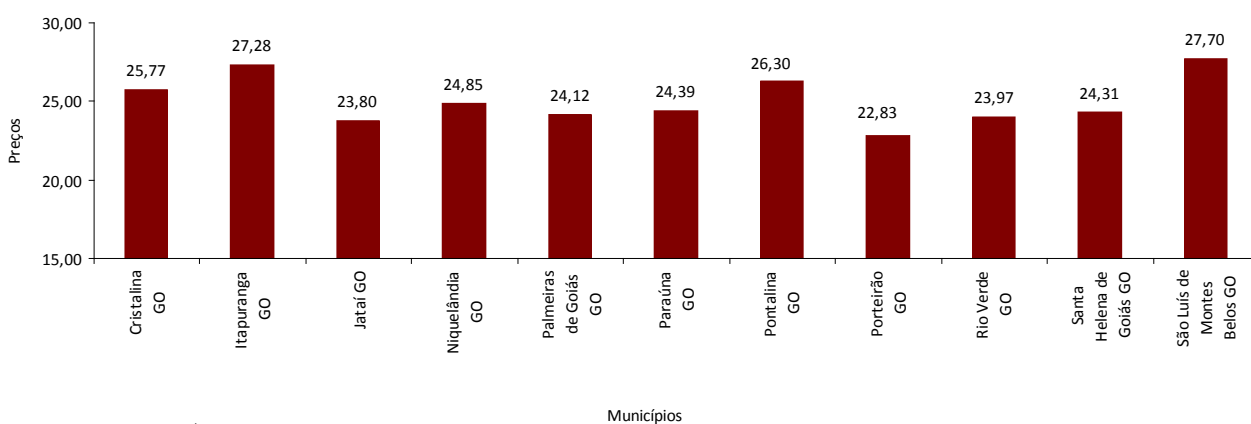
Gráfico 77 - Preço médio por município - PR (feijão preto 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Março 2015 a março 2016

Gráfico 78 - Preço médio por município - GO (milho 60 kg)

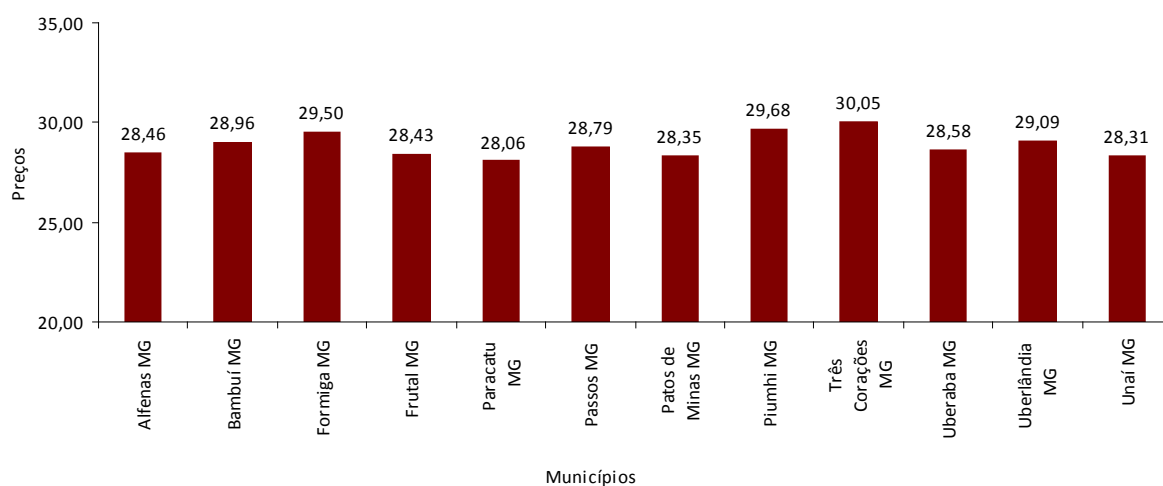


Fonte: Conab.

Nota: Março 2015 a março 2016



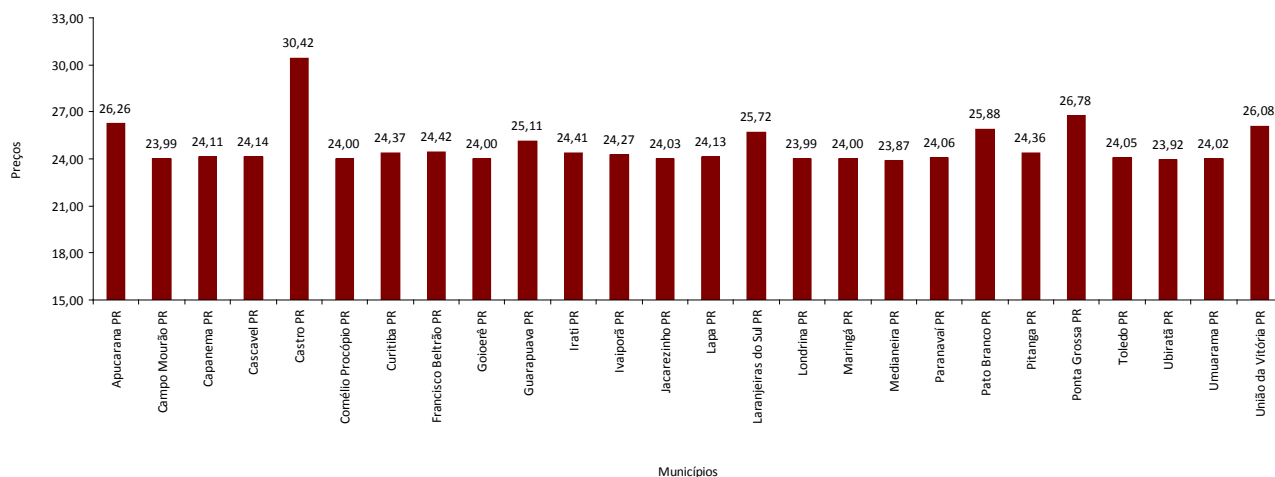
Gráfico 79 - Preço médio por município - MG (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Março 2015 a março 2016

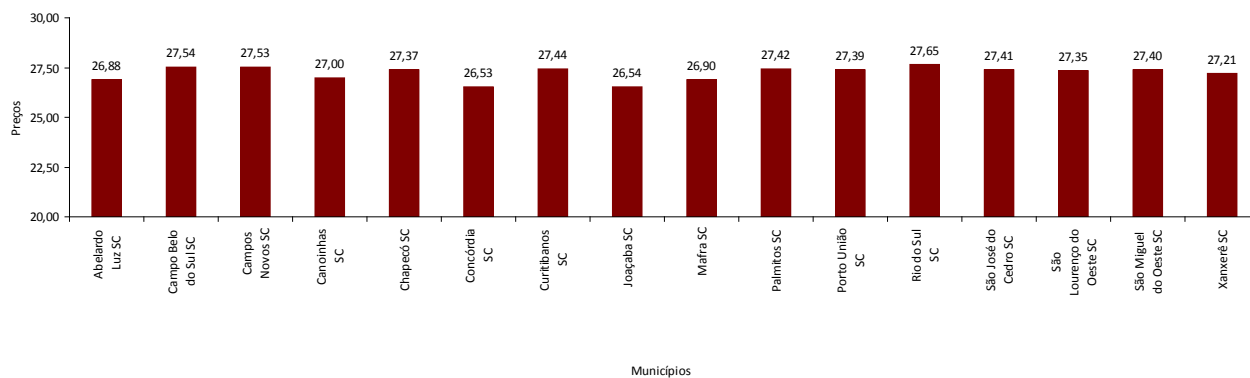
Gráfico 80 - Preço médio por município - PR (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Março 2015 a março 2016

Gráfico 81 - Preço médio por município - SC (milho 60 kg)

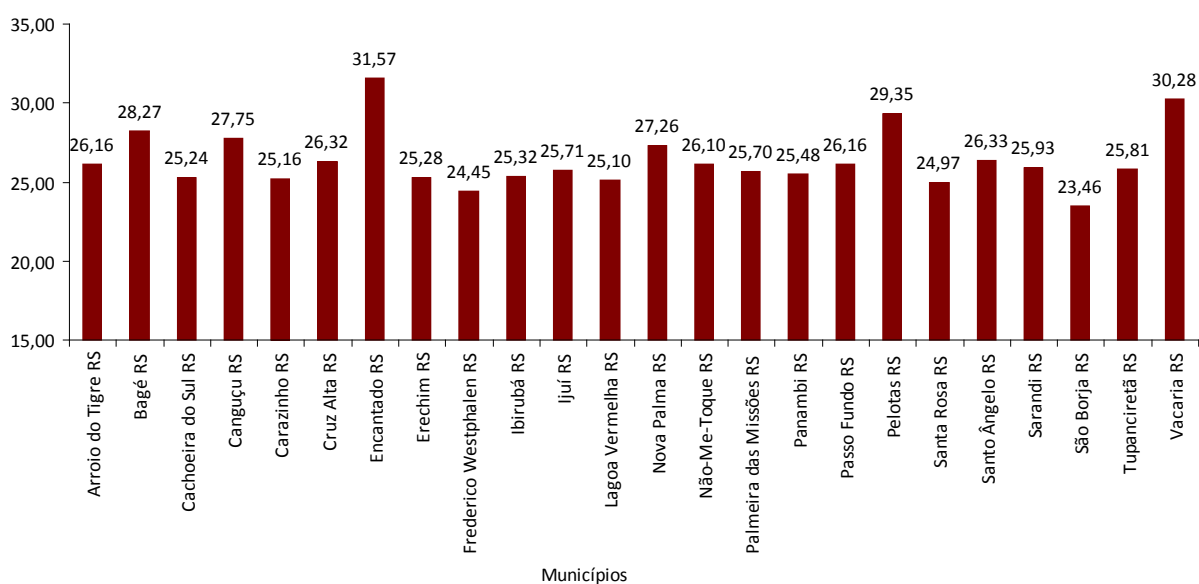


Fonte: Conab.

Nota: Março 2015 a março 2016



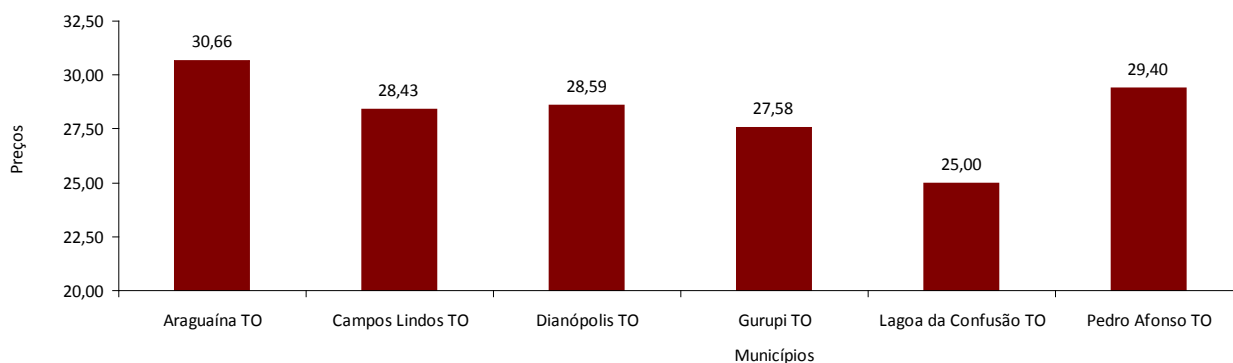
Gráfico 82 - Preço médio por município - RS (milho 60 kg)



Fonte: Conab

Nota: Março 2015 a março 2016

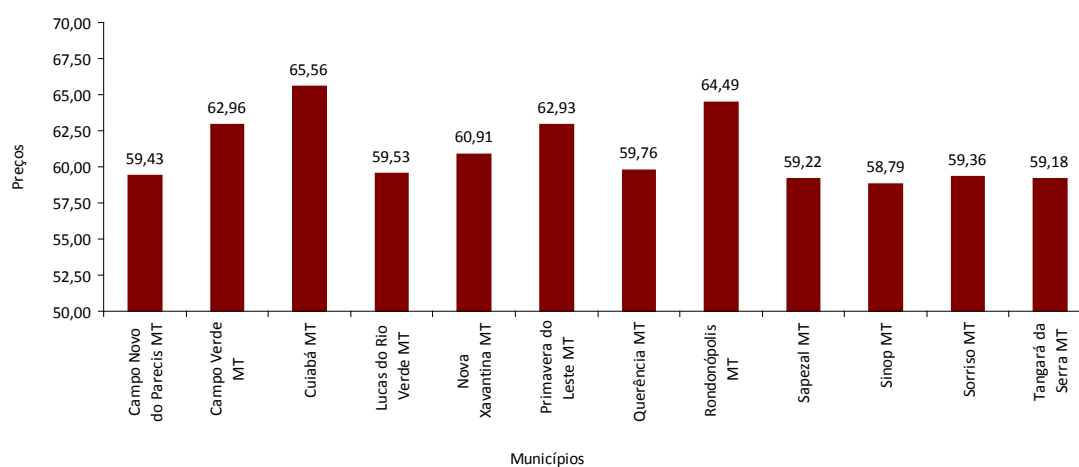
Gráfico 83 - Preço médio por município - TO (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Março 2015 a março 2016

Gráfico 84 - Preço médio por município - MT (soja 60 kg)

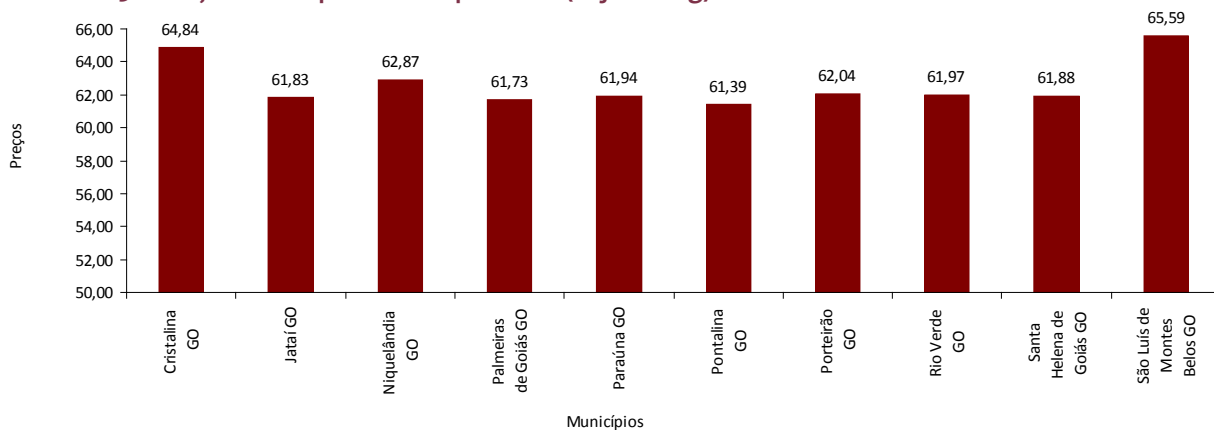


Fonte: Conab.

Nota: Março 2015 a março 2016



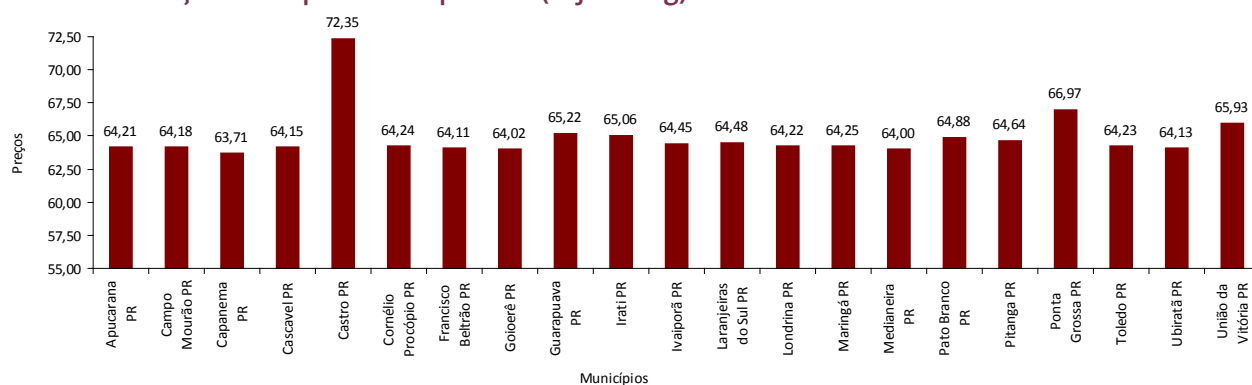
Gráfico 85 - Preço médio por município - GO (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Março 2015 a março 2016

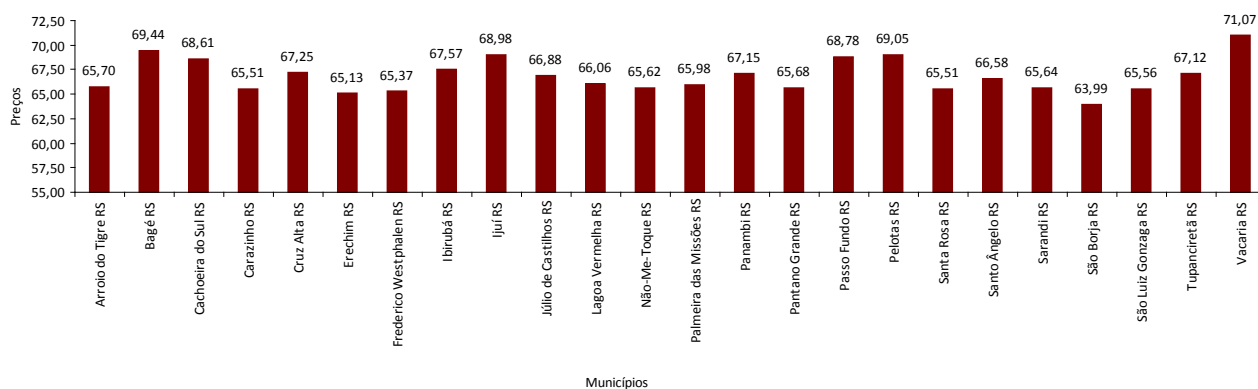
Gráfico 86 - Preço médio por município - PR (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Março 2015 a março 2016

Gráfico 87 - Preço médio por município - RS (soja 60 kg)

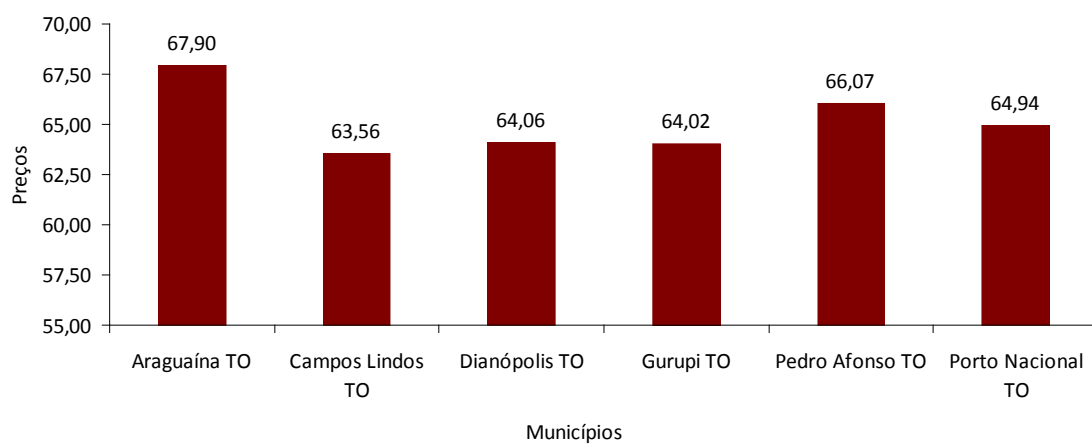


Fonte: Conab.

Nota: Março 2015 a março 2016



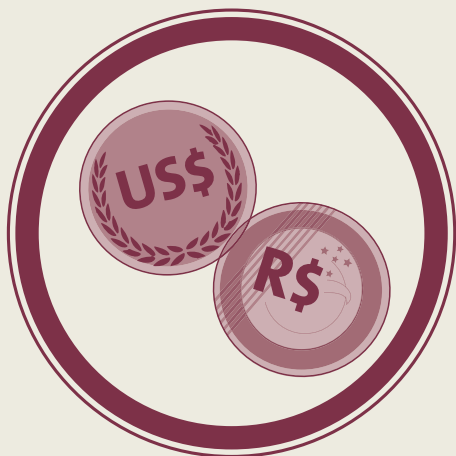
Gráfico 88 - Preço médio por município - TO (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Março 2015 a março 2016

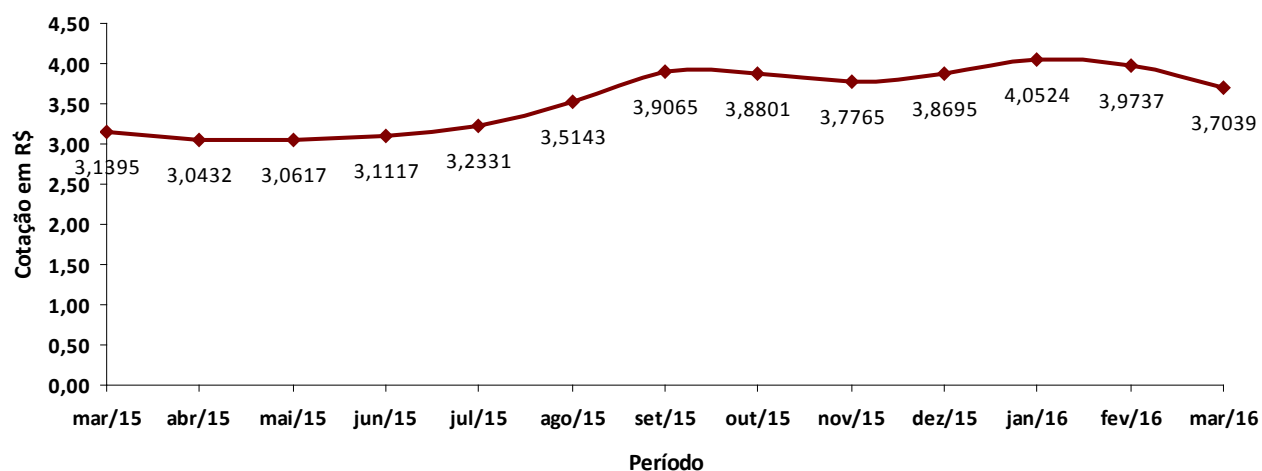




11. CÂMBIO

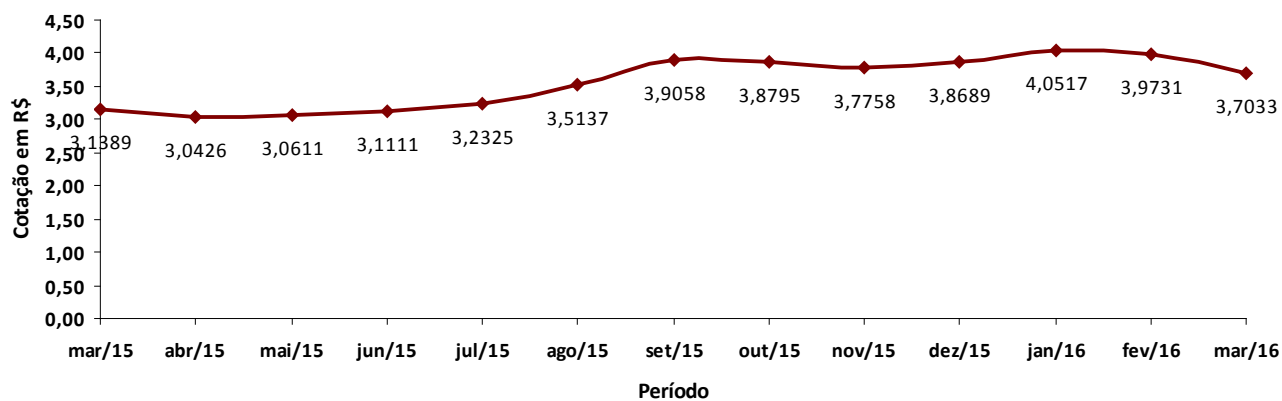
O câmbio é outro componente importante no processo de tomada de decisão do produtor rural, que tem como foco, as commodities agrícolas. Abaixo, as cotações de compra e venda do dólar americano no período de março de 2015 a março de 2016.

Gráfico 89 - Câmbio venda - março de 2015 a março de 2016



Fonte: Bacen.

Gráfico 90 - Câmbio compra - março de 2015 a março de 2016



Fonte: Bacen.





12. EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO

Em termos quantitativos, no ano de 2016 (Janeiro e Fevereiro), destaca-se o incremento das exportações de algodão, arroz, feijão e do milho, comparando com o mesmo período de 2014 e 2015. Com relação à soja e do complexo soja, a exportação é superior ao ano de 2015, mas inferior ao quantitativo exportado em 2014. O texto abaixo comenta a respeito dessas culturas.

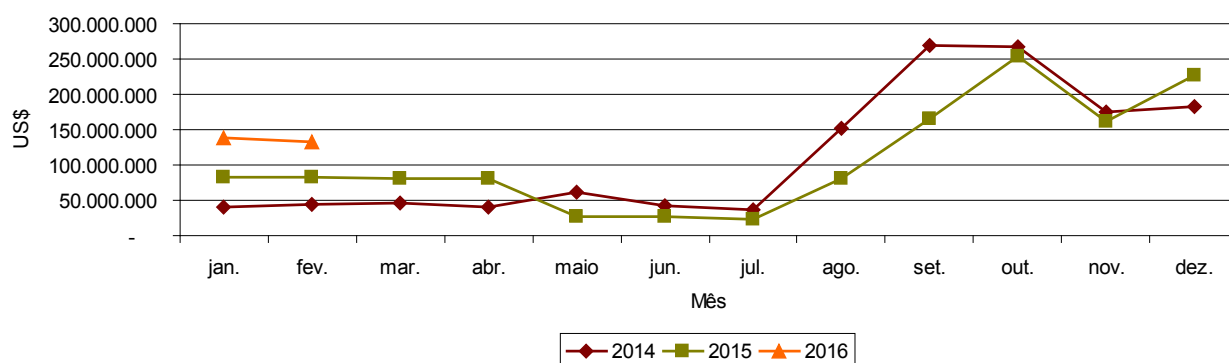
No segmento da importação, observa-se o aumento do quantitativo de feijão e redução com o trigo.

12.1. ALGODÃO

O acumulado da exportação de algodão bruto em 2016, nos meses de janeiro e fevereiro, atingem 181,5 mil toneladas, o que superior ao mesmo período de 2014 (44,2 mil toneladas) e 2015 (104 mil toneladas). Naturalmente há reflexo dessa situação no que se refere aos recursos auferidos no mercado internacional.

Os recursos e o quantitativo de importação de algodão é incipiente em 2016.

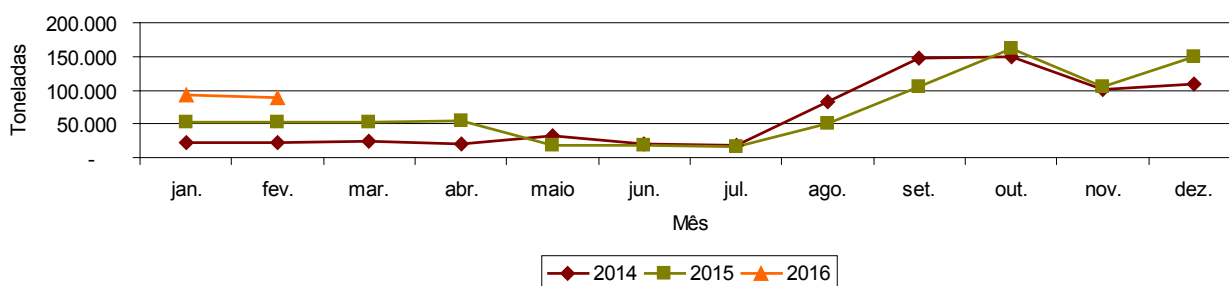
Gráfico 91 - Exportações - US\$ - algodão, em bruto



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a fevereiro de 2016

Gráfico 92 - Exportações - toneladas - algodão, em bruto



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

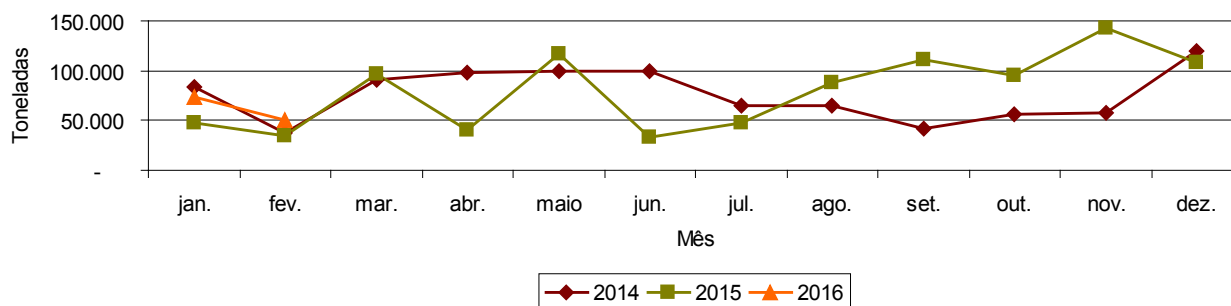
Nota: Janeiro de 2014 a fevereiro de 2016

12.2. ARROZ

O comportamento da exportação de arroz nos meses de Janeiro e Fevereiro de 2016 (124,2 mil toneladas) é superior ao mesmo período de 2014 (112 mil toneladas) e 2015 (81,5 mil toneladas), em termos de quantidade.

O montante de recursos obtidos com a exportação nesse período é de aproximadamente US\$ 40,8 milhões de dólares americanos.

Gráfico 93 - Exportações - toneladas - arroz

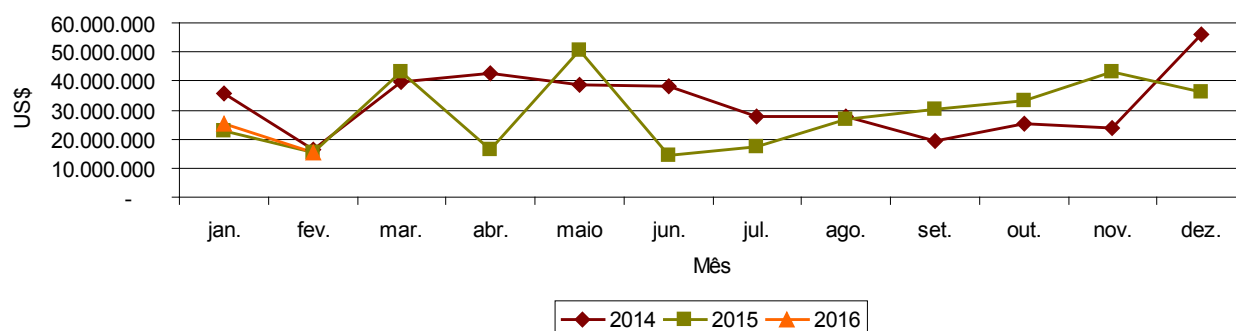


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a fevereiro de 2016



Gráfico 94 - Exportações - US\$ - arroz - toneladas



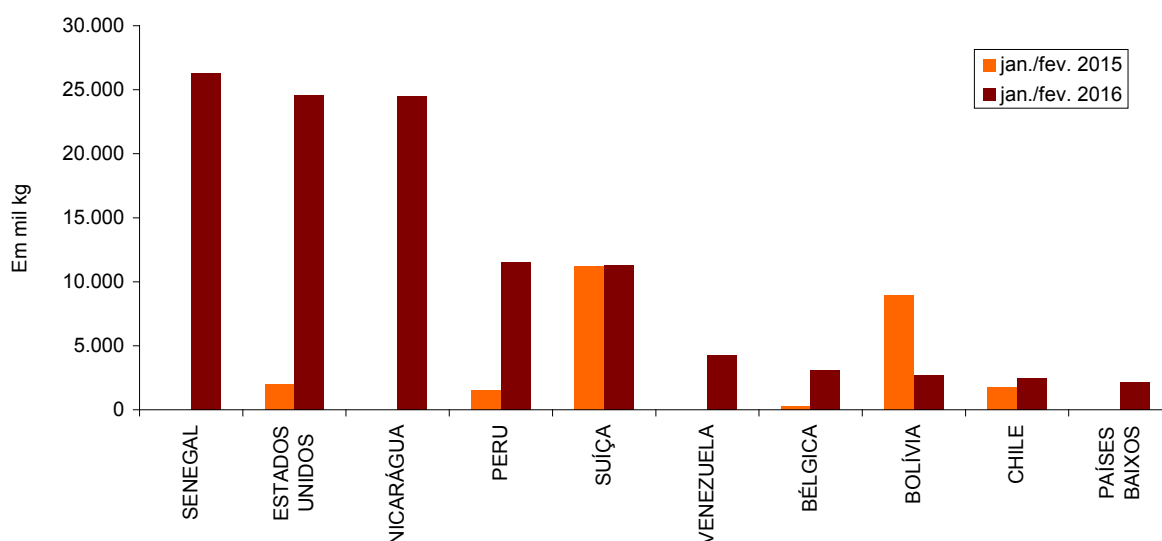
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a fevereiro de 2016

A exportação de arroz em Janeiro e Fevereiro em 2016, comparada com o mesmo período em 2015 teve incremento de 52,36% com destaque o aumento de exportação para os Estados Unidos da América

(1.100%), Bélgica (935%) e Peru (668%). Outro ponto a registrar é a inclusão neste ano de novos destinos para o produto brasileiro, como é o caso de Senegal, Nicarágua, Venezuela e Países Baixos.

Gráfico 95 - Exportações brasileiras de arroz - Principais países importadores



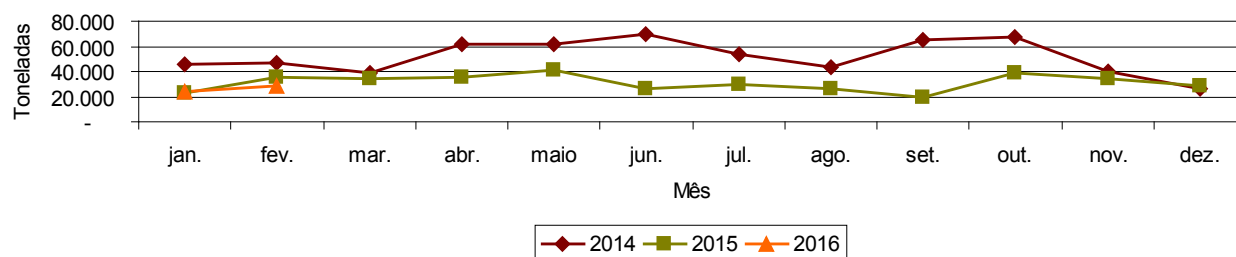
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a fevereiro de 2016

A importação de arroz no período de Janeiro e

Fevereiro/16 é inferior ao mesmo período de 2014 e 2015.

Gráfico 96 - Importações - toneladas - arroz



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a fevereiro de 2016

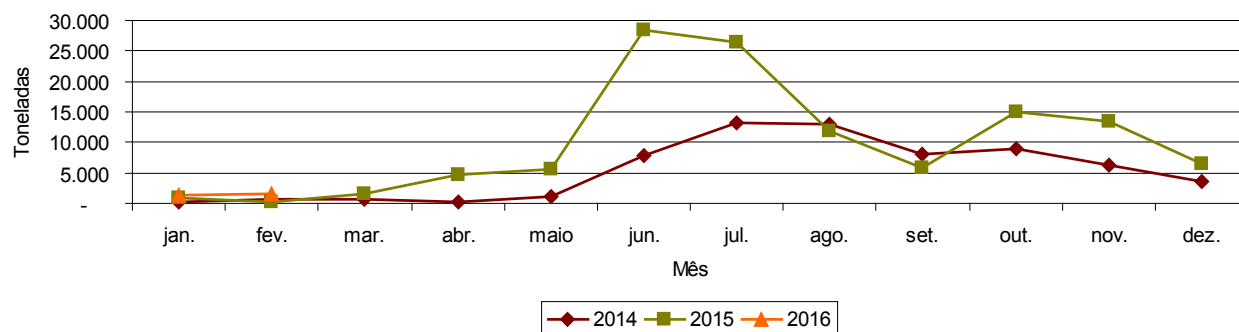


12.3. FEIJÃO

A exportação de feijão neste ano atingiu aproximadamente 2.900 toneladas, sendo que no mesmo período de 2014 e 2015 o montante exportado foi de

900 e 1.049 toneladas respectivamente. A receita da exportação neste ano é de 1,792.6 milhão de dólares americanos.

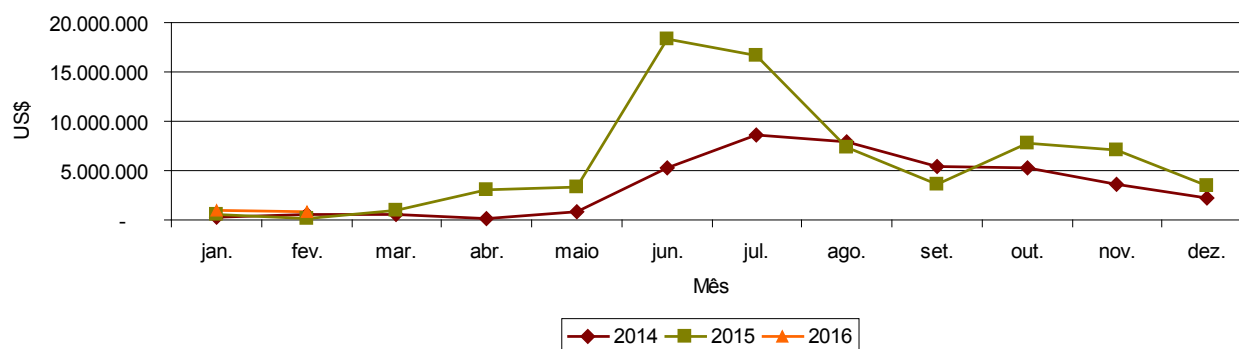
Gráfico 97 – Exportações - toneladas - feijão



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a fevereiro de 2016

Gráfico 98 – Exportações - US\$ - feijão



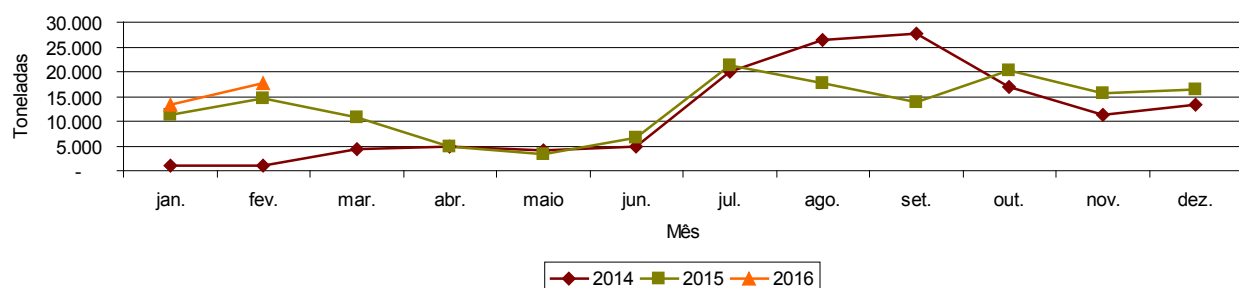
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a fevereiro de 2016

No período de Janeiro e Fevereiro de 2016, houve a importação de 30,7 mil toneladas de feijão, quantidade superior a 2014 (1.900 mil toneladas) e 2015 (25,8 mil

toneladas), com envolvimento de US\$ 16,4 milhões de dólares americanos.

Gráfico 99 – Importações - toneladas - feijão

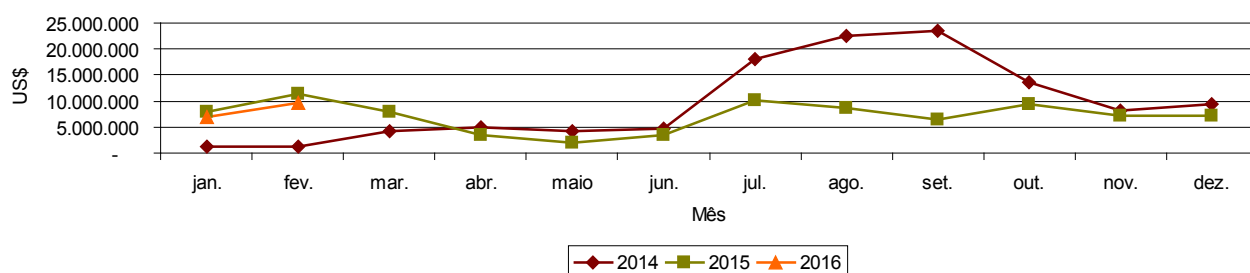


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a fevereiro de 2016



Gráfico 100 – Importações - US\$ - feijão



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

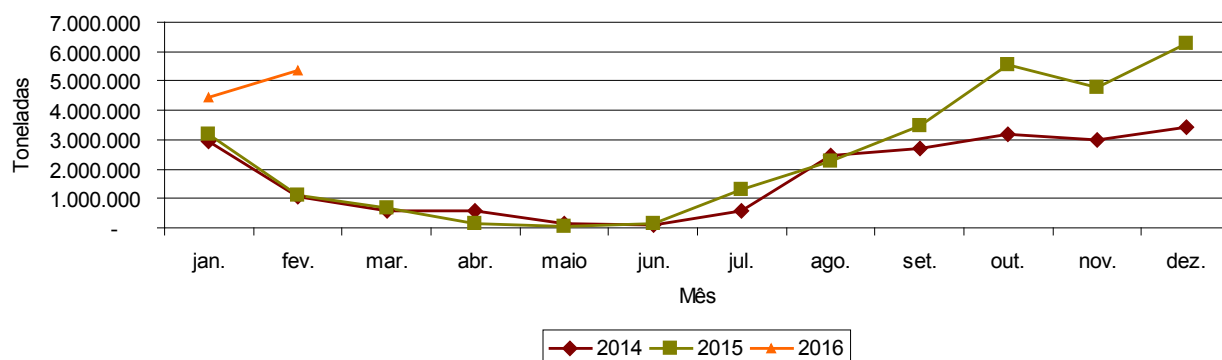
Nota: Janeiro de 2014 a fevereiro de 2016

12.4. MILHO

Em Janeiro e Fevereiro de 2014 e 2015 a exportação de milho foi de 3,9 e 4,2 milhões de toneladas, respectivamente. No mesmo período de 2016 a quantidade

exportada é de 9,8 milhões de toneladas. O montante envolvido neste ano é de US\$ 1,6 bilhões de dólares americanos.

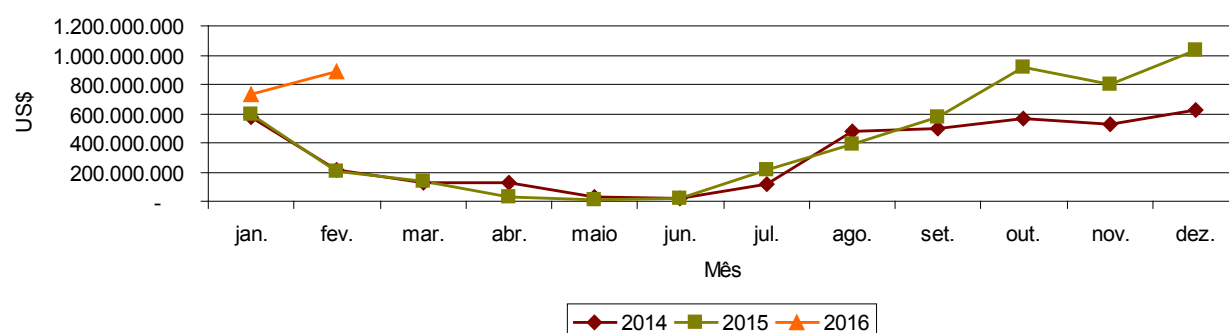
Gráfico 101 - Exportações - toneladas - milho



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a fevereiro de 2016

Gráfico 102 - Exportações - US\$ - milho



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

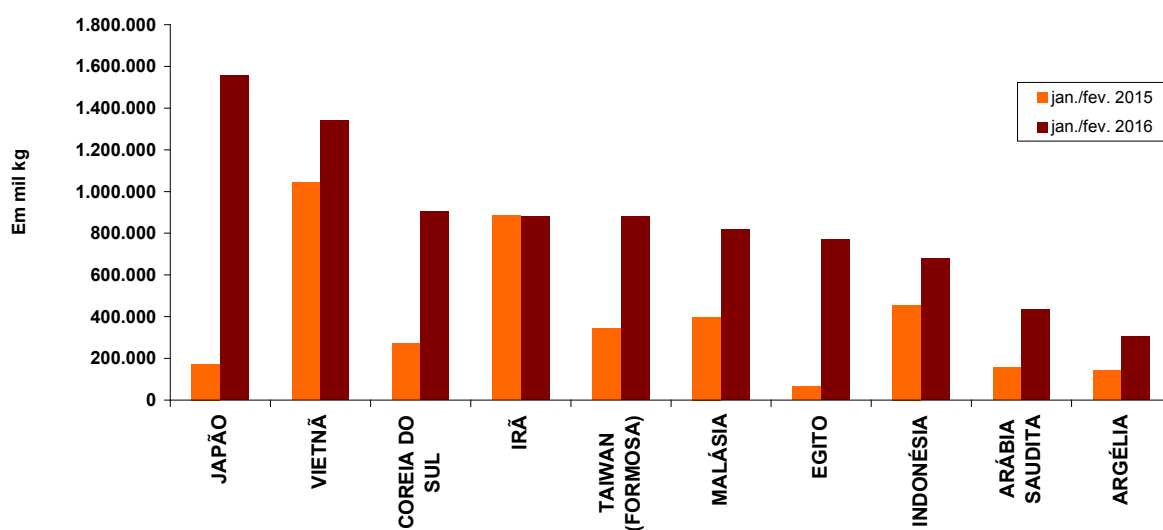
Nota: Janeiro de 2014 a fevereiro de 2016

Observando os meses de Janeiro e Fevereiro de 2016 em relação ao ano anterior, houve aumento de 128% no quantitativo exportado, destacando-se o Egito (1091%), Japão (801%), Coreia do Sul (233%), Arabia

Saudita (178%) Taiwan – Formosa (157%), Argelia (118%) e Malasia (105%). Os principais países de destino estão destacados no gráfico abaixo.



Gráfico 103 – Exportações brasileiras de milho – Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

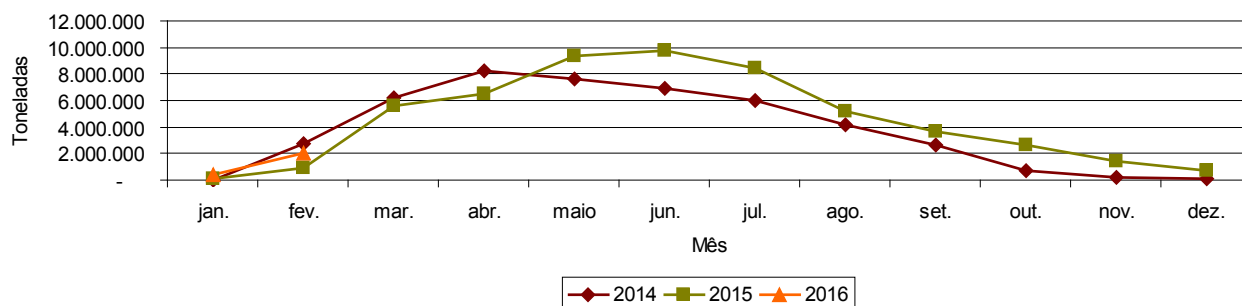
Nota: Janeiro de 2014 a fevereiro de 2016

12.5. SOJA EM GRÃOS

A exportação de soja no período de Janeiro e Fevereiro de 2016 é o maior se comparado com o mesmo período de 2015, mas inferior a 2014. O montante envolvido

na exportação de soja é de US\$ 862,9 milhões de dólares americanos.

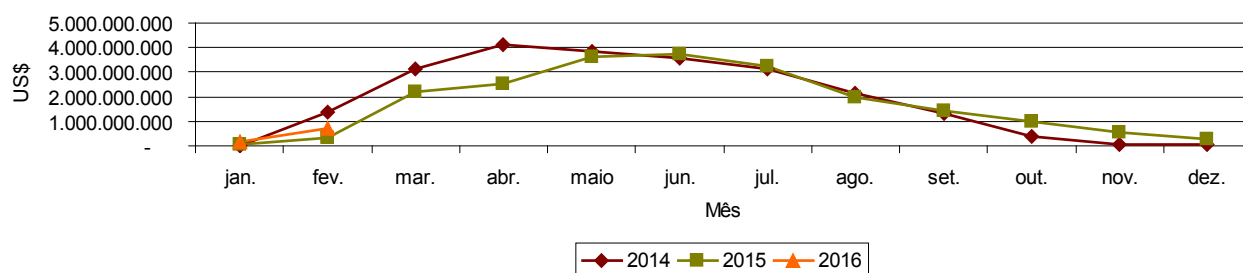
Gráfico 104 - Exportações - toneladas - soja, em grãos



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a fevereiro de 2016

Gráfico 105 - Exportações - US\$ - soja, em grãos



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a fevereiro de 2016

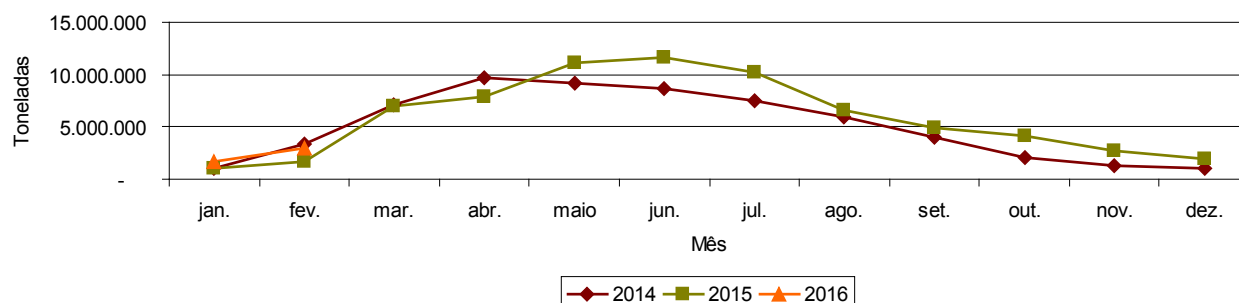


12.6. COMPLEXO SOJA

Observa-se pelos gráficos abaixo que a exportação em Janeiro e Fevereiro de 2016 a exportação foi superior ao ano de 2015, mas inferior a 2014. O montante

envolvido com a exportação atinge 1,6 bilhões de dólares americanos.

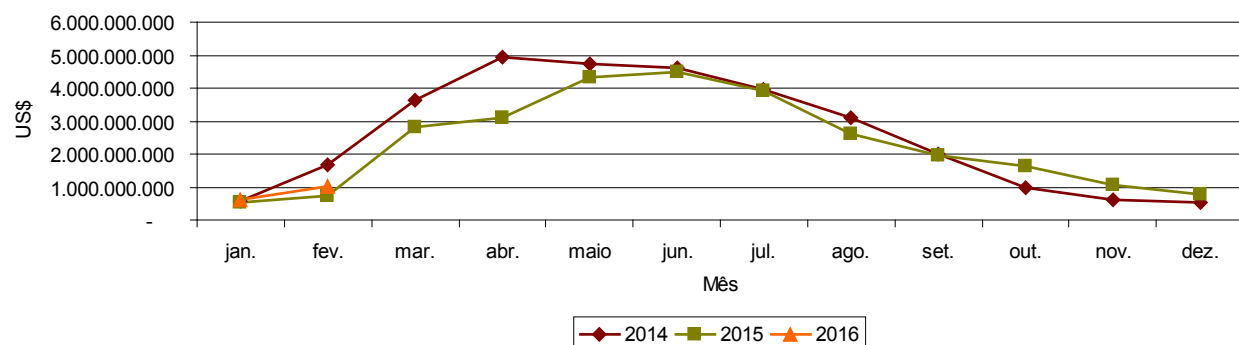
Gráfico 106 – Exportações- toneladas - complexo soja



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a fevereiro de 2016

Gráfico 107 – Exportações - US\$ - complexo soja



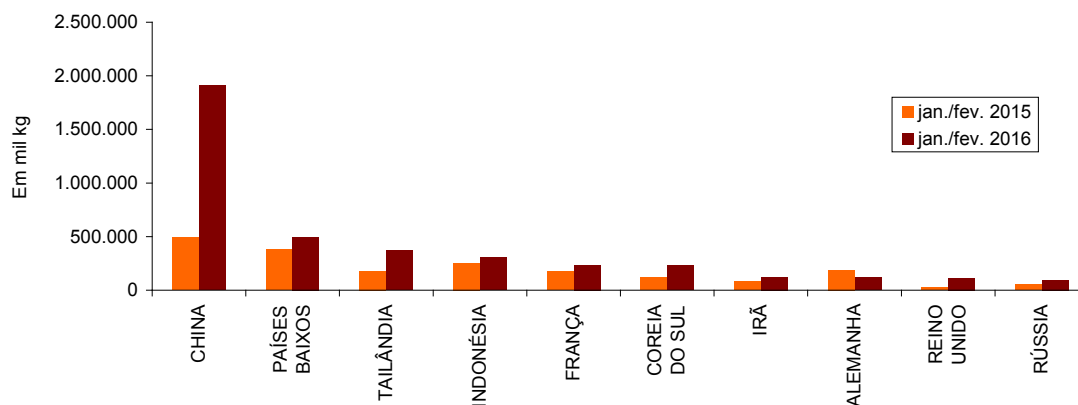
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a fevereiro de 2016

As exportações do complexo soja cresceu 66,91% observando os meses de Janeiro e Fevereiro de 2016 e 2015. O principal destino é a China, com crescimen-

to de 287%. Destaca-se o aumento da exportação do complexo soja para o Reino Unido (317%), Tailândia (104%) Coreia do Sul (96%) Rússia (70%) e Irã (53%).

Gráfico 108 – Exportações brasileiras complexo soja – Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a fevereiro de 2016

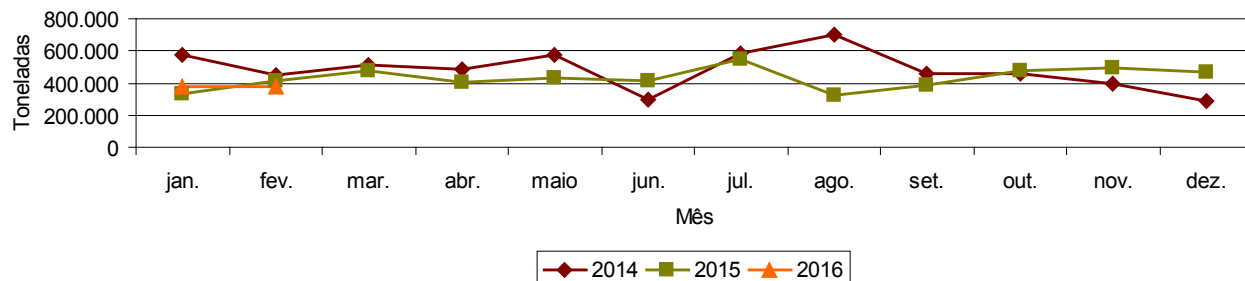


12.7. TRIGO

O Brasil, em Janeiro e Fevereiro de 2016 importou 752 mil toneladas de trigo, com desembolso de 148,0 mi-

lhões de dólares americanos, que são inferiores aos dois últimos anos.

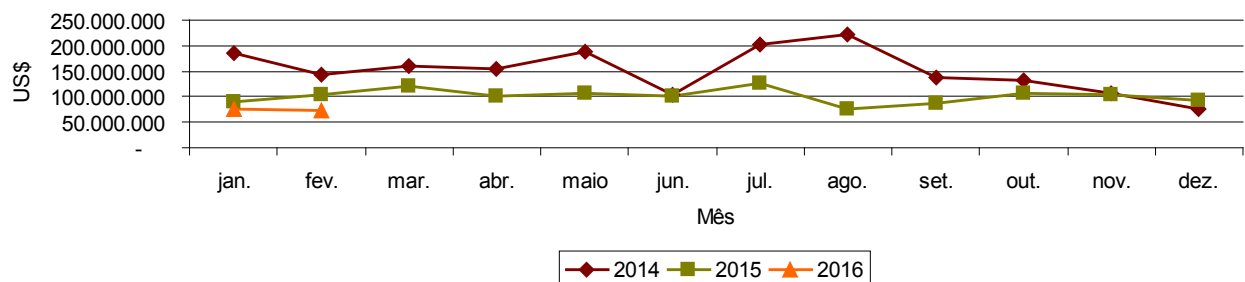
Gráfico 109 – Importações - toneladas - trigo



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a fevereiro de 2016

Gráfico 110 – Importações - US\$ - trigo



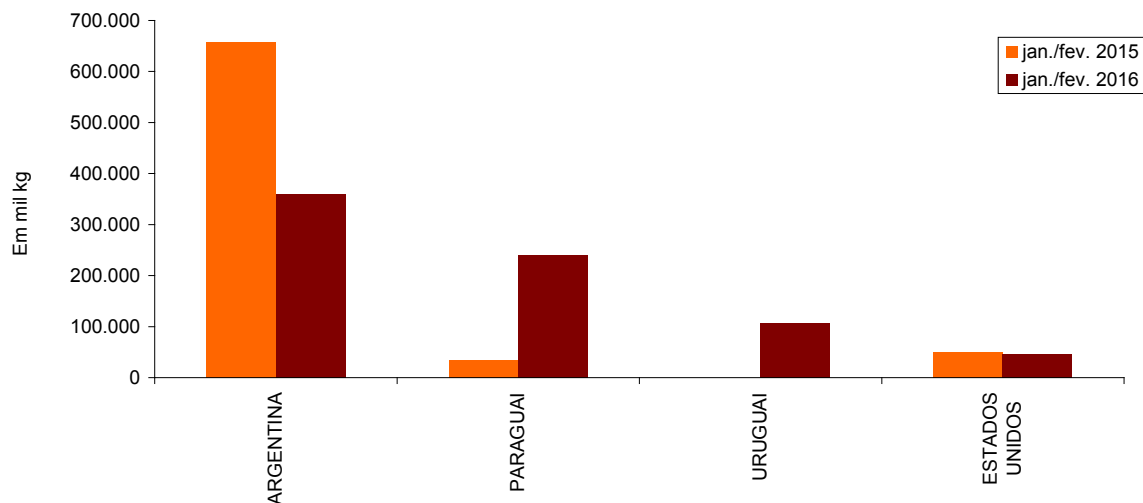
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a fevereiro de 2016

Pode-se observar que no período de Janeiro e Fevereiro de 2015 e 2016 destaca-se o incremento de 600% na quantidade importada do Paraguai e a entrada do

Uruguai como fornecedor de trigo para o mercado brasileiro. A importação da Argentina e dos Estados Unidos reduziram em 45% e 7% respectivamente.

Gráfico 111 – Importações brasileiras trigo – Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

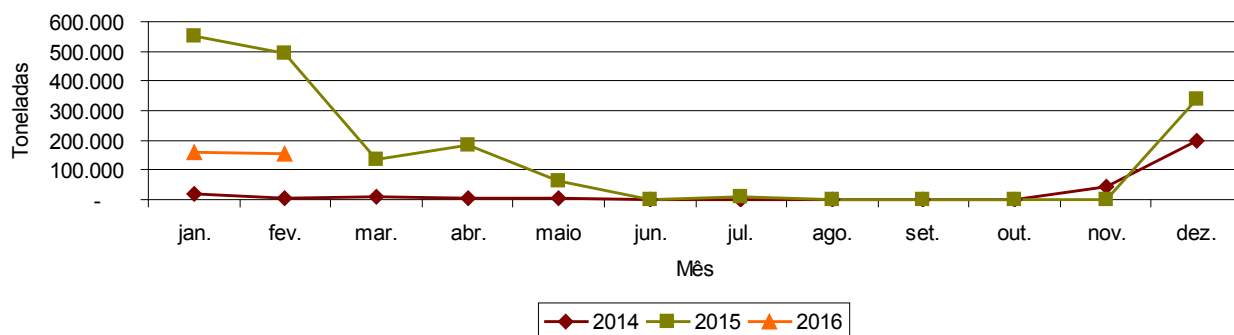
Nota: Janeiro de 2014 a fevereiro de 2016



No período de Janeiro e Fevereiro de 2016 ocorreu a exportação de 315,7 mil toneladas de trigo, com geração de receita no montante de US\$ 51,5 milhões de dólares americanos.

Comparando com os anos de 2014 e 2015, A exportação desse cereal é inferior ao ano de 2015 e superior a 2014.

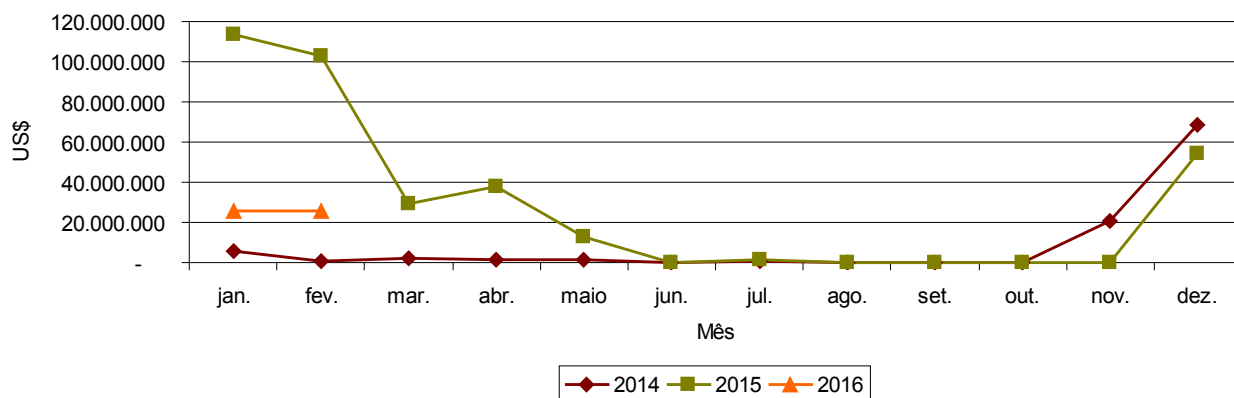
Gráfico 112 – Exportações - toneladas - trigo



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a fevereiro de 2016

Gráfico 113 – Exportações - US\$ - trigo



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a fevereiro de 2016





Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

